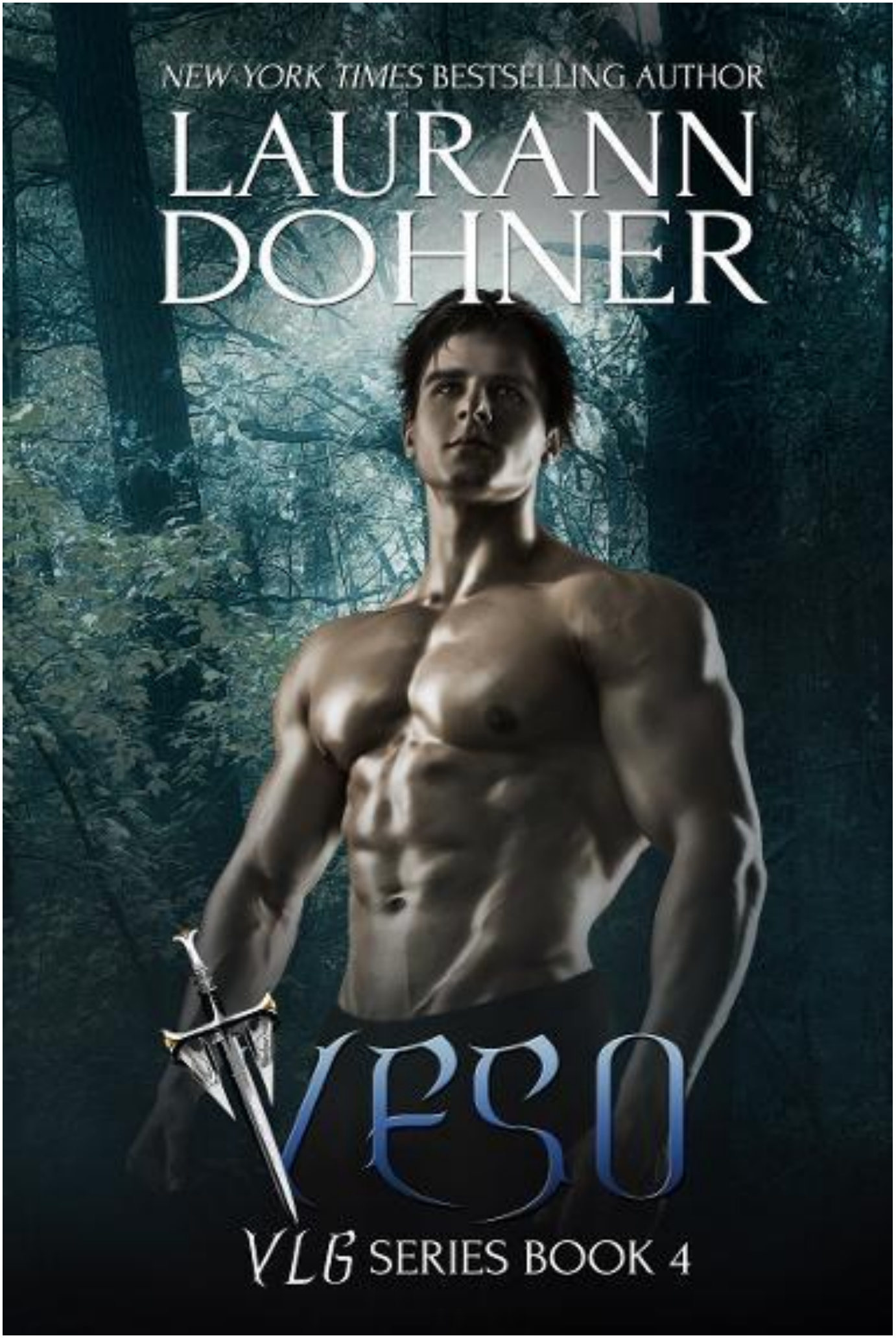

NEW YORK TIMES BESTSELLING AUTHOR
LAURANN DOHNER
VEGO
VLG SERIES BOOK 4



Veso

VLG – Livro Quatro

Vampiros, Lycans e Gárgulas

Tradução: Kim, Lia e Luuh

Revisão: Lia

Revisão Final: Kim

Formatação: Luuh

Veso – VLG – Livro Quatro

Por Laurann Dohner

Dedicatória da One Traduções

"Em homenagem a todo mundo que não acreditou que esse livro ia sair"

Sinopse

Drogado e sequestrado por Vampiros, declarado morto por seu clã, o poderoso VampLycan Veso deve se apoiar em uma criatura que ele detesta quase tanto quanto os sanguessugas que o levaram, e ele tem esperança de escapar: uma humana. Mas quando Glen prova ser mais útil que a maior do tipo dela, ele concorda vê-la segura através do mundo selvagem do Alaska. Ele terá que lutar contra a atração gigantesca com a bela curiosa, a cada passo do caminho.

Glen não sabe o que é pior: descobrir que é parente distante de um Vampiro que se autodeclara um rei (ah... o quê?!), ou o fato de que seu já dito parente distante está tentando força-la a dar à luz à rainha dele ao acasalá-la com um meio Vampiro, meio Lycan. Veso é assustador, tem garras, mas ele também é a chave para a sobrevivência dela. Ela queria apenas não notar todos os músculos ou o jeito que seu corpo respondia ao dele. Ele havia prometido mantê-la viva, mas ela podia perder o coração na barganha.

Prólogo

Veso rosnou baixo, evitando o alojamento. Ele odiava cerimonias de acasalamento. Aquilo nunca seria ele, tomando uma companheira. Um cheiro chamou sua atenção e sua raiva aumentou enquanto ele girava, espiando movimento ao longo do caminho.

Brista se apressava na direção dele, um sorrisinho nos lábios.

— Sabia que você usaria o caminho mais distante do evento para evitar se encontrar com pessoas.

Ele não gostava dela, mas tentou esconder seu desgosto. Ela sempre o incomodava.

— Do que você precisa?

Ela parou, sua expressão se tornando uma de frustração.

— Pensei que poderíamos ir juntos. Por favor?

— Você sabe que odeio aquelas coisas. Não.

— Então venha para casa comigo.

— Eu nunca vou testar um acasalamento com você. Não é pessoal. – Ele se virou.

— Daríamos um bom casal.

Ele se virou de volta.

— Não quero uma companheira.

— Sou a cuidadora do clã e você é tão leal a Decker quanto eu sou. Os tempos tem sido difíceis ultimamente, desde que ele teve que nos deixar. Acho que ele ficaria feliz quando retornar para nos encontrar pareados juntos.

Veso a estudou atentamente, imaginando se ela o estava testando. De alguma forma ele havia mostrando seus verdadeiros sentimentos? Ele odiava Decker e trabalhava secretamente com alguns do clã para derrubar o bastardo.

— Nabby tem se gabado com os amigos que se algo acontecer a Decker, ele vai tomar o clã. Você está preocupada?

— Claro que não. – Entretanto, medo se mostrava nas feições dela. – Decker encontrará um jeito de lidar com Lorde Aveoth e voltará para nós.

Isso provavelmente era verdade. Decker era diabólico. O bastardo não morreria facilmente ou apenas iria embora para sempre.

— Preciso ir patrulhar. Kira está lá fora e ela é inútil.

— Ela deveria morrer. – Brista sibilou. – Não há algum jeito de você se livrar dela? Não sei que tipo de chantagem Davis usou para impedir Decker de mata-la.

De algum jeito ele forçou um sorriso.

— Estou sempre procurando por oportunidades. – Ele mentiu. – Vá fazer seu dever e represente o clã na cerimônia.

— Isso é o que você deveria fazer também. É por isso que eu te procurei. Nabby não está nos fazendo nenhum favor. Ele é muito imaturo e deixou o poder lhe subir à cabeça. Ele chateou alguns dos mais velhos na noite passada ao ignorar-lhes os conselhos. Temo que ele não vá querer recuar assim que Decker retornar. Há rumores que ele está tramando um golpe. Você precisa nos liderar na ausência dele, Veso. Nabby o teme.

— Nabby é um idiota, mas não tão estúpido. Decker o enterraria. Você se preocupa à toa.

— Certo. Pelo menos nos livre de Kira. Faça isso e vou te marcar como leal.

— Vou pensar nisso.

Ele girou, se afastando rápido antes que rosnasse para ela. Brista era uma cadela. Não havia honra em querer matar Kira. Ela era quase totalmente humana e nunca trairia seu pai VampLycan ao expor o que eles eram ao mundo. Ela também era apaixonada pelo irmão mais velho de seu amigo Lavos, por anos e Lorn sentia o mesmo por ela. O VampLycan ameaçava qualquer um que olhasse para Kira do jeito errado com desmembramento e morte. Claro, era proibido para ele estar com ela. Decker os teria mortos antes de permitir que se acasalassem.

Veso se dirigiu na direção da sessão onde eles estavam designados a patrulhar e pegou o cheiro de fumaça, assim como o de humanos além de Kira, e ele libertou ligeiramente as garras, subindo na árvore mais próxima para ter uma melhor visão da área. Ele viu a fumaça e continuou nas árvores para chegar mais perto.

Ele sacudiu a cabeça, olhando para Kira e os machos humanos que invadiram o território VampLycan. Ela era muito mole para mata-los. Ao invés disso, ela os ameaçou. No entanto, eles não a atacaram. Ele teria que pular de onde permanecia escondido nas árvores se eles tivessem atacado, rasgando-os ao meio com suas garras. Ao invés disso, eles reclamaram e se fizeram de coitados.

— A cerca está a mais de três quilômetros. – Um deles protestou. – Está quase escuro.

— Então eu sugiro que vocês guardem tudo rápido e corram. Esqueceram sobre os outros patrulheiros a caminho? Fumaça viaja por quilômetros. Eles não são tão legais quanto eu sou, caras. Apelidamos um deles de Patrulheiro Raivoso. Ele fica super raivoso quando idiotas começam um fogo. – Kira balançou uma mão na direção das chamas. – Isso ia fazer ele surtar bonito. Vocês sabem o quão seco tem sido? Incêndios florestais são uma verdadeira ameaça. Ele meio que espancou o último cara que começou um. Ele disse que

valeu a pena os três dias de suspensão porque ele quebrou a mandíbula do cara. O divertiu pensar no pobrezinho precisando de um canudo para comer pelos próximos meses.

Veso sorriu. Patrulheiro Raivoso? Ele tinha a sensação de que ela estava se referindo a ele. Ele ficara furioso quando fora designado a treinar a pequena humana, mas ela ganhara seu respeito.

Kira teve o grupo de humanos com tudo guardado e se movendo em pouco tempo. Veso permaneceu nas árvores, pulando de uma para outra, seguindo para ter certeza que eles não se virariam contra ela. Humanos eram enganadores daquele jeito. Kira parou de seguir os caçadores, mas ele continuou com eles até que eles atravessaram a cerca. Ele permaneceu ali, assistindo até que eles estavam totalmente fora de visão.

Ele suspirou, sentando-se em um galho. Não importava quantas vezes ele ensinasse Kira em como lidar com invasores, ela não tinha coração para matar. Humanos inocentes não ignoravam sinais para invadir o território deles. Eles sempre traziam armas. Aquilo significava que eles eram caçadores, assassinos de animais que eles não deveriam caçar. Alguns do clã sentiam que ela era muito perigosa para se permitir viver. Idiotas.

Ele se inclinou, descansando a cabeça contra o tronco e assistindo o sol se por. Kira iria limpar qualquer evidência de invasão em seu território. Ele não se sentia com vontade de gritar com ela, lhe palestrando novamente sobre como ela deveria mata-los ao invés de apenas conversar. Ela apenas olharia fixamente e esperaria até que ele houvesse terminado, então rolaria os olhos. Ele já ouvira as desculpas dela muitas vezes antes. Ela diria que eles eram idiotas, mas não mereciam morrer.

Ele também teria que relatar a invasão se fizesse Kira consciente de que ele sabia. O que iria apenas fazer com que alguns do clã reclamassem mais de Kira. Ele não queria que ela ficasse com problemas. Nabby se apontara como o

substituto de Decker desde que o líder deles e seus mais confiáveis guardas haviam fugido para evitar a fúria de Lorde Aveoth. Ele não confiava no filho da puta estúpido para não tentar matar ela.

Explodiria o disfarce de Veso se ele arrancasse fora a cabeça de Nabby. Todos precisavam acreditar que ele era leal a Decker.

Um som estranho o fez abaixar o olhar, olhando por cima da cerca. A boca dele caiu aberta enquanto ele assistia o chão sujo se erguer, corpos saindo do chão. Ele reconheceu as ondas de calor baixas.

Fodidos Vampiros. Que porra?

Eles subiram para fora da terra, então tomaram um minuto para esconder os traços de onde se enterraram. Seis deles pularam a cerca, entrando no território VampLycan. Os bastardos estúpidos passaram direto sob ele, mas então pararam. Ele imaginou se eles iriam olhar para cima, cientes da presença dele afinal.

— Eu sinto o cheiro de humanos. – Um deles comentou suavemente.

— Eu também.

Merda. Kira ainda deveria estar na área do acampamento. O vento estava vindo daquela direção.

— Estou faminto. – Um deles riu.

— Vamos nos alimentar. Podemos caçar com a barriga cheia.

Eles saíram, se movendo na direção de Kira.

Veso caiu da árvore. Ele pousou com um barulho alto e os bastardos se viraram, ouvindo-o. Ele rosnou, rasgando as roupas para tirá-las do caminho.

Os vampiros o olharam de boca aberta, ou muito surpresos que ele estava se despindo ou talvez apenas que ele estava ali. Ele se transformou parcialmente

para liberar as garras e presas, atacando enquanto ainda tinha a surpresa ao seu lado.

O que estava mais perto congelou, terror em suas feições. Veso arrancou a cabeça dele, o bastardo se tornando cinzas. Ele se lançou sobre o outro, mas aquele vampiro evitou ter sua garganta rasgada. Eles podiam se mover rápido quando motivados. Ele viu dois deles mudar de direção e correr. No entanto, eles não estavam voltando para a cerca, ao invés disso indo na direção de Kira.

Ele precisava mata-los rápido e chegar até ela. Ela não seria páreo para os vampiros. Ele a treinara bem, mas faltava a ela a força e velocidade.

Um dos vampiros veio até ele pela frente, o outros dois se movendo para suas costas. Os bastardos nunca lutavam justo, mas estava tudo bem. As chances estavam a seu favor. Três contra ele quase fez Veso rir.

Ele foi atrás do um na frente dele, segurou com força, e socou o filho da puta na garganta com as garras. Elas rasgaram direto e ele girou o pulso com força, removendo a cabeça do bastardo. Corpo sólido se tornou cinzas e ele girou, rosnando novamente.

As armas apontadas para ele o enfureceram.

— Covardes. – Ele cuspiu. Balas doeriam, mas elas não o derrubariam. Ele se lançou sobre eles e eles atiraram, então pularam fora do caminho para evitar suas garras letais.

A dor foi menor do que ele esperava e ele olhou para baixo, surpreso com a visão de dardos saindo dele.

Eles atiraram novamente, dessa vez atingindo-o no braço e na lateral do corpo. Ele rosnou, arrancando os dardos.

Para seu horror, seus joelhos desistiram. Ele caiu no chão.

Drogas. Isso ficou claro rapidamente. Os sanguessugas haviam atirado nele

com tranquilizantes ou veneno. Ele não tinha certeza de qual, mas isso atingiu seu sistema com força.

Outro dardo foi disparado na bunda dele. Ele tentou uivar um aviso para Kira, mas sua boca não se abriu. Todo seu corpo se recusou a se mover quando ele tentou se erguer, precisando atacar.

— Foi mais fácil do que pensei encontrar e capturar um meio-sangue. – Um deles se inclinou sobre ele.

— Nossos dois companheiros em cinzas discordariam.

— Melhor eles que nós. Merda, ele é grande. Quem vai carregar ele?

— Sou mais velho. Você faz isso.

— Isso te faz mais forte.

— Nós dois faremos isso.

A escuridão tomou Veso.

Capítulo Um

O barulho alertou Glen de que algo importante havia acontecido. O silêncio geralmente estranho foi quebrado por assobios excitados.

Ela tremeu, sabendo que não era um bom presságio para alguém como ela. Ela caminhou até a porta e olhou para o corredor através das barras de uma polegada na pequena janela da porta.

As velas tinham sido uma vez um símbolo romântico, mas prestar atenção às chamas piscar nas paredes do túnel de rocha, se tornara sua única fonte de luz.

Sua mente se apagou quando tentou se lembrar de há quanto tempo ela não via a luz do dia. Tudo tinha ficado turvo até que seu senso de tempo se perdeu. Poderiam ter sido dias ou semanas desde aquela horrível noite em que ela tinha sido sequestrada de seu apartamento.

O barulho aumentou o ruído mais assustador do que o habitual, com uma qualidade ameaçadora. Ela quase se afastou da porta, mas lutou contra o desejo por curiosidade. A porta grossa a mantinha trancada dentro da pequena sala, mas também a protegia dos creepers. Eles não seriam capazes de entrar com duas polegadas de espessura da porta trancada.

As rodas chiavam e o movimento chamava sua atenção. Um creeper caminhou para trás, puxando uma maca, ela odiava a visão dessas criaturas pálidas e hediondas que soltavam palavras ameaçadoras e revelavam afiadas, manchas de cor escura quando eles vieram para atormentá-la fora da porta. Às vezes eles apenas riscavam o metal, tentando entrar. Ela se recusava a pensar neles como humanos.

Um grande homem estava encurralado na mesa móvel. Ele era a razão pela qual os creeper sibilavam, e continuou quando ele foi levado, passado sua porta.

Ela deu uma boa olhada para o seu enorme e descoberto peito e nos bíceps enquanto ele se esforçava e lutava contra os grilhões que o prendiam. Longos cabelos negros escondiam as características com a cabeça erguida, queixo para o peito. Ele tentou chutar o outro creeper por seu contido tornozelos Eles tinham um cobertor jogado sobre a metade do seu corpo.

— Pare, – aquele sibilou.

— Foda-se, – o cara rosnou.

Glen ofegou, afastando-se da porta. Ele não tinha soado humano com aquele resmungar animal. Ele com certeza não era um Vampiro, sua pele muito bronzeada. O ruído desapareceu e ela fechou os olhos, lutando com as lágrimas. Ela só queria acordar do pesadelo, mas isso não aconteceria. Era tudo real.

Ouviu-se barulhos de chaves algum tempo depois e ela deslizou ao longo da parede para o canto mais distante, rezando para que passasse pela porta dela. Eles já haviam lhe dado à refeição de merda que recebia todos os dias. Ela era só permitida ter um banho uma vez por semana, quando ela foi levada para o túnel, mas isso já tinha acontecido no dia anterior. Não era hora.

Os passos pararam bem à sua porta.

— Minha querida, querida Glenda – disse a voz cantando. — É hora de conhecer alguém.

Ela apertou os olhos fechados, querendo evitar olhar para a coisa que ela tinha aprendido a odiar mais que tudo. Ela se recusava a chamá-lo de homem.

A chave girou na fechadura, o metal rangeu e ela imaginou que sua vida estava prestes a terminar.

— Eu vejo você, – o filho da puta riu.

Ela abriu os olhos, olhando furiosa para Vlad. Era altamente duvidoso que fosse seu verdadeiro nome. Ele era extremamente Magro, sua pele tão branca

que parecia brilhar do castiçal que ele sustentava no alto com uma mão óssea.

O ódio lutou contra o medo dentro dela enquanto olhava para um par de sinistros olhos escuros.

— Me deixe em paz.

— Está na hora de você saber qual é o seu propósito.

— Eu já sei o que você vai fazer comigo. Eu ouvi os gritos de outras pessoas e seus soluços depois. Uma das mulheres de outra cela me disse que vocês, monstros, a mordiam e chupava seu sangue. – Um calafrio percorreu a espinha de Glen. — Eu estou supondo que você a matou, desde que ela nunca voltou depois da última vez.

Ele inclinou a cabeça em um ângulo que fez parecer que seu pescoço estava quebrado, realmente dando-lhe uma mal, aparência desumana. — Não você, amada. Sua linhagem assegurou que você não será gado para alimentar as massas. É por isso que você é dado comida e banho ocasionalmente. Não queremos que você morra.

— O que isso significa?

— Venha comigo. – Ele acenou sua mão em direção à porta.

Glen hesitou. Ela odiava a sala úmida onde a mantinha prisioneira, mas deixá-la seria pior. Creepers sempre sujavam os túneis, sibilando quando ela os passou para chegar ao quarto onde permitiram-lhe banhar-se, onde a cuba se assemelhava a uma calha de vaca com água tépida. Eles estavam sempre esperando, suas roupas sujas fedendo a morte e corpos sujos. Vlad os impediu de atacar até agora, mas ela temia que eles não fossem ouvi-lo em algum momento.

— Tick Tock, amada. Apresse seu passo. Você não quer irritar o mestre. Ele tem sido muito paciente, o suficiente.

O mestre. Ela assistiu filmes suficientes para saber que ele seria o responsável. Por romance nos livros que ela leu neles os Vampiros eram sexy e encantador. Essa não tinha sido sua experiência até agora. Isto seria revoltante se Vlad a tocasse ou afundasse seus dentes amarelados em seu pescoço.

Ela respirou profundamente, tentando acalmar seu coração acelerado. Pelo menos vai acabar em breve, ela concluiu. Não saia com um gemido. Morrer com dignidade. Seus ombros se endireitaram empurrando longe da parede, levantou seu queixo para fora. *Foda-se esses idiotas.*

— Depois de você, amado. Por que você não conduz o caminho? – Ela estava orgulhosa de quão firme sua voz soou

Seus olhos se arregalaram.

— Como é?

— Não há desculpa para o que você fez comigo e com todos os outros.

Um sorriso curvou seus lábios, a frieza dele era o suficiente para fazê-la quase lamentar sua mudança de atitude. — Há uma faísca desse espírito que eu vi quando você foi trazida aqui pela primeira vez e exigiu sua liberdade. Foi decepcionante para o mestre quando eu relatei que você parecia quebrada.

— É chamado estar em choque, idiota. Eu estou sobre ele. – *Amaria quebrar uma cadeira e estacar o seu Mestre, mas especialmente Vlad. Isso realmente funciona? Uma estaca no coração? Água benta? Que pena eu não ser Religiosa e não usar uma cruz. Para pressionar uma contra a aberração terrível e vê-lo gritar em dor, a teria feito sorrir.*

— Caminhe, – ele sibilou.

Ela manteve o queixo erguido e os ombros retos enquanto ela entrava no túnel.

— Vá para a esquerda.

Era a direção que os Creepers tinham acabado de trazer o cara bronzeado grande. Ela tinha um sentimento muito ruim fazendo ela caminhou rápida o suficiente para manter Vlad de bater nela. Ela não fugiu, embora fosse tentador tentar; Ela sabia que mais creepers estavam em algum lugar adiante na luz de velas tremulante.

Suportes adicionais pendurados nas paredes intermináveis do túnel, cerca de vinte pés de distância, mas eles não gostavam de muita luz.

— Vire à direita.

Glen seguiu as instruções e viu luzes mais brilhantes no final do túnel. Passaram por mais portas de metal e ela pegou alguns sons de angústia. Uma cela à esquerda não podia conter uns soluços, o ruído distintivo suave, mas claro.

Um calafrio percorreu sua espinha. Vlad tinha que estar mentindo, e ela estava prestes a se tornar o jantar para alguns monstros sugadores.

Imagens de velhos filmes de Vampiro passaram por sua mente. O mestre provavelmente seria o antigo ser com traços horríveis, que seria ainda menos humano do que ela já tinha visto.

Ela diminuiu o passo, mas a mão óssea de Vlad empurrou contra seu ombro para empurrá-la para frente e para a direita em uma grande sala onde a porta de metal tinha sido deixada aberta.

Ela não pôde deixar de olhar um pouco para os creepers pairando perto de uma porta do outro lado do quarto. Eles pareciam muito piores em luz mais brilhante do que nos túneis escuros. Eles não eram apenas pálidos, mas tinha finas veias pretas mostrando toda a sua pele exposta. Seus olhos estavam injetados de sangue, o branco quase completamente vermelho.

Um deles bateu em seus lábios e ela olhou, desafiando-o a tentar mordê-la.

Suas mãos enroladas em garras enquanto seus músculos se esticavam, se preparando para lutar. De jeito nenhum ela seria um brinquedo mastigado sem tentando arrancar seus olhos.

Um jovem loiro com toda a roupa preta estava no centro da sala. Ele não estava tão pálido como os Creepers ou Vlad, mas não por muito. Ele sorriu, revelando dentes brancos e suaves. Seu cabelo estava aparado

Olhos curtos e azuis pálidos a olhavam. Ela olhou para o seu corpo. Ele não tinha mais de vinte anos, se.

Era de adivinhar, e as modernas calças e camisa a faziam se perguntarem se ele era outra vítima de sequestro.

— Você é bonita. – Ele deu um passo mais perto, olhando fixamente. — Não é, Vlad?

— Sim mestre.

O choque reverberou através de Glen. — Você é o mestre? – Ela não podia conter a atordoada observação. — Você não pode ser.

— Por que não? – Ele ligeiramente curvou-se na cintura e usou suas mãos para fazer o gesto um pouco civilizado. — Eu não sou o que você esperava?

— Não. – Ela não estava prestes a poupar palavras. — Você parece que mal saiu do colegial.

Ele sorriu de novo. — Você é uma jovem corajosa.

— Eu sou uma mulher jovem e brava, – ela corrigiu. — Como se atreve a sequestrar a mim e aos outros. Não somos gado. – Ela lançou um olhar para Vlad. — Você deve estar alimentando este com queijo porque ele definitivamente parece como um rato. – Vlad sibilou, mostrando aquelas presas sujas.

— Basta, – o mestre riu. — Ela tem fogo. Eu sabia que ela teria.

— Ela chorou muito quando chegou, – murmurou Vlad.

— Pare de falar antes que eu arranque sua língua, – o mestre ameaçou.

Vlad fechou a boca e deu um passo para trás, efetivamente bloqueando a porta para que ela não pudesse escapar.

Seu olhar voltou para o mestre. Ele não parecia como um monstro, mas sim o tipo de jovem inocente, exceto quando abriu a boca para falar.

— Você não está aqui para ser doador de sangue de ninguém. – Isso a fez sentir um pouco menos temerosa. — O que você quer de mim, então?

Ele se aproximou, examinando seu rosto. — Eu vejo a semelhança da família. O cabelo loiro encaracolado, o nariz alegre, os traços delicados. Você me lembra a minha irmã, exceto que você tem olhos castanhos. Ela tinha azul. Eu sabia que você seria o anfitrião perfeito para cumprir meu legado.

— Que semelhança de família? Legado? O que você está falando? –Seu estômago revirou um pouco,

E ela orou para que eles não estivessem realmente relacionados de qualquer maneira, que ele não planejava transformá-la em uma Vampira.

— Eu sou seu... – Ele acenou uma mão. — Eu esqueci quantas gerações... Mas sou um parente distante.

— Não, você não é. – Ela instantaneamente se recusou.

— Oh, mas eu sou minha querida. Confie que eu verifiquei seu ancestral com cuidado para ter certeza de que somos ligados pelo sangue.

Ela realmente não gostava de estar associada a ele de qualquer maneira. – Como um primo?

— Não. Ele caminhou ao redor dela, estudando-a da cabeça aos pés. Você é da linha de nascimento da minha irmã. Isso faria de mim um grande, ótimo... – Ele deu de ombros, um sinal de impaciência. — Suficiente. Somos parentes.

Demorou muito para ela ficar parada. Ele lhe deu calafrios quando ele a examinou de perto. Assustou pra burro. — Por que eu estou aqui se você não planeja me dar de alimento para o seu, um... Creepers?

Ele riu quando ele parou diante dela, muito perto para seu conforto.

— Eu sou um rei.

Ela piscou, sem saber como responder a isso.

— Preciso de uma rainha.

— O que?

— Eu preciso de uma rainha, alguém digno de governar meu império ao meu lado.

Glen teve que trancar os joelhos para manter-se em pé enquanto suspeitas horrível enchiam sua cabeça. — Não olhe para mim. Você acabou de dizer que somos parentes.

— As linhagens reais deveriam se casar.

— Isso é doente. O incesto é errado.

— Você não sabe nada sobre história?

— Você quer dizer como algumas famílias reais se casaram com primos? Estou ciente e ainda está errado.

Ele sorriu. — Felizmente, sua opinião não importa.

Ela deu um passo para trás. — Fique longe de mim. Eu não vou me casar com você. Ewww!

— Não, Vlad, – ordenou o mestre.

Glen torceu a cabeça e percebeu que Vlad tinha chegado mais perto dela, então ela deu um passo para o lado, mantendo ambos distanciados.

— Você não é o que eu quero.

— Graças a Deus. Ela relaxou um pouco. Há coisas piores do que ser mordida no pescoço, ela pensou. Uma delas seria ele querendo me despir. Isso encabeça a lista.

— É a sua filha que se tornará minha rainha.

Sua boca se abriu. — Eu não estou grávida. – Ela tinha certeza disso.

— Ainda não, mas você ficará em breve.

Ela sacudiu freneticamente a cabeça. — De jeito nenhum. Não á uma chance. – Seu olhar se dirigiu a Vlad. — Me mate agora

Se ele é o que você acha que vai ser o pai. Eu prefiro morrer.

— Não ele. – O mestre do Vampire teve a coragem para rir.

Glen olhou para ele, aterrorizada e horrorizada ao mesmo tempo. — Você também não.

O mestre sorriu. Ele fazia isso muito, e nunca chegou a seus olhos. Havia algo frio sobre eles, sem emoção e assustador. Isso a fez imaginar se ele mesmo tinha uma alma.

— Humanos e Vampiros não podem procriar a vida.

Isso é uma boa notícia. Significava que nenhum deles planejava estuprá-la.

— Podemos, no entanto, impregnar mulheres Lobisomem sob as condições certas. Eu pensei em ter você se transformou em um, mas a probabilidade de morte é muito grande. Rejeitei essa opção. –Fez uma pausa.

— Isto também lhe daria a capacidade de controlar seu ciclo reprodutivo. Eu não vou ter você negando ovulação. Você é a última de minha linhagem que é fêmea, de idade de reprodução, e carrega uma familiar semelhança. Não posso arriscar.

O mestre franziu o cenho. — Além disso, é um negócio brutal, transformando-se em uma daquelas criaturas desagradáveis.

Ele abriu a boca e estalou os dentes. — Demasiada perda de sangue quando eles rasgam você. – Ele pausou, — Há também o fato de que eu quero que minha rainha seja forte. Eu desejo que ela seja igual. Não sou realmente possível considerando quão velho eu sou, mas eu quero que ela seja tão perto quanto eu posso projetá-la. Isso significa que ela precisará ser criada por algo que eu não gosto. Lobisomem.

Glen não sabia o que dizer, então ficou em silêncio, olhando ao redor, procurando uma fuga, mas não vendo um. *Lobisomem? Ele disse isso? Ele disse. Merda! Vampiros existem e agora Lobisomens. Qual é o próximo? Bruxas e demônios? Eu não quero saber.* Vlad ainda bloqueava a porta atrás dela, e a do outro lado da sala não era uma opção, já que dois Creepers estavam na frente dela.

— Eu decidi acasalar você com um deles.

– Ela olhou para os Creepers. — De jeito nenhum!

— Não meus animais de estimação. – Ele riu. — Eu duvido que eles ainda tenham um desejo sexual ou lembra o que é uma mulher, exceto para alimentar dela. – Sua voz baixou. — Eles não são muito inteligentes.

— Eu não estou permitindo que ninguém me toque.

O mestre de repente pulou, e ela ofegou quando ele capturou sua mandíbula. Sua mão estava gelada ao toque. Ela tentou se afastar, mas gritou de dor quando

ele apertou sua mão, seus dedos cavando em sua pele macia.

— Você não tem nenhuma palavra na questão. – Ele aliviou seu aperto e a soltou. — Preste muita atenção se desejar saber o que eu espero de você, e você quer saber.

— Não, eu não. – Ela manteve-se em silêncio, porém, com medo que ele colocasse aquela mão úmida sobre ela novamente.

— Vampiros e lobisomens podem se reproduzir sob certas circunstâncias, o que eu já disse. Filhos de meia-raça nasceram de tais uniões, e o homem que eu escolhi para você é um deles.

Ela deixou isso afundar. — Metade Vampiro, metade Lobisomem? É isso que você está dizendo?

— Não é isso que eu acabei de dizer? – Ele balançou a cabeça, um olhar de desgosto torcendo seus traços. Ela é bonita, mas não muito inteligente, é Vlad?

— Não, mestre.

— Espero que sua filha seja mais inteligente. Eu vou ser responsável por sua educação, uma vez que ela nascer. Vamos ter certeza de que ela é uma aluna excepcional.

— Sim mestre.

— Uma merda, Glen lançou a Vlad um olhar sujo antes de ser direcionado ao mestre de vampiros. — Você quer que eu deixe um cara que é um lobisomem me tocar? Não nesta vida.

— Em sua vida, para ser exato. Você será trancada dentro de um quarto com ele até que você tenha uma filha.

Ela ficou boquiaberta. O cara estava louco.

— Com sorte, a primeira tentativa funcionará. Espero que você dê à luz

um menino.

— Eles seriam bons para doadores de sangue, Vlad a olhou.

Glen ficou horrorizada. — Você iria sugar sangue de um bebê? Ele morreria!

— Cale a boca, – o mestre estalou. — O menino seria um parente meu, e por isso eu o colocaria para trabalhar para mim. Eu poderia usar quaisquer meninos como guardas de dia. – Ele olhou para seu estômago. — Eu prefiro que seja o primeiro, você tem que ser minha rainha. Eu não quero ter que esperar muito tempo para reivindicá-la. Estou solitário.

— Você tem suas noivas, – Vlad sussurrou.

— As noivas não são minha rainha, – o mestre sibilou. — Silêncio!

— Noivas? Plural? – Glen tinha apanhado isso.

O mestre arqueou uma sobrancelha e franziu a testa. — Eu tenho cinco delas, mas nenhum delas é digna de mim.

Elas servem às minhas necessidades físicas, mas minha rainha governará ao meu lado.

Ele está louco de pedra, decidiu. *Oh Deus. Espero que ele não possa se transformar em um morcego.* Isso foi um pensamento.

— Vou apresentá-la ao VampLycan. Ele é vicioso, por isso tente manter-se longe de sua boca quando você for acasalar com ele. Ele não concordará de bom grado com isso.

— Eu também não concordo, – ela lembrou.

— Como eu disse, seus desejos são irrelevantes.

Glen olhou para ele, sua mente trabalhando. — Deixe-me ver se entendi. Você quer que eu tenha um bebê assim você pode se casar com um parente é

isso... O que quer que... Não quer me tocar também, mas você espera que nós façamos sexo?

— Exatamente.

Glen piscou algumas vezes, deixando aquela informação afundar, então teve que trancar os joelhos para permanecer na posição vertical. — Não.

— Eu não estou perguntando. Ele está sendo limpo agora. Eu não achava que você acharia o sangue atraente, e você precisará estar no humor. Ele vai ficar preso, então suba nele. Estou ciente de que você não é uma virgem. – Ele balançou a cabeça.

— As mulheres jovens nos dias de hoje são tão promíscuas. Você ainda viveu com um homem por dois anos. Em minha época, seus pais a teriam rejeitado por tal comportamento chocante, mas pelo menos não terei que te instruir sobre a mecânica de engravidar.

O cara tinha coragem. —Você espera que eu apenas suba em algum pobre tipo e, um... Faça-o? De jeito nenhum no inferno. Você é louco!

Seu parente pálido sorriu. — Ele não pode machucá-la se ele está encadeado. Você pode esperar que ele entrasse no calor. Eles fazem isso, você sabe. É repugnante e grosseiro, mas servirá para a minha finalidade.

Você será a única amarrada, nua, à sua mercê. E eles não têm nenhum cuidado. Ele enrosca em seu corpo até que ele já não tem a necessidade. É quando ele vai decidir matar você, mas eu vou pará-lo antes que seu ciclo termine. Você esperançosamente engravidará. Eu só não sei em que forma você vai estar depois de alguns dias tomando sua luxúria.

Vlad riu. — Ele poderia esmagar seus ossos. Eles não são gentis no calor. — Mas ela não é sua companheira, então como você planeja se locomover em torno disso? Eles só podem engravidar uma companheira, a partir do que

aprendemos.

— Já pensei nisso.

O mestre estalou os dedos e os Creepers de repente se lançaram.

Glen gritou e tentou se afastar, mas eles estavam sobre ela em um piscar de olhos, levando-a ao chão. Suas costas bateram no chão com tanta força, que arrancou o ar de seus pulmões.

O mestre estava de repente sobre seus quadris, e ela assistiu horrorizada, enquanto ele retirava uma grande seringa. Estava cheio de algo escuro, olhando suspeitosamente como sangue.

Então ela gritou de novo, aterrorizada, enquanto enterrava a agulha na pele de seu peito esquerdo, acima da borda de sua camisa. — O que é isso? O que você está fazendo?

— É o sangue do vampiro. O mestre acabou de injetá-la e retirou a agulha. Ele levantou-a aos lábios e lambeu a ponta. — Mmmm.

— Quanto tempo? – Vlad pairava sobre eles.

— Alguns minutos. – O mestre continuou a sentar-se sobre ela, enquanto os dois creepers pálido seguravam seus braços para baixo. — Eu me apresentei corretamente, minha querida? Sou o Rei Charles Borrow, a seus serviços.

O nome de solteira de sua avó materna era Borrow, uma indicação de que ele devia estar do lado da família. — Você é Insano! Vou morrer agora. Você já ouviu falar de pessoas entrando em choque por ser dado o tipo de sangue errado?

— Sangue humano, mas não VampLycan. – Ele usou uma mão para retirar um relógio antigo de seu bolso e usou seu polegar para levantar a tampa. — Agora o sangue dele está se misturando com o seu. – Ele inclinou-se o suficiente para ela sentir o seu hálito, não era uma coisa agradável. — Como se sente?

Ela estava petrificada e um pouco tonta, mas isso era de medo. Aqueles horripilantes creepers eram muito horríveis de se olhar, suas mãos frias em seus pulsos o que ela adivinhou que iria sentir como se fosse segurada por cadáveres. Eles eram horríveis, porém, Seu parente não era muito melhor. Parte dela esperava que o sangue a matasse. Ela estava vivendo no pesadelo infernal que sua vida tinha se tornado.

— Eu lhe fiz uma pergunta. Como se sente?

Ela respirou profundamente e tentou ignorar tudo, exceto seu corpo. Seu coração disparou a tontura foi mais acentuada. — Acho que vou desmaiar.

— Não esmague minha diversão. – De repente ele cravou a agulha no outro lado de seu peito, novamente apenas sobre seu peito.

Glen gritou de dor mais uma vez, tentou lutar, mas não conseguiu fugir quando caiu sua outra mão em sua caixa torácica para segurá-la para baixo. Ela assistiu impotente enquanto usava a agulha suja para tirar seu sangue. Encheu a grande seringa.

A dor se apagou quando ele retirou a agulha e afastou a mão de suas costelas. Ela sugou outra respiração, piscando para trás as lágrimas. Seu peso levantado fora de seu meio como o mestre louco do vampiro levantasse a seus pés.

— Agora é a vez dele de receber seu sangue. É um pouco bárbaro, mas vai enganar seus corpos pensando que você realmente está acasalada, pelo menos o tempo suficiente para você engravidar.

— Ponha-a de pé.

Os Creepers a arrancaram e a soltaram. Glen se afastou, colocando tanta distância quanto ela poderia entre todos eles e ela mesma. Não havia para onde ir, exceto para pressionar contra a parede de pedra.

Vlad inclinou-se para recuperar o relógio esquecido e devolvê-lo ao seu

mestre.

— E agora, mestre?

O loiro entregou a seringa cheia. — Injete-o e empurre-adentro de sua cela. Para ele.

— Aproxime-se de sua boca e ele a matará. Ele poderia drenar o seu sangue ou apenas rasgá-la aberta o suficiente para você morrer de perda de sangue. A única maneira que você vai sair daqui viva é se você produzir uma menina para mim. Eu lhe dou minha palavra como um cavalheiro que você terá sua liberdade então.

Ela não confiava nele o máximo possível. Não que ela quisesse tocar no homem.

— Eu tive que chamar em muitos favores dos amigos para ter este VampLycan capturado e trazido aqui.

Alguns deles morreram no processo. Eu sou aquele determinado neste esforço. Eu até vou te recompensar com dinheiro se você não me der quaisquer dores de cabeça. Mas desaponte-me, e sua vida será um inferno. Faz o que suas putas modernas fazem, e me faz a minha rainha...

Capítulo Dois

As velas acesas em lanternas enjauladas pendiam alto nas paredes, tornando a sala mais brilhante do que qualquer coisa, ela tinha visto desde que foi sequestrada. E Glen não pôde deixar de olhar para o enorme homem amarrado na maca.

Era o mesmo homem que tinha sido empurrado pelo corredor fora de sua cela. O cobertor que ela tinha visto sobre a metade do seu corpo tinha sido removido e não estava à vista. Eles tinham cortado seu longo cabelo e deu-lhe um banho ou algo parecido como um. Ele estava deitado nu, amarrado em seus tornozelos e pulsos. Os rosnados e sons viciosos que ele fez a manteve perto da porta.

Os músculos se agigantaram enquanto ele lutava. Ela já tinha visto corpos musculosos, mas nunca tanto como o dele. Seu olhar evitou o dele, desde que odiaria ser olhada se estivesse em sua situação vulnerável. Seu peito ainda doía dos dois buracos que haviam sido cravados nela pela agulha. A tontura tinha passado, mas ela estava começando a ter uma dor de cabeça.

— Você poderia parar, por favor? – Os ruídos que ele fazia estavam piorando.

Ele a ignorou.

— Por favor?

Um uivo estridente quase a deixou cair aos joelhos enquanto cobria as orelhas.

— PARE!

Ele parou e ela abaixou as mãos. — Obrigada. – Ela lançou um olhar em sua

direção. Quem quer que tenha cortado seu cabelo tinha feito um trabalho decente, pelo menos. Era de cor negra, mas seus olhos há assustavam um pouco.

Eles não pareciam humanos; Eles eram dourados-acastanhados, mas tinha um pouco de amarelo. Ela teve um gato uma vez com olhos de cor semelhante.

Ele ainda lutava contra as amarras, e ela via sangue perto de um dos tornozelos.

— Ouça. – Ela tentou usar a razão. — Nós dois somos prisioneiros aqui. Meu nome é Glen.

— Fique longe de mim!

Sua voz era mais profunda do que qualquer homem que ela já tinha ouvido, e ela totalmente queria obedecer a esse comando. — Sem problemas.

— Eu sei o que eles querem. Eu vou te matar se você me montar.

Ela se sentou no chão duro, virando de volta para ele enquanto estudava a porta de metal. Isto estava trancado; Ela já tinha tentado puxá-la. Não havia outras aberturas na sala, como a outra, parecia ter sido esculpida em pedra. — Não há com que se preocupar. Eu nunca abusei de um cara antes e não planejo começar agora.

Ele ficou quieto, e ela quase não ouvia seus rosnados. Era estranhamente silencioso, lembrando-a de como seria um túmulo. Ela estendeu a mão e tocou a parede rochosa. Então ela baixou a mão e cavou na sujeira até que ela encontrou mais pedra.

— Eu não suponho que você tem garras que podem cavar através da rocha, não é?

Ele não disse nada.

— Disseram-me que você é meio Lobisomem. Eu não sei nada sobre eles

exceto o que eu vi em filmes. Você tem uma super-força que pode derrubar uma porta de metal?

Seu contínuo silêncio a irritou.

— Estou tentando pensar em uma maneira de escapar.

— Eu não posso cavar através da rocha ou quebrar a porta.

Seu tom mais suave era meio agradável e rouco. Venceu o rosnando. Ela resistiu ao desejo de virar a cabeça para olhar para ele. A coisa toda do nu a deixou desconfortável, e provavelmente a ele também.

— Eu estava esperançosa.

— Por que você tem o nome de um homem?

A pergunta a surpreendeu. — Isso é o que você quer saber? Mesmo? De todas as coisas para perguntar você escolheu isso? É a abreviação de Glenda. Mas eu odeio isso. As crianças me provocaram por isso.

— É um bom nome.

— Glenda, a boa bruxa. – Ela suspirou. — Eu disse-lhes que é soletrado diferentemente, mas as crianças não se importavam. Elas só querem alguém para atormentar.

Ele rosnou. — Você é uma bruxa?

— Não! – Ela olhou por cima do ombro dela, então, vendo seu rosto virou novamente. Ele era muito bonito, com características masculinas e lábios cheios. Sua expressão ainda era assustadora. — Você não assiste filmes? Deixa pra lá. As bruxas são reais?

Ele não disse nada.

— Esqueça que eu perguntei. Eu não quero saber. Ignorância é uma

felicidade. Eu realmente queria não saber que Vampiros ou lobisomens eram reais, mas eu tenho certeza que isso não é algum tipo de pesadelo. Eu teria acordado até agora se fosse.

Ele cheirou. — Você é humano.

— E você não é. – Ela ficou de pé e limpou a saia, examinando a fechadura da porta. — Eu gostaria de ter sido mais selvagem quando adolescente. Eu poderia ter sido capaz de descobrir como abrir isso. Parece velho. – Ele ficou quieto.

— Fui raptada do meu apartamento e, aparentemente, sou um parente distante do mestre.

— Foi-me dito por que estamos aqui e o que eles querem.

— Então você sabe que eu não estou aqui porque eu quero estar.

— Sim.

— Nós dois estamos em um inferno de um monte de problemas. Eu não acho que você seja como os Lobisomens são nos filmes, aonde seu bando vão te rastrear para nos salvar?

— Duvido.

— Ótimo. Lá se vai esse cenário. Estamos sozinhos.

— Apenas fique longe de mim.

Como se ela tivesse que ser mandada. Glen abafou um bufo. — Você me ouviu pela primeira vez? Eu não sou um estuprador, eu tenho certeza que não quero ir perto de você. Eu nem olho para você. – Ela se manteve perto das paredes com o olhar afastado dele. A corrente das algemas fez pequenos ruídos, então ela assumiu que ele continuou a lutar para se libertar.

Glen correu os dedos sobre uma rachadura na parede, tentando ver se tinha

alguma passagem para ela. Alguma pedra solta se quebrou. Ela olhou para cima, estudando o teto. Havia marcas de explosão, o que significava que o quarto provavelmente era mais novo. — O quarto em que me mantiveram era muito mais velho. Tenho certeza que nós estamos em uma mina abandonada. Eu vi vigas de madeira onde eu estava mantida e eles pareciam estar apodrecendo. Esta seção é mais recente. Eles usaram chaves metálicas nos túneis aqui. O que você acha?

— Estamos definitivamente em uma mina.

Ela quase esqueceu que ele estava nu e mal se impediu de virar. — Você sabe em que local estamos? Como um palpite? Eu não faço ideia. Fui levada e nocauteada. Eu acordei aqui.

— Na verdade não. Eles me drogaram e eu acordei bem antes de me levar para dentro. É abordado do lado de fora, eles tiveram que levantar uma seção para me arrastar para dentro. Quem dá uma merda onde nós estamos?

— Eu faço. Eu não sei se é noite ou dia, há quanto tempo eu estou aqui, mas eu gostaria de descobrir onde eu estou no caso de eu encontrar uma maneira de escapar.

— Preste atenção quando você não vê os soldados. Eles vão dormir durante o dia. É assim que você pode saber se é dia ou noite

— Soldados?

— Aqueles com os olhos vermelhos e as veias mostrando em sua pele. São soldados.

— Creepers. Eu os chamo assim, porque eles são tão assustadores quanto o inferno.

— Você pode chamá-los do que quiser. Os vampiros os fazem e os usam até que se tornem insanos e instáveis para controlar.

— Como matamos um? Você sabe?

— Tire a maldita cabeça.

— Que tal uma estaca no coração ou cruzes?

— Total besteira. Você tem que tirar a cabeça para mantê-los sem se cura e voltar para a vida.

Ela arquivou essa informação. — Onde está um facão quando eu realmente preciso de um?

Ele fez um som ressonante. — Como se isso te fizesse bem. Você é humana. A única maneira que você possa ser capaz de matar um é se você atacá-lo enquanto ele estiver dormindo durante o dia.

Ela não gostou do tom zombador. Alguém soava preconceituoso contra a sua espécie. Ele disse "Humano" como se fosse um insulto. — Como se você também pudesse matá-los.

— Eu poderia se eu fosse livre.

Seu coração acelerou. — Você poderia?

— Eu tenho garras. Eu poderia rasgar suas cabeças diretamente de seus corpos. Eles não teriam me capturado se eles não tivessem me enganado, me drogando.

— Eu contei pelo menos nove das coisas do creeper, mais o mestre e Vlad. Esses dois não têm olhos vermelhos ou veias feias da pele como tem os creepers.

— Soldados, – corrigiu ele. — É assim que você pode dizer o que eles são.

— OK. Você acha que poderia ganhar uma luta contra muitas dessas coisas? – Ela não tinha certeza.

— Eu sou forte e rápido. Eu poderia matar os soldados e Vlad. Ele é um Sanguessuga mais novo. O mestre seria mais difícil de matar, mas eu poderia ganhar se eu fosse capaz de destruir todos os outros em primeiro do ninho. Eles não poderiam vir em enxame.

— Enxame?

— Todos iriam me atacar de uma vez para morder e me agarrar. A enorme perda de sangue me enfraqueceria o suficiente para que o mestre tenha uma chance de ganhar.

Glen lançou um olhar para ele, dando uma olhada rápida. Ele apareceu realmente grande, mesmo deitado. Ele também era muito musculoso. Ela poderia tentar liberá-lo, mas então ele poderia se tornar uma ameaça para ela. Ela retomou um assento na sujeira, tentando pesar suas opções.

— O que você está fazendo?

— Pensando.

Ele murmurou: — Vou matá-los todos. Eles terão que me libertar em algum momento.

— O que te faz pensar isso?

— Eu tenho que mijar, e eu vou começar a cheirar depois de uma semana ou algo assim, se eu não posso tomar banho.

Ela enrugou o nariz ao pensar nisso, então sentiu simpatia. — Você tem que fazer xixi agora?

— Sim.

Ela odiaria estar encadeada. O pobre rapaz teria que urinar onde estava. Ela olhou em torno e apenas viu um balde no canto. Era a versão de um pobre banheiro de campismo. *Merda.*

Ela se levantou e hesitou, tentando formar um plano.

— O que você está fazendo agora? Fique longe de mim. Não estou procriando com você.

— Pare de ser paranoico. Eu não vou saltar em você. Estou tentando encontrar uma maneira de ajudá-lo.

— Você não tem chaves para essas correntes. Não há nada que você possa fazer.

Ele tinha um ponto sobre não ter chaves. Ele foi contido a uma maca. Ela estalou seus dedos. — Eu vou por baixo de você. Não surta.

— O que?

— Vou investigar a cama em que você está. Aposto que tem parafusos ou algo assim. Talvez eu pudesse afrouxar o suficiente para liberá-lo. Pelo menos isso significa que você estaria fora da mesa e capaz de se mover.

— Continue.

Ela hesitou, então o encarou, mantendo seu olhar fixo em seu rosto. — Como eu sei que você não vai me matar? Você obviamente não gosta de mim, mas eu sou uma prisioneira aqui também. Eu só quero sobreviver e ir pra casa.

Seus lábios se torceram para baixo quando ele franziu o cenho.

— Tente me libertar.

— Você vai me machucar ou me matar se eu conseguir fazer isso?

Seu peito a distraiu quando ele sugou uma respiração profunda, observando-o expandir-se. Ela voltou ao seu rosto. Ele estava olhando para ela. — Eu te dou minha palavra. Eu não vou te fazer mal.

— Como eu sei que você não é um mentiroso?

A raiva brilhava em seus olhos. — Sou honrado. Eu sou um VampLycan.

— E isso significa exatamente o quê? Eu sei merda nenhuma sobre você exceto você está super chateado, não parece gostar do que eu sou, e você é suposto ser algum tipo de homem-lobo vampiro-vampiro. Talvez você vá para minha garganta e chupar todo meu sangue.

Ele rosnou baixo. — Bem. Eu preciso que você escape. Você acredita nisso?

— Você disse que poderia matá-los se você estiver livre. Não soa como se eu fosse de muito uso desde que eu não posso mate eles.

— Eu preciso de você para distraí-los, – ele disse suavemente. — Isso os fará abrir a porta. Isso é Honesto o suficiente. Eu não vou te machucar.

— Por que abririam a porta?

— Você é importante para seu mestre. Eles entrariam aqui para te salvar se achassem que eu tinha ficado livre e pudesse matá-la.

— Você vai me levar com você se você sair desta sala?

Ele hesitou.

— Não seja um idiota.

Ele a surpreendeu sorrindo. Chegou a seus olhos, e ele realmente parecia divertido. — Bem. Eu juro por minha vida que não vou te machucar, e eu te levarei para fora. Você está sozinha depois disso.

— OK. Acho que é um bom acordo.

— Venha aqui e veja o que você pode fazer com esta maldita mesa.

— Nós temos um acordo. Não se esqueça disso. – Era difícil aproximá-lo e não olhar para a parte inferior do corpo.

Ela levantou uma mão e usou seus dedos para bloquear sua visão até que ela

estava perto da maca. Ela se agachou para baixo, então agarrou a borda dela para ajudar a manter seu equilíbrio. Estava escuro sob a mesa, por isso tornou os detalhes difícil.

— Eu mataria por uma lanterna. Essas lanternas são muito altas para eu chegar e tirar uma.

— Visão humana, – ele resmungou. — Ótimo.

— Eu não sou o amarrado a uma mesa prestes a ter um acidente, – ela murmurou e ficou de joelhos, estendeu a mão, sentindo o lado de baixo da mesa.

Ela fechou os olhos, uma vez que eles não faziam muito bem a dela. — Esta coisa é uma velharia. Eu posso sentir ferrugem.

— Apenas me liberte.

— Estou tentando. Encontrei uma coisa de alavanca. Deixe-me ver o que faz. Ela teve que mexer um monte de vezes para conseguir movê-lo. Estava preso. Ela ofegou quando se moveu,

E parte da mesa entrou em colapso. Ela jogou seu corpo para trás, evitando estreitamente ser atingida. Sua bunda bateu no piso de terra dura e a metade inferior da mesa drasticamente ficou inclinada. — Um... Ok.

— O que você está fazendo?

— Parece que conheço equipamentos médicos? Eu não. – Ela levantou-se e percebeu seu erro quando ela olhou para a direita em sua volta nu.

Ela se virou. Ele não estava excitado, mas tinha visto muito mais do homem do que ela pretendia.

— Me liberte, – Perguntou novamente.

— Qual o seu nome?

— O que isso importa?

— Apenas me diga seu nome e pare de ser um pau. – Ela se arrependeu instantaneamente de chamá-lo assim, a imagem dele nu ainda estava em sua mente.

— Veso.

Ela hesitou, e então pegou sua saia, empurrando-a para baixo. Ele rosnou por trás dela, mas ela o ignorou, saindo da saia. Sua camisa caiu a tempo, escondendo sua calcinha. Glen segurou o material para fora e foi até ele. Ela cobriu seu colo e dobrou o fundo e a parte superior de sua saia

Sob sua bunda, cuidado para não tocar a pele. Ela deu um passo atrás.

— Melhor.

Ele examinou abertamente suas pernas. — Não pense em criar expectativa comigo.

— Me dá um tempo! Eu só estava te cobrindo. Eu estou de calcinha por baixo, que é mais do que eu posso dizer. Ela rodeou a mesa e se abaixou por sua cabeça. — Eu tenho uma ideia. Você não vai gostar, mas eu preciso de uma melhor iluminação.

— O que você vai fazer?

— Apenas fique aí. – Ela riu de sua própria piada. Não era como se ele tivesse uma escolha.

— Eu perguntei o que você está indo-

Ela encontrou a alavanca correspondente do outro lado e puxou. Não estava enferrujado. À frente caíram, as pernas totalmente colapsou. Deixou-o a centímetros do chão com as rodas debaixo dele.

— Isso. – Ela respirou fundo e rastejou até o lado da maca, segurando a borda

dela com ambas as mãos. — Eu vou rolar você.

— Não!

— É sujeira. Não deve machucar. Preciso ver o fundo desta coisa. Você quer ser livre ou não?

Ele olhou para ela. Seus olhos eram intensos e bonitos de uma forma estranha, se ela pudesse olhar além da raiva.

— Faça.

— OK. Aqui vamos nós.

Ele pesava uma tonelada. Ela se esforçou para levantar um lado. Ele jogou seu peso na direção oposta tanto quanto podia. Ele ajudou, e a maca rasgou de seus dedos, lançando-o sobre o resto do caminho para pousar com um baque duro. Agora, a maca cobriu as costas e deitou-se de bruços.

— Você está bem? Você consegue respirar?

— Agora você pergunta isso?

Ela sorriu e inclinou-se para frente. — Eu vou tomar isso por um sim. Posso ver melhor, tem parafusos. Acho que posso desmontá-la.

— Apenas as rodas ou onde eu estou acorrentado?

— Eu não tenho certeza. – Ela tentou usar a unha para torcer um parafuso. Não iria se mover. — Merda.

— O que?

— Eles não vão se mover.

Ele suspirou alto. — Eu acho que não vou ter que me preocupar com você me montando agora. Você é muito fraca para me virar de volta.

— Shiu. Eu estou pensando. – Ela olhou para as roupas que tinha deixado e fez uma careta. — Eu tenho uma ideia. Você pode me ver todo o meu corpo?

— Não. Meu rosto está na outra direção e eu teria que levantar um pouco para virar a cabeça.

— Bom. – Ela estendeu a mão e empurrou sua camisa para alcançar seu sutiã. — Nós estamos com sorte, eu acho que estes são velhos parafusos de cabeça chata. Significa apenas que preciso de algo reto e rígido para movê-los.

— O que há de bom nisso? Você não tem uma chave de fenda.

— Não, mas eu tenho esse fio em meu sutiã. – Ela tirou a roupa e puxou para baixo sua camisa, estudando o material. — Vlad não tirou isso de mim. – Ela descobriu onde o fio estava e usou seus dentes para morder o material fino. — Essas malditas coisas tendem a romper em algum ponto, então eu os removo. É irritante como isso sempre acontece... Mas não desta vez. Não está trabalhando em nosso favor.

Ela pegou um vislumbre de plástico através do sutiã preto, e continuou roendo os fios até que o pequeno buraco era apenas grande o suficiente para começar a empurrar o metal tampado de um lado de seu sutiã. — Bingo.

Nós temos um. Ela jogou o sutiã no chão e ajustou a parte mais reta do fio contra o parafuso. Começou a virar.

— Eu sou um gênio!

Ele murmurou algo que ela não captou.

— O que?

— Eu vou pensar que você é inteligente se você me soltar.

— Você seria grato o suficiente para realmente me levar para uma cidade ou uma casa com um telefone quando nós sairmos daqui Não consegue imaginar

uma mina abandonada perto de tudo.

Ele se recusou a responder. Ela tem um parafuso livre e trabalhou em outro. — Ingrato.

Ele rosnou.

Ela o ignorou, esperando que seu plano funcionasse. Ela não tinha ideia do que estava desmontando, mas ela iria remover todos os parafusos, e espero que a maca apenas desmorone. Isso o deixaria livre para se mover, mesmo que ele tivesse que arrastar uma seção de metal com ele.

Veso estava furioso. Ele tinha sido sequestrado por Vampiros. Foi humilhante o suficiente para reconhecer que uma das espécies mais fracas tinha conseguido o melhor dele. Ele teria transformado em pó se eles não o tivessem enganado. Eles nunca o teriam capturado se não o tivessem disparado com dardos que o drogaram. *Covardes!*

Sentiu mais raiva quando ele pensou sobre por que tinha acontecido. O Vampiro que contratou outros para drogá-lo planejava forçá-lo a procriar com um ser humano. Era como adicionar insulto à injúria.

Eles até tinham tirado os cabelos, como se ele fosse um cão desalinhado que precisasse se arrumar. Seus dedos úmidos tinha tocado seu couro cabeludo quando eles haviam cortado seu cabelo, até se sentiu muito curto. A degradação cresceu mais quando um tinha pegado lâminas descartáveis para remover cabelo do seu peito.

Sua posição atual de estar apertado em um chão cheio de sujeira com uma maca amarrada às costas não fez qualquer coisa para acalmar seu temperamento. Ele estava à mercê deste humano para ajudá-lo a escapar.

Ele ia matar todos os malditos Vampiros que ele encontrasse, uma vez que ele fosse libertado.

Ele manteria seu acordo com Glenda embora. Ele não a machucaria e ele a levaria à superfície.

Ele até ajudaria a chegar a um lugar seguro, mas ele teria que limpar sua mente depois. Ela tinha sido capturada também e trazido na mina contra sua vontade. Ela era uma inocente.

— Sim! – Glenda soou excitada.

Um segundo depois, um de seus braços veio livre. Ele baixou. A algema ainda estava presa a seu pulso, mas o outro lado não estava ligado ao metal mais. Ele olhou para a restrição ofensiva. Uma vez que chegasse a casa, ele seria capaz de tirá-las, ou talvez ele pudesse encontrar ferramentas na casa que ele a levasse para que ela pudesse pedir ajuda. Ele precisaria pensar uma história para implantar em sua mente para dizer as autoridades humana competentes.

— Um já foi mais três para ir, – ela anunciou.

Ele apertou os dentes e se recusou a agradecê-la. Ela ia salvar seu traseiro, e isso realmente irritou-o que sua liberdade dependesse dela.

Os seres humanos não passavam de problemas. Eles temiam o que não entendiam e queriam atacar seu povo se descobrissem que existiam outros. Seu tipo nunca mudaria. Somente suas armas avançaram com o tempo. Os aldeões tinham uma vez caçados Vamps e Lycans com forcados e espadas. Agora eles tinham armas e bombas.

Ele focalizou sua raiva no mestre que tinha decidido capturar e criar um vampiro. Sua audição aguda tinha apanhado a maior parte da conversa que Glenda tinha com o suposto rei vampiro. Ele sufocou um grunhido. Como se qualquer filha dele acabasse por ser a companheira de um sanguessuga.

Veso com certeza como o inferno não ia foder com uma humana, também. Eles eram muito fracos e temerosos. Ela provavelmente correria gritando na

primeira vez que ele mudasse de forma ou expor as suas garras.

— Quase lá, – ela sussurrou.

Algo caiu alguns centímetros de seu rosto, e ele olhou para o parafuso que pousou na terra.

Ela estava literalmente tirando a maca. Ele tinha que dar crédito a ela por inteligência. Ele estava bem curioso, se ele tivesse que ser honesto. Ela estava realmente usando um pedaço de seu sutiã como uma ferramenta?

E então ela estava dando um show de bravura. A maioria dos humanos ficariam, congelados de terror ao ser trancado dentro de uma sala com alguém como ele.

O metal estourou e seu outro braço foi libertado. Ele tinha um conjunto de algemas anexado a cada pulso, mas pelo menos ele podia se mover. Ele queria empurrar seu peito e jogar a maca fora dele, mas segurou assim ela poderia liberar suas pernas.

— Dois já foi dois para ir.

— Estou ciente. Eu posso contar.

Ela acha que eu sou estúpido? Ela provavelmente não é; Humanos acreditam que é a única vida inteligente no planeta.

Apertou os dentes e tentou ser paciente. Concentrou-se em um plano de fuga enquanto esperava.

Disse-lhe que tinha contado nove soldados, um Vampiro completo, e então o mestre. As probabilidades não era o seu favor, já que ele ainda podia sentir as drogas em seu sistema, mas ele tinha a raiva de seu lado e determinação.

Ele tinha uma chance real de lutar para sair do ninho.

— Muito por ser grato, – ela murmurou. — Alguém já lhe disse que você é

uma espécie de pessoa rabugenta?

Ela lembrou-lhe um pouco de Kira, que foi o resultado de um VampLycan acasalado com um humano,

Tendo principalmente após sua mãe mais fraca. Ele tinha sido instruído a treiná-la para lutar. Inicialmente, tinha sido uma dor na bunda dele, mas ele a tolerara bem o suficiente, apesar de suas tendências humanas.

— Sim. Há uma mulher onde moro que diz isso muitas vezes.

— Ela está certa.

— Estou tendo uma noite ruim.

— Eu tive algumas noites ruins ou semanas. Eu perdi a noção do tempo, mas eu estive aqui por muito mais tempo do que você amigo. Você não me ouve grunhir e murmurar ou ser rude.

Ela tinha um ponto. Ele não ia admitir isso.

— E sou eu que não tenho garras – continuou ela. — Eu continuo questionando minha sanidade sobre deixando você livre. Você não acha que eu estou ciente de que você poderia estar mentindo? Você me deu sua palavra, mas eu não te conheço de Adam. Você poderia ser um grande mentiroso. É melhor você não ser.

Ele tinha que lhe dar crédito por correr um risco enorme. Ele não estava tão certo de que ele estaria tão disposto a confiar em um estranho se ele estivesse em sua posição.

— Não vou te fazer mal, Glenda.

— Glen.

— Você é uma mulher. Eu me recuso a chamá-la pelo nome de um homem.

— Veso é um nome estranho, mas eu não me recuso a te chamar assim. O nome é Glen. Por favor, use-o. Eu te disse, eu fiquei brincando de ser uma bruxa de cinema, então eu prefiro apenas Glen.

Ele não ia discutir com ela sobre um nome. — Tudo bem, mulher.

— Você quer jogar assim? Vou chamá-lo de grande e assustador.

Ele realmente sorriu. Ela tinha coragem.

Uma de suas pernas se afastou da mesa. — Eu sei o que você vai dizer Glenda. Três já foi um para ir.

Ela suspirou. — Quase acabado, cara assustador.

Surpreendeu-o quando surgiu o desejo de rir. Não era o momento apropriado para encontrar humor, mas ela o divertia. — Cara?

— Eu sou originalmente do sul da Califórnia. Eu cresci perto da praia.

— Onde você mora agora?

— Oregon. Meu trabalho me transferiu há cerca de oito anos.

Estava muito longe de casa. — Onde você acha que estamos?

— Em algum lugar no Oregon.

Ele não a corrigiu. Poderia distraí-la de libertar sua perna. — Como você foi levada?

— Eu estava sentado no sofá depois que cheguei do trabalho, jantando e assistindo a um show. Eram cerca de oito horas.

Ela sugou uma respiração aguda. — Merda.

— O que aconteceu?

— Nada. O fio está ficando ruim de lidar com esses estúpidos parafusos.

Alguns deles estão enferrujados. – Ela fez uma pausa. — De qualquer maneira, eu estava comendo o jantar e cuidando do meu próprio negócio quando ouvi uma janela quebrar no quarto. Eu pensei que uma das crianças dos vizinhos jogou uma bola, desde que eu vivo na segunda. Isso aconteceu uma vez no ano passado.

Eu corri para tentar ver quem o fez, mas Vlad e dois daqueles creepers estavam escalando para dentro. Eu tentei correr, mas eles são muito rápidos. Vlad me atacou e eu caí no chão. Ele empurrou algo sobre o meu rosto e isso me nocauteou. Eu acordei aqui. – Ela riu Sem humor.

— Tem essa besteira sobre como Vampiros não podem entrar em sua casa sem permissão. Com certeza não os convidei.

— Isso não é verdade. É uma história que os humanos dizem uns aos outros para se sentirem mais seguros.

— Como o mito sobre estacas de madeira através do coração? Você disse que não os mata.

— Vai machucá-los e dar-lhe tempo para fugir se você furar seus corações. Eles têm que curar o suficiente para obter seu coração bombeando, arrancá-lo, antes que eles possam se mover muito.

— E quanto a balas de prata e lobisomens? Isso é besteira também?

— Dói como o inferno, mas a prata é apenas mais um metal.

— Fantástico. Então o que mata lobisomens?

— Você está pensando em tentar me matar?

— Não. – Ela suspirou. — Estou apenas passando o tempo. Tudo isto é novo para mim. Não seria curioso?

— Sim, – admitiu. — Lobisomens podem morrer se você causar danos

suficientes para fazê-los sangrar muito.

Eles curar mais rápido do que um ser humano, mas não como um vampiro. Decapitá-los sempre.

— Estou começando a ver um tema aqui. "Cortem as cabeças" deve ser seu lema quando você luta.

Ele sorriu. — Sim.

— Quase conseguindo. – Ela deixou cair outro parafuso na terra. — Este último foi realmente difícil. Estava espanado.

Levou longos minutos, com Glenda grunhindo algumas vezes, mas sua perna finalmente caiu no chão.

Levantou-se um pouco e virou a cabeça, observando-a de joelhos. Ele rolou, jogando a maca na direção oposta. A saia que ela tinha colocado sobre ele mais cedo estava no chão, então ele segurou e ficou de pé, segurando-a contra a virilha.

Glenda sentou-se sobre suas pernas e olhou para ele. Ele viu o medo quando vislumbrou sua altura. Ele olhou para material preto e sedoso em sua mão. Foi tentador apenas jogá-lo de lado,

Desde que a nudez não o incomodou, mas era uma mulher não de seu tipo. Provavelmente a enviaria para histeria Era a última coisa que ele precisava.

Ele respirou pelo nariz e pegou o cheiro de sangue. Ele baixou o olhar para as mãos dela enrolada junto de seus joelhos. Uma pequena mancha de vermelho apareceu na ponta do dedo.

— Você está sangrando.

Ela levantou uma mão, revelando seu dedo indicador.

— Eu cortei. Não é grande coisa a menos que você esteja pensando que sou o jantar. — Eu não sou assim.

— Eu não bebo sangue. Eu sou principalmente Lycan.

— Graças a Deus. – Ela pareceu se recuperar, mas seu olhar continuou a correr para seu peito e braços.

— Você é como uma casa com pernas.

Ele não tinha certeza do que isso significava e franziu a testa.

— Você é enorme. Quanto você mede? Seis pés quatro? Cinco?

— Isso importa? Sou forte e um bom lutador. Precisamos atraí-los para abrir essa porta.

Ele virou a cabeça, olhando para ela. Parecia muito sólida para derrubar. Parte dela era metal ao redor das bordas com madeira grossa no centro.

— Você pode, conversa com eles com a sua mente? Chamam eles?

Ele olhou para ela e franziu o cenho. — Não. Pare de me comparar com os filmes que você viu.

— Apenas verificando, – ela murmurou, subindo para seus pés. Ela sugou o dedo machucado e virou as costas ele. — Eu não vou olhar. Você disse que tinha que fazer xixi. Eles deixaram um balde... Como são medievais. Coloque a saia em cima depois que você for. Tem uma cintura elástica. Não vai ser uma visão linda, mas vai manter meus olhos longe dos seus bens.

Ele não podia deixar de olhar para as pernas dela depois que ela se afastou dele. Ela era boa. A camiseta que ela usava caiu apenas alguns centímetros mais baixos do que seu traseiro. A bunda também não parecia ruim. Ele olhou para baixo na saia e suspirou.

— Eu acho que vai funcionar até que eu possa roubar algo melhor. – Ele

rapidamente aliviou sua bexiga.

— Talvez possamos encontrar suas roupas aqui.

— Eu não estava usando nenhuma quando fui levado.

Ela torceu a cabeça, para olhá-lo. — Eles te pegaram no chuveiro ou algo assim?

— Não. Eu estava em patrulha.

— Você anda nu?

— Eu não estava na pele quando me drogaram.

Ela empalideceu e seus olhos se arregalaram.

— Eu sou um shifter. Você deve saber o que é isso, não é? Eu tenho uma coleção de filmes e televisão também. Eu mudo de forma, Glenda. Eu rasguei minhas roupas no caso de eu querer transformar para ter quatro pernas para lutar contra eles. E a pele é mais difícil de arrancar do que a pele.

— Oh, merda. – Ela se virou e agarrou a parede. — Eu vou precisar de terapia se eu sobreviver. – Ela fez uma pausa. — Não. Cancele isso. Eles vão me trancar em uma ala mental por pensar que sou uma louca se eu digo algo sobre isso.

Veso sorriu. Ela o divertia. — Você vai ficar bem. – Ele apagaria a sua memória e a substituiria por algo menos traumático. Ele colocou a saia em seguida, curvou, cortando um pouco do comprimento com uma garra para que ele não limitasse seu movimento em torno de seus joelhos.

— Eu ouvi isso! Essa era a minha favorita – ela murmurou.

— Estou coberto.

Ela se virou e olhou para o seu corpo. — Então o que fazemos agora?

Capítulo Três

Glen tentou não olhar para o cara gigante e musculoso. Ele tinha rasgado o fundo de sua saia fazendo com que as pontas cobriram sua área da virilha e suas coxas. Ela havia brincado sobre ele não parecer tão masculino, mas com aquele corpo ele poderia estar usando um de seus vestidos e mesmo assim não perderia seu apelo. A cor inumana de seus olhos repelia aquela imagem masculina de uma forma estranha. Ele gritava algo sobrenatural pra ela.

— Nós vamos atraí-los para a porta e então eles vão abrir. – Ele parecia estar avaliando ela.

— Como?

— Eu não vou machucar você. Lembre-se disso.

O que, supostamente, isso significava?

Ele se lançou pra ela de repente, rosnando. Suas mãos abriram e as unhas deles cresceram para garras afiadas.

O grito surgiu da garganta dela enquanto ela tentava correr. Ela bateu contra uma parede de pedra, esquecendo em seu terror que isto estava lá.

O corpo grande dele pressionou contra o dela. A pele dele estava quente, e ela pressionou seus olhos fechados, esperando por ele rasgar sua pele com suas garras afiadas.

Ele não fez. Ele apenas rosnou.

Glen espiou e viu presa. Sua boca estava aberta e seus olhos eram terríveis. Eles eram totalmente amarelos e brilhavam. Todo o marrom neles parecia que haviam desaparecido totalmente.

Ela empurrou com suas mãos, as batendo em seu peito musculoso. Outro grito saindo dela.

Ele girou a cabeça e encarou a porta. Ele a tinha presa contra a parede de pedra e aquelas suas garras estavam a centímetros de seus lados. Ele jogou a cabeça para trás e um rugido de raiva quase a ensurdeceu.

Ela gritou de novo, aterrorizada. Ela tomou uma respiração profunda, pronta para deixar outro grito soltar, quando ele recuou.

— Fique quieta e não se mova. – Ele rosnou baixo.

Ela olhou para o seu corpo, esperando ver sangue. Não havia nenhum. Sua camisa estava intacta, não transformada em pedaços. Suas costelas nem doíam de ter seu peito pressionando-a contra a parede.

Ele caminhou silenciosamente em direção à porta e se moveu para o lado, encostado na parede.

Chaves ressoaram e a porta se abriu. Vlad correu para dentro.

Seus olhos se arregalaram quando ele viu o que sobrou da maca. Ele já estava pálido, mas Glen jurou que ele ficou ainda mais branco. Sua boca se abriu, revelando aqueles dentes amarelados. Ele gritou como uma garotinha aterrorizada e virou-se, provavelmente planejando fugir, mas Veso de repente bloqueou seu caminho e agarrou a frente das roupas de Vlad, retalhando o material. O grande homem jogou o outro braço para frente, parecendo bater com força no vampiro.

Algo quente e úmido salpicou em Glen. Ela automaticamente recuou quando sentiu em sua bochecha Ela viu gotas de vermelho em seu braço. Demorou um segundo para perceber que parecia apenas sangue.

Ela ergueu o queixo e ficou confusa. Vlad tinha desaparecido, e algo parecido com areia estava perto do chão. O piso de terra entre ela e onde o

Vampiro tinha sido foi marcado com pontos escuros. Partes de sua roupa permaneciam ainda apertadas na mão de Veso.

— Onde ele foi?

Veso franziu o cenho quando ele olhou para ela, então deixou cair o material em sua mão e curvou-se. Ele procurou entre a roupa e encontrou uma chave.

— Eu tirei a cabeça dele. Os vampiros tornam-se cinzas quando morrem. – Ele destrancou cada algema e as deixou cair no chão. — Vamos. Fique perto de mim. Eu não tenho tempo de ser sua babá. Seja corajosa ou morra.

Veso era um homem que não media suas palavras, era bastante direto. Glen tinha fantasiado sobre escapar, e ela finalmente teve a chance de fazer exatamente isso. Ela correu atrás dele. O cara grande e assustador usando sua saia marchando para fora no túnel escuro e ela queria ficar na sua bunda. Ele não parecia o tipo que pensa em esperar que ela supere o seu trauma.

Ela esperava que ele pudesse ver com aqueles estranhos olhos dele porque ela mal conseguia ver qualquer coisa além de sua forma volumosa e sombria. O chão inclinou-se para cima enquanto caminhavam. Ela tinha certeza de que tinha notado a diferença no chão, então eles estavam indo em algum lugar que ela não tinha ido antes.

Eles se aproximaram de alguns candelabros iluminados na parede e ela quase lamentou ser capaz de ver melhor quando dois desses creepers de repente vieram puxando o traseiro para eles. Era louco de pele branca vestidos todo de preto. Um deles fez um barulho alto e agudo.

Veso deu um passo atrás e bateu nela. Ele atirou o braço para fora, derrubando-a na parede. Doeu, mas ela percebeu o porquê ele tinha feito isso quando uma mão pálida tentou alcançá-lo para agarrá-la.

Veso rosnou e avançou em ambas as coisas por suas gargantas. Ele os levantou, colocando-os mais perto das velas acesas. Dava-lhe uma visão suficientemente boa para ver que ele literalmente tinha enfiado suas garras em sua carne. Sangue derramava de suas gargantas e sobre as costas de suas mãos. O creeper com as chaves na mão ficou um pouco mais perto das chamas. Seu cabelo pegou fogo.

Veso jogou aquele no túnel e cortou o outro ainda preso por suas garras. Glen conseguiu sugar o ar em seus pulmões, mas desejava que ela não tivesse quando o cheiro de cabelo queimado quase a fez engasgar. O que estava em chamas gritou e rolou no chão a cerca de dois metros de distância. As chamas se espalharam para suas roupas então outro cheiro desagradável o seguiu.

Ela olhou para longe da criatura a tempo de testemunhar a horrível visão de Veso removendo a cabeça do outro creeper. O corpo atingiu o chão, mas a cabeça da coisa permaneceu em sua mão, onde ele o segurou pelos cabelos. Ele atirou-o e avançou furioso, indo atrás daquele que acabara de conseguir apagar suas chamas.

Glen não conseguia se mover contente que a parede de pedra a sustentasse. Seus joelhos queriam fraquejar enquanto ela via Veso curvar-se, usando uma das mãos e com a ponta da garra para o creeper derrubado tentando se levantar. A cabeça rolou de uma maneira, o corpo caindo no lugar.

Glen abriu a boca, sem saber se ela ia vomitar ou gritar. Um barulho saiu dela, uma tentativa de grito.

Veso olhou para ela com seus olhos amarelo-dourados brilhando na escuridão.

— Não congele. Mova-se!

Seu braço inteiro tremeu quando ela apontou para o corpo na frente dela.

— Você disse que eles se transformam em cinzas. Isso não é cinza!

Ele bufou.

— Essas coisas deixam corpos para trás se eles foram feitos recentemente. Eles eram mais novos. Passe sobre eles. Há pelo menos mais sete. Não se esqueça disso.

Ela se empurrou longe da parede e quase tropeçou no corpo que ela teve que passar por cima.

— Merda. OK. Estou me movendo. Não me deixe.

Ele rosnou um olhar de desgosto em seus traços.

— Humanos. – Ele bufou. — Não olhe para eles se incomoda você.

Ela tinha sérias dúvidas sobre confiar em um homem que acabara de fazer isso a dois... Não são pessoas, ela lembrou a si mesma. Coisas assustadoras. Os assassinos sanguinários merecem morrer. — Mova seu traseiro. Gritar ou vomitar mais tarde.

— Eu estou bem atrás de você. – Ela teve que olhar para baixo para evitar pisar no segundo corpo. Ela fez isso passar e se apressou para frente, ficando perto do cara grande vestindo sua saia e ostentando garras afiadas que tinham crescido da ponta dos dedos. *Estou feliz por ele estar do meu lado.* O chão ficou mais íngreme, mas ela seguiu em frente.

— Há pessoas aqui embaixo. Precisamos salvá-los. – Ela estava orgulhosa de poder pensar em volta de seu medo e conseguir se lembrar das outras vítimas.

— Não é problema meu.

Ela agarrou seu braço.

— Espere!

Ele não olhou para ela, observando a escuridão à sua frente. Isso fez com que ela parasse, olhando também. Ela não conseguiu ver nada, mas o que ele viu?

— Há mais deles? – Ela sussurrou, tentando manter sua voz tão suave quanto possível no caso deles ainda não terem sido vistos.

— Não. Está limpo até agora. Nós precisamos ir.

— E os outros prisioneiros?

Ele virou a cabeça e olhou para ela.

— Meu povo vai entrar aqui e limpar esse ninho. Eles podem salvar os sobreviventes, se houver. Estou saindo daqui para contar a eles sobre esse lugar. Você pode vir ou ficar para trás. Escolha. – Ele tirou o braço do agarre dela.

Ela abriu a boca, pronta para discutir com ele.

— Nós não podemos resgatar ninguém se nós formos recapturados, maldição. – Ele amaldiçoou. — Precisamos sair e enviar um pedido de ajuda para os outros. Você já está me atrasando como está. Mova-se ou fique. Eu estou saindo daqui. – Ele girou se afastado para frente.

Estava ficando cada vez mais escuro sem nenhuma vela de parede acesa perto e ela estendeu a mão, encontrando suas costas. Ela manteve a mão ali, com medo de perdê-lo, já que não conseguia distinguir mais as formas. Ele parou e ela bateu em suas costas.

Ele rosnou baixo.

— Por que você está me tocando?

— Não consigo ver nada.

— Foda-se. – Ele a cutucou com seu cotovelo. — Aqui. Pegue uma boa aderência.

Ela cegamente encontrou seu antebraço e agarrou-se.

— Deixe ir se eu disser. Eu preciso ser capaz de lutar. Basta encontrar uma parede e segurá-la. Eu vou te pegar quando eu terminar.

Não era como se ela tivesse uma escolha.

— Entendi.

Ele virou uma esquina e ela raspou contra a rocha. Glen apertou os dentes. Ele não estava fazendo um bom trabalho de serem seus olhos, já que ele nem sequer tentou impedi-la de acumular arranhões. Ela apenas esperava que fosse a menor de suas preocupações. Ela realmente não queria ter que soltá-lo e orar para que ele não a abandonasse no escuro. Aqueles creepers a agarrariam sem que ela pudesse vê-los chegando.

— É por isso. – ele murmurou.

— O que?

Ele fez uma pausa e fungou alto.

— Amanhecer.

— O quê? – Ela repetiu, mantendo a voz baixa.

— Sinto o cheiro. É por isso que só nos deparamos com dois. Estamos perto da entrada.

— Amanhecer tem um cheiro?

— Sim. A maioria dos mais novos têm ido provavelmente para seu descanso de dia. Os dois soldados que eu lutei estavam um pouco fracos o que explica por quê. Eles geralmente são mais difíceis de matar. – Ele estendeu a mão e fechou sua mão sobre a dela, prendendo seus dedos contra seu braço.

Seus próprios dedos estavam molhados, e ela queria se afastar, percebendo que tinha que ser sangue. Ela não sentia garras embora.

— O que exatamente cheira o amanhecer? – Ela estava curiosa e ajudou a distraí-la de ter medo.

— Venha. – Ele ordenou, ignorando sua pergunta. Ele se moveu rápido, levando-a com ele desde que era andar ou tropeçar.

A visão de pequenas rachaduras de luz à frente ajudou a motivá-la a se mover para seu lado em vez de deixá-lo liderar. Quanto mais perto ela ficava, mais compreendia o que estava vendo. Madeira velha bloqueava um buraco na extremidade do túnel. Luz fraca espiou através das lacunas.

— Amanhecer. – Ele resmungou. — Eu disse a você. – Ele parou de agarrá-la. — Fique de pé.

— Ok. – Ela o deixou ir e se moveu para o lado até que ela tocou paredes de terra duramente empacotadas. Não tinha pedras nessa área, um bom sinal.

Veso avançou e ela pôde distinguir sua forma com a ajuda da luz. Ele levantou uma perna e chutou. Madeira se rompeu e grandes lacunas apareceram. Ele chutou novamente, mais alto, fazendo o buraco Maior. Ela sorriu.

Eles estavam prestes a ser libertos. Ela poderia tomar banho e comer comida de verdade. Liberdade!

O som de pedras soltas deslizou atrás dela e ela virou a cabeça, seu coração acelerado. Estava escuro... Mas ela jurava que algo havia se movido perto do chão.

— Hum, Veso?

— Quase pronto.

— Veso? – Ela deixou seu pânico erguer a voz.

— O quê? – Ele se virou. — Merda. – Ele pulou para frente. — Vai!

Ele tinha quebrado o suficiente da área quando ela viu a mão pálida quando isso atingiu a luz. O rosto do creeper apareceu enquanto ele se arrastou para frente. Mais movimento atrás dele. As coisas estavam vindo para eles do chão, movendo-se sobre suas barrigas.

— Vá. – Veso rosnou novamente.

Não precisou repetir uma terceira vez. Ela girou, correndo para onde ele havia chutado as tábuas. O buraco batia em sua cintura, mas ela não tinha escrúpulos quando se tratava de cair de joelhos e rastejar fora. Ela não olhou para trás, não querendo ver quantas dessas coisas estavam no túnel.

Sujeira e grama a tocaram enquanto ela empurrou as mãos para fora e percebeu que havia outro problema. Dois metros da abertura era uma queda.

Glen congelou, olhando ao redor. Ela estava em pouco mais do que uma larga saliência gramínea. Rochas a cercavam da esquerda e direita. Ela avançou, olhando para baixo.

— Foda-se. – Ela murmurou.

Ela estava fora, porém na luz fraca do sol que acabara de nascer.

Algo bateu nas tábuas atrás dela e ela rolou para o lado, batendo em um grande pedregulho para sair do caminho. Mas não foi Veso quem veio voando para fora do buraco, junto com alguns pedaços de placas quebradas. Era um creeper. Ele bateu no chão e rolou para a direita sobre a borda, gritando.

Ela se inclinou para vê-lo cair. Ele atingiu as rochas muito abaixo. Os gritos cessaram. Parecia estar queimando, mas não havia fumaça. A pele estava ficando negra, a forma desmoronando para dentro, e então o corpo se foi. Tinha virado cinza e o vento soprava-o da rocha.

— Eu preciso de uma grande bebida. – Ela murmurou.

Mais tábuas quebraram e ela virou a cabeça. Veso inclinou-se para frente e saiu do túnel.

— Temos um problema. – Informou ela.

— Eu simplesmente o joguei no sol. Esse era provavelmente o soldado mais velho do bando, já que ele era muito forte.

Ela hesitou.

— Hum, isso realmente não é do lado de fora. É mais como se eles tivessem feito um buraco na parede e encontraram uma grande queda.

Ele se aproximou e olhou para a borda. A careta em seu rosto disse tudo. Ele virou sua cabeça, olhando para a direita e para a esquerda, então se virou, olhando para trás de onde eles tinham vindo.

— Apenas minha sorte.

Glen olhou para o buraco que tinha feito para que saíssem.

— Nós temos que voltar lá, não é?

Ele balançou sua cabeça.

— Não. Os soldados são fracos, mas ainda estão conscientes. Eu matei um deles, mas mais conseguiu rastejar em nossa direção. Eles estão cerca de dez metros mais ou menos. A única coisa que os impede de aproximar-se é o sol, mas o mestre não será fraco. Eu não sei o quão forte ele é, mas á maioria dos mestres podem suportar a luz do dia e se movimentar bem, desde que não estejam diretamente nele. Eu preferiria evitar uma luta se eu puder. Poderia haver mais chupadores de sangue, e eles poderiam tentar me drogar novamente. Eu não posso ver nenhum mestre só mantendo um Vampiro verdadeiro em seu ninho, além de si mesmo. Ele vai querer os fortes para ajudar

a defendê-lo. – Ele se virou e olhou para baixo. — Vou pegar minhas chances escalando.

— Nós não temos nenhuma corda. – Ela se preocupou que ela mesma tinha que apontar isso. Ele já devia ter pensado nesse problema específico.

Ele levantou ambas as mãos e soltou suas garras.

— Eu não preciso de nenhum.

— E quanto a mim? – Ela olhou para as mãos dela. — Não tenho garras.

Seus olhos tinham voltado para um marrom dourado e ele parecia divertido quando ele sorriu.

— Esses soldados estão a uma dúzia de metros dentro. Você pode escalar comigo ou esperar até que o sol abaixe. Eles vão vir aqui buscá-la, se seu mestre não vir primeiro.

Ela se virou, olhando para o buraco que tinha feito na madeira. Assustou-a sabendo que aquelas coisas estavam no chão, esperando o sol se por para poderem se mover novamente. Ela olhou pela borda. Seria pelo menos uma queda de duzentos metros para um monte de rochas e vegetação abaixo.

— Merda. – Ele riu.

— Eu prometi que tiraria você de lá. Eu fiz. Agora você pode ficar aqui ou ir comigo para segurança. Sua escolha.

Ela empurrou para cima, de pé. Suas pernas tremiam. Ele poderia tê-la deixado ali. Ela apreciou que ele mesmo ofereceu para ajudá-la a descer.

— Isso vai ser tão fodido se eu cair para minha morte após tudo isso. – Ela esfregou as mãos na camisa. — O que eu faço?

Ele se aproximou, olhando-a.

— Você está totalmente despreparada.

Havia aquele olhar de desgosto que ela estava começando a odiar ver em seu rosto presunçoso.

— Eu libertei você. Não se esqueça disso. Por favor, não me deixe aqui. Isto é melhor? Apenas me diga o que fazer. Eu não tenho sapatos e escalada nunca esteve na minha lista de afazeres.

Ele suspirou.

— Eu vou ter que te carregar, ao invés de você subir ao meu lado. Você vai cair de outra forma.

Ela apertou os dentes. O cara podia ser um idiota. Ela respirou fundo e explodiu.

— Você não tem que soar tão repugnado.

Ele a surpreendeu quando agarrou seus quadris. Ela ofegou, com medo que suas garras fossem a perfurar. Nenhuma dor veio, entretanto. Veso levantou-a de seus pés.

— Segure e me abrace. Entendeu?

Ela abraçou seus largos ombros. Ele estava muito quente. Suas mãos se moveram a prendendo melhor.

— Eu disse segure-se. Isso significa suas pernas também.

Ela ergueu as pernas e abafou uma maldição quando ele agarrou seu traseiro com as duas mãos, levantando seu corpo mais para cima. Isso a fez muito consciente de que sua camisa tinha se levantado e ela só usava calcinha. Ele a tinha alto o suficiente para que suas coxas estivessem logo acima da cintura da saia emprestada que ele usava. Significava que sua boceta estava pressionada

contra o seu ventre, apenas uma fina camada de algodão separando a pele da pele. Ela ajustou seus braços, envolvendo-os ao redor de seu pescoço.

Ele inclinou a cabeça para trás, fitando-a nos olhos.

— Feche os olhos e espere. Não grite ou chore. Preciso me concentrar na escalada. Sem distrações.

— Entendi.

Ele soltou a bunda dela e ela apertou seu aperto para que ela não deslizasse para baixo. Ele estendeu a mão e cobriu a parte de trás de sua cabeça, sem nenhuma delicadeza empurrando contra seu ombro.

— E não mova a cabeça. Eu preciso ver.

— Ok. – Ela murmurou contra sua pele.

Ela olhou por cima de seu ombro quando ele se virou e começou a subir a rocha a sua esquerda, à direita dela.

Suas costas escovaram a rocha, mas ele teve o cuidado de não esmagá-la. Ela apertou os olhos fechados quando começaram a mover-se mais alto e se afastado da borda. Um olhar para baixo assegurou-lhe que iria despencar para a sua morte se ele caísse.

Ela passou de uma terrível experiência para outro tipo de inferno.

Veso cravou as garras na fenda da rocha. Foi um pouco doloroso com o peso extra da mulher, mas poderia ter sido pior. Ela não era muito pesada e ele estava grato por seu tamanho menor. Ele normalmente gostava de manter seu peito mais perto da superfície enquanto ele subia, mas ela estava no caminho.

Ele estendeu a mão, encontrando outra posição, e puxou, levantando mais três metros.

Glenda ficou quieta, algo pelo qual estava grato. Sua respiração contra seu pescoço agradou embora. Ele odiava estar ciente da sensação dela contra ele quando ele parou, procurando por outro lugar para segurar. Ela tinha as coxas macias que eram pressionadas contra seus lados. Seus calcanhares foram cavados em seus músculos da bunda. O calor de seu sexo era perceptível também. Ele lembrou que ele precisava se estabelecer, se um ser humano o estava fazendo ficar um pouco excitado.

Ele flexionou sua mão e cravou suas garras em outra fenda. Ele sentiu cegamente com os pés, encontrando um lugar sólido para ancorar com suas garras do dedo do pé. Ele puxou, olhando para o que ele esperava ser o topo sobre dezoito metros acima.

Ele se distraiu ao planejar qual seria o próximo passo. O ninho tinha pelo menos um veículo. Eles o levaram para a mina. Ele tinha acordado quando o arrastaram para fora do caminhão. Ele teria que roubá-lo e descobrir o quão longe eles tinham o levado do território VampLycan. Poderia ter sido um curto passeio ou horas. As drogas que lhe tinham dado o tinham mantido inconsciente por um bom tempo. A vista que ele vira da borda não era de nenhum marco familiar.

A mulher teria que ser tratada depois disso. Encontraria a habitação humana mais próxima, limparia sua mente, e a enviaria pela porta da frente. Ele ainda precisava pensar em uma história para substituir sua memória real. Lembrou-se de ter visto um relatório sobre a notícia de como um homem humano sequestrou um mulher e roubou-a para ser sua noiva. Ele poderia dizer-lhe algo semelhante, e que o macho tinha sido morto por cair de um penhasco.

Ele riu, olhando por cima do ombro. Ela provavelmente temia cair sozinha, sem saber o quão bem ele poderia escalar.

O sol subiu mais alto, aquecendo as rochas ao redor dele. O suor começou a escorrer em sua pele e quando ele os puxou para cima a mais um pé, a mulher

deslizou um pouco abaixo seu corpo. Seu abraço em volta do pescoço apertou e ela sugou em uma respiração aguda, mas não falou.

Ele sufocou um rosnado, percebendo que não podia deixar de ir para alcançar e ajustá-la mais acima de seu corpo. Ele a empurrou contra a rocha para que pudesse descansar um pouco. Isso o tornou muito consciente de sua nova posição. Seu sexo estava bem sobre sua virilha.

Seu pau respondeu, e ela obviamente sentiu isso também, porque ela sugou em outro fôlego. Ele tentou como o inferno ignorar o quão duro ele estava. Pelo menos o aperto da saia da mulher manteve seu pau de pressionar demais contra o corpo dela. Esse foi o único destaque da experiência infernal. Ele subiu mais um pouco, encontrando outra alavanca.

— Estamos quase lá. – Ele informou.

Glenda não respondeu, e ele sorriu. Ela estava ou muito apavorada com seu estado de excitação atual ou ela estava seguindo suas instruções. Ele não gostou de onde esse segundo pensamento levou, perguntando se ela faria qualquer coisa que ele exigisse. Algumas ideias vieram à mente que fizeram seu pau ainda mais difícil.

Eu não fodo humanos, ele lembrou a si mesmo.

Não ajudou. Imaginava Glenda em suas mãos e joelhos na frente dele. Ela era uma mulher atraente, para um ser humano. Muito pequena... Mas grande o suficiente.

Ele rosnou irritado consigo mesmo e com ela. Ele não estaria pensando em fodê-la se ela não estivesse montando ele. Respirou fundo e rapidamente se arrependeu. Seu cheiro era mais forte agora, entre eles suando e com a garganta tão perto de sua boca. Ela cheirava bem.

Veso concentrou-se na escalada, finalmente vendo o topo. A linha de árvores assegurou-lhe que havia espaço acima dele que seria mais do que outra borda.

— Quase lá. – Ele não tinha certeza se ele tinha repetido isso para ela, ou se assegurou de que se livraria dela em breve.

Ela gostava de usar o nome de um homem. Ele se recusou a chamá-la assim. Era melhor se ele a deixa-se zangada.

— Você me ouviu, Glenda?

— Eu ouvi – Ela sussurrou. — Você disse para não falar.

Ele chegou ao topo e encontrou um bom lugar para segurar os dedos dos pés.

— Esta é a parte difícil. Eu tenho que encontrar algo para segurar que não vai deslizar de lado. Apenas segure-se.

Ele cegamente alcançou, sentindo grama. Estava solto quando ele cavou suas garras, e ele teve que abaixar sua cabeça quando choveu terra sobre eles, batendo em seus corpos. Ela se agarrou a ele com mais força e ele cravou suas garras mais fundo, encontrando algo sólido sob a sujeira. Parecia pedra e ele puxou com força, vendo se iria descer também. Segurou.

Ele subiu algum centímetro mais alto e esperava que seu peso e volume não fossem um problema. Ele ficou alto o suficiente para olhar por cima, vendo floresta e árvores. A abertura para a mina onde ele tinha sido levado para dentro, mas o caminhão não estava estacionado perto da entrada.

Enfurecia-o quando ele abaixou e enganchou Glenda debaixo de sua bunda com seu braço livre. Era impossível fazer o resto da escalada com ela na frente dele. Seu peso poderia espremê-la quando ele se arrastasse sobre a borda.

— Ouça-me. – Ele exigiu. — Estou cansado e não vou discutir com você. Faça exatamente o que eu digo. Pronta?

— Merda. Sim.

— Levante a cabeça e olhe acima de nós.

Ela fez o que lhe disse.

— Estamos aqui.

— Quase. – Ele apoiou suas pernas e moveu o braço sob sua bunda. Ele a usou para alcançar, encontrando outro ponto para agarrar que não se desintegrasse assim que ambos seus braços a estavam prendendo entre o penhasco e o corpo dele. — Você pode pisar em minhas coxas. Apenas levante-se, encoste suas mãos em meus ombros. Então vire e escale o resto do caminho.

Seus olhos castanhos se arregalaram e ele identificou o medo.

— O que?

— Você preferiria escalar em torno de mim e agarrar minhas costas com seus braços enquanto o resto do seu corpo está apenas pendurado?

— Não.

— Então faça. Estou preparado. Você não vai cair. Eu não vou deixar você.

Ela engoliu em seco e acenou com a cabeça.

— Ok.

Ele quase se sentiu orgulhoso dela quando ela aliviou seu aperto de suas coxas e tentou seguir suas instruções. Ele se dobrou um pouco, dando-lhe mais espaço para manobrar entre ele e a rocha. Um de seus pés encontrou sua panturrilha depois que ela se moveu um pouco. Era um inferno desde que significou que sua buceta esfregasse de encontro com sua ereção presa sob a saia emprestada. Ele silenciosamente jurou rasgar pessoalmente a cabeça do mestre que se chamava de rei.

E assim, voltaria para casa com a saia de Glenda. Ele teria que roubar roupas primeiro ou ele mudaria para sua outra forma.

Ela conseguiu usar sua panturrilha como ponto de apoio e, em seguida, levantar-se o suficiente para encontrar uma alavanca com seu segundo pé em sua coxa. Ela parou de abraçar seus ombros e segurou-os em seu lugar. Ela balançou, lembrando-o de um alce bebê tentando aprender a se levantar. Ele estava divertido observando suas expressões. Ela estava apavorada, mas tinha um olhar determinado em seu rosto. Ele deu mais crédito a ela por sua bravura.

Endireitar colocou seus seios diretamente em seu rosto. A camisa separou-os de sua vista, mas ele estava mais do que consciente desses suaves montes enquanto se movia. O sutiã tinha sido deixado dentro de sua cela. Ele teria se esquecido disso, a não ser que seus seios agitaram quando ela tremeu novamente, ela se balançava instável.

Ele apertou os dentes.

— Vire e suba agora.

— É mais fácil dizer do que fazer. – Ela murmurou, mas ela soltou seu ombro com uma mão, jogando um braço para fora e encontrando algo para agarrar. Ela olhou para baixo, moveu um pé, virando-o.

— Você tem certeza que está me segurando?

— Você não está ficando mais leve, Glenda. Mova seu traseiro.

Ela se virou e começou a subir. Ele levantou ligeiramente, dando-lhe um impulso. Ela se curvou na frente dele, sua camisa levantando-se com seus braços. Isso lhe dava uma visão clara da calcinha preta sedosa que ela usava. Ela tinha uma bunda agradável, ambos os lados dela claramente reveladas com o corte do material pequeno.

Ele teve o desejo de se inclinar e empurrar o nariz entre as pernas para pegar um cheiro de sua boceta. Ele fechou os olhos depois que ela balançou seu traseiro, quase o provocando com isto. Seu pau sofreu as consequências. Ele queria fodê-la. Ele não podia ver mais, mas a memória parecia impressa em seu cérebro.

Ele rosnou quando ela levantou um pé de sua coxa e ele teve que olhar para ela para ter certeza que ela não cairia para trás e pousaria sobre ele. Ela quase o chutou no peito enquanto ela se movia de novo, ganhando mais de seu corpo superior em terra firme. Ele olhou para seu traseiro, sofrendo. Ela chegou ao topo e afastou-se.

Ele usou sua fúria para içar seu corpo por cima e congelou quando ele subiu todo o caminho.

Glenda estava a poucos metros de distância dele. Sua bunda estava no ar, seu peito contra a grama. A mulher parecia beijar o chão.

Ele arqueou as sobrancelhas, mas não conseguiu desviar o olhar de sua bunda.

Veso se moveu antes que pudesse parar, rastejando para frente até que ele estivesse em cima dela, seus membros colocando-a em posição.

Ela ofegou e torceu a cabeça, os olhos arregalados.

Ele congelou novamente, percebendo o que estava fazendo. O desejo de arrancar as roupas entre eles e apenas tomá-la era tão forte, ele lutou com isso.

— O que você está fazendo? – Ela levantou seu peito e bateu seu traseiro contra seu pau. Ela empurrou, mas seus ombros bateram em seus braços que estavam trancados na frente dela, impedindo-o de esmagá-la com a parte superior do corpo, as mãos apoiadas no chão.

— Mantenha-se imóvel. – Ele precisava pensar em torno do desejo de fodê-la. Seria tão fácil pegá-la. Aquele pedaço de material que ela chamava de calcinha era frágil. A saia que usava o fazia muito consciente quando a brisa soprou que não era um obstáculo, desde que brisa bateu em suas bolas.

Ela curvou seus ombros e tentou espremer para frente entre seus braços. Ele rosnou. Ele não gostava que ela tentasse fugir dele. Ela parou seu olhar fixo com o seu sobre seu ombro.

— O que você está fazendo, Veso?

— Poderia haver guardas. – Sua mente começou a trabalhar. Ele se recusou a foder um humano. Ele nunca viveria se alguém de seu clã descobrisse. — Fique parada enquanto eu olho ao redor.

— Todos os vampiros não queimarão se eles vierem ao sol?

— Às vezes os Vampiros têm seres humanos sob seu controle.

— Oh. Você não precisava me prender sob você. Apenas me diga para não me mexer.

Ele queria que ela se mexesse. Ele gostaria que ela deixasse cair os braços dela e empurrasse seu traseiro para cima no ar novamente para pressionar contra sua virilha. Seria simples rasgar aquela calcinha que cobria sua boceta, até o material idiota cobrindo seu pau, e entrar nela a partir dessa posição.

Ele forçou o olhar longe dela, olhando em volta. Pense! Ele respirou através de sua boca, uma triste tentativa de evitar seu cheiro. Os Vamps haviam a deixado banhar e lavar suas roupas. Ela não cheirava tão mal. Ele desejou que ela cheirasse.

O caminhão tinha desaparecido e nenhum outro veículo estava à vista.

— O mestre deve ter partido e levado o veículo com ele. Isso explica por que ele não veio atrás de nós. – Sua raiva com aquele sugador o ajudou a ignorar o

desejo de foder Glenda. — Ele deve ter uma casa para o dia perto. Ele não iria longe de seu ninho.

— Isso é bom ou ruim?

— Mau. Nós vamos ter que sair daqui e encontrar uma estrada ou uma casa.

— Ótimo. Cá entre nós, estamos quase vestidos.

Ela tinha que lembrá-lo de quão pouco eles usavam. Ele levantou e endireitou, ajustando seu pau antes que ela percebesse. Era impossível esconder sua ereção, assim que decidiu ignorar sua metade de baixo. Ele se levantou e caminhou em direção à entrada da mina. Ele se recusou a ver se ela o seguia. Era mais seguro para Glenda se ele evitasse olhar para ela.

— Tão rude. – Ela murmurou.

Ele esperava que ela não gostasse dele. Significaria que ela não se aproximaria dele. Neste ponto, ele a foderia se ela fizesse.

Veso deixou toda a situação se afundar e a raiva que surgiu ajudou a esfriar seu desejo pela humana. Ele tinha sido drogado, tomado de seu território, tinha que depender de um ser humano para ajudá-lo a escapar, e agora eles não tinham acesso a um veículo.

Ele examinou as trilhas na sujeira.

— Só há o caminhão. Estas trilhas foram todos feitos pelo mesmo nós seguiremos as trilhas do pneu e isso nos levará a uma estrada. Levante-se.

— Certo. Sem problemas.

Sarcasmo. Ele se lembrava de por que não gostava dos humanos. O problema era que Glenda estava crescendo sobre ele. Ela não tinha chorado nem agido da maneira que pensava. Isso o deixou um pouco fora de equilíbrio. Deve ser isso, decidiu. Foi aí que a atração surgiu.

— O que faremos quando chegarmos a uma estrada? Pegar carona?

— Sim. – Ele não estava prestes a dizer-lhe que ele iria puxar quem parasse fora de seu veículo e alterar suas memórias. A pessoa nunca se lembraria de pegar duas pessoas ou dirigi-las em qualquer lugar. Ele não deixaria um inocente no meio do nada.

Ela descobriria o que ele poderia fazer, e possivelmente pensar que ela poderia ter suas memórias apagadas também. Ele poderia sempre assumir o controle de sua mente se ela entrasse em pânico e tentasse fugir.

Veso teve o cuidado de não andar muito rápido. Ela estava descalça, mas a estrada de terra não era rochosa. Ele não queria cansá-la rapidamente. A última coisa que precisava era tê-la nos braços de novo. Ela não se queixou enquanto a conduzia para frente, sempre atenta a qualquer coisa que pudesse ser um perigo.

Eles encontraram uma casa mil metros abaixo da estrada. Ele ergueu o braço para indicar que deveria parar, e então cheirou o ar.

— Merda. Fique aqui.

— O que é?

— Eu cheiro a morte. Os vampiros tiveram que dirigir direito para este lugar. Eles provavelmente se alimentaram dos habitantes.

— Espero que não.

— É o que eles fazem. Os seres humanos são gado para eles se alimentarem.

— Legal.

Ele olhou para trás, segurando seu olhar.

— É como eles pensam. Eu não tenho a mesma opinião desde que eu não bebo sangue. Eu vou olhar lá dentro. Não se mova.

— Como se meus pés estivessem colados no chão – Ela prometeu, cruzando um dedo sobre seu coração.

Ele entendeu o gesto e sacudiu a cabeça. *Humanos idiotas.*

Ele caminhou em direção a casa, esperando que o mestre escondesse em algum lugar lá dentro. Ele adoraria uma vingança e arrancar sua cabeça ajudaria. Ele estava usando uma saia de mulher e era tudo culpa daquele fodido.

A porta dos fundos se abriu com a torção da mão no botão. O cheiro da morte não viajou de dentro com ele. O que significava que o corpo permanecia lá fora. Ele vasculhou a cabine de um andar, não encontrando nenhuma porta secreta ou vida dentro. Ele ouviu, cheirou de novo. Não havia nenhum vestígio de comida cozida ou de lareira sendo usada recentemente. Ele verificou os dois armários e até subiu no sótão. Estava vazio. Ele desceu e saiu pela porta dos fundos. Nenhum veículo estava à vista.

Ele rodeou a cabana e viu Glenda quase onde a tinha deixado. Ela se afastou da estrada suja para sentar na grama. Ele cheirou, seguindo o cheiro da morte.

Encontrou onde o humano tinha sido enterrado em uma sepultura rasa atrás de uma pilha de madeira alta. A terra tinha sido virada, mas não parecia muito recente. Talvez uma semana, talvez duas. Ele não podia dizer quantos corpos estavam lá embaixo, mas o interior da casa tinha parecido como se um único humano tivesse vivido dentro. Deixou a pilha de madeira e assobiou.

Glenda ergueu a cabeça.

— Entre. É seguro.

— Ninguém está em casa?

— Não. – Ele não queria compartilhar o que aconteceu com o proprietário. Poderia fazê-la suspeitar. Alguns humanos não gostavam de entrar na morada dos mortos.

Ela o seguiu para dentro e imediatamente pulou em direção ao telefone. Ele o pegou dela, mas não ouviu um tom de discagem. Não estava nem ao menos conectado, ou os vampiros poderiam ter puxado um fio antes de eles atacarem para que o proprietário não pudesse pedir ajuda.

— Devolva isso. Preciso ligar para a polícia.

— Não. – Ele não tinha certeza de como ela tomaria se ela descobrisse que estava danificada. Era possível que ela chorasse. Ele não queria testemunhar isso. Ele teria que sair e ver se conseguiria consertá-lo, mas mesmo que ele fosse capaz de fazê-lo funcionar, ele ainda não queria que ela usasse o telefone. A última coisa de que precisava era de um grupo de seres humanos ao redor.

Sua boca se abriu.

— Meu tipo vai lidar com isso. Você quer mais seres humanos para morrer? Esses soldados matariam humanos, mesmo aqueles com armas. Você entende? Tome um banho. Há um banheiro. Eu farei a ligação.

Ela mordeu o lábio.

— Você vai me deixar chamar á polícia mais tarde, certo? Tenho certeza que eles estão procurando por mim.

— Sim, – mentiu, sacudindo a cabeça. — Vá tomar banho. – Ele a queria fora do caminho, e algum espaço longe dela seria bom. — Há um tanque de propano lá fora. Significa água aquecida.

Quase se sentiu culpado pelo desejo de seus traços.

— Okay.

Ele a observou ir e esperou até que a porta do banheiro se fechou e a água cair.

— Simples pensamentos humanos. – Ele suspirou.

Ele desligou o telefone, procurando qualquer coisa com um sinal de sua localização. O humano tinha contas em uma gaveta superior de uma mesa. Eles foram dirigidos a uma caixa de correio, mas ele tinha um nome de cidade. Isso o irritou também. Os Vamps o tinham levado para longe de casa, mais do que ele havia calculado.

Ele saiu para ver se conseguia ligar o telefone e ligar para seu povo.

Capítulo Quatro

— Ele acha que eu sou uma idiota. – Glen murmurou, usando o sabão para esfregar a pele onde o sangue tinha secado de Veso matando Vlad e aquelas outras criaturas. A água quente a fez se sentir no céu enquanto ela ficava sobre o jato de água.

Ele não queria que ela ouvisse sua conversa enquanto ele ligava para alguém. *Ele poderia apenas ter dito ao invés de trata-la como uma criança.*

Ela enxaguou o condicionador dos cabelos e desligou a água quando ela terminou. As toalhas eram baratas, duras ás quais ela não teria comprado para si mesma, mas eles eram melhores do que qualquer coisa que ela tenha sido capaz de usar desde seu sequestro. Os poucos banhos que ela tinha sido permitida de tomar foram miseráveis.

Ela registrou algo quando ela terminou de se secar. O corte em seu dedo não ardeu quando ela usou o sabão.

Ela encarou onde estava o machucado, notando pela primeira vez que estava completamente curado. Isso a impressionou enquanto tocava a pele. Não havia nenhuma marca nele mais de onde o arame do sutiã tinha cortado a ponta de seu dedo.

— Que diabos? – Ela planeja perguntar a Veso como isso era possível. Primeira coisa, ela precisava estar vestida.

Ela fez uma careta ao ver sua camisa descartada e sua calcinha. A última coisa que ela queria era as por de volta. Ela passou por eles, enrolando a toalha em volta do corpo. A cabana provavelmente teria roupas as quais ela poderia usar. Ela destrancou a porta do banheiro e deu um passo pra fora.

Veso não estava á vista. Ela deu alguns passos cautelosos para a sala de estar, procurando por ele. A única outra porta estava escancarada, e ela podia ver uma cama. Ela cruzou o quarto e parou lá, olhando dentro. Era obvio que um homem possuía a cabana. Havia apenas uma cama e uma cômoda. Nenhuma bugiganga estava á vista apenas uma cabeça de cervo sobre a cama. Ela se virou.

— Veso?

Ele não respondeu.

Medo bateu nela. Ele havia apenas abandonado ela? Ele a havia tirado da mina e encontrando uma cabana então ele manteve sua promessa. Ela correu para o telefone apenas para parar logo em seguida.

— Seu filho da puta. – Ela murmurou.

Ele o havia quebrado em milhões de pedacinhos, todo ele espalhado pelo balcão abaixo, onde ele estava montado na parede.

Raiva a consumiu. O bastardo havia quebrado o telefone de propósito, á encalhando no meio de quilômetros de madeira.

Ela correu para a porta da frente na esperança de ver outra cabana ou sinais de vida. Apenas uma vasta vista de árvores encontrou seu olhar.

Ela se agarrou a toalha com ambas as mãos para manter no lugar quando ela começou a ofegar. Era raro para ela sofrer um ataque de pânico, mas isso com certeza era uma boa hora. Ela era uma garota da cidade. Imagens de ursos e lobos encheu sua cabeça. Ela teria que caminhar por aquela estrada suja por seja lá quanto tempo para encontrar alguém que a ajudasse.

Madeira quebrou de algum lugar do outro lado da cabana e ela girou, encarando para fora das janelas. Movimento pegou seu olhar perto da porta de trás, e ela quase tropeçou no tapete de pele de urso perto da lareira enquanto ela se precipitava nessa direção.

Glen parou na porta, e sua boca caiu aberta.

Veso não havia a deixado afinal.

Ele estava completamente nu e de pé na varanda de trás. Ele segurava uma mangueira de jardim sobre sua cabeça enquanto ele a inclinava para trás, deixando a água correr sobre seu rosto. O olhar dela desceu, admirando abertamente os músculos dele e o peito largo. Os olhos dele estavam fechados então ela permitiu a si mesma, olhar mais abaixo. Ele não estava mais excitado.

Ela estava grata quando ele se virou um pouco, apresentando sua bunda carnuda. Era tão bronzeado quanto o resto dele, prova de que ele não usava nada quando tomava sol. Ele sacudiu a cabeça, espirrando água na direção dela, mas a grande porta de vidro foi acertada ao invés dela. Ele abaixou a mangueira e segurou isso próximo ao peito, usando a outra mão para lavar a garganta e mais abaixo.

Ela tomou algumas respirações profundas para se acalmar, agora que sabia que ele não a havia deixado, mas o telefone ainda a irritava, e ela agarrou a maçaneta da porta, abrindo-a.

Ele virou sua cabeça, abrindo seus olhos.

— Por quê?

Ele franziu o cenho.

—Você estava lá há algum tempo. Eu odeio ter sujeira e sangue em mim.

— Estou falando sobre esmagar o telefone, Veso. Por que você fez isso? Eu queria ligar para alguém vir me pegar!

— Eu te disse. Sem polícia. – Ele ajustou a mangueira então á água corria por suas costas. – Venha aqui se você vai ficar aí. Seja útil.

— O que?

— Esfregue minhas costas.

Ela lançou um olhar para toda aquela pele, de seu pescoço para suas costas, depois a sua cintura, antes de olhar a sua bunda. Isso era muita carne para lavar.

— Não obrigada. Lave você mesmo. Você quebrou o telefone!

Ele deu de ombros.

— Você disse que eu poderia fazer uma ligação.

— Eu disse para você o que você queria ouvir para que fizesse o que eu pedi.

Ela se irritou.

— Seu babaca! Você realmente admite isso?

Ele soltou a mangueira, fechando-a quando ele soltou a trava que deixava a água sair. Ela trancou seu olhar em seu rosto quando ele lentamente se virou. O cara tinha bolas, e ele não parecia se importar que ela as pudesse ver se olhasse para baixo. Ele se aproximou e estendeu a mão.

— Isso é ser um babaca. – Ele segurou a toalha e a puxou forte, arrancando dela. – Obrigado. Eu me esqueci de pegar uma.

Glen estava tão surpresa que levou um segundo para reagir. O cara havia roubado sua toalha. Ela passou um braço por sobre os seios, levantou sua perna e girou, tentando esconder seu corpo dele. Ela bateu no marco da porta com seu ombro e apenas congelou.

Ele teve a ousadia de rir e começar a secar seu peito com a toalha roubada. Ele também mal escondeu o fato de que ele estava olhando para cada parte dela quando seu olhar desceu vagarosamente.

— Não se preocupe fêmea. Você é muito pequena para foder e não é meu tipo. – Ele deu um passo perto, seu corpo maior se aproximando e esfregando

contra seu lado enquanto ele manobrou pela porta que ela parcialmente bloqueou. — Eu quebraria você.

Calor atingiu suas faces e ela estava muda, com uma mistura de raiva, ultraje e choque. Ele a passou entrando na casa e movendo-se longe. Ela virou sua cabeça, observando ele enrolar sua toalha em volta de sua cintura quando ele entrou na cozinha.

Ela freneticamente procurou por algo para agarrar, as cortinas na janela era a coisa mais próxima que ela pode encontrar. A haste se soltou quando ela rasgou e a cortina mal cobriu a frente dela enquanto ela se virava.

— Seu idiota!

Ele a ignorou.

— Como se atreve! – Ela se recuperou rápido e moveu-se para a esquerda, pressionando sua bunda contra a parede. Qualquer um nas árvores poderia ver sua parte de trás de outro jeito. Não havia nenhum vizinho, mas isso estava além do ponto.

— Vá ao quarto e encontre roupas.

— Não me diga o que fazer.

Ele abriu a geladeira e se dobrou um pouco.

— Não vá então. Ande por aí nua. Eu ainda assim não vou foder você.

Glen esqueceu-se de como respirar enquanto seu temperamento subia. Ela tremeu um pouco e seu ombro escovou contra um quadro pendurado na parede. Ela virou a cabeça, vendo que era uma foto de algum cara barbado com uma vara de pescar segurando um peixe, parecia ser uma truta de sessenta centímetros de comprimento ou algum outro tipo de troféu de caça.

Ele tinha muita coragem para dizer aquilo pra ela. Ele provavelmente pensava que era um super-herói, e ser sequestrado por seu louco parente Vampiro para se tornar algum tipo de criador sobrenatural tinha acabado de amplificar seu ego monstro.

Ela se ergueu e levantou a imagem da parede. Era uma foto de cinco por sete. Ela atirou no idiota.

Seu objetivo estava longe e ele bateu no gabinete cerca de dois metros para a esquerda, sentindo falta dele. Vidro quebrou e o quadro caiu no chão.

Veso se endireitou e olhou em sua direção. Seus olhos estavam selvagens e ela soube que o surpreendeu.

— Me desculpe, eu errei. Eu estava mirando em sua cabeça dura. Eu não quero ter sexo com você. Quantas vezes eu tenho dizer que isso? Supere isso!

Ele deu um passo próximo e seus lábios separaram-se, suas presas aparecendo. Ele rosnou.

— Você veio atrás de mim em uma toalha.

— Eu pensei que você me deixou aqui para morrer! Surtei um pouco e, em seguida, eu estava chateada com o telefone. Você o quebrou e você mentiu para mim. Desculpe por entrar em pânico, por não esperar para se vestir primeiro para confrontar você.

Ele avançou mais um passo e rosnou de novo.

— Não jogue coisas em mim.

— Não seja um babaca e talvez eu não faça.

Ele serrou os olhos, a cor deles mudando. Eles foram de marrom dourado para quase completamente amarelo. Suas mãos se fecharam em punhos em seu lado e seu lábio superior se dobrou.

— Não me insulte humana.

Ela estava fora de seus limites de lidar com shows loucos de horrores depois de tudo que ela tinha passado.

— Eu sou humana, e quer saber? Sou grata. Você deveria ver a si mesmo agora. Seus olhos estão todo estranho e você tem esses dentes bagunçados. Qual o próximo? Você vai me bater? Arrancar minha cabeça? Mas que grande idiota você é. Eu nunca pedi por nada disso! Eu nunca quis ser sequestrada por algum tipo de gangue de lunáticos que bebem sangue e eu tenho o inferno da certeza que não assinei para ser presa dentro de um quarto com você. Você acha que é atrativo pra mim? Há! Eu não faço com cachorros.

Ele inclinou um pouco a cabeça, encarando-a. Ele não rosnou de novo. Ela percebeu que isso era uma vantagem. Ele também não veio para mais perto. Suas mãos continuaram fechadas em seu lado e seu corpo parecia tenso. Ela podia ver quase tudo desde que ele apenas usava a toalha dela envolta de sua cintura. Parecia muito pequeno nele do que pareceu nela.

Longos segundos se passaram e um pouco da raiva dela se desfez.

— Eu estou indo me vestir agora. Nós estamos nisso juntos até não estarmos, então tente se lembrar de que eu ajudei você a escapar. Nós fizemos esse trabalhando juntos. Lembra? Por favor, não minta pra mim, ou me insulte. Está ficando chato você me acusando de tentar saltar em você. Essa era a ideia daquele Mestre estranho, não minha. E, eu enlouqueci um pouco. – Ela levantou seu dedo, antes cortado. — Está curado. O corte sumiu. Como isso é possível?

Ele piscou, mas não se moveu ou disse algo. Ela se afastou da parede. Ela teria que andar contra a parede para que ele não tivesse nenhum olhar sobre suas costas. A cortina cobria seus peitos até suas coxas. Ela estava receosa de olhar para longe dele enquanto ela seguia se aproximando da porta do quarto.

— Nós estamos ambos com muito estresse. – Ela lembrou a ele. — Apenas esfrie. Desculpe por te chamar de cachorro. Eu estava com raiva. Você tem a tendência de me deixar assim. Você é muito abrasivo.

Ele moveu sua cabeça para continuar a seguindo. Á amedrontou um pouco. Ela não tinha ideia do que ele estava pensando ou se ele ainda estava chateado. Sua expressão estava em branco, mas aqueles olhos amarelos a lembravam de um predador. O comentário sobre cachorro fora um pouco fora da linha, mas justificado. E ainda, ela não iria admitir isso alto para ele.

Ela alcançou a porta do quarto e relaxou um pouco. Ele piscou de novo e ela se moveu pra dentro do quarto, se afastando para fechar a porta entre eles. Seus dedos escovaram a madeira e ela empurrou, esperando que houvesse uma tranca nisso.

Veso pulou, vindo direto pra ela. A mesa estava em seu caminho, mas ele apenas a empurrou longe.

Um grito preso na garganta e ela só teve tempo de sugar o ar antes de duzentos e sei lá o que ele pesava esmagar-se contra ela.

Isso a jogou fora de seus pés para trás. Ela esperava dor, mas ela atingiu algo macio ao invés. Seu corpo saltou uma vez no colchão antes que ela fosse cravada quando Veso agarrou seus pulsos, sacudindo-os acima de sua cabeça. Ele os prendeu juntos entre seu dedo e polegar. Seus rostos acabaram ficando a centímetros de distância e ela não podia olhar para longe de seus dentes afiados.

— O que você está fazendo? Sai de cima de mim!

Seus olhos brilharam com uma sombra de amarelo. Eles eram estranhos, e ainda assim fascinantes. Eles realmente a lembravam de gatos, apenas o formato estava errado. Era a qualidade desumana deles.

O coração dela batia acelerado e ela sentiu medo. Ele iria machuca-la? Ela não pensava que ele pudesse. Certo, ele era um idiota, mas ele não a deixara dentro da mina. Ele poderia. Ele até ajudou a subir o penhasco. Uma pessoa cruel teria apenas abandonado-a naquela elevação para encarar a noite onde aqueles creepers poderiam a pegar.

— Você me tira do sério também. – Ele rosnou.

— Você mentiu pra mim e quebrou o telefone. Você me tratou como uma idiota quando me disse para tomar banho. Você apenas não me queria envolta quando fizesse a ligação. Eu joguei seu jogo porque um banho quente soava bom. Eu também não quero brigar com você de novo.

Seu aperto em seus pulsos aliviou um pouquinho, mas não o suficiente para ela empurrá-los livre. Ela tentou não se aproveitar. Sua pele estava um pouco gelada da água fria com que ele se lavara da mangueira lá fora. Ele era grande, e ela estava mais do que certa que ele poderia quebra-la, mas ele tinha apoiado os cotovelos na cama para segurar a maior parte de seu peso. Ela se sentia pequena e perdida debaixo dele. Era um lembrete de que ele não era nada como ela. Sendo um meio Vampiro e meio lobo-fera, um conceito terrível.

Ele não respondeu e ela continuou tentando o acalmar.

— Você tem que ser condescendente, Veso. Eu tenho passado por muito. Eu sei que você também, mas você apenas foi levado para aquela mina. Eu estive lá por um tempo. Eu não sabia sobre Vampiros ou creepers. – Ela tomou uma respiração. — Ou sobre o que você é. É tudo novo pra mim e é um tipo de pesadelo que eu desejaria não ter experimentado.

Um pouco do brilho de seus olhos atenuou-se para uma sombra mais suave. Isso a encorajava.

— Você continua me acusando de molestar você. É um insulto. Eu não sei como é o seu mundo, mas no meu os homens geralmente perseguem as

mulheres. Não ao contrário. Eu não tenho nenhum problema em ter encontros se eu quero um. Eu não preciso ter vantagens de um homem drogado. Você vê como suas acusações podem empurrar alguns botões? É como se eu acusasse você de me sequestrar de propósito e então você poderia ser preso em uma sala comigo. O inferno congelaria primeiro, não é? Você disse que não sou o seu tipo. Bem... Eu também.

— Qual o seu tipo?

A pergunta a surpreendeu.

— O que?

— Que tipo de humanos você fode?

Ela não estava certa de como responder isso. Parte dela queria dizer a ele que não era da sua conta, mas ela ainda estava em choque que ele havia perguntado;

— Aposto que são magrelos e fracos.

— Eu... – Ela não sabia quem deveria estar mais insultado. O tipo de homem que ele pensava que ela encontrava ou ela mesma. — Por favor, sai de cima de mim.

— Responda. Descreva seu ultimo amante.

— Não.

— Porque ele era magro e fraco.

— Você é realmente um idiota.

Ele rosnou.

Ela engoliu, se arrependendo de suas ultimas palavras.

— Por favor, saia de cima de mim? Isso é melhor?

— Por que infernos você cheira tão bem?

— O que? – Ele a prendeu de novo.

Ele a cheirou, e ela engasgou quando ele esfregou o nariz ao lado do seu pescoço.

— Você cheira tão comestível pra mim.

O coração dela acelerou.

— É o sangue. Lembra? Eles roubaram nosso sangue e nos injetaram. Eles deram um pouco do meu sangue e forçaram o seu em mim. Aquele mestre disse algo sobre enganar você fazendo com que pensasse que nós somos companheiros ou algo assim.

A boca dele estava apertada em uma linha fina quando ele levantou a cabeça.

— Certo. É por isso que seu dedo não está mais cortado. Meu sangue curou você.

— Isso é possível?

— Sim. – Ele aliviou um pouco seu peso de sua parte superior do corpo, mas não soltou seus pulsos. O olhar dele caiu para seu peito. — Você ainda tem arranhões que não sumiram ainda. Eles devem ter sido bem severos para ainda aparecer.

— Ele injetou duas agulhas em mim. – Ela engoliu forte. — Isso é tão estranho. A coisa do sangue, isso é...

— Você não entenderia.

— Você já tem uma companheira?

— Não. Nós só podemos ter uma. Eu não seria afetado por você se eu já tivesse. – Ele resmungou um pouco, o peito vibrando. — Eu continuo querendo foder você.

Ela não tinha palavras. Ela apenas engoliu forte e o encarou.

— Nós não somos companheiros. Minha mente sabe disso, mas meu corpo não escuta.

— Faça-o ouvir a razão então. – Ela sugeriu.

Ele olhou longe, parecendo interessado em estudar o quarto. Ele finalmente olhou pra ela de novo.

— Os Vampiros cortaram a linha que vinha para dentro da casa. Eu tentei concertar isso de novo, mas não funcionou. Então eu descobri onde nós estamos depois de encontrar algumas cartas que o humano tinha guardado. Eu estou mais longe do meu território do que eu pensei então ninguém virá procurar por mim aqui. O que significa que eles me mantiveram drogado por pelo menos um dia inteiro antes que eu acordasse. Eu perdi meu temperamento e quebrei o telefone.

— Oh.

— Nós teremos que ficar juntos por mais um tempo, até que eu descubra uma linha que conecte para que eu possa ligar para o meu povo. Eu poderia deixar você aqui, mas não seria seguro. O mestre irá retornar para seu ninho quando a noite cair e ele passará por essa cabana. Eu não passei por todo aquele problema pra resgatar você apenas para permitir que você seja recapturada. Apenas significaria que ele capturaria outro VampLycan para engravidar você. – Ele rosnou seus olhos descendo para seus seios.

— E isso faz você bravo? – Ele parecia furioso.

Ele segurou seu olhar.

— Sim. – Essa única palavra foi rosnada.

— Eu também. – Ela estava feliz que eles tivessem algo em comum.

— Ninguém vai foder você se eu não posso.

Ela não esperava que ele dissesse isso. Á deixara muda mais uma vez. Ele se inclinou e a cheirou de novo. Ela se manteve quieta desde que era impossível tê-lo se movendo de cima dela até que ele estivesse pronto.

— Droga. – Ele engasgou. De repente enfiando seu rosto contra sua pele.

Glen ofegou quando ele acariciou seu nariz contra seu pescoço e lambeu a pele logo abaixo de sua orelha. Seu hálito quente aquecendo sua carne fez um pouco de cócegas. Ela não lutou, com medo de que ele fosse mordê-la. Ele admitiu que fosse parte vampiro. Talvez ele bebesse sangue.

— Não me coma. Eu não sou comida. – Ela disse em uma voz tremula.

— Eu sou uma pessoa. Lembra?

Ele rosnou.

— Não me de ideias.

— Por favor, Veso? – Ela lembrou-se que usar o nome de alguém ajudava de alguma forma se ela se encontrasse em uma situação ruim com outra pessoa... Ou ela supôs que deveria dizer o nome dela, para lembra-lo? Ela tinha um tempo difícil pensando quando ele passou a ponta da língua ao longo do pescoço dela de novo.

— Fique quieta. Eu quero testar algo.

— Isso não soa bem. – Ela percebeu que falou esse pensamento alto.

Ele de repente a beliscou com os dentes afiados.

Ele não cortou a pele, mas não havia dúvida de que ele tinha dentes afiados. Ela podia os sentir contra sua garganta. A mordida não doeu, mas a tinha

assustado. Uma sacudida passou pelo corpo dela. Não era medo. Ela não tinha certeza do que era, mas isso a fez ciente do quão rápido o coração batia e o quão quente ele se sentia por estar por cima dela.

Ele rosnou baixo e a mordeu de novo. A segunda vez não veio como uma surpresa, mas a sua resposta sim. Seu corpo todo começou a formigar, quase como se seus membros estivessem entorpecidos e ela tentou move-los, forçando a circulação sanguínea. Ela nunca se sentiu em um nível tão profundo.

— O que você está fazendo comigo? – Ela tentou liberar seus braços. Ela queria toca-lo por alguma louca razão.

Ele a acariciou com o rosto e pegou um ponto mais baixo em sua garganta, quase em seu ombro. Ele a mordeu de novo, dessa vez um pouco forte. Seus dentes não machucaram, mas ela fechou os olhos, totalmente focada em sua boca. Seus mamilos se sentiam duros e ela trocou suas pernas, as separando um pouco para aliviar o calor que bateu de repente na parte baixa do seu corpo.

— Me responda! O que você está fazendo...?

Ele enfiou uma coxa entre as dela e inclinou um pouco do seu peso. Ele gemeu, mordiscando ela de novo. Glenda fechou seus olhos e apertou as mãos em punhos. Um pouco de sua consciência voltou e ela a identificou rapidamente. Ela estava excitada... E isso estava crescendo rápido.

— Por que está fazendo isso? Você nem gosta de mim.

Ele parou explorando a pele dela com sua boca e dentes.

— Esse é o problema. Eu estou começando a gostar. – Ele levantou a cabeça da garganta dela, ofegando. — Eu apenas... Estava vendo se posso excitar você.

Glen abriu seus olhos e estava hipnotizada pelos dele. Eles eram lindos e surreais com o quão amarelo eles se tornaram. Isso era uma lembrança de que ele não era um humano, mas por alguma razão isso não importava muito. Ela

abaixou seu olhar, estudando o rosto dele. Ele era maravilhoso, seja lá o que ele era. Ele moveu a cabeça e seu olhar pegou sua atenção de novo. Ela não conseguia olhar longe.

— Eu estou atraído por você.

— Isso não vai terminar bem. – Ela exclamou.

O brilho dos seus olhos diminuiu um pouco.

— Eu sei.

— Me deixe ir.

Ele olhou para baixo em sua boca e ela quase que podia adivinhar seus pensamentos. Ele estava considerando beija-la. Ele tinha presas. Elas foram exibidas quando ele correu sua língua através de seu lábio inferior. Parte dela estava tentada a inclinar-se um pouco e encontrá-lo a meio caminho.

— Eu não posso ter uma companheira humana, mas eu posso foder uma.

Raiva brotou dentro dela. Não era razoável, mas isso a enfureceu do mesmo jeito.

— Você pensa que eu não sou digna de você. Deus, você é um idiota! Cai fora!

Ele de repente rolou para longe e a soltou. A cabeça saltou quando ele a deixou e se ergueu, mantendo suas costas pra ela.

— Coloque roupas.

Ela sentou-se e agarrou um pouco dos lençóis, escondendo a maior parte de seu corpo desde que a cortina não era suficiente. Suas mãos tremiam.

— Eu vou quando você sair.

Ele não se moveu. Longos segundos passaram até que ele finalmente falou.

— É apenas um truque porque eles me deram o seu sangue e você tem o meu.

— Eu disse isso antes, lembra?

Ele se virou vagarosamente, e ela não pode evitar sua boca de cair aberta quando ela abaixou o olhar em direção á toalha amarrada em sua cintura. Ele estava excitado e completamente levantado. Não havia erro nisso quando seu pau estava pressionando contra o material. Ele era todo grande.

— Glenda. – Ele rosnou.

Ela forçou seus olhos para encontrar os dele.

— Se vista ou eu vou pegar você.

Ela apertou sua boca e tomou uma respiração profunda através do nariz. Ela exalou, evitando olhar para a parte de baixo do seu corpo uma segunda vez.

— Você vai me fazer trocar de roupa na sua frente? Um pouco de privacidade poderia ser legal.

— Certo. – Ele não se moveu.

— Isso significa que você deveria caminhar para fora do quarto e fechar a porta.

— Eu sei. – Ele ainda não se moveu.

Eles se estudaram e finalmente ele se virou, caminhando porta a fora. Ela observou suas amplas costas e o contorno de sua bunda através da toalha. Ele tinha um corpo ótimo. Ele veio a uma parada na porta e segurou a moldura de cada lado.

— Você poderia fechar a porta?

A madeira quebrou e ela viu suas garras saindo. Ele tinha um agarre mortal na fachada. Um rosnado baixo soou.

— Foda-se. – Ele se virou, encarando-a. Seus olhos estavam amarelos brilhantes de novo. – Eu quero você. Eu sei que isso não vai terminar bem. Eu não posso ter uma companheira humana, mas eu preciso saber como isso seria entre nós. Eu quero você muito mal.

Ela levantou os lençóis, mais alto em seu peito, quase em seu pescoço.

— Não.

Ele inclinou a cabeça e suas narinas inflaram.

— Você me quer também.

Ela concordava com isso, sim, ele a afetava também. Ela estava mais do que ciente dos sinais de seu corpo sofrendo por desejo sexual.

— Nós somos um trem desgovernado, Veso. Você sabe o que isso significa?

— O que?

Ela parou, pensando nas palavras.

— Nós não somos nem da mesma espécie, mas eu acredito que possa ficar grávida se tivermos sexo. Isso era o que aquele mestre esquisito disse. Eu não quero que isso aconteça, e você não quer também. Você provavelmente me mataria.

Ele franziu o cenho.

— Eu não faria isso.

— Eu não conheço você bem o suficiente para ter certeza de que não faria. Apenas caminhe pra fora e deixe eu me vestir.

Ele parou e então deu um pequeno aceno e se virou, agarrando a maçaneta da porta em seu caminho. Ele bateu a porta fechada entre eles.

Glen suspirou e aliviou seu agarre nos lençóis, saindo lentamente da cama.

— Merda. – Ela murmurou, caminhando em direção á cômoda, *isso foi por um triz.*

Capítulo Cinco

Veso passeou pela sala e cerrou os punhos. Ele estava furioso com o mestre Vampiro que o colocou nesta bagunça. Ele continuava olhando para a porta fechada do quarto e lutando contra a vontade de ir atrás de Glenda. Ele ainda a queria. Seu pau estava como uma pedra dura e seu cheiro o deixavam louco.

O telefone não estava funcionando assim que nenhuma ajuda estaria vindo. Ele teria que levá-la com ele até que ele encontrasse um telefone funcionando ou um veículo para roubar para levá-lo de volta em seu território. Ele estava meio tentado a esperar até o anoitecer e colocar uma armadilha para o mestre. Ele não gostaria de nada melhor do que rasgar aquele filho da puta em pedaços.

Ele rapidamente descartou o pensamento. Ele não tinha ideia dos números que ele enfrentaria. Deixaria Glenda vulnerável se houvesse muitos e o ninho poderia roubá-la enquanto ele lutava. Ele também não estava prestes a esquecer como o haviam capturado pela primeira vez. Os covardes usavam dardos.

Calculou novamente onde ele achava que estava e sentia mais raiva. Eles o haviam levado quase oitenta milhas de casa. Ele conhecia todas as estradas em torno de seu território. Os Vamps teriam de levá-lo pelo menos seis milhas para chegar a uma das estradas antigas. Elas estavam em mau estado, anos de negligência foi isso que os retardou. O sol teria se levantado antes deles chegarem. Isso significava que eles deveriam tê-lo mantido drogado e escondido em algum lugar mais próximo de seu território durante o dia, então as drogas começaram a desgastar quando eles estavam levando-o dentro da mina.

Eles tinham feito alguma coisa com ele enquanto ele dormia? Mordido ele? Usou-o como uma fonte de alimento? Nele as lesões teriam curado em poucas horas.

Glenda abriu a porta, usando roupas humanas. Elas eram enormes sobre ela e obviamente pertencia a um homem. As mangas compridas da camisa abotoada estavam enroladas em seus pulsos para que suas mãos não fossem escondidas pelo material. Ela tinha emprestado jeans e tinha usado um cinto para mantê-los desde a que cintura também era grande. As barras delas foram enroladas para revelar seus pés descalços.

Ela parecia absolutamente adorável, – e isso o irritava também.

— Minha vez, – ele grunhiu, passando por ela e batendo a porta do quarto. O cheiro dela permaneceu na sala, então ele respirou através de sua boca enquanto examinava a cabana.

Roupas do proprietário. Nada cabia direito. Ele acomodou-se por um par de calças que só atingiu as panturrilhas.

Ele tentou uma camisa, mas não se abotoava sobre o peito. Inclinou-se um pouco para olhar para as mangas do braço apertado rasgado nas costuras perto de seus ombros. Ele rosnou, cravando os dedos nelas e arrancando as mangas fora inteiramente.

Havia um espelho e ele ficou na frente dele. — Eu pareço ridículo. Seu povo riria se eles pudessem vê-lo.

— Você está bem?

— Não.

— O que está errado?

Aproximou-se da porta e abriu-a. Ele não tinha certeza do que ela faria se ria, mas ela franziu o cenho ao vê-lo. Seu olhar percorreu seu corpo. — Oh. Você é meio grande.

— Mais ou menos?

— Você se parece com o Incrível Hulk, menos a pele que não é verde.

— Que diabos isso significa?

— Hum... Deixe-me encontrar uma tesoura. Elas ficarão melhores se nós a transformá-las em shorts. Vou cortá-las logo acima do joelho.

Ele apreciava que ela o ajudasse enquanto entrava na cozinha e começava a abrir gavetas. Ela achou o que ela queria e voltou para ele. — Você deve ficar no quarto e entregá-las para mim pela porta. Elas serão mais fáceis de cortar se não estiverem com você no momento.

Ele hesitou. — Obrigado.

Ela sorriu. — De nada

Ele tirou as calças e abriu a porta para encontrá-la a poucos centímetros de distância, esperando. Ela aceitou e voltou para a cozinha. Ele observou através da porta ligeiramente aberta, enquanto ela cortava. Não demorou muito tempo antes de entregá-las.

Ele fechou a porta e puxou-as. Elas agora chegaram apenas acima de seus joelhos. Ele foi para o espelho para dar uma olhada. Os shorts pareciam melhores, mas a camisa ainda o irritava. Ele deixou o quarto.

— Tenho uma tarefa para você, Glenda.

— OK.

— Encontre e faça algo para comer.

Ela franziu o cenho. — Por que eu? Porque eu sou a única com peitos?

— Bem. Eu vou fazer-nos comida e você vai procurar o galpão exterior para qualquer coisa que podemos usar.

Ela suspirou sua expressão amolecida. — Vou assumir a tarefa de cozinhar.

Ela o divertiu. — Boa. Eu como muito. Precisamos das nossas forças.

Os vampiros não devem ter tocado o alimento humano por isso que deve ter alguns na despensa. Poderíamos estar á milhas de qualquer coisa. Nós vamos levar alguns suprimentos quando fomos, para o caso de nós estarmos lá fora à noite toda. Eu volto já.

Ele saiu pela porta dos fundos e circulou o galpão. Não parecia haver armadilhas, e ele tinha que quebrar o bloqueio para obter a entrada. Não havia muito dentro, exceto ferramentas de jardinagem.

Seus pensamentos continuavam voltando para Glenda. Ele tinha ouvido a maior parte de sua conversa com o Vamp.

Ela era uma descendente distante do mestre. O idiota pareceu empenhado em forçá-la a ter uma filha. Significava que ela continuaria em perigo de ser levada de novo, enquanto o bastardo ainda vivesse. Primeiro ele não tinha realmente se importado com o seu futuro. Ele tinha planejado avisar os outros dos clãs que eles estavam em risco de serem sequestrados do jeito que ele foi. Eles mudariam os procedimentos de segurança para que isso não acontecesse.

Mas o futuro de Glenda o incomodava agora. Enfurecia-o, pensar que ela estaria em seu perigo. O mestre mudaria seus planos quando percebesse que não estaria colocando as mãos em um VampLycan novamente. Ele poderia decidir acasalar Glenda com um Lycan, então criar seu filho com outro mestre Vampiro, para obter sua suposta rainha de sangue forte.

Apenas o pensamento de algum Lycan perto de Glenda o fez ficar furioso, um rosnando escapou sob sua respiração. Ele caçaria o, vira-lata sarnento e o rasgaria, e faria um tapete com o pelo do Lycan's para que Glenda ande por cima dele na sua lareira.

Madeira estalou e ele olhou para baixo, percebendo que tinha quebrado a enxada que ele estava tentando criar uma arma com ela. Ele a deixou cair e

estendeu a mão, esfregando os músculos tensos ao longo da nuca. Ele tinha imaginado Glenda dentro de sua cabana, sua casa.

É a troca de sangue, ele pensou. Isso explicava o modo possessivo que sentia por ela. Ele nunca ouviu falar de um vínculo de união formando por injetar sangue em um casal. Deve ser temporário... Mas

E se não fosse?

Ele fechou os olhos, deixando aquela possibilidade afundar. Ele teria se acasalado com um ser humano. Ele teria que levá-la para casa e ao seu clã.

Ela seria tratada mal como sua companheira, na melhor das hipóteses. Ele teria que lutar para mantê-la segura e protegê-la a todo tempo de executores como Nabby. Aquele bastardo a mataria quando a visse. Inferno, se Decker retornou ao poder sobre seu clã, ele ordenaria a morte de Glenda, e cada VampLycan no clã iria ser forçada a tentar tirar-lhe a vida. Decker odiava tudo o que era humano.

— Filho da puta, – ele rosnou, abrindo os olhos.

Todos os cenários jogados para fora em sua mente. Ele teria que rastrear e matar o mestre Vampiro. O ninho que ele tinha sido levado não tinha segurado nenhum dos Vamps que tinha atacado e drogado ele. Isso significava que pode ser um ninho maior para lidar. Era possível que a velha mina tivesse acabado de ser uma instalação de detenção para seus prisioneiros. Ele não queria que Glenda estivesse em perigo, mas também não estava prestes a deixá-la sozinha enquanto ele lidava com o problema. Ela não estaria segura a menos que ele estivesse por perto para protegê-la.

A única outra opção era...

Merda. Tenho que levá-la ao meu território.

Ele tentou imaginar como ela reagiria ao ser trancada no subsolo e deixada

lá, enquanto ele caçava os vampiros. Ela provavelmente tentaria escapar e isso a deixaria no meio do território VampLycan. No melhor dos casos, eles a capturariam, limpariam sua mente, e a mandariam para casa. O mestre a recapturaria se ele não o tivesse matado até então. O pior caso, alguém de seu clã a mataria. Era uma situação dos infernos.

Ele saiu do galpão depois de embalar algumas coisas que iriam ajudá-los a sobreviver na floresta e entrou na casa. O cheiro de feijão e carne enlatada fez o seu estômago roncar. A visão dela cozinhando o fez pausar. Ela virou a cabeça e sorriu.

Seu pau endureceu. Ele a queria mais do que a comida. Apenas a partir da simples visão doméstica de sua mulher, preparar para ele uma refeição.

— Quem morava aqui realmente gostava de feijão e carne enlatada. Eles foram estocados. Eu usei três latas de cada um – informou ela. — Eu espero que seja suficiente.

Ele conseguiu acenar e colocar o pacote embrulhado ao lado da porta, fechando-o atrás dele. Ela estava diante de duas grandes panelas que tinha cozinhado no fogão, mexendo-as com uma colher de pau. O impulso para aproximar-se e puxá-la em seus braços veio à tona. Ele resistiu.

— Quase tudo na geladeira está vencido, incluindo o leite. Espero que você não se importe, pois cerveja, água e soda. São suas únicas escolhas de bebidas. Oh, e eu encontrei uma espingarda. Eu não toquei. Eu não sei se está carregado ou não.

Isso tirou sua atenção de sua bunda. — Onde?

— Na despensa. Está encostado na parede. Que estranho é isso? Há uma caixa de cartuchos no chão ao lado. Esse é um lugar estranho para manter uma arma.

Ele caminhou até a porta estreita que ela havia apontado e abriu-a. Ele se inclinou e avistou a espingarda. Ele agarrou e verificou. - Está carregado. O pobre bastardo nem mesmo tirou os cartuchos.

Ele se curvou e pegou a caixa de cartuchos, estudando as outras prateleiras. Não havia peças sobressalentes.

Ele levou a arma e a caixa para a pequena mesa, colocando-os para baixo.

— O que isso significa? Que pobre bastardo?

Encontrou Glenda franzindo o cenho para ele. Ela desligou as chamas sob as panelas.

— O proprietário desta cabana está morto. Ele não conseguiu alcançar sua arma para atirar nos Vampiros antes que eles atacassem ou eles o pegaram sem saber antes que ele soubesse que não estava mais sozinho.

— Como você sabe disso?

— Esse cheiro de morte que eu peguei? Alguém está enterrado atrás da cabana.

Ela empalideceu.

Ele se arrependeu de contar a ela, mas eles estavam saindo em breve. — Eu não cheirei nenhum sangue dentro da cabana. Provavelmente o mataram lá fora. Não houve danos nas portas, mas duvido que tenham detidos eles. É uma localização remota.

Ela apenas olhou para ele.

— O que?

— Você parece tão frio. Você está dizendo que um homem morreu, mas você está usando suas roupas e está prestes a comer sua comida.

— A vida pode ser dura. Assim pode ser a morte. Eu não o matei.

— Você é um saco. Ela girou e abriu os armários, pegando dois pratos. — Pobre homem.

— Vamos comer e partir ou podemos ser recapturados. Aqueles bastardos já me dispararam com drogas uma vez. Eu não quero dar-lhes a oportunidade de fazê-lo novamente.

Isso pareceu acalmá-la. Ela distribuiu um enorme prato de comida e serviu-o na mesa. — O que você quer beber?

Não lhe importava. — Tudo o que for gelado. Não me importo.

Ela abriu a geladeira e tirou um refrigerante, trazendo-o para ele. Ela voltou com uma grande colher. — Ai está.

— Obrigado.

— Estou feliz que pelo menos você conheça essa palavra, – ela murmurou, seguindo de volta para o fogão para fazer seu próprio prato.

— Eu tenho muita coisa em minha mente.

— Não, nós dois temos. – Ela veio para a mesa com o prato e pegou outro refrigerante da geladeira, finalmente sentada em frente a ele uma vez que ela pegou uma segunda colher. — Está quente?

Ele pegou a comida, ao invés de pular pela mesa para levá-la ao chão. Ele a queria. Seu pau permanecia duro e o desejo de tirar a sua roupa, era mais forte do que seu desejo de comer.

Ele levantou a colher e comeu, substituindo uma fome por outra.

— Qual é o próximo passo?

— Nós embalamos alguns suprimentos e vamos. É melhor se colocarmos

tanta distância quanto pudermos entre nós e esse ninho. Ainda não sabemos onde o dono dorme.

— Tem certeza de que ele não estava na mina?

— Ele teria vindo atrás de nós se ele estivesse lá. Eu não acho que ele foi embora. O caminhão em que me levaram, ainda está desaparecido. Eu acho que eles o pegaram. Ele está perto, já que ele precisa manter o controle dos soldados. Estou mais preocupado com quantos outros vampiros estão com ele no outro local.

— Eles não são mais fortes se ficarem juntos?

Era uma boa pergunta, provando para ele que ela era inteligente. — Muitos vampiros não confiam nos soldados. Eles ficam loucos depois de um tempo e se mostram mais difíceis de controlar. Eles são conhecidos por atacarem seus mestres. Vampiros vão dormir além deles durante o dia apenas como uma medida de segurança.

Ela comeu, parecendo refletir sobre suas palavras. Ele olhou para ela várias vezes, não apreciando as sugestões de medo que ele notou em sua voz.

— Vai ficar tudo bem. Cobriremos muito terreno antes que a noite caia.

— Eu vou retardar você. – Ela manteve seu olhar. — Seria mais rápido se você me deixasse aqui, não é mesmo?

Mas a ideia de estar em perigo não estava bem. — Não, – mentiu. Então eu teria que voltar para você antes da escuridão, quando eu encontrasse um veículo. Há meias no quarto. Eu quero que você coloque uns pares em seus pés para protegê-los do chão. Nós ficaremos juntos.

Ela parecia aliviada.

— OK.

— Eu mantenho minha palavra, Glenda. Você me ajudou a sair daquela mina. Eu não vou deixar você morrer. – Ele apontou para a arma. — Você já disparou uma antes?

— Não.

Ele sufocou uma maldição. — Nunca?

— Não. Eu nunca tive o desejo de possuir uma. Fui criada em um bairro decente. Eu tenho trancas e vivo no segundo andar. Nunca pensei que os Vampiros existiam e que iriam vir atrás de mim.

— Justo.

— Posso te perguntar uma coisa, Veso?

Não a parou antes. — Você é muito curiosa.

— Não me culpa Isso tudo é novo pra mim. Vampiros podem voar? Se transformar em morcegos?

— Não.

— Boa. Então, se eu alugar um lugar em um edifício alto, como seis ou sete andares acima, eu vou estar a salvo deles de entrar por minhas janelas, certo? Para referência futura.

— Dependeria do edifício.

— O que isso significa?

— Eles podem saltar cerca de dez pés com facilidade. Possivelmente quinze, dependendo do Vampiro. Isso provavelmente foi como entraram em seu apartamento. Este edifício que você tem em mente tem varandas? Eles poderiam saltar de um para o outro para subir mais alto.

— Eu não sei. Eu só estava pensando que eu poderia querer me mudar, mas

eu vou ter que ver o que eu posso pagar. Eu não quero ser raptada novamente.

— Se preocupe com isso mais tarde. Vamos sobreviver hoje.

— Estou apenas pensando no futuro.

— Os edifícios altos não a salvarão de Vampiros, mesmo se não houver varandas. Eles podem controlar a mente humana e fazer com que seus vizinhos os permitam entrar no prédio em que vivem.

Chutar na sua porta para chegar até você ou até mesmo rasgar através da parede de uma unidade ao lado do seu. Isso responde suas perguntas?

Ela suspirou e baixou o queixo.

— O que foi que eu disse?

Ela olhou para ele. — Alguém já chamou você de estraga prazeres?

— Não.

— Bem, eu sim. Você está me incomodando.

— Estou sendo honesto. Você está em perigo. Esse mestre não vai simplesmente desistir de seu plano até que ele tenha você à força. Ele parecia louco. Você precisará se esconder quando voltar para casa ou ele virá até você novamente.

Quanto mais pensava nas suas próprias palavras, menos provável era que ele soubesse efetivamente limpar sua mente. Ela não seria capaz de ficar fora de perigo por conta própria se ela não pudesse lembra de que ela precisava se esconder. Ele estudou sua triste expressão.

Isso apenas reafirmou que tinha que mantê-la segura até o mestre estar morto.

Mas um pouco de medo poderia impedi-la de tentar fugir dele.

Ela mordeu o lábio inferior.

— Eu ouvi o que ele quer de você. Ele poderia te acasalar com um Lycan, então usar sua filha cruzando-a com um vampiro para conseguir o que eu sou. Ele vai querer te recuperar. Quebrar o tratado e entrar no território VampLycan ele me drogou, prova que ele é louco.

— Que tratado?

— Vampiros juraram ficar longe de nós.

— Por quê?

Ele segurou seu olhar. Nós somos uma má notícia para qualquer um que fode conosco. Poucos são estúpidos o suficiente para tentar.

— Oh. – Ela ficou curiosa. — Por que você é uma má notícia?

Suas perguntas começaram a irritá-lo. — Nós temos as melhores qualidades de vampiros e Lycans.

Somos mais fortes, mas sem suas fraquezas. Coma e pare de falar. Nós não temos muito tempo. Eu quero estar longe daqui antes do anoitecer.

Glen comeu o quanto seu estômago permitiu então se levantou e caminhou até a pia ligando a água.

— O que você está fazendo?

— Lavando os pratos.

Veso rosnou.

Ela olhou para ele. — Qual é o seu problema agora?

— Deixe-os.

— Não. É rude.

— O proprietário está morto. Ele não se importa se deixarmos uma bagunça. Vá colocar meias e encontrar algumas roupas. Talvez uma jaqueta. Acho que vi uma mochila no canto do quarto. Coloque essas coisas dentro, mas deixe espaço para comida.

Ela desligou a água. Ele estava certo. — Está bem.

— Se apresse. Estaremos fora daqui quando eu acabar de comer.

Ela fugiu para o quarto e localizou a mochila. Não era muito grande. Ela embalou alguns pares de meias, colocou três camadas em seus pés, e tentou encontrar algumas peças de roupas.

Houve uma escolha de casacos dentro do armário. Ela encontrou um leve e empurrou para dentro. Por fim, lembrou-se de pegar um rolo de papel higiênico. Pode ser um longo dia se eles não encontrarem outra Casa em breve com um telefone fixo.

Veso terminou a comida quando voltou à cozinha. Ele havia empilhado algumas latas de comida e garrafas de água no balcão. — Eu vou estar lá fora. Encha isso, embale aqueles, – murmurou, logo depois de sair da cabana com a lona enrolada que levou anteriormente. —Tão mandão.

Ela fez o que ele pediu embora, e então saiu pela porta usando a mochila. Veso esperou seu olhar seguindo-a, seus olhos dourados brilhando. Em geral, ele pode ser assustador, mas ela teve que admitir que ele fosse atraente.

— Vamos. Precisamos colocar distância entre nós e esse lugar.

Ela correu pelos degraus e em direção à estrada. Veso caminhou rapidamente com suas longas pernas, a lona sob um braço, a espingarda na mão. Ele saiu da estrada em frente a ela, na floresta.

— Aonde você vai?

Ele parou e olhou por cima do ombro. — Você quer tornar mais fácil para os

Vampiros nos encontrarem?

— Nós vamos nos mover longe da estrada. Isso tornará mais difícil para eles nos rastrearem. A maioria dos vampiros são bastardos preguiçosos. Eu estava nessa há alguns anos. Há uma cidade mineira abandonada aqui perto e eu acredito que a estrada conduzirá a ela.

Alguns dos edifícios podem estar em pé, e esse é o primeiro lugar que os vampiros irão olhar. Eu quero estar onde eles não estão nós caçando.

— Edifícios, significa que alguém pode viver neles, e precisamos de ajuda.

— Eu não percebi o quão remota esta área é até que eu encontrei um endereço dentro daquela cabana. Os seres humanos são algo que nós queremos evitar. Os Vampiros devem ter localizado onde todos eles estão para alimentação, provavelmente estão no controle delas. Significa que eles tentarão nos capturar e nos segurar para os Vamps. Os seres humanos seguem por estradas – então estamos deixando ela.

— Não ficaremos aqui se encontrarmos alguém com um carro. Eles terão um telefone celular também.

Todo mundo tem. Podemos ligar para a polícia. Você é grande. Mesmo que tenham subornado pessoas para fazer coisas ruins, você poderia simplesmente socar alguém.

Veso deu alguns passos em sua direção, mas depois parou, franzindo o cenho. — Não é para debate. Você não tem ideia do que você está lidando, mas eu sim. Esse ninho parecia bastante estabelecido para mim, e eles tiveram tempo para adicionar portas para fazer células. Isso significa que eles estão na área há algum tempo. Não me faça

Carregar-te, Glenda. Siga-me ou eu vou jogá-la sobre o meu ombro. O que você sabe sobre Vampiros?

— Não muito.

— Eu sei tudo. Gostaria de evitar ser capturado novamente. Esses bastardos estão usando drogas. Os seres humanos nos colocam em perigo, por isso é melhor evitar todos eles. Vamos para o meu povo.

— A polícia-

— São fodidamente inúteis contra Vampiros! Eles podem ser controlados pela mente. Os seres humanos te entregariam direito para esse mestre. Agora pare de falar e siga-me. Você anda ou eu levo você. Isso iria desacelere-me. – Ele se virou, caminhando pela a floresta.

— Droga, – Glenda sibilou. Ela o seguiu embora. De jeito nenhum ela queria ficar sozinha em alguma estrada de terra no meio do nada.

Ela colocou a mochila e tentou ignorar o fato de que as meias deixaram seus pés quentes. Elas protegiam seus pés de ferir quando ela andou sobre sujeira e folhas secas. As árvores ficaram mais espessas quanto mais ela caminhou. Um olhar lhe garantiu que a cabana não estava mais à vista, nem a estrada.

— Ele vai nos fazer perder tanto, – ela disse em voz alta.

— Pare de reclamar.

— Eu só acho que isso é uma má ideia.

— Eu não me importo com o que você pensa.

— Já percebi isso desde que você se recusa a ouvir qualquer coisa que eu tenha a dizer.

Ele chegou a uma parada abrupta na frente dela e ela quase bateu em suas costas. Ele olhou para ela sobre seu ombro. — Você não pode ficar em silêncio? Você sempre sente a necessidade de discutir?

— Só com idiotas.

Seus olhos se estreitaram. — Em algum momento nós encontraremos um lugar para ficar, antes que o sol se ponha. Ficaremos em um espaço fechado e muito pequeno para esconder nossas ondas de calor dos Vampiros se eles se dispersarem e tentarem nos localizar. Lembre-se disso. Você está nos atrasando com sua conversa. Pare com isso e apenas caminhe.

Ele virou a cabeça para frente e saiu, aumentando o ritmo. Glen apertou os dentes e caminhou atrás dele. A mochila pesada não ajudou seu humor, mas ele levava tudo o que tinha tirado do galpão debaixo do braço e da espingarda, para que não pudesse reclamar que ele a tinha feito como uma mula de carga.

O terreno tornou-se mais áspero quando chegaram a uma área onde as árvores haviam caído e os detritos tinham acumulado. Surpreendeu-a quando Veso se virou, ajudando-a a subir e passar por alguns dos piores obstáculos.

— Deslizamento de terra?

— Inundação, ele corrigiu. – Provavelmente a partir de quando a neve derreteu no final do inverno. Levantou o queixo, parecendo estudar o céu. — Eu não vejo nenhuma indicação de chuva, mas eu quero sair desta área. Nós precisamos alcançar um terreno mais alto.

— Mais escalada. Woohoo.

Ele realmente estalou um sorriso. — Pelo menos agora temos corda.

Ela olhou para a lona volumosa. — Dentro disso?

— Sim.

— Qual é o seu plano? Apenas ficar aqui no meio do nada até que você pense que os Vampiros tenham desistido de nos procurar? – A ideia a horrorizou.

— Eles não vão fazer isso. O mestre tem um plano para você. Será que ele facilmente mudaria de ideia?

Nunca esqueceria o bastardo louco que alegava ser parente dela, ou por que ela foi sequestrada. — Não. Ele é um lunático.

— Vamos continuar nesta direção até encontrar uma casa muito remota com um telefone ou um veículo. É possível que os Vampiros não tenham consciência de alguns dos seres anti-sociais que vivem a quilômetros de outros e não use estradas pavimentadas. Então, ou vamos chamar meu pessoal para vir nos buscar ou vamos ir até eles.

— Ainda acho que devemos ir à polícia. Eles podem nos proteger.

— Insensato Glenda, – resmungou Veso.

Ela decidiu não responder. Ele empacotou a espingarda com a lona, estendeu a mão e agarrou-a com sua mão livre quando a inclinação se tornou íngreme. Ele poderia ser um idiota, mas ele a impediu de tropeçar enquanto lutava para subir a colina. As árvores engrossaram novamente, a área danificada pelas cheias, foi ficando para trás.

— Eu vou mantê-la segura.

Ela olhou para ele, agradecida.

Ele não olhou para ela, em vez disso, fez uma varredura na floresta. — Mova-se mais rápido. Você está nos atrasando demais.

Capítulo Seis

Glen não pensava que houvesse qualquer parte de seu corpo que não doesse. Seus ombros doíam do peso da mochila por carregar o dia todo. Suas costas se sentiam muito tensas e suas panturrilhas latejavam. As meias nos pés dela não a tinham protegido de sentir como se ela tivesse ganhado algumas contusões a mais depois de estar viajando por quilômetros em terreno acidentado. Dores afiadas irradiavam de seu estômago desde que seu café da manhã tinha sido a única coisa que tinham comido o dia inteiro. Veso se recusara a fazer uma pausa, empurrando-a constantemente para manter em movimento. Os únicos momentos de repouso que eles tiveram foram para alguns goles de água e idas ao banheiro que não durou mais do que alguns minutos.

— Este é um bom lugar. – Ele finalmente parou no topo de um barranco, olhando para baixo. Glen moveu ao lado dele, de boca aberta na linha irregular onde a terra acara de cair na frente deles, deixando uma lacuna de cem metros no chão entre eles e o outro lado.

— Merda. Um bom lugar para o que? Morrer? Não há como descer e subir. Seria suicídio. – Ela se inclinou para frente um pouco, olhando para o fundo. Um monte de rochas abaixo. — Parece muito íngreme.

— Sim, é. Vou te abaixar em uma corda, e depois arrastar seu traseiro do outro lado uma vez que eu subir. Você vai me atrasar, porém, fazendo isso, então vamos dormir aqui e enfrentá-lo na parte da manhã. Eu não quero ser pego ali durante a noite. Este é um lugar estratégico para se defender. – Glen apenas sacudiu a cabeça. — Porque você acha isso?

— Os vampiros não podem voar. Eu atiro-os sobre a borda se nós somos atacados. A queda não vai matá-los, mas a queda será uma cadela. Eles vão quebrar ossos e sangrar muito. Vai levar tempo para curar o suficiente para que

venha para nós de novo. O sol vai subir em algum ponto e eles teriam de encontrar um abrigo suficientemente longe para sentir-se seguro que eu vá caçá-los enquanto eles dormem. Isso significa que se cair, não nos atacará duas vezes em uma noite. Eles não vão querer morrer.

— Nós vamos morrer em vez disso se tentarmos subir e descer. Por que nós não vamos a uma nova direção e tentar contornar isso?

— Eu não estou retrocedendo. O território vulcânico está nessa direção. – Apontou para o desfiladeiro.

— Você é Insano.

— Determinado. Aprenda a diferença. Quero chegar a casa.

— Mesmo que nos mate?

— Eu posso escalar. Você me viu fazer isso.

Veso á deixava louca. Ela caminhou até uma grande pedra e sentou-se, tirando a mochila. Ela decidiu mudar o assunto para evitar uma luta. — Eu gostaria de poder tomar um banho quente agora.

— Você pode ter um quando chegarmos à minha casa.

Isso a surpreendeu. Ele soltou o pacote de lona antes de caminhar pela área. Glen inclinou-se para frente, removendo suavemente as camadas de meias. Seus pés doíam e ela logo descobriu por quê. Bolhas tinham se formado, mas pelo menos não havia cortes em sua pele.

— Talvez tenhamos uma hora antes de o sol se pôr. Isso nos dará tempo para comer e passar a noite.

Ela massageou o ponto mais macio na bolha de um pé. — Estou faminta.

— Você terá que comer os alimentos das latas, frios. Uma fogueira está fora de questão.

— Por quê?

— O cheiro de madeira queimada se espalharia por quilômetros e ajudaria os Vampiros a nos localizar.

— Fantástico. Feijão e carne enlatada. Yum. É uma coisa boa que eu tenha tanta fome. Eu nem sequer ligo neste momento. – Ela deixou de apertar o pé e viu Veso enquanto ele se ajoelhou e desembrulhou a lona.

Ele tinha uma grande corda enrolada no interior, uma estranha pá e a caixa de cartuchos. Um saco fechado á fez franzir o cenho. — O que é isso? – Ela apontou.

— Cobertor de emergência. É fino e leve, mas vai ajudar a manter o seu calor corporal.

— E por que você trouxe uma pá?

— Para cavar, e fazer uma boa armadilha. Eu mencionei que precisamos esconder nossas ondas de calor.

Ele não fazia muito sentido para ela. Ele ficou de pé com a pá e caminhou até alguns pedregulhos amontoados juntos. Ele fez algo que estendeu a alça da pá, depois se agachou e começou a cavar.

— O que você está fazendo?

Ele enfrentou a ravina. — As rochas esconderão nossos corpos de qualquer um que estiver se aproximando, na mesma direção que nós viemos, e eu vou cavar um pouco, então estamos escondidos se um vampiro vem para nós do outro lado. Eles podem ver o calor do corpo, então eu vou cavar o suficiente e nos tornar invisíveis para eles.

Ela desabotoou a mochila e removeu uma lata de carne em conserva. — Merda. Eu esqueci-me de trazer um abridor de latas

— Não é um problema. Traga isso aqui.

Ela se levantou e se aproximou dele. — Você vai ter sujeira nos alimentos se você usar a parte afiada da pá, agora que você está cavando com ela.

Deixou cair á pá e torceu o corpo um pouco, abrindo a mão e estendendo-a para ela. Ela passou a lata para ele. Sua boca caiu aberta quando ele deixou crescer as garras com a outra mão e usou a ponta de uma para circular a tampa. Sua boca se abriu mais quando percebeu que realmente funcionava. Ele conseguiu cortar a tampa após algumas passagens. Ele a devolveu.

— Coma.

Ela o aceitou e se afastou. — Obrigada. – Seu olhar fixo em sua mão como as unhas afiadas, encolheu, desaparecendo na ponta dos dedos. — Isso é útil. – Foi à única coisa que veio à mente para dizer.

— Eu não sou como você. Não se esqueça Glenda.

— Mataria você para me chamar de Glen?

Ele pegou a pá, cavando mais uma vez. — Recuso-me a chamá-la pelo nome de um homem.

— Você quer algo para comer?

— Vou procurar algo novo depois de preparar o acampamento. Você come as coisas enlatadas.

Ela se sentou na pedra e usou um pouco de água para molhar os dedos, usando as calças para limpá-los tanto quanto possível. Ela também se esqueceu de trazer talheres. — Você disse que não podia fazer uma fogueira. Como você vai cozinhar o que você pegar?

Ele continuou a cavar.

— Estou falando sozinha? – Ela esperou, mas ele não respondeu. — Não,

acho que não. Eu tenho certeza que estou falando com um cara com uma pá.

Ele rosnou baixo e virou a cabeça, parando com sua tarefa. — Eu vou mudar e caçar algo. Não é a minha coisa favorita a fazer, mas não vai me deixar doente. Seu sistema digestivo pode repelir carne crua,

De um animal. O meu não. Mais perguntas ou posso terminar de preparar-nos um espaço seguro para dormir, antes que o sol se ponha?

Ela engoliu em seco. — Vou me calar agora.

— Bom.

Glen se perguntou se ele permitiria que ela o visse transformar e tentou imaginá-lo como um lobo. Ele seria enorme, com certeza. Todos os filmes que ela já assistiu de Lobisomens passou através de sua mente.

Seja o que for que ele se transformasse, ela teria que manter a calma e fingir que não se assustou.

— Posso pedir mais uma coisa?

Ele rosnou e parou de cavar, olhando para ela. — O que?

— Você vai saber quem eu sou depois de se transformar, certo? Como se você não pensasse que eu pareço o jantar?

Ele balançou a cabeça e voltou a usar a pá. — Eu vou te conhecer. Você não estará em perigo, a menos que você continue falando.

Ela selou seus lábios. Veso tinha que ser a pessoa mais mal-humorada que já conhecera. Ele não tinha compaixão com a sua curiosidade. Ele poderia ter conhecido sobre seres humanos toda a sua vida, mas ela tinha tudo para aprender sobre seu tipo.

Ela comeu a fria e gordurosa carne enlatada e tentou imaginar que estava quente. A fome ajudou-a a sufocar e depois engoliu um pouco de água.

Veso continuava a cavar e ela odiava que a forma do buraco começasse a lembrá-la de uma sepultura. Ele também era muito forte. Ela observou os músculos de seus braços flexionados enquanto ele continuava jogando sujeira nos arbustos. Ele finalmente deve ter pensado que era longo e profundo o suficiente porque ele descartou a pá colocando-a de lado. Ele se levantou, foi até a lona e despejou tudo dentro dela. Ele alinhou o buraco recém-escavado com o material grosso e virou.

— Eu voltarei. Fique longe da beira do barranco e não saia desta área. – Ele olhou ao redor.

— O que você está procurando?

— Só para verificar se ninguém está por perto. – As narinas dele inflaram. — Eu não cheiro nenhum humanos, exceto você, mas isso não significa que o mestre não tem alguns escravos.

— Escravos?

— Funcionários. É um termo melhor para você?

— As pessoas não têm mais pessoas.

— Você é tão ingênua. Vampiros podem ferrar as mentes dos seres humanos e forçá-los a sua vontade. Isso é o que eu quis dizer antes sobre seres humanos sob o controle de Vamps. Depois de exposição suficiente, eles perdem completamente sua autoconsciência, sobrevivendo apenas para servir seu mestre. Eles morreriam e matariam por ele. Os vampiros têm a capacidade de fazer lavagem cerebral no seu tipo e transformá-los em guardas do dia.

— Isso parece horrível.

— Isto é.

— Esse idiota poderia ter feito isso comigo.

— Ele provavelmente teria se você não tivesse lutado com ele até o ponto que você o incomodou.

— Você pode fazer isso comigo? – Ela odiava até perguntar, caso lhe dessas ideias.

— Entrar em sua mente e forçá-lo completamente a minha vontade? Eu poderia, mas eu nunca faria. Destrói um ser humano para sempre se for feito por alguém implacável. Eles ficam danificados e não há como consertar suas mentes Eles geralmente cometem suicídio, se quem controla-los morre. Eles perdem a vontade de viver.

Ela selou seus lábios, horrorizada.

— Vou caçar. Fique parada e afastada da borda. O chão pode ser instável.

— Estou cansada. Eu vou sentar aqui.

— Voltarei antes do anoitecer.

Ela foi tentada a pedir-lhe para mudar de forma na frente dela, mas mudou de ideia. Eles iriam dormir juntos naquele buraco que ele cavou o que significava muito perto. Ela não tinha certeza de vê-lo transformar-se num lobo a aterrorizaria tanto que seria incapaz de deitar ao lado dele.

— Seja cuidadoso.

Ele afastou-se rapidamente, desaparecendo entre as árvores. Ela virou a cabeça, olhando para onde o chão terminou abruptamente. Amanhã de manhã ele queria descer o desfiladeiro para chegar ao outro lado. Veso era um bastardo louco, mas ele tinha salvado sua bunda. Ela não podia esquecer isso. Ele também manteve sua palavra. Não a deixara para trás.

— *Fora do fogo, mas eu ainda estou na frigideira*, – ela murmurou. — *Eu só preciso sobreviver.*

Veso se recusou a ir longe e manteve-se em alerta para qualquer perfume que poderia alertá-lo de um ataque. Os vampiros que o tinham roubado usavam drogas. Significava que seus guardas humanos se tivesse algum, provavelmente tinham acesso a eles também. Ele parou quando se sentiu seguro. Glenda não podia vê-lo, tirou a sua roupa, colocando cuidadosamente no chão para mantê-las limpas. Ele se curvou, mudando rapidamente.

Sacudiu todo o seu corpo assim que a transformação se completou. O tempo tinha livrado ele das drogas em seu sistema, mas sua pele sentia-se sensível.

Ele sentiu o cheiro de um esquilo. Foi fácil rastreá-lo. A criatura moveu-se rapidamente e tentou escalar uma árvore, mas a fome o levou a subir atrás dele, suas garras rasgando o tronco. O pobre não tinha esperado algo como ele ser capaz de segui-lo, e ele provavelmente ficou confuso o suficiente para ser capaz de escapar.

Capturou-o facilmente. Ele morreu rápido, sem dor, e saltou para fora da árvore para comê-lo no chão.

Glenda ficaria horrorizada se pudesse vê-lo. Ele tentou imaginar o que ela diria, e nenhuma coisa seria boa.

Ele cavou e enterrou os restos de sua matança quando ele terminou de comer, esfregou o focinho na grama para limpar o sangue, e voltou para suas roupas. Ele se virou e se vestiu.

O desejo de proteger Glenda levou-o a quase correr de volta para o seu acampamento temporário. Ele recusou-se a permitir que ela fosse recapturada. Ele se irritou até o ponto de querer rugir só de imaginar que o mestre dos Vampiros pudesse ficar com ela de novo. Ela pode não ser sua verdadeira companheira, mas os instintos não pareciam se importar que fosse apenas um truque de ter sido injetado um com o sangue do outro. Os sentimentos eram reais, apesar da lógica.

Ele a encontrou, ainda sentada na rocha, mas ele sabia que ela tinha se levantado, já que ela tinha se movido por alguns metros. Ele também sentiu cheiro de sangue. — O que você fez enquanto eu estava fora?

Ela virou a cabeça, segurando seu olhar. — Eu fiz xixi. Tudo bem? Eu fui atrás daquela árvore. – Ela levantou seu braço e empurrou seu polegar para um. "Logo ali". — Encontrou algo para comer? Você foi rápido.

— Há muita coisa nesta área desde que os seres humanos não estão ao redor para caçá-los. —Ele chegou perto dela e cheirou. — Você está sangrando.

Ela levantou a mão, mostrando um arranhão. — Eu usei uma árvore para apoiar meu peso quando eu agachei e a casca era áspera.

— Deus... Você é tão humana. – *Como ela poderia se machucar fazendo xixi?*

— Qual é o seu problema com odiar o meu tipo?

Ele não mais gostava dela pensando assim, mas não podia negar honestamente sua acusação. — História.

— O que isso significa?

— Os seres humanos sempre tentaram matar o que não entendem e não podem controlar.

— É por isso que ninguém sabe que Lobisomens e Vampiros são reais?

— Sim. Alguns tentariam tornar-se o que somos pensando que iria ganhar-lhes grande poder. Outros tentariam capturados nossos tipos e nos usados para experiências. Vivemos vidas muito mais longas. – Ele chegou mais perto dela. O cheiro de seu sangue o fez semi duro, mas ele tentou ignorar a reação. — Alguns nos temem e apenas quer-nos mortos. Somos monstros para eles.

Ela parecia refletir sobre isso. — Entendi.

Isso o surpreendeu. — Você não quer negá-lo, ou talvez discutir sobre o quão bom nosso sangue poderia fazer pelos seres humanos?

— Eu assisto filmes alienígenas. Eles geralmente são sangrentos e sempre retratam alienígenas sendo assassinos. A maioria dos filmes de lobisomens são um horror também. Isso é provavelmente porque os seres humanos iriam querer matar ou dissecar primeiro, perguntar mais tarde. Vampiros foram frequentemente romantizados, mas depois de conhecer Vampiros, mesmo eu quero matar todos eles.

— A maioria deles é muito ruim. Eles veem os seres humanos como gado, a forma como os humanos veem vacas como fontes de alimentos.

— Eu amo meus hambúrgueres e bife, mas agora estou me sentindo culpado.

Ele percebeu emoção real em seus olhos e se aproximou dela, colocando um pé na rocha.

— Você não a mataria se implorasse por sua vida, não é?

— Não. Claro que não. Eu duvido que eu possa realmente matar uma, mesmo se eu estivesse com fome. Eu compro minha carne embalada no mercado. Nem consigo olhar para o peixe. Alguns deles têm rostos. Isso me deprime.

Ela era tão afetuosa. Ele pensou que era bonito, mas depois se lembrou do animal que ele tinha comido. Ele mudou de assunto no caso de ela perguntar o que ele tinha para o jantar, concentrando-se em sua mão.

A visão de seu sangue o incomodava de mais maneiras do que apenas o pensamento que poderia lhe causar dor.

— Me dê sua mão. – Ele estendeu a sua.

— Por quê? – Ela olhou para ele com uma carranca.

— Eu posso dar um jeito. Você pode pegar uma infecção facilmente aqui

fora. Não vai doer.

— O que você vai fazer?

— Vou lamber a ferida.

— Ewwww.

— Não seja sensível, Glenda. Me dê sua mão.

— Vou passar.

Ele estendeu a mão, enrolou seus dedos em torno de seu pulso, e virou-se para encará-la. Ela não era capaz de impedi-lo de levantar a mão até a sua boca ou chupar a pele. Ele olhou fixamente em seus olhos enquanto limpava o arranhão com a língua. Isso claramente a horrorizou, mas ele não se importou.

— Isso é realmente anti-higiênico.

Ele continuou segurando sua mão e permitiu que suas presas crescessem. Seus olhos se arregalaram e ela empalideceu

— Simples. Eu vou morder minha língua, não você. Meu sangue vai cobrir o seu arranhão e curá-lo.

Ela parecia sem palavras e com medo. Doeu um pouco morder, mas ele não fez muito dano, apenas furou sua língua com uma das presas para causar um sangramento mínimo. Colocou a mão contra a boca de novo, certificando-se de que seu sangue cobrisse o seu arranhão.

Glenda tentou puxar a mão dela algumas vezes, mas ela não era forte o suficiente para liberar seu pulso. Ele esperou um minuto antes de se afastar. Então ele virou a cabeça, cuspindo para ter certeza de que não engoliu nada de seu sangue. — Viu? Eu não mordi você.

— Você tem dentes realmente grandes. – Seu olhar se fixou em sua boca.

— Sou um grande homem.

Ela baixou a atenção para o peito dele, então mudou a cabeça em outra direção para olhar para qualquer coisa menos ele. — Você pode me deixar ir agora?

— Não. Você vai tentar limpar o meu sangue e não está curado ainda.

Ele se concentrou em sua palma, esperando um minuto ou dois, então molhou seu polegar com seu cuspo, friccionou bastante através da área para limpar seu sangue.

— Veja.

Ela virou a cabeça e ele observou seu rosto. Choque era fácil de ler quando ela tinha um vislumbre da sua mão. — Foi-se!

Ele soltou seu pulso. — Eu te disse. Meu sangue cura. Recorda seu dedo cortado? Era um pequeno corte, e foi injetado em você o meu sangue por aquele mestre Vampiro. – Ele fungou. — Eu não cheiro nenhum outro cortes em você. Você tem algum? Estou falando sério sobre infecção. Você é uma espécie propensa a ficar doente.

— Eu estou bem. – Ela avançou sobre a rocha, quase caindo.

— Não tenha medo de mim, Glenda.

Seu olhar segurou o dele. — Seu sangue poderia curar câncer e outras coisas?

Ele encolheu os ombros. — Eu nunca tentei isso. É possível.

— Você realmente pode salvar tantas vidas se você doar sangue para os seres humanos.

Sua raiva se moveu e isso o fez lembrar por que ele não gostava de sua espécie. — E nós nos tornaríamos as vacas. Ou mais como ratos. Caçado, aprisionado e usado para a morte. Eles não se importariam quantos de nós

morresse para salvar os seus. Nós nos tornaríamos extintos. Seu tipo mata inúmeros animais em laboratórios e para quê? Então o seu perfume não lhe dá uma erupção cutânea? Então vocês podem ver se as drogas que vocês fazem vão matar vocês? Vocês se prejudicam e criaturas inocentes pagam as consequências.

Ele se levantou, se afastando.

Capítulo Sete

Glen continuou repetindo suas palavras em sua cabeça. Veso tinha razão. Se alguém descobrisse sobre sua habilidade para curar com seu sangue, ela duvidava que muitas pessoas se importariam se ele estivesse disposto a doar ou não.

Eles iam capturá-lo e simplesmente pegá-lo. Ela o viu esconder a corda e os outros suprimentos. Ele trouxera arbustos ao redor da área, colocando-os fora de vista.

— O que você está fazendo?

Ele não olhou para ela. — O que lhe parece?

Era uma pergunta estúpida, mas ela só queria que ele falasse com ela. — Eu sinto Muito. Eu não queria dizer que sua vida significava menos do que outros. Fiquei surpresa, e essa foi á primeira coisa que veio em minha mente.

Ele a encarou. — Há bilhões de seres humanos neste planeta e tão poucos de nós. Nós mantemos nossos números baixos para esconder nossa existência. Nossa sobrevivência é baseada no segredo para evitar que seu tipo nos destrua.

Ela se levantou e tentou esconder a careta quando seu traseiro e perna protestaram. — Eu disse que sinto muito. Tudo isto é novo para mim. Vou deixar de explodir as coisas antes que eu possa pensar sobre isso.

Veso inclinou a cabeça. — Compreendo.

— Obrigada.

— Não faz com que seja menos irritante.

Ela realmente sorriu. — Provavelmente não. Eu cuidei dos três filhos do meu

primo no verão passado e levei-os para o zoológico. Espantavam-me as coisas que eles perguntavam. Eles estavam na idade entre quatro e sete anos. Meu primo é viúvo e trabalha demais para levá-los a muitos lugares. Eu acho que sou como uma criança para você. Porque é que o macaco sobe na árvore e por que eles colocam os tigres atrás do vidro, então não podemos Pegá-los? Por quê? Por quê? Por quê? Essa foi uma palavra que eu realmente vim a odiar na hora do almoço.

Ele sorriu.

— Estou tão curiosa, – ela admitiu.

— Vou tentar ser mais tolerante com suas perguntas.

— E a merda estúpida que eu soltar?

— Isso também. Se isso te faz sentir melhor, as doenças mais mortais que matam seres humanos são algo que só poderia ser curado se um vampiro os transformasse em um.

Ela abriu a boca, querendo saber por que, mas então não falou. Ele pareceu adivinhar seus pensamentos.

— Uma pequena quantidade de sangue pode curar ferimentos que não são demasiado graves. Câncer muda células, pelo que eu entendo, assim como muitas outras doenças humanas que mata. A genética também desempenha um papel importante na maioria das doenças. – Ele se aproximou.

— Os seres humanos teriam que ser completamente mudado para combater algo assim. Pense em um mundo cheio de vampiros. Eles têm leis para que eles não possam transformar mesmo os seus próprios amigos e famílias. Se todos fizerem, os vampiros caçariam humanos até a extinção, apenas para sobreviver. Seria o fim do seu mundo e, eventualmente, o deles, uma vez que o sangue tinha desaparecido, acabariam por morrer de fome.

Ela entendeu o que ele estava tentando dizer. — Eles matariam todas as pessoas, depois se alimentariam dos animais, até que nada fosse deixado exceto eles mesmos. Seriam difíceis de beber.

Ele assentiu. — Esse é o pior cenário. Pense nos problemas de usar sangue para curar. Alguns iriam querer curar crianças moribundas com sangue de vampiro. Imagine estar preso no corpo de uma criança com quatro anos de idade para sempre. Ouvi histórias de pessoas assim, e todas ficaram maciçamente loucas. Eles tinham que ser caçados e mortos. Eles eram assassinos á sangue frio, sem remorso. Eles amadurecem em suas mentes, mas não na carne, negam as necessidades dos adultos porque estão presos nos corpos de crianças pequenas. Isso os deprava até que permaneça a loucura.

Ela estremeceu, os filmes de terror brilhando em sua cabeça que ela tinha visto envolvendo monstros infantis.

— Você teve que lidar com Vamps enquanto você foi capturada. A maioria perde qualquer sentido de humanidade quando eles estão virados. É da natureza Vampira, assim eles podem alimentar sem remorso, mas eles são inteligentes o suficiente para querer sobreviver. Isso significa seguir regras básicas para esconder o que são do seu tipo. Aqueles que não são considerados roubados e mortos para proteger os outros. Você acredita que seu mundo é duro, agora Imagine como seria se os Vampiros governassem.

— Entendi.

Ele se virou, olhando para o pôr-do-sol. — Precisamos deitar-se logo. Vá para o banheiro novamente se você tiver com vontade. Você não vai se mover depois que está escuro. Sua onda de calor brilhará para as vistas dos Vampiros.

Ela estava contente por ela já ter esvaziado a bexiga. — Eu estou bem.

— Eu já volto. – Ele caminhou para as árvores.

Glen se aproximou do buraco que ele tinha cavado. Foi alinhado bem com a lona para que eles não deitassem sobre a sujeira. Ela engoliu em seco, ainda não preparada para descer. Veso voltou rápido e parou próximo a ela. Ela virou a cabeça e olhou para ele.

— Não se preocupe. Você está cansada e vai dormir. Vou ficar de guarda.

— Acha mesmo que estaremos a salvo?

— Nós não viajamos tanto quanto eu desejava, mas estamos muito longe da estrada. Eles terão que realmente trabalhar para nos encontrar.

Isso não aliviava muito sua preocupação. — Eu vou te ajudar. Tente não rasgar a lona. Nós vamos precisar dela para ficar seco se o tempo muda. É aquela época do ano, quando as tempestades acontecem. Nós não veremos uma até que esteja quase em cima de nós com estas cordilheiras.

— Minhas meias. – Ela virou a cabeça, olhando para a rocha onde ela tinha deixado.

— Eu vou buscá-las. Entre primeiro.

Ele agarrou-a pelos quadris, abaixando-a com facilidade. Ele a soltou assim que ela ficou na lona, depois voltou para a rocha. Ele recolheu os pares de meias que ela tinha removido e trouxe de volta, deixando cair no buraco.

Ela recuou, esperando que ele entrasse com ela, mas ele afastou-se novamente, voltando com o cobertor embalado. Ele pulou no buraco que tinha cavado e abriu o saco. — Eu não vou precisar disso, mas você sim.

Ela aceitou o cobertor, olhando para a lona. — Gostaria que tivéssemos um saco de dormir com estofamento.

— É o melhor que podemos ter por agora.

Seria uma cama dura e desconfortável. Ela se deitou de lado, empurrando

suas costas contra a parede coberta de lona que ele tinha cavado. — Isso não vai cair sobre nós, vai?

— Eu vou escavar-nos se isso acontecer. Não entre em pânico gritando. O som se propaga.

— Você deveria me confortar dizendo isso, não?

Ele riu enquanto se estendia ao lado dela. Foi um ajuste apertado e ele torceu para o seu lado para enfrentar ela. Isso ajudou, colocando alguns centímetros de espaço entre eles. — Vou me lembrar disso.

Ele a surpreendeu quando ele a ajudou a desdobrar a manta e a cobriu com ela. Ela não estava fria ainda, mas o sol estava caindo.

— Nós estaremos presos se os vampiros aparecem de repente acima deste furo. Você sabe disso, certo?

— Eu tenho boa audição e senso de cheiro. Eles não vão ver nossas ondas de calor, a menos que eles estejam bem em cima de nós. Eu saberei que eles estão lá antes que eles nos encontrem.

— Então o que?

— Fique aqui e não se mova. Eu vou lutar e jogá-los fora da borda da ravina.

— Isso não é um plano.

Ele encolheu os ombros. — Eu teria lhe dado a arma, mas você disse que nunca tinha disparado uma antes. Você provavelmente acabaria atirando em você mesma ou em mim.

— Ha-ha. Muito engraçado.

Ele arqueou as sobrancelhas. — Eu não estava brincando.

— Uau, tudo bem.

— Eu vou treinar você como usar uma depois que estivermos seguros.

— Como é que você não está usando? Você deixou isso lá em cima.

— Como eu disse, o som se propaga. Só chamaria a atenção de mais deles. Já que eu serei o único a lutar, o silêncio é melhor.

Ela não sabia como responder a isso. Sua oferta de ensiná-la a atirar implicava que a veria novamente quando encontrarem ajuda. Glen duvidava muito.

Veso ergueu o braço e usou seu bíceps como travesseiro. — Descansar. Tem sido um dia longo e eu sei que você está cansada. Você foi bem. Fiquei impressionado.

— Obrigada.

Ela fechou os olhos e tentou se sentir confortável. Não foi possível. A lona era uma pobre proteção contra a sujeira implacável sob o seu corpo. Ela imitou o que Veso tinha feito e usou seu braço para um travesseiro. Isso ajudou um pouco.

O tempo passou e ela abriu os olhos. Era muito mais claro. O rosto de Veso estava perto do dela e ele estava com os olhos fechados. Ele realmente era um homem bonito. Ela tinha que admitir isso. Ele respirava devagar e firmemente, parecendo ter caído já adormecido. *Faz sentido. Homens*. Ela virou a cabeça um pouco, olhando para o céu. O azul escuro escureceu até as estrelas saíram. Elas eram bonitas, mas também significava que os vampiros estavam em algum lugar lá fora, procurando por ela e Veso. Ela estremeceu, mas não teve nada a ver com o frio.

— Calma, – Veso murmurou suavemente.

Ela olhou para seu rosto, mas não conseguiu distinguir seus traços agora que a noite tinha caído completamente. Isto a fez assustar-se quando uma de suas

mãos se enrolou em torno de sua cintura e ele lhe deu um suave aperto.

— Não vou deixar que nada te machuque. Durma, Glenda. O amanhã virá logo e nós temos que viajar uma boa distância.

Ela fechou os olhos e gostou do peso de sua mão sobre ela. Isso a fez se sentir menos sozinha. Veso tinha os livrado do Vlad antes que ela percebesse o que estava acontecendo e ele lidou com os creepers com tamanha facilidade. O grande cara era um badass, e ele tinha prometido mantê-la segura.

Glen se perguntou quanto tempo levaria para chegarem onde ele queria que fossem. A ideia de passar outro longo dia caminhando não lhe agradou. Eles poderiam ser recapturados.

Veso soube o momento em que Glenda dormiu. Ele ajustou o cobertor sobre ela um pouco mais apertado e respirou através de seu nariz, seus sentidos em alerta. Ele não cheirou nada de alarmante ainda, mas os Vamps tinha que estar caçando eles. Ele simplesmente não estava certo quantos deles haveria e se eles perderiam tempo procurando as habitações humanas primeiro.

O mestre Vamp provavelmente iria supor que Veso tinha deixado Glenda fora na primeira oportunidade e ela ia para algo familiar, aderindo às estradas. Não levaria muito tempo na verdade. Não havia muitos edifícios na vizinhança.

O arrependimento o inundou. Ele deveria ter se transformado e colocado Glenda a montar suas costas para colocá-los mais longe da área possível. Em vez disso, ele pensou em seu conforto, tanto físico como emocionalmente. Odiaria que ela o visse de outra forma e ficasse absolutamente aterrorizado. Ouviu dela comentários embaraçosos que podem irritar às vezes, mas seria pior se ela se tornasse muda, por ficar com medo.

Suas chances de voltar ao seu território sem outro confronto com o ninho seriam muito melhor se ele deixasse Glenda para trás. Ele olhou para seus traços de sono e aquele forte desejo de proteger ela permaneceu. Ela ficaria impotente

e rapidamente seria recapturada. Ele não permitiria que isso acontecesse.

Ele debateu se deveria deixar Glenda pelo menos por um tempo e procurar os Vampiros. Por mais que tivessem, eles teriam que se espalhar para procurar os dois se quisessem ser eficazes. Deixaria os Vamps em desvantagem, e ele poderia atacá-los em números, e reduzi-los. Os caçadores se tornariam caçados.

Glenda fez um ruído suave em seu sono e ele imediatamente descartou a ideia. E se ela tivesse um pesadelo e gritasse? Os humanos costumavam fazer isso. O som se propagaria e levaria os Vampiros direito a ela. Ela estaria sozinha.

Ele apertou seu aperto em sua cintura e puxou-a mais perto, até que ela foi pressionada ao longo da frente do corpo dele.

Ele inalou seu cheiro e seu pau respondeu endurecendo. A luxúria rolou através dele e ele parou de respirar pelo nariz. Ter relações sexuais com o sol para baixo e enquanto eles estavam vulneráveis seria estúpido. Estúpido é uma coisa que Veso não era. Ele seria condenado se um monte de sanguessugas o pegasse com suas drogas, porque ele estava ocupado e distraído. Veso moveu seu braço, deslizando sua mão de sua cintura, acima de suas costas, para brincar com o fio de cabelo encaracolado de Glenda. Seu corpo tinha sido enganado em acreditar que ela era sua companheira. As emoções sensíveis surgiram através dele, teve que ser um resultado da troca de sangue forçado sobre eles. Eles podem desaparecer, ele esperavam que o fizessem, porque ele não tinha ideia do que faria se não o fizessem.

Seu clã nunca a aceitaria. Decker poderia ter saído com seus executores mais confiáveis, mas não significava que as coisas haviam mudado. Em algum momento Decker retornaria, e ele tinha deixado bastante de seus anciãos dedicados e membros do clã para assegurar que alguém tentaria matar qualquer ser humano. Eles só toleraram Kira porque ela era, pelo menos em parte VampLycan, e seu pai tinha alguns tipo de influência contra Decker.

O desejo de passar a boca sobre os lábios de Glenda o fez puxar para trás, pressionando sua coluna contra o lado do buraco que ele tinha cavado. Seria um erro seduzi-la. Ela alegou que eles iriam ser como um tren desgovernado. Ele não tinha apreciado a comparação, mas ele tinha entendido por que ela disse isso. Eles eram de dois mundos e espécies diferentes. Ele não se encaixaria em sua vida e ninguém iria aceitá-la na dele.

Pensou em seu pai e se encolheu, imaginando sua reação se apresentasse Glenda como sua companheira. Memórias de sua infância ainda o encheram de amargura. Ele não tinha entendido por que seus pais haviam discutido tanto e vivido separados. Era suposto que os companheiros estivessem próximos e se amassem.

Seu décimo aniversário matou seus sonhos juvenis de ser parte de uma família feliz. Isso é quando sua mãe lhe dissera a verdade.

Não. Ele precisava resistir a Glenda e evitar cometer o mesmo erro que seu pai tinha. Ela nunca iria deliberadamente prendê-lo, mas o resultado seria o mesmo se ela ficasse grávida. Ele rosnou, ainda enfurecido por suas memórias.

Glenda assustou-se. Ele viu seus olhos abertos e o medo enrugou seus traços.

— Está tudo bem. Desculpe, – ele sussurrou.

— Vampiros? – Ela sussurrou a palavra.

— Não. Eu estava pensando em algo desagradável.

— O que está errado?

— Nada. – Sentiu-se mal por mentir para ela. Os companheiros deveriam sempre ser honestos um com o outro.

Surpreendeu-o quando abriu a mão em seu peito e o acariciou sob a camisa que ele usava. — Pesadelo?

Ele hesitou, escutando. O bosque tinha se estabelecido e ele podia ouvir pequenos animais se movendo. Eles não estariam se eles pegassem o perfume de um Vampiro. Seus instintos lhes diriam que estavam em perigo.

— Veso? Todos os têm. Eu tenho o tempo todo.

— Eu estava pensando sobre meus pais, – ele admitiu.

— Você sente falta deles?

— É apenas meu pai agora em minha vida. Minha mãe morreu.

— Eu sinto muito. – Ela acariciou-o um pouco mais firmemente.

— Eu não. – Sua mão parou.

Ele podia imaginar seus maus pensamentos sobre ele por dizer isso. Ele não gostava que ela pensasse o pior dele. — Ela perdeu seu verdadeiro companheiro quando ele era muito jovem, antes de amadurecerem. O nome dele era Parma e ele foi criado no clã que eu nasci. – Ele engoliu inseguro do por que ele estava compartilhando a sua história com ela, mas ele queria que ela entendesse.

— Minha mãe perseguiu meu pai no outro clã. Ele disse que ela era linda. Ela era muito carinhosa com ele e ele ficou lisonjeado. – As palavras ficaram mais fáceis de dizer. — Ela o seduziu. – Sua raiva provavelmente soou em sua voz, mas ele manteve seu tom suave. — Meu tipo não concebe a menos que estejam acoplados, mas minha mãe era principalmente Lycan. Você não entenderia isto, sendo humana, mas Lycan pode controlar seus ciclos de ovulação. Minha mãe fez isso, e enganou meu pai para engravidar.

— Por quê?

— Decker, ele era seu líder, e pediu a todas as mulheres do clã que criassem filhos fortes. Mais combatentes garantem a sobrevivência de um clã. Ela realmente não queria um companheiro, desde que ela tinha perdido o seu verdadeiro, e nenhum dos homens de seu clã confiava nela com sua semente. –

A amargura soou em sua voz mas não o escondeu. — Eles devem ter sabido como ela era fria e calculista. Eles tinham visto ela crescer. Ela escondeu seu cheiro de meu pai, acendendo velas perfumadas e estava nua em sua banheira quando ele saiu da casa. Ela se deixou entrar em sua casa. Ele não sabia que ela estava ovulando.

Ele fechou os olhos, incapaz de resistir a ver pena no rosto de Glenda, se essa era a reação dela.

Ela conseguiu o que ela queria de meu pai e acabou grávida. Eu nasci para ganhar o favor dela com seu amado líder.

— Meu pai soube de minha existência porque ela se cansou de cuidar de um bebê que ela realmente nunca quis. Ela enviou-lhe uma mensagem de que precisava de ajuda para me educar. Ele implorou que ela o acasalasse.

Ele tem honra. Ela recusou. Ele também não tinha permissão para me levar de volta ao seu clã, já que eu pertencia ao dela. Jurava minha vida a Decker. Meu pai desistiu de seu status com seu clã para viver comigo e cuidar de mim em tempo integral. Decker permitiu que ele ficasse, mas ele nunca recebeu nenhum status no clã até após morte de minha mãe. Mesmo assim, o líder do clã nunca confiou inteiramente em meu pai.

Ela ficou em silêncio por um tempo. Imaginou que estava horrorizada.

— Ele deve te amar muito.

Suas palavras sussurradas o acalmaram um pouco e ele abriu os olhos. Glenda olhou para seu peito cegamente, provavelmente incapaz de ver nada. — Sim. Ele desistiu de tudo para me educar. Vivíamos em uma cabana atrás de sua casa em primeiro lugar, até que ele construiu uma cabana. Ele temia que eu congelasse até a morte no inverno sem uma lareira para nos manter aquecidos. Ele também tinha que me deixar sozinho às vezes para caçar comida. Ela não queria eu em sua casa e meu pai não confiava em qualquer um do clã comigo.

— Por que sua mãe não o queria em sua casa?

— Ela não queria nenhuma responsabilidade por me criar.

— Que puta fria.

A raiva de Glenda o surpreendeu, mas ele concordou. — Ela não tinha coração. Uma vez que ela tinha nascido, ela provou sua lealdade a Decker. Ela pediu que ele fizesse dela uma assassina para ajudar a matar seus inimigos.

Decker enviou-a depois que quem quer que ele achava que se tornara uma ameaça ou alguém que o tivesse irritado. Eu tinha doze anos quando ela não voltou. O assassino acabou sendo morto em vez disso.

Os dedos de Glenda apertaram sua camisa. — Sinto muito, Veso. Isso é tão terrível.

— Ela me disse quando eu tinha dez anos que eu a incomodava com minha necessidade de tocar e passar tempo com ela. Ela explicou por que eu tinha nascido e o futuro que ela tinha pra mim. Executores nunca choram, eles não tem nenhuma fraqueza, e eu a desapontei com meu amor. Eu nasci para me tornar um assassino para Decker. Ela disse que meu afeto a desgostava. Foi á primeira lição dura de muitas antes dela morrer.

Glenda esfregou o rosto contra a camisa. — Eu sinto muito. Não admira que você seja tão duro. Deus. O que seu pai disse?

— Ele me disse para ignorá-la. Claro que não podia. Ele disse que amar alguém não era um erro, mas poderia ser muito doloroso quando eles não correspondem á mesma emoção. Ele saberia. Eu acho que ele tentou amar minha mãe no início. Os anos mudaram isso embora. Então ele começou a me advertir contra permitir que alguém chegasse perto, porque poderia causar dor profunda e me abrir até a traição.

— Seu pai é amoroso?

— Ele é leal a mim. Ele me apoiou quando eu me recusei a me tornar um executor. Em vez disso aceitei o dever de guarda.

— Qual é a diferença?

— É complicado, mas se resume que Decker não poderia me enviar para matar seus inimigos. Eu meio que me vinguei da minha mãe ao recusar-me a aceitar a posição no clã que ela planejou dando-me a luz.

— Bem, eu acho que isso é bom.

— Você tem um forte vínculo com seus pais? – Ele não sabia nada sobre ela, a não ser que ela era um parente ansestral do mestre vampiro, vive em um apartamento em Oregon, e tinha uma vizinhança irritante e crianças que quebraram sua janela uma vez.

— Eles se divorciaram quando eu tinha quatro anos. Meu pai biológico não queria pagar pensão alimentícia, então ele afastou-se Nós ouvimos que ele se casou com outra pessoa e começou uma nova família. Ele tentou entrar em contato comigo quando eu era adolescente, mas eu não queria alguém na minha vida que tinha me abandonado do jeito que ele fez. Não, obrigado. Minha mãe se casou com meu padrasto dois anos depois do divórcio. Ele não era exatamente um excelente pai, mas ele era legal. Eles tiveram meu irmão quando eu tinha quatorze anos. Eu queria que fossemos mais próximos um do outro, mas isso não aconteceu. Eu cuidava muito dele quando ele era pequeno, mas depois me mudei para fora quando eu completei dezoito e agora não falo muito com eles.

— Tenho a impressão de que as crianças humanas tendem a viver em casa até se casarem. Você tem um marido? – O pensamento perturbou-o tanto que ele realmente sentiu raiva. Ele não gostou da ideia de algum humano reivindicando o que era dele.

— Não. Eu nunca fui casada. Eu me formei na escola e consegui um

emprego. Eu me sentia como um fardo vivendo na casa deles, principalmente. Eles tinham esta unidade familiar apertada e eu não era realmente uma parte dela. Meu irmão chamava meu padrasto papai e eu tinha que chamá-lo de Mike. Foi apenas estranho. A irmã de um amigo me ajudou a arrumar um emprego, na equipe de limpeza. Esse emprego pagou o suficiente para eu alugar um apartamento barato, e eu fiz aulas noturnas. Eu trabalhei duro por um longo tempo e depois fui transferida para uma posição melhor em Oregon. Eu falo com meus pais por telefone em feriado, mas só isso. Eu não estive em casa para uma visita em quatro anos.

— Existe um homem em sua vida? – Ele não tinha certeza do que faria se ela dissesse que sim. Não havia cheiro de outro sob ela, e ela não usava anéis, mas ele não sabia quanto tempo os vampiros a tinham levado. O tempo teria apagado o cheiro de um ser humano e eles poderiam ter roubado suas joias.

— Não. Eu trabalho muito. Estou indo para uma posição de gestão que está abrindo. Quase significa que eu empurro a minha bunda para chegar lá mais cedo do que todos os outros e eu fico até tarde. É por isso que eu estava comendo tarde da noite, quando fui sequestrada. Eu literalmente apenas entrei fechei a porta, chutei meus sapatos, e abri o saco de comida rápido quando aquela janela quebrou.

O vento apanhou, sussurrando as árvores. — Devemos descansar. A manhã virá em breve e precisamos viajar a uma longa distância.

— Se você não nos matar por atravessar aquele desfiladeiro, – ela murmurou contra seu peito. — Eu ainda acho que nós devemos contorná-lo.

— Isso desperdiçaria um dia inteiro. Eu não vou deixar você cair, – prometeu ele. Ele a levaria para cima e para baixo da ravina. Estava entre ele e o território VampLican. O verdadeiro problema seria o que fazer quando ele cheguasse em casa. O clã ficaria chateado se ele voltasse com um humano. Eles esperariam que ele a limpe das memórias e enviá-la de volta ao seu próprio povo. Ele não

tinha intenção de permitir que os Vampiros recapturassem ela. Isso significava mantê-la com ele.

Glenda assentiu contra ele. — Você está quente.

Deus, ela cheirava tão fodidamente bem. Tentou pensar em outra coisa. Concentrar-se em sua mãe ajudou.

Ele nunca terminaria na mesma situação que seu pai. Ele duvidava que Glenda pudesse entregar um bebê para ele e voltar para seu mundo se ela acidentalmente ficasse grávida. E nenhuma maneira poderia ela levar seu filho ou filha dentro dela sem ele lá para proteger os dois. Ele teria que deixar tudo o que sabia para seu filho.

Era melhor se ele não arriscava uma gravidez. Isso significava controlar seus impulsos.

— Durma, – ele ordenou. Ele apenas desejou poder pedir a ela para se afastar de seu corpo, mas o buraco que ele tinha cavado não era grande. Ele estava mais preocupado com a profundidade para esconder suas ondas de calor do que a largura para obter mais espaço entre ele e Glenda.

Capítulo Oito

— É hora de irmos.

Glen se ergueu ao som de uma voz grave e rouca. Ela abriu os olhos e olhou para Veso. Ele estava acima dela na borda do buraco em que haviam dormido. A manhã tinha chegado e eles sobreviveram à noite sem serem encontrados.

— Vá para o banheiro. – Ele se inclinou para frente, oferecendo a mão. — Não há tempo a perder, Glenda. Eu caminhei na primeira luz e encontrei evidências de que os soldados estavam a uma milha de nós.

Ela pegou sua mão e ele a puxou para cima, ajudando-a a sair do buraco. Dor se espalhou por toda parte de seu corpo, músculos doloridos tornando-se conhecidos. — Que tipo de evidência?

— Corpos mortos.

Sua resposta a deixou enjoada. — Mataram mais pessoas?

— Animais. Eles foram selvagens mordendo e drenando o sangue, com múltiplas marcas de mordida. Eu acho que eram de quatro ou cinco soldados. Eles chegaram muito perto para o nosso conforto. Estamos colocando mais distância entre nós e eles o mais possível.

Ela estremeceu, sentindo simpatia pelas pobres criaturas que haviam morrido. Também a fez pensar no que poderia ter acontecido se aquelas coisas nojentas os encontrassem na noite. Ela virou a cabeça e olhou para o outro lado do desfiladeiro. Ela se aterrorizou pensando em como Veso a levaria para o outro lado, mas tinha coisas piores, como ser recapturada por aqueles loucos.

— Vá para o banheiro e comer. Estou arrumando o nosso acampamento.

Não demorou muito para aliviar sua bexiga atrás de uma árvore e Veso abriu

uma lata de feijão para ela. Eles estavam frios, mas ela conseguiu comer a metade. Pensamentos de comida real insultaram-na, mas pelo menos ela não morreria de fome. Seus escassos suprimentos eram melhores do que nada. Veso tinha empacotado tudo rapidamente e caminhou até a beira do barranco, estudando-o em ângulos diferentes.

Sua conversa sobre seus pais havia mudado a forma como ela via Veso. Deve ter sido difícil crescer sem uma mãe que o amava. Isso explicava muita coisa. Mexeu com ela, ele ter dito que ele era o resultado de uma mulher com fome de poder que manipulou seu pai para ter um bebê que ela planejava usar.

Veso tinha sido uma ferramenta para negociar, para conseguir o que ela queria. Isso é o que basicamente o deixou para baixo. Cadela de sangue frio, ela tinha rejeitado seu amor, e soou como se ele fosse fraco por ter emoções.

Ele também explicou por que ele provavelmente viu as mulheres como o inimigo. O fato de Glen ser humano faria dez vezes pior em sua mente, já que ele tinha feito sua aversão para elas. Não que ela culpou-o por isso também, depois das poucas discussões que tiveram sobre o assunto. Ele estaria em uma das mais desejadas lista de todos os cientistas e doentes do mundo, algo para caçar e capturar para qualquer propósito que eles tinham em mente. Nada disso seria bom para o seu futuro.

Veso se virou, franzindo o cenho enquanto ela se aproximava a seu lado para olhar o desfiladeiro embaixo.

Ela avaliou a situação. Era um longo caminho até o fundo, provavelmente a algumas centenas de metros.

— Eu não acho que temos corda suficiente.

— Eu sei. Eu pensei que eu te abaixaria tanto quanto possível, você se agarrar a algo, então eu desço para você. De lá, eu vou abaixar mais até chegar ao fundo. Faremos o mesmo com você até o outro lado. Eu vou subir até a corda terminar,

então levá-la até que você tenha algo para segurar, E subir mais alto até chegar ao topo.

— Fantástico. – Ela sabia que o sarcasmo soou claro em sua voz.

— Parece super perigoso. Woohoo.

— Você está com dor. Eu vejo o jeito que você está se movendo. Você mentiu sobre ter cortes? – Ele fungou. — Eu não sinto cheiro de sangue.

— Estou fora de forma. Isso é tudo. Não há nada que você possa fazer sobre os músculos doloridos ou os pés machucados. Vou sobreviver. Só não espere que eu faça maratonas.

— Você pode fazer isso, Glenda? – Ele estendeu a mão e segurou seu queixo, fazendo-a olhar nos olhos dele.

— Diga-me a verdade. Posso amarrá-la às minhas costas, se necessário. Teremos de deixar a maior parte dos suprimentos para trás, mas temos de ir além deste barranco.

O olhar solene em seu rosto lhe disse que ele queria dizer cada palavra. — Eu posso fazer isso. Eu não quero acabar de volta naquela cela novamente.

Ele a soltou. — Coloque suas meias, camadas múltiplas, e vamos embora.

— Você não comeu.

— Eu fiz um lanche antes de eu acordá-la.

Ela não perguntou com medo de sua resposta. Ele não tinha tocado em nenhuma das latas. Significava que ele tinha caçado sua comida. Em vez disso, ela fez como ele tinha ordenado e colocara dois pares de meias, cobrindo seus pés. Veso recolheu a lona, a pá, a espingarda e o cobertor. Surpreendeu-a quando apenas os lançou do outro lado.

— Eu não posso acreditar que você fez isso!

Ele a encarou. — O que?

— Você provavelmente quebrou a espingarda e a pá.

— Eu os joguei em um arbusto grande. Isso amorteceu a queda. Se não, a lona e cobertor o fez. Vamos precisar me dê à mochila.

Fazia pouco sentido para ela. — Você não está jogando isso também.

— Não. Eu a levarei em minhas costas. A carne pode estragar e não podemos acender um fogo. Não vou arriscar as latas esmagando-se.

Ela passou por cima da mochila e viu como ele a enfiava. Então ele se agachou ao lado dela, usando o fim da corda para embrulhar em torno de sua cintura. Ela levantou os braços para fora do caminho enquanto amarrava um nó.

— Segure firme e quando eu estiver perto do final da corda, eu vou rosnar. Encontre um bom lugar para se agarrar enquanto eu desço até você.

Ela compreendeu o essencial do seu plano. — Eu ainda acho que devemos tentar dar a volta e encontrar outra maneira de chagar lá.

Ele suspirou seu olhar fixo com o dela.

— Desculpa. Eu senti a necessidade de pelo menos dizer isso mais uma vez. Mas eu estou começando a conhecer você, e você é teimoso. Você decidiu. Só espero que não me mate.

Ele virou rápido. — Não vou permitir que nada aconteça com você.

A sinceridade em seu tom a surpreendeu. — Obrigada.

— Vai ficar tudo bem.

— Só não me deixe cair. – Esse era um medo real.

Ele sorriu. — Eu poderia levantar um carro pequeno. Você não pesa nada. – Ela o estudou.

— Não sou humano, Glenda.

— Certo. – Ela engoliu em seco. — OK. Como você quer fazer isso?

— Apenas vá sobre a borda. – Agarrou a corda alguns pés dela, o resto dela em uma pilha ao lado dele. — Eu tenho você.

– *Puta merda. Estou fazendo isso*. Ela se virou, segurou a corda com uma das mãos e foi até a borda. Foi um longo caminho para baixo, mas Veso tinha um ponto. Ele não era humano. Ele jogou os Vampiros tão forte que tinham atravessado tabuleiros e escalado pelo menos seis pés antes de chegar sobre a borda na mina que eles escaparam e Isso tomou muita força bruta. Ela era menor do que aqueles creepers tinha sido. *Eu posso fazer isso.*

Glen sentou-se na borda, seus pés balançando, e agarrou a corda com ambas as mãos. — Esta pronta? Vou deslizar. — Por favor, não me deixe cair. Prometo não tentar incomodá-lo mais uma vez.

Voltou para encontrar Veso segurando a corda com as duas mãos, as pernas afastadas, o olhar fixo nela. — Estamos perdendo tempo que não temos. Temos muitas milhas para cobrir.

— Foda-se. – Ela fechou os olhos e foi, a bunda deixando o chão, e então ela deixou deslizar. A corda escavou dolorosamente em seu corpo, a textura dela dura contra suas palmas, mas ela balançou no ar em vez de cair. Ele baixou-a lentamente, andando de um pé de cada vez. Ela manteve seus olhos apertados firmemente fechados por alguns minutos até que ela se sentiu mais corajosa. Então ela olhou para baixo.

— Eu gostaria de não ter feito isso.

— Você está bem, – disse Veso de cima. — Você não é pesada te asseguro.

Ela esperava que ele não estivesse mentindo para fazê-la se sentir melhor. Ele a abaixou cerca de um quarto do caminho quando ouviu seu grunhido. Era

hora de encontrar um lugar para se agarrar, para que ele pudesse descer até ela. Ela estendeu a mão, agarrou uma moita de arbustos, encontrou um pouco de rocha para segurar seus pés e puxou seu corpo contra o lado. A sujeira solta cedeu sob ela, mas ela conseguiu segurar.

Seu coração batia forte. E se ela caísse? E se os arbustos que ela estava agarrando soltar-se da parede de terra?

Ela não gostava de escalar. As pessoas estavam loucas para fazer este tipo de atividade para se divertir.

— Ok, – ela gritou. — Estou bem, mas tenha pressa.

— Não olhe para cima, – alertou ele de cima.

Ela se perguntou por que ele dissera isso até que alguma sujeira caiu sobre ela. — Merda.

Veso sentia um grande orgulho. Glenda tinha sido muito corajosa para um ser humano. Ela não tinha gritado ou perdido sua compostura. Pegou-a sobre o lado, e sorriu. Levara mais tempo do que o esperado para descer e subir, mas eles tinham conseguido. Ele a ajudou a ficar de pé, tirando a sujeira dela.

— Preciso de um banho da pior maneira.

Ela parecia sexy com cabelos bagunçados. — Nós dois precisamos, mas vamos nos preocupar com isso mais tarde. É possível que vamos alcançar primeiro o rio que devemos atravessar esta tarde. – Ele desamarrou a corda de sua cintura.

Ela o surpreendeu segurando a camisa com o punho e dando um passo à frente, olhando para ele.

— Diga-me que é uma piada. Você está tentando ser engraçado, mas falhando nesse momento, certo? Imagino que o humor é um novo conceito para apenas não estragar tudo.

— O que foi que eu disse?

— Rios para atravessar?

— Deveria haver pelo menos três deles entre nós e o território VampLican.

— Haverá barcos? Balsas? Pontes? Isso seria bom. Mesmo que sejam horríveis as cordas que balançam.

— Nós temos que nadar para atravessar.

Ela empalideceu.

— O que?

— Não sei nadar.

Isso o atordoou. — Você disse que morava na Califórnia.

— Eu disse, mas éramos pobres. Minha mãe não podia pagar por lições. Nós não tivemos uma piscina ou acesso a uma. Fomos à praia às vezes com amigos, mas tinha medo de tubarões. Eles comem pessoas e rasgam membros fora. Eu deitei na praia, mas nunca fui para a água mais alta do que os meus joelhos.

Ele teve a pior sorte, e o mestre de Vampiro não poderia ter escolhido uma companheira mais inapropriada para ele. Ela era sua, embora, pelo menos, enquanto seus instintos lhe dissessem isso. Ele estendeu a mão e agarrou seus quadris, inclinando-se para olhar fixamente em seus olhos. — Nós não temos tempo para discutir. Vou levá-la através do rio nem que seja pra você montar minhas costas.

Ela mordeu o lábio.

— Eu posso fazer isso. Eu poderia nadar com você segurando em mim. — Vamos, Glenda. Temos um monte de distância para viajar antes do anoitecer. Eu quero estar além de pelo menos um rio para que possamos ficar limpos.

— Está bem.

Ela o impressionou por não discutir e ele se viu sorrindo. — Bom. – Ele a soltou e começou a empacotar a corda na lona que tinha conseguido levantar do lado do barranco. Seus músculos estavam um pouco doloridos depois de tudo isso de subir e levantar, mas ele ignorou a dor. As prioridades exigiam que ele os mantivesse movendo e compensar o tempo perdido.

Ele manteve a mochila. Glenda olhou para ele quando ele levantou a lona envolta e empurrou a cabeça na direção em que queria ir. Ele falou antes que pudesse.

— Estamos atrasados. Preciso que você se mova mais rápido hoje. Isso significa tornar as coisas mais fáceis para você.

— Mas isso não é justo. Eu deveria tomar metade do fardo.

— Apenas diga obrigado e siga-me.

— Eu tenho que fazer xixi primeiro.

Ele suspirou. — Se apresse.

Ele virou as costas, de frente para a ravina que eles haviam cruzado quando Glenda se afastou. Ele digitalizou o outro lado, apenas por ter algo para fazer. Movimento chamou sua atenção e ele estreitou os olhos, concentrando. Lá na distância, entre algumas árvores, ele avistou amarelo. A forma parecia uma pessoa e a cor poderia ser uma camisa.

Ele se virou, sem se preocupar com sua modéstia naquele momento. Era mais importante sair do local. Ficou feliz ao ver que ela havia desaparecido entre as árvores. Ele seguiu rápido, esquivando-se atrás de uma também.

— Glenda?

— Merda! Eu estou bem aqui. Não venha mais perto. Estou agachada.

— Eu vi um ser humano. Tem que ser um trabalhando para o mestre. Se apresse.

Ele virou a cabeça, espiando ao redor do tronco. Ele não viu movimento novamente, mas tinha certeza de que tinha sido um ser humano. Era possível que fosse um inocente, mas improvável. Os soldados teriam encontrado e matado todos os seres humanos que não eram Glenda. Os corpos desses animais mostraram uma selvageria que falava de fúria. Nenhum Vamp gostava de sangue animal e sim humano. Eles tinham levado a raiva e a fome para fora sobre os pobres animais, fazendo-os sofrer.

Glenda se endireitou a poucos metros de distância e ele se virou, observando-a. Suas bochechas estavam um pouco vermelhas.

— Eu acho que você me ouviu fazer xixi.

— Eu não estava ouvindo, e eu nem quero saber por que executar uma função normal do corpo envergonha você. Eu iria mijar na sua frente se eu tivesse que ir. Ele sacudiu a cabeça. Vamos para as árvores grandes até que estejamos mais distantes, para que o ser humano não nos veja.

— E se for um bom rapaz? Talvez a polícia esteja me procurando.

Ele decidiu ser franco. — É demasiado remoto para que eles possam chegar a esta área facilmente a partir do momento em que o sol se pôs. Isso significa que eles já estavam lá fora durante a noite, e se os soldados não os rasgaram para tomar seu sangue, eles fazem parte de sua equipe de rastreamento.

— Oh.

— Vamos, Glenda. Agora!

Ela girou, fazendo o que lhe tinham dito. Ele a seguiu, mantendo-se em alerta. Ele estava feliz quando ala caminhou a um ritmo mais rápido sem o peso da mochila. Seu equilíbrio era muito melhor também, e ele não precisava

estender a mão para impedi-la de cair enquanto subia sobre pedras. Ela até mesmo aderiu ás árvores bem grandes, como ele havia pedido.

Ela poderia ter potencial como uma companheira depois de tudo.

Esse pensamento o fez morder um rosnado. Sua mente continuava indo para lá e isso o irritava. A transferência de sangue tinha que ser uma coisa temporária, mas ele esperava que os efeitos tivessem passado após 24 horas. Tinha sido mais longo e ele ainda se sentia atraído por ela, pensando nela de uma maneira que ele não devia.

Eles estavam fazendo um bom tempo. Ele se aproximou dela, seu olhar constantemente se movendo, procurando uma ameaça. O maldito Vampiro tinha guardas de dia. Isso o irritou. Significava que eles estavam sendo caçados, 24 horas por dia e não havia segurança apenas porque o sol tinha se levantado. Ele também apostou que eles tinham armas de dardo. O mestre era obviamente louco, mas ele saberia que os seres humanos não representavam nenhuma ameaça a um vampiro a menos que pudessem drogá-lo.

Eles desceram uma encosta e em outra área devastada pelas águas da inundação passada. Ele não gostou de estar no aberto, mas eles não poderiam ignorar a área. Agarrou os braços de Glenda antes de chegar á árvores e puxou-a para um lado. Ele removeu água e entregou a ela.

— Trave sua respiração primeiro. Temos que correr o mais rápido possível.

Ela olhou para a destruição onde a água havia derrubado árvores, deixou profundas cicatrizes na terra e arrastou pedras para que elas estivessem parcialmente cobertas. — Vamos quebrar o pescoço.

— Um guarda de dia, significa que provavelmente há mais.

Ela bebeu, entregou a garrafa de volta, e surpreendeu-o quando ela começou a procurar no chão. Ela localizou uma vara quebrada, em seguida, outro,

segurou-os.

— O que você está fazendo?

Ela o encarou. — Eu posso não ser a Miss Outdoor campeã da sobrevivência, mas eu vi filmes. Estes são boas armas. Eu quero ver qualquer idiota tentar me levar de volta àquela mina. Eu vou os apunhalar na garganta se eles vêm em mim. Eu não vou correr e quebrar minha perna tentando passar esses obstáculos.

— Não é tão ruim.

— É um terreno irregular, áspero, coberto de rochas e árvores e detritos. Eu poderia cair e me esfaquear em um deles. – Ela apertou a mão, brandindo o bastão. — Eu estou colocando meu pé para baixo sobre este direito agora. Eu estou caminhando cuidadosamente através dessa área até que nós começamos a uma terra mais elevada e as árvores eretas. Então Vou correr de novo assim que ultrapassarmos a clareira. Entendeu?

— Glenda, você não está sendo razoável.

— Eu sou humana. Você pode ser capaz de correr aqui sem lesões corporais, mas não eu. Estamos comprometidos sobre isso. Lide com isso, Veso.

Ele rosnou.

— Entendido. Você não está feliz. Que tal você correr e eu vou seguir em um ritmo mais lento para onde você desaparece nas árvores? Dessa forma você pode me ver e gritar se alguém vir?

Essa ideia não foi ruim. Ela provavelmente iria cair e se machucar se ele a fizesse correr. Deste jeito ela só teria que arriscar se ele visse o perigo. Ele a estudou. Ela parecia cansada. Andar ajudaria

Ela prendeu a respiração. — Seja cuidadoso.

— Você também.

Ele hesitou, olhou para onde eles tinham vindo, mas achou que ninguém estava atrás deles.

— Mova-se o mais rápido que puder e você corre para mim se eu gritar com você. Combinado?

— Como se minha bunda estivesse pegando fogo.

Ele supôs que isso significava que ela concordou. Ele decolou, não permitindo que seus instintos e bom senso para ficar ao seu lado. Seu plano era sólido, se não ideal. Ele esquivou das árvores caídas, pulou sobre algumas das maiores rochas, e fez para o outro lado. Ele entrou nas árvores, colocou a lona para baixo,

E encolheu os ombros da mochila. Ele subiu uma árvore, usando suas garras para rasgar a casca. Ele ficou alto o suficiente para ter um bom ponto de vista.

Glenda tinha começado a atravessar a clareira. Ele verificou seu progresso, rangeu seus dentes em seu extremo cuidado então voltou sua atenção para outro lugar, procurando qualquer movimento que não fosse ela. Ele avistou alguns animais selvagens, mas nada de humano. Ele continuou escaneando, silenciosamente pedindo que ela se movesse mais rápido.

Ele foi capaz de vislumbrar o rio quando ele subiu mais alto para obter uma melhor vista. Branco chamou sua atenção e ele torceu, agarrou outro ramo, e mudou-se para dar uma olhada melhor. Um rosnado baixo escapou de sua garganta. Dois humanos estavam lá fora, mas muito longe ainda. Eles tinham grandes mochilas, como caminhantes usavam.

Ele olhou para Glenda. Eles não seriam capazes de vê-la a menos que deixassem as árvores rodeou uma curva onde a pista de inundação tinha fluido.

Ele perdeu de vista por alguns minutos por causa da densidade dos bosques, mas então ele pegou outro vislumbre. Eles estavam se dirigindo para o rio. Ele

voltou para o ramo original que ele ficou de pé e calculou o quão rápido eles teriam de se mover para evitar aqueles humanos. Eles poderiam fazê-lo, mas Glenda precisaria correr.

Veso desceu depois de sentir-se seguro aqueles dois era a única ameaça. Ele acenou para Glenda, usando seu dedo sobre os lábios para mantê-la quieta quando saiu o suficiente para ela vê-lo. Ela olhou para cima, sua boca se abriu, mas ela não disse nada. O medo apareceu em seu rosto. Ele assentiu, soltou a mão de seu rosto, levantou dois dedos e apontou na direção de onde estavam os homens.

Ela apanhou o passo e ele apressou-se para baixo do aterro, arrastou-a em seus braços, e a levou de volta para a linha da árvore, para que ela chegasse lá mais rápida.

— Tem certeza de que eles são maus?

Ele gentilmente a colocou em pé e colocou a mochila. — Eu te disse. É uma área remota. Eles teriam que ter sido comido se não estivessem trabalhando com os Vampiros.

— Isso não é exatamente o que você disse, mas o ponto foi feito.

— Temos que correr para chegar à frente deles no rio. Tente ficar quieta e eu vou levar.

Ela estendeu a mão de repente e segurou seu braço. — Você não está mentindo para mim, não é?

— Porque eu faria isso?

— Porque eu posso me recusar a entrar no rio, mas agora estou com medo, então eu vou fazer o que você diz quando chegarmos lá, apesar de estar preocupado se vou afogar.

— Não vou mentir para você, Glenda. Há dois seres humanos e precisamos

evitá-los.

— OK. Vamos.

Capítulo Nove

Glen tinha o que ela sentia que seria uma cãimbra permanente em seu lado esquerdo e seus pés doeram pelo tempo que demorou chegarem ao rio. Veso se virou, olhando para ela. Isso a aborreceu que ele não estava ofegante demais ou coberto de suor. Se alguma vez ela tivesse duvidado que ele não era humano, agora não mais. Ele a manteve em um ritmo extenuante entre a clareira e o grande rio.

— Eu vou levá-la em primeiro lugar, em seguida, retornar para nossos suprimentos.

Ela se curvou, agarrou os joelhos e fechou os olhos. — Eu preciso recuperar o fôlego. Você leva os suprimentos primeiro e volte para mim.

Ele rosnou. — Eu prefiro correr o risco de perder nossos suprimentos do que você. Eu levo você primeiro.

Ela levantou a cabeça, olhando para ele. — Me dê dois minutos. Eu aposto que você poderia nadar através do rio e retornar rapidamente. Você é um fenômeno da natureza.

Ele franziu o cenho.

— Você quer que eu vomite? – Ela caiu, sentando-se com força, e nem se importou se era grosseiro. Ela afastou as coxas e se inclinou para frente, apoiando as mãos lá. — Me dê pelo menos dois minutos. Eu deveria ter uns pontos de bônus por manter-se e não cair no chão. Isso tinha que ser duas milhas, eu apenas o fiz correndo.

— Droga. Não se mova.

Ele se virou, apenas entrando na água. Observou-o enquanto a água alcançou seus ombros. Ele tinha a mochila, a lona presa sob um braço. Ele nadou como se ele tivesse nascido para fazê-lo, tornando-se fácil como ele usou seu braço livre e as pernas para manobrar através da água. Ela viu coisas flutuando por ele, mas ele nadou quase uma linha reta, parecendo indiferente com a corrente.

— Fenômeno da natureza, eu disse, – ela murmurou.

Parte da dor em seu lado desapareceu e ela diminuiu a respiração quando Veso saiu do rio do outro lado, escondendo suas coisas, e depois mergulhou de volta na água. Ele foi para baixo, e ela ficou tensa quando ele não veio de volta. Sua cabeça surgiu finalmente, quase no meio do rio enquanto respirava, e então desapareceu novamente.

— Pulmões de ferro também. Não é justo.

Madeira rachou, como se um galho tivesse quebrado, e ela se virou.

A visão de um homem a cerca de oito pés dela fez Glen agarrar uma pedra enquanto ela lutava para ficar em pé. Ele tinha uns vinte e dois anos, usava uma mochila grande e parecia um garoto universitário limpo. Ele tinha acabado de sair do bosque e seus olhos castanho-claros se arregalaram como se ela também o tivesse surpreendido. Ela se moveu, retrocedendo para o lado e esperando extrair sua atenção longe do rio.

— Glenda?

Ela odiava quando Veso estava certo. Entretanto, o homem poderia ser parte de uma equipe da busca da polícia. Isto era possível que alguém tivesse relatado seu desaparecimento. Ela engoliu em seco, lembrando que deveria ser dois deles. Ela olhou ansiosamente em volta procurando o outro.

O garoto estendeu a mão e empurrou sua mochila, tomando tempo para remover algo de um bolso. Ele estendeu uma barra de chocolate. — Aqui. Aposto que você está com fome. Você quer água? Eu tenho. Venha aqui.

Ela franziu o cenho. — Mesmo? Doces? Minha mãe me ensinou melhor do que isso quando eu tinha quatro anos. – Ela agarrou a pedra mais apertada em seu punho. — Quem é Você?

Ele olhou para a pedra e seus traços se transformaram em raiva. — Você tenta me bater com isso e é ai que vai ficar feio. O rei Charles quer que você viva, mas ele não disse que eu não tinha permissão para me defender.

Essa foi uma pergunta respondida. Ela tinha outra. — Por que trabalhar para um Vampiro? Você é estúpido? Não vê que eles vão te matar.

Ele balançou sua cabeça. — Eu nunca vou morrer. Por isso. O rei Charles prometeu me transformar.

— Você é um idiota. Você já viu essas coisas? Saia dessa, se pensa que é qualquer tipo de futuro.

Ela olhou para trás, desejando saber onde ou o que fazer e se perguntando onde Veso estava. Ela não ousou olhar para a água no caso do garoto seguiu seu olhar. Ela olhou para ele. — Por que você não pega aquela barra de chocolate e engasgue com ela? Isso é uma maneira muito melhor para morrer do que ser fantoche de algum idiota insano.

Ele pulou e ela jogou a pedra, cravando-o no peito. Deve ter doído porque ele deixou cair o doce e agarrou seu peito enquanto ele tropeçava para trás.

Em vez de correr, ela foi para frente, empurrando o cotovelo para fora e batendo nele com tanta força quanto ela poderia. Ele grunhiu enquanto caíam. Ela pousou nele e usou sua outra mão para agarrar o seu rosto. Ele gritou quando suas unhas rasparam suas pálpebras fechadas.

Ela se sentou, empurrando seu cotovelo nele com força suficiente para machucar a si mesma, mas ela ignorou a dor para pegar outra pedra. Ela conseguiu agarrar uma e começou a bater nele, usando suas coxas para segurar ele no lugar, quando ele tentou afastá-la. Ela bateu com força na cabeça dele. Ele tentou se proteger.

Então ela parou de usar as unhas em seus olhos e foi para sua garganta em vez disso, ainda martelando-o com a pedra.

Alguém agarrou seu pulso e ela foi arrancada de cima do homem sob ela.

Ela tentou lançar a cabeça para frente, tentando ver a pessoa, mas em vez disso ela bateu em um peito molhado e sólido.

Ela olhou para Veso, que apenas se contorceu, deixando-a de pé. Ele se moveu rápido e ela observou, com a boca caindo aberta, enquanto usava seu pé para pisar na garganta do garoto abatido.

— Quantos de vocês estão aqui? Responda ou esmago sua garganta.

O sujeito moveu as mãos, revelando as marcas sangrentas que ela colocara sobre ele e alguns cortes em sua testa e bochecha causados pela pedra.

— Foda-se! – Ele respondeu a Veso.

Veso olhou para ela. — Feche os olhos agora.

Ela o fez.

O som repulsivo e estridente a fez embrulhar o estômago ameaçando a vomitar. Veso não estava blefando. Ela não precisava olhar para saber que o som horrível tinha vindo dos ossos do pescoço sendo esmagado.

Algo estalou, um ligeiro ruído, e ela ofegou quando Veso a atacou, derrubando-a. Ele torceu no último segundo, assim que bateu na terra rochosa

em vez dela. Glen levantou a cabeça, olhando para um dardo metálico que pousou à beira do rio.

Veso deve ter visto também. Ele rosnou. — Segure a respiração e não me solte. Mal o compreendia desde que as palavras saíram tão bruscas. Ela engoliu ar embora e então eles estavam rolando. Àgua gelada quase a fez ofegar quando eles deixaram o dique e bateu na água.

Ela apertou os olhos fechando a tempo e sentiu a corrente agarrá-los.

A preensão que Veso tinha sobre ela apertou ao ponto que sentiu que poderia quebrar suas costelas. Ela colocou seus braços em torno de seu pescoço e enganchou as pernas em torno de sua cintura para não se perder dele. Ele soltou suas costelas e seu corpo ficou tenso, seus músculos se flexionaram.

Eles estavam debaixo dea água e ele estava nadando. Não demorou muito para seus pulmões gritarem por ar.

O pânico bateu e ela cravou as unhas em sua pele, tentando dizer que estava prestes a se afogar. Ele deve ter compreendido porque em segundos suas cabeças quebraram a superfície e ela ofegou no ar. Ele também, e então o frio gelado os cercou novamente quando ele os levou de volta para baixo.

Algo pegou sua camisa e tentou separá-la dele. Aquilo a aterrorizou. E se eles ficassem separados. Ela realmente não sabia nadar. O que quer que seja que a tenha puxado a soltou, e ela apenas continuou agarrada ao corpo grande e firme de Veso. A correnteza não estava empurrando-os mais como tinha sido quando eles entraram pela primeira vez na água.

Glen tinha certeza de que ia morrer. Ela enterrou o rosto contra o peito de Veso e tentou manter a calma. Afogar não era uma boa maneira de ir. Ela sentiu o ar novamente e ofegou, logo antes de ir de volta para baixo. Lembrava-lhe vídeos de baleias que uma vez vira, tiradas de um navio. Veso tomava ar por um segundo, então voltava para baixo.

Quanto tempo demoraria, para chegar ao outro lado do rio? Ele tinha cruzado tão rápido da primeira vez, mas sentiu-se como se passasse horas quando ele a levou para pegar o ar cerca de cinco vezes mais. Talvez tê-la anexado a ele o retardou. Seja qual for o caso, quando ele finalmente a pegou e entrelaçou seu braço ao redor de seus quadris inferiores, caminhando mais alto em seu corpo, ela percebeu que eles ficaram na superfície, e Glen esfregou seu peito para limpar o cabelo de seus olhos. Ela os abriu.

— Nós estamos fora do rio. – ele ofegou. — Nós perdemos nossos suprimentos. Não posso arriscar voltar para eles.

Ele a enlaçou ao redor de sua caixa torácica, levando-a para fora da água enquanto cambaleava na direção das árvores. Ela usou uma de suas mãos para empurrar mais de seu cabelo do rosto.

— Eu posso andar.

Ele a ignorou, dirigindo-se mais para dentro das árvores até que o rio ficasse bem longe. Ela não reclamou, em vez disso apenas segurou nele. Ele parou após cerca de cinco minutos e agachou-se um pouco.

— Você pode me deixar ir.

Ela deslizou por seu corpo e parou com as pernas trêmulas. O rio estava frio e ela instantaneamente perdeu o calor de seu corpo. Sua roupa molhada parecia muito pesada e desconfortável.

Veso apontou. — Entra na caverna.

Ela viu a pequena fenda nas rochas. — E se houver coisas como cobras ou algo assim?

Veso segurou seu braço e grunhiu baixinho, seus olhos brilhando amarelo dourado. — Se esconda. Tenho que verificar a área. Fique quieta e não faça barulho até eu voltar.

Eles ainda estavam em perigo. Ela baixou e lembrou-se de ser agradecida por estarem fora da água e ela não tinha morrido enquanto ela rastejou para frente. Foi um ajuste apertado, mas ela sabia por que ele tinha escolhido a caverna. Nenhuma luz solar atingia além de alguns pés para dentro. Ela não veria o que quer que fosse nem se atacasse, ou se algo já estava escondido lá.

Veso pigarreou enquanto tirava as roupas. Sua camisa estava rasgada e inútil. Ele a jogou na fenda que Glenda tinha entrado e arrancou os shorts, jogando-os fora da vista também. Ele se transformou não se importando se ela fosse capaz de vê-lo. Ele não ouviu seu ofego assim que ele achou que ela não tinha encontrado espaço para poder olhar. Ele usou suas patas para empurrar folhas mortas e folhagens para cobrir suas trilhas da árvore até a linha do rio.

Ele viu o outro humano rapidamente, correndo ao longo do outro lado do rio, procurando eles. Ele baixou até o ventre, mantendo-se na sombra. O bastardo tinha um rifle na mão, do tipo que atira dardos. A mochila tinha desaparecido, mas ele sabia que era o outro caminhante.

Foi tentador ir para seus suprimentos, mas ele não estava disposto dar uma chance do ser humano atirar nele com um dardo. Ele esperou até que o homem desaparecesse ao redor de uma curva e se apoiasse, subisse a quatro patas e foi caçar para ver se havia mais deles a seu lado do rio. Não demorou muito para descobrir que estavam sozinhos, até agora, pelo menos dentro de uma milha. Ele voltou para Glenda e mudou de pele, agachou-se e empurrou sua roupa molhada para frente e segui-la para dentro.

O interior estava muito apertado, e ele raspou a pele ao longo da rocha. Não era tão profundo. Talvez sete pés. Seus olhos se ajustaram e ele a encontrou ao longo das costas, onde ela encostou na rocha. Ela tinha se enrolado em uma bola, seus braços envoltos em torno de suas pernas, cabeça para baixo.

— Estou aqui, – ele sussurrou.

Ela levantou a cabeça e bateu-a, suavemente amaldiçoando. — Tem alguém aí fora?

Ele estendeu a mão e colocou a mão na parte de trás da cabeça dela para protegê-la contra golpes mais acidentais. Ela olhou para ele de olhos arregalados, cega. Era evidente para ele que não podia ver uma maldita coisa.

— Estamos bem por enquanto.

— Estou congelando.

Ele podia imaginar. — Este não é um local seguro. Tire suas roupas e esprema-as enquanto eu estiver fora. Eu preciso encontrar-nos um lugar mais seguro para a noite, longe do rio. Eles sabem que você vai me atrasar.

— Foda-se isso, – ela murmurou.

Sua raiva o surpreendeu. Ele pensou que ele estava indo para outro argumento, mas eles não poderiam ficar onde eles estavam. Eles seriam encontrados.

— Me dê um minuto até que meus dentes parem de bater e então eu vou correr. Eles estão tentando usar sedativos em nós, não estão?

— Só em mim. Você não representa um perigo suficiente para eles.

— Diga isso ao garoto da universidade. Eu levei sua bunda para baixo.

Ele realmente sorriu. Ficara impressionado quando saíra da água e viu-a escarranchada no macho, batendo nele. Também o enfureceu. Ela tinha sido atacada. — Você fez bem.

— Eu posso ser pequena, mas fui criado na cidade. Fiz algumas aulas de autodefesa. Assaltantes e estupradores atacam as mulheres o tempo todo. Babacas esperam que as mulheres corram ou apenas congele no lugar. Eles não esperam que você os ataquem em primeiro lugar.

— Estou orgulhoso de você. – Ele esfregou suavemente os cabelos dela, seus dedos se entrelaçaram um pouco nos cabelos molhados. — Fique aqui por alguns minutos enquanto me visto.

Ela ficou tensa, depois assentiu. — Eu quero saber por que você não está vestido?

— Eu me movo mais rápido em quatro pernas do que em duas e me mantém mais baixo para o chão, mais difícil de detectar.

— Eu vou ter que ver isso algum dia.

Lembrou-lhe uma ideia anterior. — Já cavalgou em cavalos, Glenda?

— Não. Por quê? Você viu alguns e acha que podemos pegá-los? Eu provavelmente poderia tentar embora se você puder montar na minha frente. Parece que não tive problema com isso lá no rio. Você não me perdeu na água. Eu era como sua segunda pele.

— Você estaria me segurando também. Como eu disse ... eu me movo mais rápido em quatro pernas.

Sua boca se separou, mas então ela fechou. Um segundo passou. — Oh. Você quer que eu lhe monte como um cavalo? Isso é meio louco. Isso é uma brincadeira?

— Não. – Ela ficou quieta.

— Você está nos atrasando. Eu não tenho que me preocupar mais com os suprimentos. Eu posso te carregar nas minhas costas.

Ela fechou os olhos.

— Glenda?

Abriu-os e assentiu. — OK. Só me diga uma coisa.

— O que?

— Você vai saber quem sou eu, certo? Você não vai me assassinar ou algo assim, vai?

— Pare de se preocupar com isso. Eu ainda sou eu na pele ou pelos. Eu não vou ter uma voz decifrável, embora. Minhas cordas vocais mudam completamente quando eu mudo. Você vai precisar subir nas minhas costas, envolver seus braços ao redor de minha garganta, e use seus joelhos para segurar meus lados. Apenas não enrole seus pés em torno de meu lado de baixo.

— Por quê? Isso tornará mais difícil para você correr?

— Eu não quero ser chutado nas bolas.

— Isso é... um... justo. OK.

— Não tenha medo de mim, e não grite quando você me olhar. Apenas fique de costas. Você pode manter meus shorts com você? Vou precisar de algo para vestir mais tarde. – Ele tateou ao redor, encontrou-os, e torceu a maior parte da água. Ele os pressionou em sua mão. Ela tomou-os e assentiu, empurrando-os entre sua camisa e suas próprias calças perto de seu quadril. — Eu tenho isto.

— Sem hesitação, Glenda. Nossas vidas dependem disso. Fique quieta e tome minha liderança. Vou usar minha cabeça para indicar se algo está errado ou dar um rosnado baixo. Compreendeu?

— Sim.

— Vamos.

— Agora?

— Eles estão procurando por nós. Eles provavelmente têm rádios. Eu iria ter. Precisamos sair daqui antes de nos acharem.

— Bem. Vamos fazer isso.

Ele soltou a cabeça dela e se afastou um pouco, apertando os dentes enquanto mais rocha raspava sua pele. Ele mudou de posição, odiando que ela ouvisse, mas isso o ajudou a sair do lugar apertado transformando o corpo dele. Ele terminou lá fora, cheirou o ar enquanto olhou ao redor, e não viu nenhuma ameaça. Ele ouviu sua vinda e espiou o buraco. Ela manteve a cabeça baixa, o queixo perto do peito enquanto ela se arrastou para fora, provavelmente para evitar que a rocha fosse escavar em suas costas. Sua cabeça levantou e o terror puro apareceu ao encontrar seu olhar. Ele se virou um pouco e baixou, observando-a.

Ela apenas hesitou por um momento, então estendeu a mão, sua mão tremendo quando ela tocou seu lado.

— Merda!

Ele usou sua cabeça para dar um puxão em direção a suas costas. Ele não tinha tempo para ela agir tão humana. Eles necessitavam se mover. Ela ficou de joelhos e agarrou suas costas, levantou-se, e jogou sua perna sobre ele. Bem lentamente.

— Porra, – ela sussurrou. — Eu vou precisar de terapia.

Ele grunhiu um aviso e ela ficou quieta, inclinou-se para frente e envolveu seus braços ao redor do pescoço dele. Ela trancou os dedos e enterrou o rosto em seu pelo. — Você é tão quente.

Ele se movia lentamente, caso ela se jogasse pra fora dele quando ele se levantou a quatro patas e começou a andar.

Ela ficou sobre ele e apertou suas coxas exatamente do jeito que ele tinha dito a ela também. Ele fez uma pausa, balançou um pouco os quadris para colocá-la em uma posição mais confortável, e depois cheirou o ar, tendo em seus arredores.

Decidiu manter-se nas partes mais grossas das árvores e aumentar seu ritmo. Glenda fez alguns gemidos baixos, mas ela não protestou.

Ele ficou impressionado com ela mais uma vez. Tanto para ela vê-lo transformado e provando que eles nunca poderiam ser companheiros. Ela segurou nele apertado, como se fosse algo bom, como se ela não estivesse abraçando um VampLycan.

Ele se concentrou em outras coisas para tirar sua mente da sensação dela enquanto corria, examinando cuidadosamente qualquer movimento. Eles tiveram que abandonar seus suprimentos. Significava que alimentá-la se tornaria mais difícil. Seu estômago não toleraria carne crua. Eventualmente a enfraqueceria. Claro, havia uma maneira de obter mais suprimentos. Aqueles guardas de dia estavam carregando pacotes. Eles precisavam de alimento humano para sobreviver.

Os guardas humanos provavelmente dormiam à noite enquanto os vampiros e soldados caçavam. Ele poderia esgueirar-se e roubar deles, se ele poderia evitar os caçadores de noite. Significaria também deixar Glenda desprotegido por um tempo.

Ele continuaria se movendo até perto da escuridão, encontrando-lhes um local seguro e pensando sobre suas opções então.

Agora, ele precisava tirá-los de onde estavam.

Capítulo Dez

Glen estava montando o maior cão que ela já tinha visto. Embora seja justo, o Veso não se parecia com um simples cão e sim lobo ou pastor alemão. Qualquer canino teria olhado para ele em forma de besta, e urinar-se, para salvar suas vidas. Ela o faria. Tinha sido tentador voltar para aquela caverna quando ela tinha começado a olhar para ele com seus olhos negros assustadores, o longo focinho, quatro patas, patas maciças com garras afiadas, e uma cauda.

Mas ele a manteve muito quente. Veso radiava um monte de calor corporal, e sua pele macia amorteceu seu corpo quando ele correu. Ele provavelmente poderia se mover muito mais rápido, mas ele não estava. Ele poderia estar preocupando-se por ela cair, ou talvez ele se sentisse tão exausto quanto ela. Era tentador cochilar, mas cada vez que ela quase dormia, ele saltava sobre algo, fazendo com que ela se agarrasse nele mais apertada ainda.

Eles estavam cobrindo um monte de terreno embora. Ele tinha razão sobre isso, e seus pés não estavam matando-a. Equitação acabou por ser muito mais fácil do que correr para acompanhá-lo. Ela desejou que ela não estivesse usando roupas molhadas. Sua pele doía em lugares que ela preferia não pensar em esfregar entre seu corpo grande e o dela. Ela tentou se concentrar em outras coisas, como imaginar tomar um banho quente ou tendo uma refeição cozida. Uma vez que alcançarem a segurança, aquelas coisas era uma possibilidade.

Ele finalmente parou e ela levantou a cabeça, procurando a causa. Ele abaixou seu corpo, virou-se sua cabeça, e bateu com seu focinho. Ela olhou para seus dentes afiados, engoliu em seco, e olhou em seus olhos pretos puros. As íris e as pupilas brilhavam. Ele olhou para o chão e ela afrouxou seu aperto, escalando para fora.

Ela começou a se endireitar, mas ele segurou seu pulso com os dentes. Ela congelou, esperando dor. Ele a soltou rapidamente e encurvou-se. Ela pegou a dica e sentou.

Ele rosnou baixinho, atirou-lhe algum tipo de olhar que ela não podia ler, e então partiu, deixando-a.

Ela ficou imóvel e em silêncio. Ele poderia ter sentido que eles estavam em perigo ou ele estava procurando um lugar para eles passarem a noite. Ela estudou o céu, percebendo que logo estaria escuro.

Ele voltou cerca de dez minutos depois. Ele se aproximou dela, seu foco em seu corpo.

— O que?

Ele se agachou, encarando-a, e começou a mudar. Assombrou-a e aterrorizou-a ao mesmo tempo em que a pelagem diminuiu para tornar-se suave, pele de cor dourada. Ele se manteve baixo quando ele terminou embora, escondendo seu colo. — Shorts.

— Oh. – Ela os puxou para fora de sua cintura e os segurou, virando a cabeça para dar a ele alguma privacidade para se vestir.

Tomou-os e logo falou. — Eu estou decente.

Ela olhou para ele enquanto ele se sentava no chão a poucos metros de distância. Foi bom poder falar com ele novamente. — Estamos bem aqui?

— Por agora.

— Preciso fazer xixi. Eu estava com muito medo de me mexer enquanto você estava fora, então eu fiquei imóvel.

Ele levantou uma mão, apontando para alguns arbustos. — Lá. Não vá longe nem demore. – Ela se levantou e se apressou. Ele não mudou de posição quando voltou. Ela sentou-se com mil perguntas enchendo sua mente.

— Quão perto estamos de sua casa agora?

— Nós temos um bom caminho pra correr ainda. Decidi que era hora de descansarmos. Procurei e encontrei um lugar para passarmos a noite.

— Nós não vamos continuar nos movendo?

— Nós estamos nos acomodando para a noite. Os seres humanos são muito mais fáceis de evitar do que os soldados e Vampiros.

— Por quê?

— Os seres humanos não veem ondas de calor, nem têm super audição ou visão.

— Obrigado por responder. Eu tenho muito a aprender.

Ele inclinou a cabeça, dando-lhe um olhar estranho.

— Porque quando eu for para casa. Eu não quero ser capturada novamente.

— Você não teria chance de evitar isso sem mim.

Ele provavelmente estava certo, e isso a assustou. — É por isso que estou fazendo perguntas. Para aprender.

— Eu encontrei uma cabana com um ser humano vivendo nela, muito perto de aqui. Eu tenho certeza que ele está trabalhando para os Vampiros. Eu o vi vindo do bosque com suprimentos nas costas e agarrando uma arma de dardo, como se estivesse procurando por nós o dia todo. Acho que o melhor lugar para nos esconder é em plena vista, onde eles não vão pensar que iríamos. Eu vou pegar aquele humano e vamos dormir dentro da sua cabana esta noite.

Sua boca caiu aberta, mas ela fechou rápido. — Você é maluco?

Ele hesitou. — Ele terá comida e roupas, Glenda. Desde que este mestre criou soldados, ele gostaria de manter os humanos separados deles. Eu iria.

— Eu não entendo, – ela admitiu. — Por quê?

— Os soldados são instáveis e não podem ser confiáveis em torno de quaisquer fontes de sangue enquanto não são supervisionados por um Vampiro. Isso significa que se este mestre é razoavelmente inteligente, ele está ordenando que os humanos fiquem protegidos à noite quando os soldados estão nos caçando, para manter os guardas do dia vivos. Caso contrário, os soldados podem atacar e drená-los.

O mestre teria ordenado que evitassem as casas de seres humanos que trabalhavam para ele. Os seres humanos precisam ser mantidos separados dos soldados ou todas as apostas estão desligadas. Entendeu?

Fazia sentido quando ele dizia assim. Aqueles creepers que ela tinha visto provavelmente iria atacar qualquer um, se for dada a chance. Ela assentiu com a cabeça.

— A parte difícil será agarrar este humano antes que ele possa obter qualquer tipo de alerta para alguém. Estão com celulares. Deve haver uma torre próxima.

— Ele pode ter que verificar de hora em hora.

Veso sacudiu a cabeça. — Isso não é uma preocupação, desde que eu não tenha que matá-lo.

— Não é como se ele fosse nos ajudar se ele estiver trabalhando para o mestre.

— Ele não tem escolha. Já que um Vampiro foi capaz de assumir a sua mente. Posso entrar na sua cabeça com a mesma facilidade.

Isso a incomodava. — Controle mental?

Veso assentiu com a cabeça.

Isso a fez pensar em todos os argumentos que tinham. — Obrigado por não fazer isso comigo.

— Os VampLycans têm honra, Glenda. Eu não faria isso com você, a menos que eu sentisse que não tinha escolha. Caso de vida ou Morte, – ele esclareceu.

— Gosto disso.

Ele engoliu em seco, olhando para ela. — Você também recebeu meu sangue. Provavelmente deve estar fora do seu sistema, mas é possível que lhe tenha dado imunidade temporária. Não faça grande coisa com isso.

Ele se levantou.

— Vou precisar de sua ajuda para atrair o humano de sua cabana. Pode ser perigoso, mas eu estarei com você, apenas fora de vista. Sabemos que o mestre te quer viva e ilesa. Isso é algo que podemos usar em nosso favor.

— Eu sou isca, não sou?

Ele sorriu. — Sim.

— Fantástico. – Ela ficou de pé. — Antes de fazer isso, sinto que preciso dizer algo.

— Não temos tempo a perder. Eu posso ouvir seu estômago revirar e você está tremendo. – Veso levantou seu queixo. — Precisamos estar na cabana antes que o sol se ponha e as sanguessugas comecem a caçar.

Ela encontrou seu olhar.

— E se você estiver errado e essa pessoa é apenas um cara que mora na floresta?

— Então, esta noite, os vampiros entrarão na cabana procurando comida. É melhor do que nós ficarmos em aberto. Vamos ter o elemento surpresa também, porque VampLycans evitam humanos. Eles não esperam que façamos isso, e acreditariam que estão apenas atacando um ser humano. Eu não prejudicaria um inocente, Glenda.

Ela não podia culpar nada que ele tinha dito, e ela estava morrendo de fome. A ideia de possivelmente dormir em uma cama, em vez de sujeira, a fez querer concordar com o plano de Veso. — Vamos fazer isso. E espero que a cabana tenha água quente. Eu mataria por um banho. O que você quer que eu faça?

Veso levantou-se. — Eu vou levá-la para a cabana, então eu quero que você permaneça escondida, e conta lentamente até cem, e então corra para a porta. Bata nela e grita por ajuda, diga-lhe que você está sendo perseguida por um urso com fome. Ele deve abrir a porta imediatamente para você. Salte rápido quando ele faz e fique fora do meu caminho.

— Você está esperando que ele não vá lhe ver, – ela adivinhou.

— Ele não vai. Apenas saia do caminho uma vez que a porta se abre. Caia para o lado fingindo desmaiar. Compreendeu?

Ela assentiu com a cabeça. — Sim.

— Vamos.

A ansiedade de Glen se elevou enquanto seguia Veso pelo bosque e eles pararam em uma clareira. Uma pequena cabana tinha sido construída lá, ao lado de um córrego. Todas as coisas que poderiam dar errado passou na cabeça dela.

Veso colocou a mão em seu ombro, pisou atrás dela, e abaixou a cabeça. — Lembrar-se de conta lentamente até cem. Em seguida, correr como se sua vida dependesse de ficar dentro dessa cabana. Finja que sou algum urso enlouquecido com patas maiores do que a sua cabeça em sua bunda. Certo?

— Se essa é a sua versão de um discurso motivacional, você é um cara assustador.

Ele riu e se afastou. Ela o observou rodear a clareira, indo em direção à cabana. Ela contou silenciosamente em sua cabeça. Sua frequência cardíaca aumentou, com medo do que ela enfrentaria quando ela corresse através dessa clareira. O mestre a queria viva embora, então suas chances eram boas de não ser ferida por quem vivia dentro da cabana. Seu pior medo era que poderia haver uma surpresa esperando por eles. Veso só tinha visto uma pessoa, mas isso não significava que mais não estivessem se escondendo lá dentro.

Glen contou até cem, puxou uma longa respiração, e correu para frente.

— Ajuda! – Seus pés doíam um pouco enquanto ela corria, mas ela os ignorou, imaginando Vlad quente em seu traseiro. — Socorro! Ele vai me matar. – Ela chegou à cabana, escalou os cincos degraus e bateu na porta com a mão, ofegante. — Tem alguém aí dentro? Um urso vai me matar! Socorro!

Um parafuso escorregou do outro lado e ela recuou, rapidamente olhou ao redor do alpendre estreito, então de volta à porta quando ela se abriu. O homem que a abriu de repente estava em seus trinta e poucos anos, barbeado, e tinha cabelos escuros. Seus olhos castanhos mostraram sua surpresa.

Glen desmoronou ao seu lado, fingindo desmaiar, mas usando os braços para proteger a cabeça e as costelas quando ela caiu.

Movimento do topo da cabana chamou sua atenção e ela assistiu em espanto quando Veso caiu do telhado e quase caiu sobre o homem que saiu para a varanda. A mão de Veso segurou em torno de sua garganta e bateu-o duramente de encontro a porta.

Glen sentou-se e observou como Veso se aproximava quase nariz com o estranho.

— Não se mova, – exigiu Veso.

O homem que ele agarrou mantinha-se imóvel.

— Quais são suas ordens?

— Encontrar a mulher, não a machuque e atire no homem com os dardos que me deram, – o estranho declarado. — E chame imediatamente a ajuda.

— Você ligou para alguém quando ouviu a mulher na sua porta?

— Não.

— Você está aqui sozinho?

— Sim.

Glen se levantou, aproximando-se da cabana para poder ver o rosto de Veso. Seus olhos tinham virado uma cor dourada brilhante. Ele olhou para ela e ela esqueceu como respirar por um segundo. Ele levantou a mão, impedindo que ela visse seu rosto. — Glenda, vire as costas.

Ela hesitou.

— Você quer que eu controle você também? Faça o que eu disse agora.

Ela se virou, curiosa, mas avisada.

— Responda minhas perguntas. Quando você o chamou pela última vez?

— Eu fiz quando cheguei a casa.

— Quando você deve fazer isso de novo?

— O rei Charles disse para chamá-lo se eu vir ou ouvir qualquer coisa hoje à noite. Caso contrário, devo chamá-lo pela manhã para deixá-lo saber quando eu reiniciar a minha busca.

— Você fala com o rei Charles ou com outra pessoa?

— Só ao rei Charles. É um prazer servi-lo. Devo atirar em você com um dardo e chamá-lo imediatamente.

— Esqueça a arma. Quero que você durma até que eu diga para você acordar. Faça isso agora.

Passaram-se longos segundos e Glen olhou para trás. Veso se foi, assim como o homem e a porta da cabana estava bem aberta.

Ela os seguiu para dentro, parando imediatamente. Veso tinha deixado o homem inconsciente no chão, a poucos metros da porta, e estava abrindo um armário na sala.

Ela olhou ao redor. A cabana tinha um espaço aberto com um sótão acima de um lado. Uma cozinha e banheiro do outro. O mobiliário era escasso e tinha uma sensação rústica. Seu olhar voltou para o homem derrubado. Ele não se mexeu.

— Ele está bem?

Veso fechou o armário, então subiu a escada até o sótão. — Ele está vivo e deve ficar dormindo. Não deve tocá-lo ou chegar muito perto até encontrar algo para amarrá-lo. Não tenho certeza de quão profundas suas ordens foram plantadas, ainda é possível que ele possa acordar se a sua mente estiver realmente confusa.

Glen se manteve distanciado do homem derrubado, fazendo uma varredura. Ela se virou, olhou para as árvores através do espaço limpo, em seguida, fechou a porta. Ela trancou-a no caso de alguém aparecer na cabana.

Veso desceu a escada menos de um minuto depois, de mãos vazias. Ele caminhou para a mochila no chão perto dela e caiu de joelhos, abrindo-a.

— Eu deveria ter checado aqui primeiro.

Glen franziu o cenho ao ver os grilhões antiquados que Veso retirou. Eles eram volumosas restrições com cerca de um pé de corrente entre as algemas. — Que diabos?

— Eu acho que ele pegou isso de um Vamp. Eles são mais fortes que as algemas normais. – Veso virou, andou de joelhos para o cara deitado no chão, e rolou-o. Ele algemou seus pulsos atrás das costas dele.

— Eles parecem um pouco enferrujados. Talvez devêssemos encontrar uma corda ou algo mais.

— Se eles eram bons o suficiente para mim, eles são bons o suficiente para ele. – Glen abriu a boca e fechou-a. Não valia a pena discutir. Ela tinha ouvido cada palavra e Veso tinha razão. O homem estava trabalhando com o mestre. Ele teria disparado um dardo em Veso para nocauteá-lo e devolvê-la àquela horrível mina se ele tivesse sido capaz.

— Estou faminta.

— Chuveiro primeiro. Você está com frio.

— Você acha que há água quente?

— Provavelmente. Ele tem painéis solares e uma oficina na parte detrás. Significa que há um gerador e possivelmente um tanque de água. Vou verificar nossa situação de armas.

Em outras palavras, ele a queria fora de seu caminho. Ela não reclamou. Pelo menos ele não estava ordenando que ela fosse cozinhar o alimento desta vez.

Glen correu em direção ao banheiro, grata que a cabana tinha eletricidade quando ela apertou o interruptor e a luz se acendeu.

Ela fechou a porta e franziu a testa para o banheiro. Que tinha um chuveiro e um vaso, mas não tinha uma pia. Não importa quando ela ligou a água e esperou meio minuto, correndo os dedos sob o spray. Começou a esquentar.

— Isso!

Veso não pôde deixar de sorrir quando ouviu Glenda murmurar aquela única palavra. Isso provou que a cabana tem água quente. Ela tinha sido construída para o uso durante todo o ano, não apenas uma cabana de caça de verão. Localizou duas armas na cabana, incluindo uma espingarda, e depois voltou ao humano dormindo. Ele o colocou de lado e se ajoelhou, aproximando-se.

— Acorde e olhe para mim, – ele exigiu.

Os olhos do homem se abriram e Veso se concentrou, empurrando seu poder para a mente do homem. — Quais são as suas ordens exatas sobre a mulher?

— O rei Charles a quer viva e sem ferimentos. Ela é importante para ele.

— Eu aposto que ela é. – Ainda o irritava pensar sobre os planos do mestre para Glenda. — Quantas pessoas estão trabalhando com você durante o dia?

— Somos oito.

— Quantos estão perto daqui?

— Mais três.

— Onde eles estão?

— Bob e Linda têm uma cabana duas milhas abaixo do córrego onde se encontra com o rio. Mandril está de cerca de quatro milhas para o norte.

— Descreva-os para mim.

Veso ouviu, percebendo que nenhum dos homens era os dois que havia os atacados no rio. O humano ficou calado, olhando para ele. — Alguém vem aqui à noite?

— Não. Não podemos sair depois que o sol se põe, até que ele sobe. Devemos ignorar qualquer som a menos que pensemos que é você ou a mulher. Então nós devemos chamá-lo más devemos permanecer aqui dentro.

Era exatamente como ele pensou. O mestre temia que seus soldados matassem seus servos humanos. — Como você recebe suprimentos?

— Eu vou até a cabana de Bob e Linda e pego eles.

— Como eles conseguem suprimentos?

— Eles têm um barco.

Não era o que Veso queria ouvir. — Você tem um veículo? Ou eles?

— Eu tenho uma moto de trilha, mas estou com pouco combustível para isso. Bob possui o barco e uma pequena retroescavadeira. Eles estão prestes a expandir a sua cabana. Linda está grávida.

Veso sentia pena dos humanos. Não foi culpa deles que eles estavam ajudando os vampiros. O fato que a mulher estava grávida tornou pior. O mestre disporia deles quando não tivessem serventia para ele. — Volte a dormir e fique assim até eu lhe dizer o contrário. Você está exausto.

O humano fechou seus olhos e seu corpo relaxou. Veso agarrou-o, levantou-se e foi até o armário de roupa. Ele abriu a porta, colocou gentilmente o homem no espaço confinado e o deixou lá dentro.

Ele o fechou e o bloqueou para que o humano não pudesse sair. Depois caminhou até a porta da cabana.

Glenda a trancara, mas ela não notara a maneira secundária de segurá-la. Ele levantou as duas barras robustas e empurrou-os nos suportes de cada lado do quadro. O humano provavelmente teve alguns ursos tentando entrar em sua cabana e tinha adicionado o sistema de cinta para ajudar a mantê-los do lado de fora.

Havia persianas sólidas no interior das janelas. Ele fechou e barrou os dois no andar inferior e, depois, checou o resto. Não tinha uma janela. Os ursos devem ser um grande problema para que o ser humano tenha tomado tais medidas. Foi algo bom. Seria mais difícil para um Vampiro entrar na cabana, e eles teriam que colocar algum esforço nisso. Ele acendeu uma luz no sótão, uma pequena lâmpada, em seguida, apenas pulou para baixo para o piso principal.

Veso olhou para a porta fechada do banheiro e entrou na cozinha, acendendo a luz. Ambos precisavam ter algo para comer. O ser humano era bem abastecido em alimentos enlatados. Ele usou sua garra para cortar a lata de dois deles e despejou o ensopado em uma panela. Ele franziu a testa para o fogão e descobriu como acendê-lo. A cozinha era tão básica como a que ele tinha e não tinha uma geladeira.

A água desligou no banheiro e Veso lembrou que Glenda não teria roupa, a menos que ela colocasse as suas molhadas. Ele provavelmente devia voltar para o sótão e levar algo para ela vestir, mas ele permaneceu onde estava usando uma colher para mexer a carne e vegetal dentro da panela. Um sorriso curvou seus lábios. Ele gostava de vê-la em uma toalha. Ele poderia até mesmo roubá-la de seu corpo novamente. Sua diversão rapidamente sumiu quando a porta do banheiro foi aberta e ela apareceu com apenas uma toalha. Sua pele tinha um tom rosado da água morna, seu cabelo molhado, e a visão de seus membros expostos e topo de seus seios lhe dava uma nova fome. Ele a queria. Seu pau endureceu e desejo se espalhou por ele.

Merda. A atração não está desaparecendo. Eu não posso querer um ser humano.

— Esse chuveiro parecia um paraíso. Há água quente. Certifiquei-me de ter deixado um pouco para você. Estou assumindo que seja limitado, certo? Quer dizer, provavelmente há um reservatório de água muito pequeno para esta cabana. Eu olhei nos armários. Não havia escova de dente nova, mas tinha fio

dental e muita pasta de dente. Acho que fiz um bom trabalho com meu dedo para ter os meus dentes limpos. Nunca mais tomarei isso por certo. – Ela sorriu. — Você viu se temos qualquer roupa no andar de cima que podemos pegar emprestado?

— Sim.

Ela caminhou até a escada, depois congelou. Veso mexeu a panela novamente, mas manteve seu olhar fixo nela. Ela tinha uma pele tão macia e delicada. Tanto pálida e rosa, tão estranho para ele. Mulheres VampLycan tendiam a ser bronzeadas e realmente se encaixam. Seu pau não parecia se importar que Glenda não fosse seu tipo normal ou que ela era humana.

— Algum problema? – Ele adivinhou por que ela parou. Ela teria que soltar o aperto no topo da toalha para subir. Ela pode realmente cair e expor cada centímetro dela para ele.

Ela olhou em seus olhos. — Hum, por que eu não termino de cozinhar isso e você vai até lá para me encontrar algo limpo para vestir? – Ela virou um pouco e se aproximou.

— Eu não faria isso se eu fosse você, – alertou.

Ela parou, arqueando as sobrancelhas. — Fazer o que?

— Aproxime-se de mim. – Ele baixou seu olhar, fixando no topo de seus seios expostos sobre a borda da toalha.

Ela deu um passo para trás. — Nem pense nisso. Seus olhos estão mudando de cor novamente.

Ele empurrou seu olhar para longe dela. — Não use tão pouca roupa em torno de mim, então.

— Não havia nada mais no banheiro para vestir. Não vamos passar por isso novamente. Trem desgovernado lembra?

— Como se eu pudesse esquecer. – Ele desviou o olhar para olhar o ensopado. — Vá lá e encontre alguma coisa. Faça isso agora. Não vou olhar.

Movimento fora do canto de seu olho assegurou-lhe que seguiu sua ordem. Ele queria espiar, mas a última coisa que ele precisava era se envolver com ela mais do que ele já estava. O sangue que eles teriam sido forçados a compartilhar deveria ter desgastado até agora. O fato de que ele ainda se sentia tão atraído por ela o irritava. Pior, assustou-o. E se não fosse apenas o elo de sangue que o atraía para Glenda?

E se não fosse um sentimento que passaria com o tempo?

— Droga, – ele rosnou.

— Seja cuidadoso. Você se queimou?

Ele olhou para o teto, capaz de segui-la pelo som enquanto ela se movia pelo chão do sótão. — Apenas vestir as roupas. O ensopado é tão quente quanto eu estou disposto a comê-lo. Estou faminto.

— Eu também.

Mas, novamente, ele queria mais do que comida. Sua raiva cresceu. Ele não podia acasalar com um maldito ser humano.

Capítulo Onze

Glen colocou uma camiseta grande e cuecas boxes. As opções restantes de calças que ela encontrou estavam sujas ou eram jeans que não serviam. O dono da cabana parecia ter uma escolha limitada do que vestir. Ela desceu as escadas e encontrou Veso colocando duas tigelas sobre a mesa pequena. Havia apenas uma cadeira, mas ele indicou para ela.

— Obrigada.

— Ele só tem água e álcool para beber. – Veso apertou os lábios. — Eu vou tomar banho. Grite se ouvir o humano se movendo dentro do closet, entendeu? Não confronte ele você mesma ou mova a cadeira que eu usei para prendê-lo lá. Tenho certeza que ele vai estar adormecido, mas seguro morreu de velho. As mãos dele estão presas nas costas, mas isso não significa que ele seja não seja uma ameaça para você.

— E a comida?

— Eu vou ser rápido e não vou fechar toda a porta, assim eu vou poder ouvir você se precisar de mim. – Ele deixou a pequena área da cozinha e entrou no banheiro.

Glen se sentou e encarou o conteúdo da tigela. Ela geralmente não gostava de ensopado, mas a fome a fez mudar de opinião enquanto levantava a colher, soprava e tomava um pouco. Ela fechou os olhos, apreciando. Estava um pouco quente demais, mas ela não iria reclamar. Havia se passado um longo tempo desde a manhã e ela aliviou o café da manhã que eles haviam tido.

Ela olhou em volta da cabana e lembrou-se que o dono possuía um telefone celular. Era tentador encontra-lo e usá-lo. Veso poderia ficar bem chateado, e ela lembrou-se o quão fácil pareceu para ele tomar controle sobre a mente do

homem que ele capturou e colocou no closet. Seus avisos sobre os policias não serem capazes de ajuda-la, finalmente a fez entender. Um vampiro poderia fazer a mesma coisa com a polícia, tomar controle de sua mente e os controlar.

— Droga. – Ela terminou sua comida e levantou, levando a tigela e a colher até a pequena pia. Ela ia começar a lava-los, mas, ao invés, apenas os deixou lá. Ela esperaria até que Veso comesse e faria tudo de uma vez.

Barulho a levou para fora da cozinha quando Veso saiu do banheiro. A vista de seu corpo era esplendida. Ele tinha o melhor corpo e ela odiava notar todos aqueles músculos enquanto ela explorava rapidamente antes que ele a pegasse. Ele estava encarando a porta, como se estivesse conferindo que ela não havia feito nenhuma besteira. Ela não tinha. Ele se virou mais e seus olhos se encontraram com os dela.

— Algum problema?

— Não.

— O sol deve estar baixo o suficiente para que os Vampiros e soldados comecem a patrulha.

Não era algo legal de se dizer.

— Diversão.

Ele franziu o cenho, seus lábios franzindo para baixo.

— Sarcasmo nunca é atrativo, Glenda.

— Como gostaria que eu reagisse com você me dizendo isso? Torcer minhas mãos e me esconder? Chorar? Eu entendi que está ficando escuro.

— Foi um aviso. Eles têm uma droga de boa audição. Uma mulher não era pra, supostamente, estar aqui. Provavelmente seria melhor se não conversássemos de jeito nenhum.

Ela levantou a mão e saudou-o. Era tentador baixar três dos dedos e o dedão para dar um tipo diferente de saudação, mas ela resistiu. Ainda assim ela recebeu um rosnado baixo e ele chegou mais perto, parando menos de um passo. Ela teve que jogar a cabeça para trás para continuar olhando nos olhos dele.

— Eu não estou de bom humor.

— Eu não tinha percebido.

Um brilho de cor ouro espalhou através da íris dele, tomando o marrom. O jeito em que ele podia fazer isso ainda espantava ela. Suas emoções causavam reações físicas em seus olhos.

— O que foi que eu disse?

— Não está no melhor humor. – Ela repetiu.

— Sarcasmo.

— Não é atrativo.

— Exatamente. Eu vou subir as escadas e encontrar alguma coisa para vestir.

— Tudo bem.

Ele passou em volta dela, esfregando seu braço contra o dela. A pele dele sentia um pouco úmida e muito quente quando se tocaram. Ela virou a cabeça, o assistindo enquanto ele subia as escadas. A toalha presa em volta da cintura não havia caído, mas havia abraçado a bunda dele a cada levantada de perna, a fez lembrar o quão boa era. Um pouco de culpa apareceu quando ele chegou até o topo e se moveu fora de vista. Parte dela desejava o ver perdendo aquela toalha.

Ela olhou para frente, encarando a porta e esperando que ninguém aparecesse à noite.

— Isso poderia ser ruim. – Ela sussurrou.

O sótão rangeu.

— O que?

Ela se virou, encontrando Veso parado no topo da escada.

— Nada.

— Não fale em absoluto. Você não ouve bem.

Ela selou os lábios e entrou na cozinha, saindo da vista dele. Um jarro de água filtrada estava sobre o balcão. Ela encontrou um copo e colocou um pouco, bebendo tudo. Era uma coisa muito boa que ela estava cansada. Dormir soava bem. Ela andou até o único sofá e se sentou. Ela estremeceu quando ela colocou as pernas para cima, uma lembrança de que suas coxas estavam doloridas. Ela ergueu uma, curvando para frente, e viu a vermelhidão onde sua roupa molhada a tinha irritado mais cedo enquanto montava as costas de Veso. As linhas vermelhas iriam desaparecer. Não estavam sangrando. As coisas poderiam ser piores.

Um som suave pegou a atenção dela, fazendo-a olhar pra cima, espreitando pela parte de trás do sofá. Veso ostentava outro par de boxers elas pareciam um pouco apertadas em volta de sua cintura e ela podia ver claramente a linha do pau dele. Ela girou a cabeça, encarando a lareira ao invés dele. A cornija da lareira era de madeira, mas a lareira foi construída de pedras pequenas e parecia cimento.

Veso comeu. Foi silencioso, ela ouviu o ligeiro deslizar toda vez que a colher tocava a tigela. A sala escura começou a incomoda-la. Ela estava em um lugar estranho e ela não precisava de Veso para lembra-la o que poderia estar lá fora da cabana. Ela gastou muito tempo trancada dentro de uma mina que ela provavelmente não se sentira segura outra vez à noite, agora que ela sabia o que poderia vir através da porta. O rapto dela passou em um flash por sua memória.

— E as de janelas. – Ela murmurou por sobre a respiração.

— Elas estão fechadas com barras através dela.

A voz macia de Veso a sobressaltou e ela viu quando ele pegou o lugar a poucos passos dela.

—Você não faz um som quando se move? – Ela percebeu que havia juntado as mãos contra o peito. Ele havia a assustado.

— Eu assumi que você estivesse falando comigo. – Ele se virou um pouco, a encarando.

— Eu falo comigo mesma, às vezes. Essa era uma delas.

— Você não deveria fazer nenhum barulho.

— Estamos quase sussurrando.

— E um vampiro poderia ouvir isso.

— Estou nervosa. – Ela admitiu.

— Eles vão nos atacar do mesmo jeito ou não irão.

Ela ajustou o corpo para encará-lo e isso fez com que raspasse a parte da coxa dolorida no material áspero do sofá. Ela estremeceu na sensação de dor. Veso chegou mais perto.

— O que está errado?

— Nada.

— Não minta pra mim. Você está machucada? – Ele cheirou. — Eu não cheiro sangue.

— Eu estou apenas dolorida.

— Seus músculos?

— Minhas roupas estavam molhadas e elas se esfregaram contra a minha pele. Não está ruim. Mais como uma assadura.

— Me deixe ver.

— Sem chance. – Ela se afastou contra o sofá. — Apenas aconteceu na parte interna da coxa. Foi onde nos esfregamos a maior parte.

Ele virou a cabeça para longe, encarando o chão. Ela olhou em volta procurando por uma arma, qualquer coisa para usar se alguém chutasse porta adentro. Veso caminhou até a lareira e agarrou a parte de cima. Ele apenas ficou lá.

Glen olhou entre ele e a porta. Mais tempo passou antes que ela pudesse finalmente relaxar.

— O que você está fazendo? – Ela perguntou o mais suavemente que podia.

— Não pergunte. – Ele respondeu.

— Okay. – Ela enrugou as sobrancelhas.

Ele finalmente soltou e se virou. Seu rosto estava na luz do outro lado da cabana e sua expressão séria não se encaixava enquanto ele se mantinha a encarando. Seus olhos eram mais dourados do que marrons de novo, por isso nunca um bom sinal. Ela compreendeu isso após passar tanto tempo com ele. Ele tomou alguns passos perto e então parou.

— Infecções são fácies para humanos pegar. Deixe-me ver suas malditas coxas.

— Eu disse que não é nada.

— Nós não precisamos de você doente. Eu farei com que cheguemos amanhã em território VampLycan se você me montar de novo. Isso significa que você

precisa estar bem o suficiente para se segurar em mim e não com dor. Deixe-me ver. Eu sou capaz de curar você.

— Como?

— Meu sangue.

Ela balançou a cabeça e negou.

— Não obrigada. Sem mais injeções para mim e eu não vou beber o seu sangue. – Ela se levantou. — Eu vou ir dormir. Você se incomoda se eu ficar com a cama?

— Glenda. – Ele franziu o cenho.

— Boa noite. – Ela fugiu em volta do sofá e subiu a escada até o sótão. A lâmpada não proporcionava muita luz, mas ela preferia assim. Dessa forma se alguma coisa tentasse entrar, ela não estaria no escuro. Ela estava tão cansada disso.

A cama não era muito grande, talvez uma cheia e ela sentiu-se surpresa quando se deitou nela. Era confortável e dando o braço a torcer, não tão firme. Era muito melhor do que dormir no chão ou naquela cama estreita horrível em que os Vampiros a colocaram dentro da mina. Ela virou para o lado, se enrolando em uma bola e fechou os olhos.

Amanhã a noite ela esperava que eles estivessem onde quer que seja onde Veso morava. Ela seria capaz de ir pra casa.

E então o que? Droga.

Ela estava por conta própria. Sua vida precisaria mudar. Ela teria que se mudar. Os Vampiros já haviam a pego de seu apartamento uma vez então eles sabiam onde ela vivia. Não havia muito dinheiro salvo em suas contas, mas ela poderia conseguir um bom crédito. Ela poderia pegar um empréstimo de emergência e usar seus cartões de crédito para conseguir um novo lugar. Seria

provavelmente uma boa ideia dar noticia em seu trabalho também. Eles poderiam controlar humanos, então ela não estaria segura nem durante o dia.

Iria significar também dizer adeus a Veso.

Um aperto encheu o peito dela e ela teve que respirar através disso. Ele estaria feliz por se livrar dela, mas ela sentiria falta dele.

Veso caminhou no pequeno espaço, seu olhar indo para o sótão. O havia incomodado que Glenda não permitiu que ele visse seus machucados. Seria possível que ela estivesse mentindo sobre a extensão deles. Ele não havia sentido o cheiro de sangue e ela não havia parecido estar em dor quando ela fugiu para estar longe dele.

Ele tinha muito em sua cabeça. O primeiro pensamento, ele precisava contatar seu pai. Ele não se lembrava de seu número de telefone. Tecnologia moderna nem sempre era uma boa coisa, a facilidade com que se podia encontrar histórico de ligações a um toque. Ele teria que ligar para a pousada. Esse número estaria listado. Davis teria que dar a mensagem ou dar a ele o número de seu pai.

Ele caminhou de volta até a mochila, mas pausou. Seu pai iria vir. Ele pediria para Lavos, Garson e Kar se juntar a ele, e ele duvidava que seu pai iria esperar até a manhã. Seu grupo poderia pegar qualquer Vampiro que tentasse os parar, e chegariam a horas. Significaria assistência, mas também colocaria um fim em seu tempo sozinho com Glenda.

Ele mordeu o lábio. Seu pai tentaria conversar com ele para que a enviasse de volta ao mundo humano, sem contar o perigo em que a colocaria.

Ele voltou a caminhar, batalhando dentro de sua cabeça. Glenda estaria segura se ele tivesse a escolta de seu pai e seus amigos, mas não havia possibilidade nenhuma dele permitir que ela voltasse para Oregon. O mestre poderia enviar seu ninho atrás dela e ela seria recapturada. Quando uma única palavra sobre o rapto de Veso se espalhasse, os outros clãs estariam em alerta, seus membros avisados. Iria significar que os bastardos loucos tentariam a acasalar com um Lycan.

Ele não deixaria que isso acontecesse.

Ele parou de caminhar, encarando o sótão acima. Seu pai e amigos tentariam conversar com ele para deixar Glenda ir. Ela não estaria salva mesmo em seu clã. Alguns deles realmente odiavam humanos. Nabby e seus amigos iriam colocar um alvo nela, forçando Veso a lutar com eles para defendê-la, e eles não tendiam a ter honra. Eles o atacariam em um grupo pequeno, ao invés, de um por um.

Droga, droga, droga! Ele não estava certo do que fazer e ainda assim ele teria que fazer a ligação e procurar ajuda enquanto chegava a casa. Seria melhor focar na noite à frente. Primeira coisa seria lidar com os machucados da Glenda.

Ele caminhou até a escada e subiu. Ela lutaria com ele, mas ele não ligaria nem um pouco. E mais, estava chateando ele que ela estivesse com dor.

Ela se deitou de lado quando ele se aproximou da cama. Os olhos dela abriram e ela o encarou.

— Há alguém lá fora?

— Não, mas eles poderiam estar. – Ele manteve a voz baixa como ela. — Você precisa ficar bem quieta.

— Eu estava tentando dormir até que você veio aqui. Você me disse pra não falar.

— Me mostre seus machucados.

A boca dela se separou.

— Eu apenas estava lembrando-a por que você não pode discutir comigo. – Ele disse. — Humanos pegam infecções facilmente, e isso não sou eu perguntando. É uma ordem. Mostre-me onde você está machucada.

Os olhos dele se apertaram e a boca se manteve selada. Ela não se moveu.

Ele se sentou na beira da cama, virando-se, e levantando a manta que ela havia usado para cobrir as pernas. Ele esperava que ela batesse nele ou de última hora rolasse para longe. Ela apenas o encarou com uma carranca.

— Onde?

— Está bem. – Ela exalou.

Ela rolou em suas costas e balançou a cama um pouco, colocando sua cabeça mais para o outro lado. Ele permaneceu parado, assistindo enquanto ela agarrava a boxers que usava e os puxava para cima, separando as pernas ligeiramente para expor suas coxas internas. Ele olhou para baixo, vendo a vermelha e macia pele.

Ele não pôde evitar além de engolir com força. Ela tinha coxas sexys e um material amontoado cobrindo seu sexo, mas nada mais. As bordar inferiores da bunda dela estavam descobertas.

— Feliz? Eu te disse que estão bem.

Ele virou mais para a encarar e gentilmente afastou seus joelhos. Ele puxou as pernas delas mais afastadas e inclinou-se, tendo uma melhor visão. Não havia nenhum corte, mas a pele parecia um pouco inflamada.

— Eu posso curar.

— Passo.

Ele levantou o olhar.

— Eu não vou machucar você.

— Eu disse que estou bem. Eu vou passar você me forçando a beber seu sangue.

— Você não precisa.

Ele a soltou, deslizando para baixo na cama e ficando de joelhos, a encarando de novo. Ele a alcançou, a ancorando por baixo dos joelhos com suas duas mãos e a puxando até ele. Ela se sobressaltou suavemente, mas não lutou quando ele pôs cada perna em cada lado dele e a manobrou fazendo com que seus joelhos ficassem curvados. Ele separou as coxas dela e se manteve confortável.

— O que você está fazendo? – Ela olhou para o peito dele, levantando a cabeça para olhar para baixo, até a cintura.

— Não estou fodendo você, se é com o que está preocupada. Eu sei que a posição é intima, mas mantenha suas coxas separadas.

— O que você vai fazer, Veso?

Ele soltou suas pernas.

— Deixe o material fora do meu caminho. Eu vou morder a minha língua e lamber os pontos manchados. Eles vão se curar rápido. Fique parada, Glenda.

— Trem desgovernado. – Ela murmurou, mas jogou sua cabeça para trás, fechando os olhos. — Apenas lembrando você disso. Isso é uma grande má ideia.

Ele concordou, mas deixou suas presas se estenderem. Não era difícil de fazer, encarando para as coxas delas e as pernas separadas em frente a ele. Seu pau estava duro, mas ele tentou ignorar isso. Ele mordeu a ponta da língua, a dor bem-vinda o distraindo. O gosto de ferro confirmando que ele estava sangrando. Ele colocou as mãos nas pernas dela, acima dos joelhos em caso dela tentar fugir dele e se abaixou, abrindo a boca.

Ele lambeu a pele dela, correndo a língua acima. Glenda sugou o ar apertado, mas se manteve parada debaixo dele. Ele gostou do gosto da pele dela, como também da delicadeza contra a sua língua. Ele puxou para trás um pouco, lambendo sobre a mesma área e movendo uma das mãos usando seu dedão para limpar a parte tingida de saliva vermelha. A pela dela se curou enquanto ele observava.

— Isso formiga.

— Está funcionando. Apenas relaxe. – Ele mordeu a língua mais uma vez e começou a lamber a outra perna, indo mais à frente em sua coxa para pegar outras áreas vermelhas. Isso colocou seu nariz bem perto de onde o sexo dela estava. O material das boxers não era muito uma barreira. Seu pau endureceu ainda mais.

Foco, ele ordenou a si mesmo. Era difícil de se fazer quando tudo o que ele realmente queria era arrancar fora aquelas boxers e colocar sua boca em seu sexo. Ela o queria tanto quanto ele a queria, se apenas ele conseguisse acesso a seu clitóris.

Ele fez com que toda a área avermelhada fosse lambida, puxou para trás, e usou a mão para limpa-la de novo, observando ela se curar. Perfeito, pele pálida foi seu prêmio. Toda a irritação e vermelhidão sumiram rapidamente. Ele olhou acima para ela quando ela levantou a cabeça, seus olhares se encontrando.

— Funcionou?

— Sim. – A voz dele veio muito profunda. Ele limpou a garganta. — Você não vai estar com dor agora.

— Certo.

— O que isso significa?

— Nada. Nós deveríamos ir dormir agora.

— Sim. – Seu olhar desceu para as coxas dela.

— Hum, Veso?

— O que? – Ele deixou que sua mão acariciasse a pele dela. Era tão macia.

— O que você está fazendo agora?

— Eu quero você.

— Isso não vai funcionar.

— Eu não ligo. – Ele se endireitou e agarrou sob os joelhos dela, empurrando-a para baixo na cama para que as pernas ficassem separadas em torno de seus quadris. Então ele se abaixou de novo, a prendendo debaixo dele, mantendo seus cotovelos perto dos dela. Ele prendeu a cabeça dela entre as mãos indo para a boca dela.

Ela engasgou quando ele a beijou, dando a chance para que ele aprofundasse. Ela saboreava como menta fresca, era o que dizia na pasta de dentes que ela deixou no banheiro quando ele usou também. Ela agarrou em seus braços e ele esperava que ela o arranhasse, lutasse, mas ela apenas se agarrou e o beijou de volta. Então as pernas delas se levantaram e se prenderam em torno da cintura dele.

Ele pressionou a pélvis para frente, esfregando seu pau rígido ao longo da costura de sua boceta.

Os gemidos dela o estimulavam, não que ele precisasse disso. Ela pressionou seu sexo contra o dele e ele rosnou, afastando seu rosto longe para que pudesse encarar o dela.

— Diga sim.

— Eu...

— Eu não sei quanto tempo mais nós temos juntos. Essa pode ser a nossa única noite.

Ela lambeu os lábios e concordou.

— Tire suas roupas. – Ele levantou e se afastou quando ela o soltou. Ele empurrou para baixo seus shorts e assistiu ela retirar sua camiseta fora. Seus seios eram perfeitos para ele. Não muito grande ou pequeno. Seus mamilos eram frisados e esticados. Ele queria brincar com eles, mas ao invés disso ele enfiou seus dedos em seus boxes, os puxando pra baixo. Ela o ajudou levantando sua cintura. Ele os jogou do outro lado do quarto. Eles navegaram para fora da borda do sótão e desapareceram abaixo.

Ele pulou, prendendo-a à cama e tomando posse de sua boca.

Capítulo Doze

Glen não conseguia pensar. O corpo de Veso pressionado ao dela contra o colchão, sua pele quente e firme. Ela correu suas mãos para cima em seus braços e os enlaçou em volta do seu pescoço, se agarrando a suas costas. Ele tinha presas. A língua dela passou contra elas, mas ela não ligou. Seu corpo sentia em chamas e ela se queimava em todo lugar. Nada importava além dele. Nem o fato de que ele não era humano ou que ele provavelmente quebraria o coração dela mais tarde.

Ele alcançou entre eles, seu dedão esfregando contra seu clitóris. Ela torceu sua cabeça para longe de sua boca gemendo alto. Ele parou, correndo seu dedão mais para baixo e ela pode sentir o quão molhada ela ficou. Ele levantou e se afastou. Ela pressionou as pernas para cima em volta da cintura dele, na urgência que ele estivesse mais perto. A cintura dele empurrou para frente e ela balançou para frente freneticamente quando o pau dele pressionou contra a boceta aberta dela. Ele se sentia grande e ela o queria dentro dela.

Ele exalou, o som animalesco, e ele usou uma de suas mãos para segurar seu cabelo, o removendo fora de seu caminho. A boca dele encontrou a garganta dela e ela arqueou, dando acesso a ele. Era possível que ele a mordesse, mas ela estava disposta a correr o risco. Era tudo sobre necessidade e querer Veso.

Ele entrou nela devagar. Ela sugou um pouco de ar quando ele pausou.

— Relaxe. Droga, você é apertada.

— Você é grosso.

Ele empurrou mais, retirou-se um pouco, então avançou, fazendo-a tomar tudo dele. Ela apertou os olhos fechados e cravou as unhas nele. Ele era grande e extremamente duro. Ele ajustou o corpo contra o dela, uma das grandes mãos dele agarrando a bunda dela a levantando um pouco fora do colchão. Ele começou a empurrar e sair vagarosamente, fazendo sons de rosnados profundamente com a garganta. O peito dele vibrou contra o dela.

Ele empurrou fundo, penetrando rápido, e pressionou a pélvis apertada contra o clitóris dela, forçando com que as pernas se separassem. Glen gemeu alto, perto do clímax. Um barulho soou, mas ela ignorou isso. Tudo o que existia era Veso e prazer. Ele se movia rápido contra ela, seu peito esfregando e vibrando contra seus seios. Ele pegou o cabelo dela de novo, forçando seu rosto a encarar o dele. Ele cobriu a boca dela, mas não a beijou, provavelmente tentando abafar alguns dos sons que ela fazia.

Êxtase explodiu e ela gemeu alto. Ele se manteve a fodendo rapidamente, tomando tudo, e então ele se tensionou em cima dela, se mantendo parado. Uma batida de coração mais tarde ele se moveu devagar, gemendo. Ela sentia ele dentro dela, vindo. Ele se manteve parado de novo e puxou sua boca longe da dela. Ambos ofegantes e ela sentiu os músculos relaxando contra suas mãos em suas costas.

Glenda abriu os olhos e o encontrou a assistindo. Seus olhos estavam brilhando essa linda cor de ouro. Ela se esqueceu de ficar com medo dele controlar sua mente ou que ele fosse tão diferente dela. Ela segurou sua bochecha.

Ele piscou, encarando a boca dela, e então ele a paralisou quando a baixou sua cabeça e esfregou os lábios contra os dela. Ele parou quando ela abriu a

boca para aprofundar o beijo. Ele se afastou a encarando de novo, com uma cara estranha.

— O que? – Ela estava quase com medo de perguntar. Ele talvez já estivesse se arrependendo do que eles fizeram, e isso iria doer. Não que ela fosse admitir para ele.

— Eu cortei sua boca enquanto nos beijávamos.

— Não doeu.

— Não teria. Eu me cortei também. Eu curei você tão rápido quanto causei o dano.

Está tudo bem. Sem dor, sem culpa. Ou alguma coisa assim.

Os lábios dele se curvaram para cima e na verdade ele sorriu. Isso lembrou a ela o quão bonito ele poderia ser, mas as próximas palavras se tornaram mais ameaçadora para ambos.

— Nós trocamos mais sangue.

— Não pode ter sido esse tanto. Eu não senti gosto de sangue.

— Ou você não percebeu. Eu estava distraindo você e você também. Nós fazemos bom sexo juntos. Você é um pouco apertada, mas você irá se ajustar ao meu corpo quanto mais fizermos isso.

— Quem disse que vamos fazer isso de novo?

— Nós vamos. – Ele virou o rosto um pouco, pressionando sua bochecha apertada contra a palma da mão dela. Era uma coisa doce, tão incomum dele, como se ele gostasse do toque dela e não escondesse o fato. — Eu sei que você dormiu com uns caras de pau pequeno.

Glen não sabia se ela batia nele ou ria. Ela se manteve no meio termo.

— Você é terrível.

— Sou sincero.

Ela sentiu calor se espalhar do pescoço até o rosto.

— Você não tem certeza disso.

— Eu tenho. Seu corpo resistiu ao meu no início porque você nunca foi tomada por alguém do meu tamanho.

— Bom você é normalmente grande em todo lugar.

— Verdade. Sou um VampLycan. – Ele desprendeu o cabelo dela o acariciando, espalhando-o na cama com seus dedos.

Eles pararam de conversar, mas ele não saiu ou se afastou dela. Ele a manteve de baixo dele, seus corpos intimamente conectados, enquanto ele brincava com seu cabelo. Ele parecia bastante interessado em fazer isso, não encontrando seus olhos. Ela acariciou sua bochecha.

— Veso?

— O que?

— O que você está pensando?

Ele acalmou sua mão.

— Estou debatendo sobre o que fazer.

— Nós deveríamos ir dormir.

Ele olhou para ela então, seus olhos menos brilhantes e mais marrons do que ouro.

— Eu estou lutando com a lógica e instinto nesse momento. Eu não decidi qual dos dois devem ganhar.

— Eu não entendo.

— Eu sei. Você estaria lutando para sair de baixo de mim se você soubesse.

— O que isso significa?

— Lógica me diz o quão ruim seria eu tomar você como minha companheira. Meu clã odeia humanos. Eu não sei quão bem eu poderia proteger você lá, então nós teríamos que nos mudar para outro clã. Eles talvez não nos recebam por causa de quem o líder do meu clã é. Instintos me dizem para morder você porque você é minha companheira e beber mais do seu sangue. Você teria que beber do meu também. Eu tenho certeza que você lutaria comigo sobre isso, mas é assim que companheiros se acasalam. E eu necessito de um acasalamento profundo com você, se eu a pegar como companheira. Eu não confio que você

não iria correr para longe de mim um dia de outra forma. Humanos tem uma histórico terrível de deslealdade.

Glen decidiu que ela precisava bater nele, mas resistiu. Suas palavras a machucaram profundamente. Ele estava admitindo que ele acreditava que ela era sua companheira, mas ele havia deixado claro que não pensava muita coisa dos do seu tipo. Ela podia ver as diferenças entre eles, mas ainda era uma grande coisa pra ele. Ele tinha um jeito de insulta-la e machucar seus sentimentos enquanto era lisonjeador do mesmo jeito.

— Eu não quero ser sua companheira, então pare de pensar sobre isso. Você é terrivelmente preconceituoso e nesse momento você está sendo um babaca.

— Como isso?

— Eu sou humana.

— Eu estou mais do que ciente das suas falhas.

Suas palavras eram outro tapa verbal. Ela era boa o suficiente para ter sexo com ele, mas não para ter um compromisso.

— Sai de mim.

Ele franziu o cenho.

Ela podia negar o que eles acabaram de fazer não significava nada para ela, também, se ele quisesse agir dessa forma.

— Nós apenas tivemos sexo. Isso é tudo. Nós estávamos ambos estressados depois de toda essa merda em que estivemos. Nós estávamos atraídos um pelo outro então isso acabou acontecendo. Nada de mais. Nada a se mencionar, apenas nos encontramos. Isso não é hora de fazer decisões para uma vida. Estávamos ambos exaustos e fora de órbita.

— Foi bem mais que sexo.

Isso aliviou um pouco da dor, mas não muito.

— Você vai se arrepender se você acasalar comigo, Veso. – Uma pequena parte dela odiou por dizer isso. Ela já estava se apaixonando por ele, mas era provavelmente verdade. Ele iria odiá-la um dia, não podendo mais negligenciar o fato dela ser humana. — Nós viemos de dois mundos diferentes. E nós somos um trem desgovernado, se lembra?

— Eu lembro.

— Nós vamos sobreviver contra esses Vampiros estúpidos que estão nos caçando, ficar seguros e então nossas vidas vão voltar ao normal. Nós tivemos sexo porque nós apenas temos nós mesmos. Isso é tudo. – *Mantenha-se dizendo isso. Talvez algum dia eu até mesmo vou acreditar se eu continuar dizendo isso a mim mesma.*

Ele sorriu.

— Pequena humana mentirosa.

Ela tinha orgulho. Talvez o dele estivesse ferido porque ela não estava em lagrimas, rogando para que ele se acasalasse com alguém que ele pensava ser

falha e fraca. Ele também tinha complexo de superioridade. Ela se recusava a isso.

— Tudo o que eu disse é verdade. Qual parte não é?

— Eu não teria fodido apenas qualquer humano. Você significa algo para mim, Glenda. E você estava desenhada para mim, assim como, eu estava para você.

Mas que droga, Veso. Pare de dizer coisas como essa. Apenas dói mais. Ele está tentando me quebrar? Ver se ele pode me fazer chorar? Eu me recuso.

— Foi apenas sexo. Não significou nada.

Ele ergueu a sobrancelha.

— Mentirosa.

Ela olhou para baixo em seu corpo. Ele realmente tinha um muito bom. Muitas mulheres iam pra cama com um cara por causa do seu corpo, apenas para ter sexo casual.

— Você é musculoso e muito quente. Você se parece como um cara regular. Isso é tudo. Eu esqueci o que você é.

— Outra mentira. Você montou minhas costas depois que eu mudei. Isso não é algo que você esquece, mesmo em paixão. Ainda assim você se manteve nua para mim e me aceitou dentro do seu corpo. – Ele levantou toda a parte de cima do corpo, mas não solto a bunda dela, segurando-a no lugar com os quadris firmemente pressionados entre suas coxas. Ele pressionou sua mão livre em seu

estomago. — Meu esperma poderia estar rompendo um dos seus óvulos e plantando minha criança dentro de você agora mesmo. Nós deveríamos nos acasalar.

Grávida? Glen hesitou no conceito. Memórias de uma amiga indo nessa direção anos atrás surgiu. May havia sido derrubada por seu namorado, eles se casaram e tudo se tornou um pesadelo. John parecia feliz sobre o bebê no início, mais tarde ele se ressentiu do inferno em que virou estar preso com uma esposa e uma criança. Ele havia dormido com várias mulheres, provocando May com suas traições. Eles eventualmente se divorciaram, mas ela assistiu a vida de May entrar em uma espiral infernal. Isso nunca seria pra ela.

Ela balançou os quadris e agarrou o lençol, tentando sair de baixo dele. Veso a deixou ir e ela separou o corpo deles. Ela se sentou e se manteve afastada na cama.

— Não. Foi só uma vez. Eu estou certa que não estou ovulando. Eu tive meu período recentemente.

— Quando?

— Eu não sei! – Ela esmagou as cobertas, as puxando contra seu peito para esconder seu corpo.

— Abaixe a voz.

Ela havia se esquecido do perigo lá fora, exclusivamente focada em um dentro da casa com ela.

— Eu perdi a noção de tempo enquanto eu estava sendo mantida, mas a vida não pode estar tão bagunçada assim.

Ele se levantou, totalmente nu enquanto tirava as boxers de seus calcanhares.

— Então você se recusa a se tornar minha companheira?

Ela o encarou e viu raiva lá.

— Um minuto atrás você estava debatendo se você me queria como companheira ou não. Agora você está me perguntando? O que fez você se decidir? É por que a humilde humana aqui não implorou para ser sua companheira? É isso o que você esperava? Se enxerga.

Ele se virou, mostrando a ela sua musculosa bunda. Ele tinha uma muito boa. Ela também viu alguns arranhões vermelhos na parte de cima de suas costas, percebendo que ela deve ter posto elas lá durante o sexo. Elas não estavam sangrando pelo menos.

— Durma um pouco, Glenda. Eu vou estar lá em baixo. – A voz dele veio cortante, estava claro que ela o deixara chateado.

Ele marchou até a escada, evitando de olhar para ela, e desceu escada a baixo.

Glen se deitou, se curvando em uma bola e abraçando os cobertores ela os agarrou mais apertado. Ele estava bravo, mas ela se sentia rasgada por dentro.

E se ele estivesse certo e ele a tinha engravidado? Ela seria uma idiota de dizer sim rapidamente para ele. Ele era tão quente e ela o queria. As consequências não entraram em sua cabeça.

Era culpa dele por lamber as coxas delas e esfregar seu nariz contra seu clitóris enquanto o fazia. Ele a havia ligado e a feito arder. Ele foi o único a insistir que as coxas dela precisavam se curar.

Ela fechou os olhos e tentou focar em alguma coisa a mais. Tudo pareceria melhor de manhã. Até o momento ninguém havia tentado atacar á cabana. Eles sobreviveriam contra a noite de novo sem serem encontrados.

Ela empurrou qualquer pensamento sobre Veso e focou em sua respiração. Dentro e fora.

*****

Veso acordou com pontadas em seu pescoço por ter dormido no minúsculo sofá. Ele havia colocado uma cadeira no final dele e um travesseiro no assento para acomodar suas longas pernas. Ele se levantou e se esticou, olhando fixamente as rachaduras minúsculas ao longo dos lados da janela coberta mais próxima. Pontos de luz passando. Já havia amanhecido.

Ele usou o banheiro e então subiu as escadas o mais quieto possível. Glenda dormia no meio da cama. Ela continuava totalmente coberta, mas um pé e mão estavam para fora, além de uma parte do rosto dela. Ele cobriu cuidadosamente os membros para mantê-la aquecida e caminhou para a borda do sótão, pulando para baixo. O humano no closet fez um barulho e ele ouviu, um leve som de ronco.

Ele caminhou até a porta da frente e a destravou, espreitando o lado de fora. Seus olhos não pegaram nenhum movimento e ele inalou, não sentindo cheiro de Vampiro. Eles deviam ter evitado completamente a cabana durante a noite. Ele fechou a porta, a travando de novo, e caminhou até o telefone celular. Era hora de ligar para seu clã. Ele temia isso, mas não podia evitar por mais tempo. Seu pai deveria estar preocupado. Seus amigos estavam provavelmente fora procurando por ele. Ele também precisava de ajuda para levar Glenda de volta para seu território antes que a noite caísse. Os Vamps não se atreveriam a ir atrás dela lá agora que eles haviam invadido uma vez. O clã estaria em alerta máximo.

Glenda tinha rejeitado sua oferta de acasalar com ela. Ele havia ferrado tudo quando dividiu seus pensamentos de prós e contras de se acasalar com ela e ela havia jogado tudo em sua cara. As palavras dela repetindo em sua cabeça. Um minuto atrás você estava debatendo se você me queria como companheira ou não. Agora você está me perguntando? O que fez você se decidir? É por que a humilde humana aqui não implorou para ser sua companheira? É isso o que você esperava? Se enxerga.

Ele apertou os dentes juntos tentando se manter calmo. Ele era um VampLycan. Ela deveria se sentir lisonjeada por ele querer ela. Ele tinha muito a oferecer. E de novo, talvez ele não tivesse. Seu futuro com o clã seria incerto com uma companheira humana, assim como nenhum outro o aceitaria. Ela estaria em constante perigo por ninhos de Vampiros e bandos Lycan se eles tivessem que viver no mundo dela. Ele lutaria com todos eles, mas ele estaria sozinho sem nenhuma segurança.

— Droga. – Ele correu seus dedos contra seu cabelo e se virou para o telefone.

Algumas mensagens esperavam. Ele as leu. O humano deveria ter dado retorno já, iniciado a procura por eles, e o auto clamado rei havia enviado ameaças para o humano escravizado. Era uma lembrança de que o mestre mataria humanos inocentes se Veso não os liberasse e reprogramasse suas mentes, então os enviaria para algum lugar seguro durante a noite.

Ele chamou a informação, pedindo o número para o alojamento, então pedindo que fosse conectado. Soou quatro vezes antes de uma voz familiar atendesse.

— É bom ouvir sua voz, Davis.

— Quem é?

— É Veso.

— Nós pensamos que você estivesse morto! – Excitamento soou na voz do VampLycan. — Esses malditos vampiros disseram que mataram você.

— Vocês capturaram alguns?

— Eles falaram para a Kira. Ela está viva, mas os bastardos a atacaram também. Ela estava muito mal, mas ela está melhor agora. Onde você está?

— Eu não estou completamente certo. Nós conseguimos chegar a uma cabana, mas eu estou estimando que eu esteja a quatro milhas de casa. Eu preciso que você mande ajuda. Eu estou sendo perseguido por escravos humanos com dardos tranquilizantes durante o dia e soldados e Vamps à noite. Você pode rastrear a ligação?

Silencio o saudou.

— Davis?

O VampLycan não o respondeu e ele encarou o telefone. O sinal havia caído.

— Droga! – Ele tentou ligar de volta, mas não conseguiu conexão. Ele andou em volta, levantando o telefone, procurando por um sinal forte, mas não mostrava nada.

— Que droga. – Ele gritou.

— Qual o problema?

A voz de Glenda chamou sua atenção para a parte de cima do sótão. Ela tinha um cobertor em volta do corpo, um pouco dos ombros se mostravam e o cabelo estava bagunçado pelo sono.

— O sinal caiu.

— Por quê?

— Acontece, ás vezes, quando há uma tempestade, mas está seco lá fora. O mestre deve ter ficado preocupado que tivéssemos capturado um humano desde que o que está no closet não respondeu há algumas horas atrás. Há mensagens em seu telefone. Esse maldito chupador provavelmente mandou os outros humanos fazer alguma coisa com a torre para tirar toda a cobertura de telefone da área.

— Eu pensei que você ia fazer o cara que capturamos responder de volta. Nós discutimos sobre isso.

— Eu dormi de mais. – Ele atirou o telefone, parando dentro da lareira. – Eles virão atrás de nós. Vista-se.

— Você quebrou outro telefone? Qual o problema com você? Talvez nós pegássemos algum sinal do lado de fora. Talvez o sinal tenha caído por um minuto ou algo assim.

— Pare de perder tempo brigando comigo, droga. Eu me recuso a ser drogado de novo. Nós estamos fora daqui. – Ele saltou para a cozinha, abrindo rapidamente as portas dos armários e pegando suprimentos.

— VampLycan louco. – Ela bufou de cima. — Você tem problemas de raiva.

— Se vista. Nós estamos saindo em cinco minutos.

— Eu estou.

Tinha sido um erro atirar o telefone, mas ele precisava de algo para tirar sua frustração. Glenda era sua companheira. Ele tinha certeza disso. Eles haviam trocado sangue quando eles se beijaram e ele soube.

Uma humana não era suposto ser sua companheira, ou mesmo ele querer de qualquer maneira juntar sua vida com uma mulher. Mesmo que eles tenham feito sexo, ele tentou usar lógica para conversar consigo mesmo do que clamar ela. O timing era uma merda. Seu clã nunca a aceitaria. Eles estavam sendo caçados. E então Glenda o havia rejeitado quando ele finalmente decidiu se estabelecer pronto para aceitar que lógica não importava em face do instinto.

Ela é minha companheira. Ela está em perigo. Eu preciso que ela esteja em segurança e então eu vou convencê-la que vamos ficar juntos pra sempre. Foco nisso.

Ele esvaziou a mochila que o humano usava, repondo com barras de comida, snacks e garrafas de agua. Ele se levantou e caminhou para o closet, o abrindo. Ele agarrou o homem e o puxou para fora.

— Olhe para mim.

Os olhos estranhos bateram abertos.

Veso o encarou, permitindo seu poder fluir.

— Rei Charles mentiu para você. Ele é mal. Ele vai matar você e seus amigos. Você entende?

O homem empalideceu, medo mostrando nas linhas em seu rosto.

— Você vai encontrar o homem e a mulher grávida que você me disse. Atire no homem com um dardo e então você vai facilmente controlar a mulher com cuidado e coloca-los no barco. Saia daqui imediatamente antes de escurecer. Você me entendeu? Amarre-os. Você precisa os manter seguros porque eles não querem e não vão acreditar que o Rei Charles é mal. Ele vai matar todos vocês. Mantenha-os longe por alguns dias. Encontre um lugar seguro para se esconder durante a noite. Você entendeu?

— Sim.

— Eu vou deixar você ir. Mantenha-se parado até que eu te de uma arma de dardo. Então você vai sair daqui e vai os encontrar, leve-os com você e fique longe por pelo menos três dias. Você precisa estar o mais longe que você puder. Entendido?

— Sim.

Veso ajudou o humano a ficar de pé, o libertado das amarras, então levantou a arma de dardo e abriu a bolsa com os dardos. Ele removeu um pouco dos líquidos dentro deles, não muito certo se a quantidade não poderia matar um humano. Pequenas doses não deveriam machucar um. Ele carregou a arma e a entregou para o humano, junto com a bolsa.

— Corra!

O homem girou, quase batendo contra a parede, então indo até as barras na porta. Ele disparou uma vez que estava livre, seguindo até perto do rio, Veso fechou a porta e decidiu que ele não teria tempo de brincar em volta de Glenda com suas habilidades. Ele saltou para o sótão, evitando a escada.

Ela se assustou, quase caindo em sua bunda quando ele pousou.

— Merda!

Ele queria rolar os olhos em frustração. Ele havia assustado ela, de novo. Não havia nenhuma forma de convence-la a ser sua companheira. Ela sabia que ele era um VampLycan, mas era possível que ela precisasse de mais tempo para se acostumar com as diferenças entre eles antes de ela concordar em tomar seu sangue.

Ele planejara se transformar, ter ela em suas costas de novo, mas ele mudou de ideia. Ele poderia protege-la em duas pernas tão bem quanto em quatro. Ele se moveu devagar, mas era importante que eles conversassem.

— Você sabe que eu não sou como você. – Ele a lembrou gentilmente. Ele se moveu ao redor dela e pegou alguma roupa que ele pensou que pudesse servir e então falou. — Nós estamos indo. Encontre algumas roupas que sirvam no caso de termos que nadar de novo. – Ele fez o mesmo para si mesmo, agarrando um par extra de camisetas e calças e então ele desceu de volta.

Ele localizou uma mochila grande, jogando as roupas dentro, e segurando suas mãos enquanto Glenda descia as escadas. Ela havia posto uma camisa masculina. A calça cargo que ela usava era larga, mas ela havia usado um cadarço no lugar de um cinto para manter junto a parte da frente, formando um cinto velho. Os chinelos que ela usava impressionaram ele. Ela envolveu mais laços em torno de seus tornozelos para fazê-los permanecer em seus pés. Eles a protegeriam de danos muito mais do que camadas de meias.

— Bom trabalho.

— Obrigada. – Ela sorriu. — Eu ainda estou usando duas camadas de meias, mas este tem solas no final.

— Me dê as roupas extras. Eu vou selar elas na parte de cima em caso de a bolsa molhar.

Ela não hesitou.

— Você acha que eles viram atrás de nós logo agora? Eles vão tentar atirar em você com sedativos, certo?

— Sim. – Ele fechou a bolsa e a colocou, e então levantou a arma. As capsulas pra ela foram aos bolsos da calça. — Fique colada na minha bunda e em silencio.

— Você não vai tentar os sapatos? Há muitos deles lá em cima no sótão. Eu sei que nenhum deles na última cabana caberiam, mas esses são grandes. – Ela olhou para baixo em seu pé.

— Eu não preciso deles.

Ela abriu a boca, provavelmente para argumentar. Ele se virou rapidamente. Eles precisavam ir.

Ele destravou a porta e a abriu, inalando. Os únicos cheiros humanos que ele sentia era o que ele havia mandado embora e Glenda. Ele pisou fora, seu olhar passando pelas árvores. Nenhum movimento ou sons estranhos o alertou sobre intrusos. Os pássaros cantavam.

— O que é isso? – Glenda pressionou contra suas costas, pressionando suas mãos logo acima de sua bunda.

— Silêncio.

Ele continuou ouvindo, seus olhos em constante movimento antes dele determinar que fosse seguro.

— Vamos indo. – Ele decolou lentamente para ela, em uma leve corrida.

Ela fechou a porta atrás dela, mas o seguiu de perto. Eles saíram da clareira e entraram nas mais espessas árvores. Veso relaxou. Um ataque teria ocorrido assim que eles tivessem deixado a cabana se os escravos humanos do mestre os tivessem alcançado.

Ele retomou o passo, seguindo em direção a casa. Não havia de maneira alguma que Glenda andasse quatro milhas em um dia, mas agora seu povo estaria procurando por eles. Ele esperava que fosse encontrado pelo clã logo.

Capítulo Treze

Glen agarrou a camisa de Veso e felizmente, ele parou. Ela ofegou, querendo apenas cair em seus joelhos.

— Eu preciso descansar.

— Droga. – Ele tirou a mochila e se virou para olha-la.

— Assim como você gosta de apontar, eu sou apenas humana.

— Sente-se.

Ela se sentou na grama, na sombra de uma arvore, mas não foi de forma alguma graciosa. Veso se agachou próximo a ela e abriu a mochila, a entregando uma garrafa de água. Ela lembrou-se de respirar. Vomitar apenas a faria se sentir ruim. Seus lados doíam, os músculos da bunda dela até seu tornozelo queriam ir junto, e ela estava quase acreditando que uma vez que ela removesse os chinelos que ela havia roubado da cabana, seus pés estariam como tocos sangrentos.

— Não estamos nos movendo rápido o suficiente.

Ela o estudou enquanto tomava outro gole de agua.

— Nós estivemos correndo e a toda velocidade por quase duas horas direto.

— Você teve que ir ao banheiro e obrigou uma pausa para a água.

— Desculpe. De novo, humana aqui. Eu não sou um cara super-medonho com coisas extras.

Ele parou de olhar em volta e a encarou.

— É assim que você me vê?

— Não era para soar como um insulto. Realmente. Estou puta, Veso. Cansada. Suada. Mal-humorada. Eu poderia continuar, mas não vou.

— Você quer que eu carregue você por algum tempo? Você poderia carregar a mochila e eu poderia colocar você nas costas.

Era tentador, mas ela balançou a cabeça. Ele podia parecer como se o passo não fosse nenhum problema, mas ela lembrou a forma como o corpo dele se mantinha tenso, seus olhos constantemente vasculhando. Ele até farejava muito. Ele esperava que eles fossem atacados a qualquer momento, desde que eles deixaram a cabana. A carregando em suas costas o distrairia. Ela não queria ter que lutar por sua vida. Já era ruim o suficiente estar correndo por isso.

— Eu estou bem. Apenas me dê alguns minutos.

Ele tirou uma barra de granola e entregou para ela.

— Coma.

Ela estava agradecida que ele estivesse pensando sobre suas necessidades. Ela deu uma mordida na barra seca e vibrou. Isso ajudou sua fome. Ela terminou e devolveu para ele o embrulho. Ele guardou dentro da mochila, ofereceu outro gole de agua e se levantou.

— Eu sei. – Ela murmurou, tentando ganhar força para se levantar em seus pés. — Hora de ir.

Ele segurou as mãos dela e a puxou para cima.

— Nós vamos caminhar por um tempo, mas é bom continuarmos caminhando.

— Obrigada.

Ele deu um aceno e se afastou, caminhou por entre as madeiras. Ela o seguiu, mancando atrás. Ele olhou para trás e ela tentou esconder suas dores, forçando um sorriso. Ele voltou atrás para olhar as árvores em torno deles, fazendo sua rotina de farejar.

Ela o estava atrasando. Ele poderia se transformar e correr. Era tentador pedir para ele fazer aquilo de novo, mas ela não faria. Enquanto suas roupas estavam secas dessa vez, não significava que ela não pudesse ter assaduras entre as coxas de novo por monta-lo. A última coisa que eles precisavam era uma repetição da noite anterior. Ele iria querer cura-la com sua língua quente e ela terminaria sendo fodida. Literalmente.

Seu corpo instantaneamente respondeu a memória. Veso tinha um corpo muito bom e ele sabia o que fazer com ele. Ele a tinha fora em tempo recorde. Um espasmo atingiu sua barriga, um calor entre suas coxas apenas por imaginar ele dentro dela de novo. Ele tinha um ótimo pau. Devia ser super quente, largo e maravilhoso.

Ele parou na frente dela tão rápido que ela bateu contra as costas dele.

Ele virou a cabeça, encarando em baixo nela com olhos semi serrados. Suas narinas se alargaram e um sorriso curvou seus lábios.

— Eu também tenho uma bunda boa.

Ele podia sentir ela pensando no sexo entre eles? Era possível. Ele tinha um nariz que podia pegar quase tudo.

— Eu não sei do que você está falando.

— Você está ficando molhada.

Ela propositalmente olhou para o céu, e então de volta para ele.

— Não está chovendo. Eu pensei que estivéssemos com pressa. Você sabe, nós temos que nos manter movendo, certo?

Ele olhou para frente e voltou a caminhar de novo.

— Eu vou dobrar você na minha frente quando estivermos seguros e foder você.

— Isso não me motiva exatamente a seguir você. – Ela mentiu.

Ele fungou.

— Eu vou ensinar uma lição para você mais tarde. Mentir para mim não é aceitável. Você cheira como se quisesse ser fodida.

— Talvez seja uma parte sua que deseje isso. Tudo o que eu quero é me deitar por uma boa hora e sair dos meus pés.

Ele balançou a cabeça.

— Você está distraindo a si mesma pensando em sexo. Eu entendo. Eu faço isso também quando meu corpo está cansado.

Ciúmes levantou em sua cabeça. Ela imaginava com quem ele tinha fantasia. Ela não perguntou a ele sobre sua vida de encontros. Ele não tinha uma companheira. Isso era tudo o que ela realmente sabia tão longe quanto as mulheres em sua vida saiam.

— Veso?

— O que? – Ele continuou caminhando.

— Hum, você está vendo alguém?

Ele parou rapidamente e se virou.

— Não. As árvores estão limpas.

— Quero dizer, tipo uma namorada.

— Eu não teria fodido você se eu estivesse interessado em alguém. VampLycans acasalados não traem. – Ele se virou. — Continue caminhando.

— Eu não perguntei se você tem uma companheira. Eu já sei que você não tem. O que eu quero saber é se tem alguma mulher que você está dormindo. – Ela aumentou seu passo desde que caminhou mais rápido.

— Não.

— Sobre quem você fantasia então?

Ele rosnou baixou e se virou mais uma vez.

— O que?

— Com quem você se imagina fazendo sexo? Você está apaixonado por alguém?

Os olhos deles se apertaram.

Ela abaixou os dela e sentiu um calor estranho atingir suas bochechas. Não era a conversa mais confortável de se ter desde que ela não os considerava exatamente como um casal. A chance apenas veio, e ela queria saber mais sobre Veso. Ele a havia pedido para ser sua companheira. Ela tinha o direito de perguntar sobre sua vida pessoal.

Ele arqueou as sobrancelhas e se aproximou mais.

— Isso não é hora para ter essa conversa. Nós vamos ter quando você estiver segura.

Ele tinha um ponto, mas ela sentia como se ele fosse evitar a pergunta dela mais tarde.

— Há alguém na sua vida que você tem algum tipo de sentimento?

— Não. Eu só fodo mulheres quando meu corpo precisa e eu não posso mais ignorar e elas oferecem. Eu não tenho amantes. Eu as fodo uma vez, mas nunca uma segunda. Eu também sou cuidadoso de nunca as deixar ter meu esperma.

Ele talvez não quisesse dizer isso, mas ela nunca esqueceria do que ele havia dito sobre a mãe dele. Tudo fazia sentido. É claro que ele tinha problemas de confiança com mulheres. Sua mãe tinha enganado seu pai para poder engravidar.

— Nós não usamos proteção.

— Você vai se tornar minha companheira.

— Eu não concordei com isso.

— Mova-se, Glenda. Vamos discutir isso mais tarde.

Ela selou os lábios quando ele voltou a andar novamente e encarou a bunda dele. Ele tinha realmente uma muito boa. Era firme, redonda, musculosa...

Ela apenas precisava se manter andando. Mais perguntas encheu a cabeça dela que ela queria perguntar. Que tipo de casa ele tinha? Quantos outros VampLycans viviam com ele? Eles dividiam uma casa grande ou cada um tinha a sua? Será que o pai dele preferia uma vaca ao invés de Glenda por ser humana, possivelmente tentando matá-la ou algo drástico?

Ela abriu a boca, pronta para lançar uma série de perguntas, elas as distraiam da dor em seus músculos, mas Veso parou de repente e se agachou.

Ela tentou fazer o mesmo tão graciosamente quanto ele, mas ela acabou em suas mãos e joelhos. Ela espreitou em volta, mas não viu nada além de um monte de árvores.

Veso virou sua cabeça e segurou um dedo em seus lábios, acenando para que ela ficasse deitada. Ela apertou seus dentes e fez isso, odiando ela estar pressionada contra o chão sujo. A sujeira poderia grudar no seu suor, mas ela não queria ser acertada por um dardo, ou pior, ter Veso acertado também.

Ele tirou a mochila e a deixou no chão, segurando sua mão para dizer a ela para ficar, então rastejou em suas mãos e joelhos até perto de uns arbustos.

Merda. Ela não gostava de o ter a deixando sozinha, mas ela confiava nele com sua vida.

Ela se manteve no chão parada e quieta, esperando que alguém não aparecesse por trás dela, uma vez que Veso havia saído de vista.

Veso alcançou o topo da costa íngreme. As vozes que ele ouviu estavam mais altas lá. Ele usou a moita para esconder seu corpo, observando acima da borda do riacho abaixo. Três humanos estavam conversando do outro lado, todos usando mochilas leves, e um deles segurando uma arma de dardo.

— Nós temos que encontra-los. – O maior dos três disse. — Rei Charles está contando conosco.

— Eu sei. Eles provavelmente estão seguindo pelo rio. Eu iria. Irá leva-los até as outras cabanas. Eu estaria procurando por um telefone que funcione, comida e armas. – O homem barbado com muito cabelo esfregou sua mandíbula com uma das mãos. — Eu não consigo pensar em ninguém que tem terras nessa área, você consegue Curly?

O terceiro homem balançou sua cabeça.

— Não. Nós temos sorte que eles colocaram aquela torre dois anos atrás então nós podemos ter qualquer tipo de recepção aqui. Roger pagou por isso ele mesmo. Ele vai ficar patrulhando o rio com seu barco agora, procurando por eles. Talvez o cara o veja e acene para ele, pensando que ele os ajude.

— Talvez. – O cara barbado ajustou sua mochila, sua linguagem corporal impaciente com seu movimento constante. — Rei Charles sente que eles seguiram nessa direção. Nós temos que continuar procurando. A mulher foi capturada por esse filho da puta.

Veso franziu o cenho. Essa era a história que o mestre Vampiro usou? Fazia sentido. Ele tinha caçado o medo dos humanos para ganhar sua simpatia se eles resistissem ao final em seguir suas ordens. Alguns humanos podiam pensar além da violação da mente se eles estivessem longe do controle do Vampiro por alguns dias. Uma sugestão bem profunda, como se eles estivessem tentando salvar uma vítima, talvez fizesse com que eles seguissem suas ordens por mais tempo.

— Uma coisa é certa, – o menor falou. — Nós ficarmos ao redor desse jeito não vai os encontrar. Roger e sua equipe conseguem cuidar do rio. Vamos nos separar e continuar procurando por aqui. – Ele se abaixou e tocou a arma amarrada em sua coxa. — Atire neles com balas em suas pernas se precisarem. Apenas não o mate. Rei Charles o quer vivo. Eu não o culpo. Eu gostaria de matar pessoalmente alguém que roubou minha mulher.

— Concordo. – Curly grunhiu. — Apenas lembre. Esse idiota está usando drogas e vai ser difícil o nocautear. Mantenham suas armas prontas e fora. Ele é supostamente alguém com habilidades de caça também, então fiquem atentos as suas costas.

Eles se dividiram e Veso fez seu caminho de volta a Glenda. Ela permaneceu exatamente onde ele a deixara. Ele odiava ver o medo em seus olhos. Ele se abaixou próximo a ela, sussurrando.

— Três deles estão à frente.

— Eles têm aquelas armas com dardos?

Ele concordou.

— Sim. Eles estão preparados para atirar em mim com balas para me incapacitar.

Ela se aproximou dele e tocou seu braço com a mão, o olhando alarmada.

— Nós não vamos deixar isso acontecer. Fique quieta e abaixada. Siga-me. – Ele segurou a mochila, mas não a colocou nas costas. Ele agachou, a levando para onde ele estava antes. Ele sentiu orgulho quando olhou para trás. Ela não

havia questionado ele e apenas feito o que ele mandou. Era tão bonito como o inferno quando ela estava rastejando, sua bunda estava para o ar toda vez que ela levantava uma perna para se mover contra o chão.

Ele parou onde ele havia visto o homem e procurou sinal dele. Ele os encontrou logo à frente. O homem de barba se mantinha perto do riacho, mas os outros dois haviam se dividido, indo para as árvores. Isso significava que eles teriam que passar por dois deles. Mais poderiam estar lá fora, mas a área não tinha uma grande população de humanos. Era muito remota.

Rei Charles devia ter uns cinquenta humanos sobre seu controle. Mais se tivesse algum acampamento de exploração. Veso não tinha deixado o território VampLycan por um tempo, então ele não sabia com certeza o que estava acontecendo com as áreas em torno. Uma coisa era certa, o mestre tinha montado sua base e estado na área por tempo significante antes de ir atrás de um VampLycan. Ele sabia a localização de todos os humanos.

Isso o enfureceu. Decker manteve o clã tão ocupado com sua merda que os Vampiros tinham estado a cem milhas de seus territórios e criaram um ninho. Era apenas mais uma razão para odiar o líder do seu clã.

Glenda tocou sua perna, sua mão pequena repousando em sua panturrilha. Ele virou sua cabeça, espreitando pra ela.

Ela arqueou suas sobrancelhas.

Ele mencionou para que ela ficasse quieta e não se movesse enquanto ele se virava de volta para o riacho, observando o progresso dos humanos. Eles estavam se movendo para longe, mas ainda se mantinham na visão. Pelo menos

ela conseguia algum descanso enquanto eles esperavam para se mover. Ele mais uma vez esperava que seu povo os encontrasse logo.

Outro pensamento o atingiu, um bem ruim. E se Decker já tivesse voltado para o clã? Era possível que ninguém seria enviado para procurar por ele. Nabby tinha ficado com a liderança quando ele foi capturado e esse idiota também não levantaria um dedo para o ajudar.

Mas Davis poderia dizer a Bran, seu pai, sobre a ligação, mesmo se Decker ou Nabby o ordenassem que não o fizesse. Ele poderia depender de seus três amigos mais próximos também. Lavos, Garson e Kar iriam procurar por ele. Eles haviam formado uma ligação contra o caminho que o clã estava seguindo. Todos eles foram presos por pelo menos um familiar prometendo sua lealdade ao clã de nascimento.

Ele olhou atrás checando Glenda. Sua mão se manteve em sua perna. Ela usava a outra mão debaixo de seu rosto como se fosse um travesseiro. Seus olhos estavam agora fechados. Ele cheirou o ar, não pegando nada que o alarmasse. Eles ficaram lá esperando por um tempo, ela poderia descansar e então seria hora de continuar movendo. Ele a levaria para a segurança mesmo que seus amigos não pudessem os encontrar. Ela era sua companheira.

O conhecimento não mais o irritando ou o enraivecia. Uma ligação tinha se iniciado por causa do sangue que eles haviam trocado forçadamente dentro daquela mina, mas uma emocional havia se formado desde então. Ele não podia imaginar apenas a deixar voltar para seu mundo humano e nunca mais a ver de novo. Eles haviam enfrentado um monte de obstáculos. Um deles era a recusa dela em ser sua companheira.

Ele sorriu. Esse era um desafio que ele aceitaria de bom grado. Ele iria seduzi-la até que sua teimosia se quebrasse.

Memórias da noite anterior vieram e seu pau ficou duro. Ele deveria ir devagar com ela ele esperou muito tempo para saber como era tê-la de baixo dele, de estar dentro dela. Uma vez que ele a tivesse em sua casa, as coisas seriam diferentes. Ele a ensinaria que nenhum humano se comparava a ele. Mesmo se ele tivesse que a manter em sua cama por semanas até que ela concordasse em se tornar sua companheira.

Para ter Glenda concordando em ser sua companheira seria mais fácil comparado a tomar seu clã e o livrar de toda a podridão.

Ele e seus amigos haviam conversado sobre tomar de Decker e fazer Lavos o líder do clã. Seus amigos não teriam problema com ele tomando uma companheira humana. Kar e Garson iriam a aceitar também. Eles gostavam de todas as fêmeas, independentemente de sua raça. Seu pai, Bran, talvez não ficasse muito feliz ao vê-lo ligado a uma humana, mas ele tinha fé de que seu pai iria o ajudar a proteger Glenda. Ele havia feito muito pior por Veso, como deixar seu próprio clã para se juntar a um que ele odiasse para ver crescer seu filho.

Iria funcionar. Tinha que funcionar. Um problema de cada vez.

Capítulo Quatorze

Glen levantou sua cabeça e vasculhou os olhos de Veso. Ele a estava assistindo com a testa franzida. Só que ele fazia de uma forma mais grosseira do que ela, mesmo quando ela estava exausta e se sentindo como um lixo.

— Eles estão fora de vista. Nós precisamos nos mover de novo. Esse é todo o descanso que você vai ter agora. Me desculpe. – Ele sussurrou. — Fique abaixada, não fale e esteja preparada para se abaixar quando eu disser para fazê-lo.

— Okay.

Ela se ergueu em suas mãos e joelhos, ficando em seus pés. Veso fez o mesmo, não perdendo tempo de limpar suas roupas. Ele apenas colocou a mochila nas costas e começou a descer a inclinação. Ela correu atrás dele, lutando com seu corpo cansado e tentando não cair de cara no chão. Eles alcançaram o riacho e Veso a agarrou em seus braços. Ela não protestou quando ele deslizou através da água e aliviou suas costas em seus pés secos do outro lado. Ele a deixou ir e continuou caminhando.

— Obrigada. Isso foi muito gentil. Eu gostei disso.

Ele não olhou para trás.

— Você é minha companheira. Eu não quero que fique doente. Continue caminhando, Glenda. Menos conversa e andando rápido.

Ela congelou, surpresa de sua continua insistência, mas ela não estava comprando isso. Ele odiava tanto os humanos para realmente a querer. Ela tinha certeza que era apenas seu Ego falando.

— Eu não vou me tornar sua companheira só porque você disse que eu sou.

Ele girou e a agarrou tão rápido que ela engasgou, o encarando. Suas mãos em sua cintura não doíam, mas ele tinha um bom aperto nela.

— Vamos ficar seguros primeiro, e então nós podemos brigar.

— Desculpe. – Ele tinha razão. Haviam três homens com armas de dardos procurando por eles.

Ele a deixou ir, cheirando o ar e fez seu caminho de volta para as arvores de novo. Ela correu para continuar. Ele tinha um passo largo e ela quase tinha que correr para caminhar com ele.

A mente dela ainda estava presa nele dizendo que ela era sua companheira. Ela não podia ser. Suas vidas eram muito diferentes. Ele se transformava em algo com quatro pernas e pelos. Ele também era um pouco valentão e não gostava de toda sua raça. Esse problema de confiança com mulheres também se tornaria um problema. O sexo era ótimo, pelo menos naquela única vez, mas ele provavelmente era impossível de se viver junto.

A mente dela trouxe mais um monte de outros problemas que eles iriam encarar como um casal. Ela não conseguia ver Veso lidando com suas sessenta horas de trabalho muito bem. Ele parecia do tipo de que demandava. Seu trabalho não era o dos melhores, mas ela trabalhou duro para conseguir a aquela posição de gerente. Tinha estado no bolso até que ela foi sequestrada. Eles provavelmente a iriam demitir por não aparecer mais de qualquer forma.

Veso estava apenas mexendo com sua cabeça sobre a coisa de acasalamento. Raiva era uma ótima motivação para sobreviver. Tinha também a distraído de pensar sobre retornar para aquela mina e se tornar uma máquina de reprodução para aquele monstro. Ela nunca tinha ouvido ninguém falar sobre a história da sua família de novo sem estar fazendo careta. Seu ancestral era um maníaco e mentalmente problemático e muito morto-vivo. Ela desejava que ele estivesse enterrado muito fundo em algum cemitério.

Eles alcançaram uma clareira e Veso parou. Ela também, olhando para a montanha que as árvores escondiam. Ela olhou para Veso. Ele estava sorrindo, parecendo super feliz.

— Você sabe onde nós estamos?

— Sim. Nós vamos seguir nessa direção e vamos atingir o território VampLycan. Nós estamos mais perto do que eu pensei.

Ela virou a cabeça de novo, encarando as montanhas. Elas eram altas. Não gigantescas, mas a ideia de escalar alguns milhares de pés não a deixou exatamente excitada.

— Parece meio íngreme.

— Nós não vamos andar entorno dela. Nem mesmo sugira isso.

— Você sabe que não temos cordas dessa vez, não é?

— Nós não precisamos. Há muitas árvores.

— E?

— Os humanos vão querer evitar isso.

— Você está certo. Eu vou querer evitar também.

Ele revirou os olhos.

Ela virou para longe e viu algo brilhando no sol.

— O que é aquilo? – Ela apontou.

Veso chegou perto, seguindo a linha de seu dedo.

— Inacreditável.

— O que é? Devíamos nos agachar? São aqueles caras?

— É uma moto de trilha. Um deles deve ter dirigido até aqui de onde quer que eles estejam ficando.

Ela franziu os olhos.

— Você deve ter super visão. Tudo o que eu vejo é um bando de verde e um pequeno ponto brilhante.

Veso agarrou a mão dela.

— Você talvez consiga seu desejo de não escalar se isso tiver gás e não for uma armadilha. Ele parou em um lugar escondido. A partir desse ponto de vantagem, apenas aquele pequeno ponto é visível para seus olhos, mas o sol tocou o metal e então eu posso ver através dos arbustos.

— Armadilha? – Ela não gostou muito dessa ideia, mas Veso a puxou forte, a fazendo segui-lo ou tropeçar. Ela se manteve quieta. Ele cheirou muito de novo, fazendo sua coisa e olhando em volta. — Você pode ver através de arbustos? É isso que você está dizendo?

— Eu sou em parte Vampiro, Glenda. Metal esquenta no sol e parece brilhar muito perto para mim.

Ela se lembrou quando ele disse para ela que Vampiros tinham a estranha habilidade de ver calor a noite. Isso era porque eles nunca viajam a noite e ele tinha cavado aquele buraco para que eles dormissem. Ela realmente esperava que ele estivesse certo. Uma moto de trilha significava rodas.

— E se a pessoa não deixou as chaves?

Ele bufou, continuando a caminhar.

— O que isso significa?

— Motos de trilha e velhas não precisam de chaves, Glenda. Fique quieta.

Ela fechou a boca e se apressou para continuar com ele. Ele estava caminhando mais rápido, focado no amontoado de arbustos. Quanto mais eles se aproximavam, mais ela conseguia ver da moto. Estava escondida atrás de arbustos entre duas árvores. Ele deixou seu braço ir e colocou seu dedo em seus lábios, então fez um sinal para que ela ficasse lá. Ele avançou com precaução, então andou atrás dos arbustos.

Ela olhou em volta, seu coração acelerado. E se quem tivesse deixado aquela moto de trilha estivesse à espreita? Ela olhou para o chão e achou um galho. Era melhor do que não ter nada em mãos caso eles fossem atacados.

— Venha aqui. – Veso sussurrou alto o suficiente para ela ouvir.

Ele estava sentado no assento, a mochila no chão. Um pé apoiava seu peso e o outro estava um pouco curvado. Ele estudou as árvores em volta de novo.

— O que você está fazendo?

— Procurando pelo melhor caminho para deixar essa área. Eu não quero ir pelo mesmo caminho que o motorista veio. Use a mochila para mim. Não há muito gás, mas deve ser o suficiente para nos levar para casa. Monte atrás de mim uma vez que eu der a partida. Não perca tempo. O som vai alertá-los.

Ela se curvou, colocando a bolsa e lançando um olhar hesitante para o assento restante para ela com pavor. Veso não era exatamente um cara pequeno e pra começar aquele assento não era feito para duas pessoas, ela estimava. Ele tinha um guarda no pneu traseiro e um tubo de escape. Seria apenas a sorte dela se o plástico quebrasse e ela atingisse aquela roda.

— Ótimo, apenas ótimo. – Ela resmungou.

— Segure-se firme. Isso vai ser bem ruim. Pronta?

Ele fez algo com as mãos contra as barras, então seu pé levantado para baixo. O motor tentou pegar, mas não funcionou. Ele levantou a perna, então chutou de novo.

Dessa vez o motor pegou. Era extremamente alto no meio de todo aquele silencio.

Ela se moveu rápido, meio que em pânico com o pensamento daqueles homens com dardos correndo atrás deles. Ela jogou a perna por cima, abraçando Veso em um aperto de morte.

Ele lentamente decolou e a extremidade do traseiro deslizou um pouco para a sujeira.

Ela percebeu que não tinha descanso para o pé e segurou seus pés altos, aterrorizada.

— Os coloque em volta de mim. – Veso gritou, pegando velocidade.

Ele estava louco. Então de novo, quando ele pegou uma curva para evitar uma pedra, o pé dela acertou a sujeira. Foi apenas um toque, mas ela levantou ambas as pernas, tentando os rodear em volta de sua cintura. Ele era muito grande para realmente ver em volta e o que ela conseguia fisgar, apenas a fazia se arrepender de tentar. Ele corria contra as árvores, pedras e arbustos em uma velocidade perigosa.

A moto de trilha vibrava forte de baixo de sua bunda, seu cóccix tomando uma surra quando eles balançaram em torno de um caminho coberto de pedras enquanto ele pegava mais velocidade.

— Nós vamos morrer. – Ela sussurrou. — Correção, eu vou morrer. Droga.

Veso sorriu. Fazia muitos anos desde que ele esteve em uma motocicleta de trilha, mas ele se lembrava de como pilotar uma. Ele estava sendo cuidadoso de

não ir muito rápido de novo, a qualquer momento ele teria que ir devagar. Ele não queria acidentalmente arrebentar as rodas. Ele parou quando eles chegaram em um riacho, procurando pela melhor maneira de passar por isso. Não seria ser muito fundo. Ele podia ver as pedras na água.

Ele desceu da moto e ajustou os pés de Glenda então ela não o machucaria com seus calcanhares.

— Segure firme.

— Não me diga. Meus olhos estão fechados e eu estou mentalizando que isso é uma caminhada em um parque de diversões.

— É apenas um riacho raso. Nós vamos ficar um pouco molhados.

— Pelo menos não é uma montanha.

Ele riu e se movimentou lentamente, dirigindo por uma pequena barragem para a secção mais estreita de água.

Movimento pegou seu olhar para a esquerda e ele viu um humano correndo na direção deles. Ele estava longe, mas estava ganhando terreno. Era um dos homens que ele havia visto mais cedo. Ele rosnou, acelerando mais. Eles atingiram a agua e Glenda engasgou, mas ela segurou firme nele. A roda traseira girou um pouco do outro lado, mas eles ficaram limpos. Ele girou a roda, pegando velocidade.

Alguma coisa passou raspando no canto de seus olhos. Era um dardo. O bastardo estava atirando neles. O humano poderia acertar Glenda nas costas da motocicleta de trilha. Iria provavelmente matá-la se eles estivessem usando drogas suficiente para colocar um VampLycan no chão. Ele viu uma pedra larga e se dirigiu para isso. Ele parou rapidamente uma vez que eles estavam do outro lado, deixando o motor ligado.

— Solte-me e fique aqui.

Ele tentou se levantar, mas Glenda continuava enrolada apertada nele. Ele amaldiçoou, ajustando seus pés até que ela estivesse sentada no banco.

— Segure suas pernas. – Ele disse. — Segure a moto firme. – Ele desceu a mantendo em pé em seu aperto.

— Eu não posso dirigir uma dessas.

— Apenas a segure firme. Aperte as barras, mas nada além disso. – Ele fez suas instruções clara o suficiente. Ela não perguntou.

Ele deu um passo para trás, escalando até o topo, e observando do topo. O humano estava correndo, seguindo as marcas das rodas. Levou alguns minutos para que ele ficasse ao alcance.

Veso se jogou em uma corrida para o bastardo. O humano nunca o vira chegando até que ele sentiu o impacto deles juntos, atingindo o chão com o humano de baixo dele.

Raiva subiu por Veso e ele socou forte o humano no rosto. Ossos quebraram. Ele não estava nem aí se o humano estava sobre o controle do Vamp. O bastardo estúpido havia atirado em Glenda. Ele apostava sua vida que o mestre havia dito para o idiota não fazer isso, sabendo que uma dose completa de drogas poderia mata-la.

O humano parou de se mover, mas continuava respirando. Veso avançou um pouco, pegando a arma de dardos e se levantando em seus pés. Ele estava tentado a atirar um deles no idiota inconsciente. Ele girou longe ao invés e atirou a arma longe de vista.

Ele rodeou a pedra e retornou para Glenda. Ela parecia aterrorizada.

— Está tudo bem. – Ele subiu na motocicleta. — Desça e então eu posso dirigir. Eu cuidei do problema.

— Você o matou?

Ele balançou a cabeça enquanto ela desmontava e ele colocava uma perna do outro lado, pegando seu lugar. Glenda subiu de novo, dessa vez ela passou as pernas contra a cintura dele sem precisar ser pedida para o fazer. Ele temia que seu pé atingisse a roda ou pior. Havia muita vegetação em que ela podia atingir. Não era muito confortável ter as pernas dela em volta de sua cintura, mas ele preferia arriscar suas bolas feridas do que ossos quebrados ou dedos perdidos.

Ele contornou a montanha, indo em volta ao final das contas. Ele tinha que desacelerar quando encontrou onde uma tempestade tinha causado um deslizamento de terra. O chão estava seco há algum tempo, mas muitas pedras haviam descido. A cada milha que eles dirigiam, pensou, era uma que eles não precisariam caminhar e cada uma os levava mais perto do território VampLycan.

Eles fizeram isso em volta do chão danificado e ele acelerou, a grama estava escorregadia na parte de trás por conta do peso extra na motocicleta, mas ele reconheceu mais marcações. Parte de seu trabalho era aprender sobre o exterior em volta do território do clã. Havia um velho caminho de exploração a frente. Ele continuou caminhando em direção a casa e finalmente veio através dele. Ele foi para o norte. Era mais do que uma trilha suja agora sem anos de manutenção, mas ele encontrou sinais recente de pneus enquanto ele seguia por isso. Era provavelmente como eles haviam o levado para longe de casa.

Ele parou a motocicleta, estudando algumas das marcas profundas de pneus. Não havia chovido recentemente, elas deveriam ter sido feitas quando a estrada estava pesada com lama. Isso significava que alguém a estava usando semanas antes, quando a última tempestade caiu. Outra tempestade teria molhado a estrada de novo e apagado melhor.

— Droga. Por quanto tempo esses bastardos estiveram nessa área?

— O que? – Glenda o abraçou mais forte.

— Nada.

Ele virou devagar de novo evitando assusta-la muito, e então pegou velocidade, alerta para um ataque. Seria melhor sair da estrada de mineração, mas ele temia por Glenda sobre isso. O terreno era bem ruim e a segurança dela vinha primeiro. Eles não esperavam que ele roubasse a motocicleta. Era possível que eles não se preocupassem em colocar uma armadilha a frente.

Algumas milhas mais tarde, o motor engasgou e morreu. Veso amaldiçoou, usando seus pés descalços para ir desacelerar e então parar. Eles estavam perto da cerca dos VamLycan. Ele olhou para o céu. Estaria escuro daqui a algumas horas. Eles iriam conseguir.

Glenda relaxou seu aperto nele.

— Por que você parou?

— A gasolina acabou.

— Merda.

— Desça.

Ela fez pequenos sons bonitinhos enquanto ela descia, gemendo e então esfregando sua bunda com ambas as mãos. Ele teve a urgência de fazer isso para ela, mas resistiu. Ele iria querer fode-la se colocasse suas mãos nela para massagear suas dores.

Ele empurrou a motocicleta para fora da estrada e a deixou fora de vista, e então retornou para ela.

— Me dê à mochila.

Ela a retirou.

— Com prazer. Acho que as correias deixaram cortes permanentes nos meus ombros.

— Estamos quase em casa, Glenda.

Isso não pareceu a confortar quando ela franziu o cenho, seus olhos presos com os dele. Ele se aproximou dela e tocou sua bochecha. Ela não disse nada, no entanto. Isso o chateou.

— O que foi?

— O que acontece quando chegarmos lá? Significa que um monte de gente gosta de você, certo? Em outras palavras, eles provavelmente odeiam humanos tanto quanto você.

— Eu nunca permitiria que alguém machucasse você, Glenda. Eu disse isso para você.

— Você pode me culpar por estar nervosa e cautelosa?

— Você é inteligente. Você fez do seu sutiã uma ferramenta. Você me libertou mesmo sendo fraca e não tendo garras. Você já encarou tanta coisa. Essa vai ser a parte fácil.

— Eu amo como você pode incentivar e ainda insultar ao mesmo tempo. Boas habilidade aí. – Humor atingiu a voz dela. — Você é um idiota. Eu também penso que você está ferrado, e ninguém que goste de você vai estar feliz eu tenho sido uma ajudante nessa desventura infernal.

Ele riu.

— Há uma cerca que precisamos escalar. Fique aí.

— Ótimo. Fantástico. Está com arame farpado?

Ela realmente o divertia.

— Não.

— Pelo menos tem um lado bom, eu não vou sangrar muito quando encontrar outro povo Meio-Vampiro, então esperançosamente eles não vão querer me comer.

— Eu sou o único que vai fazer isso.

Seus olhos se arregalaram.

Ele a deixou ir e se apoiou, removendo outra garrafa de agua da mochila. Ele a deixou beber primeiro, e então a terminou.

— Vamos nos mover. As cercas fronteiriças estão à frente, mas ainda estamos em uma caminhada antes de chegar em casa.

Capítulo Quinze

Veso parou de repente e Glen bateu contra suas costas. Era irritante o quão frequente ele fazia isso e como ela não conseguia parar rápido o suficiente. Ela não tinha seus super-rápidos reflexos.

— O que é agora? – Ela sussurrou para que ele não resmungasse com ela. Aquela lição tinha sido aprendida. — O vento? Algum animal peidou? Você parou cinquenta vezes na última hora ao menos.

— Silêncio. – Ele inclinou a cabeça. — Alguém está vindo.

Ele voltou para trás e deu a ela um empurrão não tão gentil para atrás da árvore. Ela não precisou ser empurrada de novo. Ela se escondeu atrás do tronco espesso, imediatamente se perguntando onde Veso teria ido quando ele não a seguiu. Ela olhou em volta e sua boca abriu em surpresa. Ele estava a cima dela nos galhos. Como ele subiu lá tão rápido era um mistério. Ela se encostou contra o tronco espesso e olhou para ele.

De repente ele pulou e ela abafou um suspiro. Tinha que ter sido uns quatro metros de queda.

Um rosnado soou do outro lado da árvore, e então ela ouviu a voz profunda de um homem.

— Maldição! Você me assustou para caralho, Veso!

— Lavos! É muito bom ver você.

Glenda observou de trás da árvore. Veso e um outro homem estavam se abraçando. Essa não era uma coisa que ela havia esperado testemunhar. O cara novo era alto, musculoso e atrativo de se olhar. Eles se separaram, Veso olhou

para ela e ela não pode perder o grande sorriso no rosto do estranho quando ele falou.

— Eu pensei que você estivesse morto. Não ouse fazer isso comigo de novo.

— Eu não deveria ter sido capturado para começar. Os Vampiros fodidos não lutaram de maneira justa. Eles se enterraram perto das nossas cercas, esperando até que o sol descesse e então atacaram. Esses bastardos me drogaram.

— E aparentemente cortaram seu cabelo.

Veso fez um som assustador.

— Nem me lembre Lavos.

— Eu estaria puto também. Onde eles estavam te mantendo?

— Dentro de uma mina. Nós precisamos voltar lá e matar aqueles sugadores. O mestre criou um ninho e tem soldados. Eles têm nos caçado desde que escapamos.

Lavos desviou seus olhos até Glen, abertamente a encarando.

— Você gostaria de me apresentar para sua amiga?

Veso virou sua cabeça.

— Vem aqui, Glenda. Esse é o Lavos. Ele é um VampLycan também.

Ela contornou a árvore devagar.

— É apenas, Glen. Muito prazer em te conhecer, Lavos.

Ele farejou, e então encarou surpreso Veso.

— O que está acontecendo?

— Ela é descendente do mestre que me sequestrou. O bastardo louco a sequestrou também de sua casa, e então eles me agarraram para me forçar a

acasalar com uma humana, então ela poderia engravidar de uma menina. Ele queria fazer minha filha sua amante um dia.

As sobrancelhas de Lavos se arquearam.

— Meu relativo parente Vampiro, atualmente, considera a si mesmo um rei e ele disse que queria que eu fizesse a rainha dele. – Glen resmungou. — Ilusões de grandeza, se você me perguntar. Toda essa merda louca de morcego.

— Eu concordo. – Veso disse. — É mais do que insultante que ele tenha me pego para acasalar.

Isso deixou Glen com raiva.

— Eu estou bem aqui. Eu já entendi. Você não gosta de humanos. – Ela lançou um olhar sujo a Lavos. — E sim, ele já me disse que você é meio Vampiro, meio Lycan. Eu também já montei nele quando ele tinha quatro patas. – Ela avançou até o lado de Veso e bateu em seu braço. — Você me seduziu, então corta essa atitude "Humanos fedem"! Eu era obviamente boa o suficiente para você pegar. Já está ficando velho.

Os olhos dele se franziram enquanto ele a encarava.

— Você poderia ao menos ter fingido que esse tapa doeu.

Ele olhou para baixo em seu braço onde ela o atingiu, e então balançou a cabeça.

— Era insultante que o mestre acreditasse que eu daria minha filha para ele. Eu não estava falando sobre você.

— Eu ainda não estou entendo o que está acontecendo, mas isso é divertido para caramba.

Glen e Veso ambos olharam para a cara risonha de Lavos.

Veso falou primeiro.

— O Decker retornou?

A expressão de Lavos mudou para uma séria.

— Não. Ele nunca vai voltar. É uma longa história. Merda bateu no ventilador depois que você foi levado.

— O que aconteceu?

— Longa história de forma curta? – Lavos suspirou. — Os Vampiros não apenas atacaram você, mas atacaram a Kira também. Um dos bastardos a transformou. Meu irmão a encontrou enquanto ela se transformava e a levou para seu esconderijo para que o clã não a matassem. Longa história de forma curta, ele a alimentou com seu sangue. Ela agora tem garras crescendo e está tudo bem com a luz do sol. Seu sangue VampLycan parece ter ativado a genética dormente que ela herdou de Davis. Meu irmão teve que assumir o clã em ordem de manter Kira segura. Ele é nosso novo líder agora.

Glen levantou seus olhos para o rosto de Veso em uma tentativa de avaliar se isso era uma coisa boa ou não.

Veso parecia espantado.

— Lorn tomou o clã?

— Ele teve ajuda, e o suporte de outros clãs. Eu, seu pai, Kar, Davis e Garson estão o ajudando a segurar. – Lavos manteve sua atenção em Veso. — Lord Aveoth está caçando Decker. Ele está morto se ele tentar voltar. Não fique surpreso se você ver nossos vizinhos voando sobre sua cabeça durante a noite. Eles estão patrulhando com a autorização do Lorn, em caso do Decker tentar um ataque sorrateiro para pegar o clã de volta. Nós também pensamos que ele é responsável por aqueles Vampiros invadindo nosso território.

— Que diabos? – Veso estendeu a mão e coçou a nuca.

— Decker enviou o conselho Vampiro atrás de sua neta, Batina, que se acasalou com o segundo filho do Velder, Kraven enquanto eles estavam na Califórnia. O fodido estava trabalhando com os Vamps. Nós descobrimos isso recentemente, depois que Lorn conversou com os outros clãs desde a noite que fomos atacados. Nós sabemos como Decker é vingativo.

— Merda. – Veso rosnou. — Aquele bastardo insano.

— Sempre um bundão. Aquele Decker. – Lavos abaixou seu olhar, encarando Glen. — Então, qual é a sua história?

— Eu apenas quero ir para casa, sair do meu apartamento para algum lugar a salvo de Vampiros e colocar tudo isso para trás. – Ela admitiu.

— Você não está indo a lugar nenhum. Você pertence ao meu lado, onde você está segura. Não se esqueça de que o mestre não vai parar de tentar recapturar você até que eu o mate.

Ela pressionou os lábios juntos, não respondendo Veso. Ele tinha razão, então ela não podia argumentar sobre seu parente louco.

Veso encarou Lavos.

— Ela é minha companheira. Ou vai ser logo. Eu sei que ela não será bem-vinda em nosso clã, então eu vou escondê-la em meu esconderijo até que nós tenhamos acabado com aquele ninho, então contatar Trayis para ver se ele vai me aceitar em seu clã. Você pode limpar essa com seu irmão? Eu apenas quero ela salva até que o mestre esteja morto, Lavos. Aquele Vamp está determinado em acasalar ela com alguém de nossa espécie para que uma criança forte cresça.

— Não seja tão apressado, – Lavos replicou. — Alguns do nosso povo podem achar uma droga você ter uma companheira humana, mas Lorn ama Kira. Ele se acasalou com ela. Nós precisamos de você para segurar o clã. Nem todos eles estão felizes com as mudanças, como você pode imaginar.

— Lonr me odeia.

— Sim, ele te odeia. – Lavos concordou. — Eu não vou negar isso, Veso, mas eu disse a ele que estávamos, secretamente, criando um plano para tomar o clã juntos. Ele sabe que você odeia tudo o que Decker representava. Você queria mudanças tanto quanto nós.

— O clã vai pressiona-lo para me exilar por ter uma companheira humana. – Veso pausou. — Eu não vou arriscar a vida dela.

O coração de Glen acelerou. Agora Veso dizia ao seu amigo que ela era sua companheira. Ele realmente queria dizer isso? Não. Ele tinha que estar a confundindo. Ela limpou a garganta.

— Eu vou pontuar isso de novo, eu não concordei com isso.

Veso virou sua cabeça e teve a cara de pau de sorrir.

— Ela está em negação, mas ela é minha.

Ela bateu nele de novo, batendo em seu braço.

— Você é um valentão, e rude. Eu tenho algo a dizer nisso!

Ele nem se moveu.

— Ficar me batendo te faz se sentir bem?

— Mais ou menos. Ajudaria mais se você agisse como se doesse.

Lavos riu.

— Você não bate forte, Glenda. Você está irritada e cansada. Me bata se isso te faz se sentir melhor, mas você ainda é minha companheira. Você não vai voltar para Oregon.

— Nós estamos em Oregon.

— Nós estamos no Alaska.

Ela engasgou, chocada.

— O que?

— Alaska. – Ele repetiu. — Não Oregon.

Lavos limpou sua garganta.

— Hum, eu odeio atrapalhar isso, porque é estranho, ainda assim divertido, mas nós deveríamos estar voltando para o alojamento. O sol está começando a se por. Isso normalmente não seria um problema, mas você disse que estão sendo caçados. Nós precisamos estar dentro ou bem fundo em nosso território antes que os Vamps saiam.

Veso quebrou o contato com ela e olhou em seu amigo.

— Você não trouxe um veículo?

— Eu não estava esperando dois de vocês. Eu dirijo um quadriciclo. Não vão caber três.

— Diga-me onde está e eu vou levar Glenda para casa.

Lavos balançou a cabeça.

— Sem chance, Veso. Você me ouviu quando eu disse que o Decker estava trabalhando com Vampiros? Ele provavelmente disse para todos eles sobre nosso clã. Eles atacaram uma sessão remota para pegar você e a Kira, onde os guardas estão mais espalhados. Sua casa é na mesma área. Você não disse que aquele mestre vai tentar recaptura-la? Não vamos fazer isso fácil para ele. Esse é o primeiro lugar que eles vão procurar por você quando a noite cair. O alojamento é onde montamos a base principal. Ela vai estar segura lá. E mais, eu não quero perder quando seu pai e o resto do clã testemunharem que você

tem uma companheira humana. – O cara teve a cara de pau de rir. — O alojamento é onde precisamos ir.

— Eu não sou a companheira dele. – Ela resmungou, chateada. Eles nem ao menos a levavam a sério, provavelmente porque ela era humana.

— Você é. – Veso encolheu os ombros e os girou. Ele se virou suavemente e a agarrou-a aconchegando em seus braços. — Vamos lá. Ela anda devagar e está cansada. Eu não preciso mais me preocupar em defende-la sozinho. Nós temos humanos com armas de dardos carregados de drogas procurando por nós.

— Droga. – Lavos cheirou o ar, olhando em volta. — Vamos lá.

Glen envolveu seus braços em torno do pescoço de Veso. Ela não iria reclamar se ele queria carrega-la. Ela deitou sua cabeça em seu pescoço e fechou os olhos.

— Desde que você acha legal ser mandão, eu também posso ser. Eu quero comida. Comida de verdade. Cozida. E um banho.

— Feito. – Veso disse. — Logo.

— Inacreditável. – Lavos riu.

— Cala a boca. – Veso rosnou. Isso fez seu peito vibrar.

— Você riria também se eu aparecesse com uma companheira humana, meu amigo.

******

Era bem depois do anoitecer quando as luzes do alojamento puderam ser vistas. Veso olhou para baixo em Glenda. Ela havia caído no sono em seus braços uma hora atrás.

Lavos parou, olhando em volta e cheirando o ar. Ele se virou para encará-lo.

— Você quer que eu entre primeiro? Eu mandei uma mensagem quando estávamos perto o suficiente para pegar um sinal no meu telefone. Todo mundo sabe que você foi encontrado. Eu posso alerta-los. – Seus olhos caíram para Glenda e então voltaram para Veso.

— Eu não planejo ficar muito tempo, uma vez que acabemos com aquele ninho. Eu sei que não serei bem-vindo aqui pelo seu irmão ou pelo resto do clã, não com ela.

— Talvez você fique surpreso. Pare de esperar o pior.

— Trayis tem alguns homens que se acasalaram com humanos em seu clã. Eu sei que ele vai me aceitar. Meu pai era do clã dele e mantem contato com ele.

— Não faça pouco caso do Lorn, Veso. Vocês nunca foram inimigos.

— Nós nunca fomos amigos também. Eu não o vejo me deixando ficar.

— Você fingiu gostar de Nabby e daquelas outras merdas para que você pudesse nos avisar sobre a porcaria que eles planejavam fazer com antecedência. Nós salvamos vidas. Isso por sua causa, meu amigo. Lorn sabe disso. Eu disse tudo para ele.

— Certo, mas ele ainda não vai aceitar minha companheira.

— Você deveria acasalar com ela.

— Eu planejo isso, mas eu não pude enquanto nós estivemos sendo caçados. Era muito perigoso.

— Entendido.

— Vamos apenas encarar isso. Eu quero isso terminado. Lorn vai nos dar suporte contra o ninho? Eu preciso de ajuda, e eu quero que meu pai fique para proteger Glenda. O mestre é um perigo para ela. Ele precisa morrer.

— Esse mestre enviou seu ninho para invadir nosso território e eles atacaram a Kira, também. Pode apostar a sua bunda que vamos atrás desses bastardos.

— Bom. – Veso pausou, olhando para baixo para Glenda. Ele deveria acorda-la antes que eles enfrentassem o que esperava lá dentro. — Glenda?

Ela não se mexeu em seus braços.

Ele falou mais alto.

— Glenda? Acorde.

Seus olhos bateram abertos e medo imediatamente os preencheu.

— Está tudo bem. Estou segurando você. Você está segura.

Ela deu um aperto forte contra seu pescoço.

— Está escuro.

— Sim, está, mas nós estamos fundo em território VampLycan. Nós estamos quase no alojamento. Olhe. – Ele a virou em seus braços para que ela pudesse ver as luzes no telhado.

O corpo tenso dela relaxou.

— Isso é um hotel?

— Não. É o local de encontro do clã. – Ele gentilmente a colocou em seus pés. — Seja forte. – Ele segurou a mão dela. — Não demonstre medo. Ninguém vai machucar você.

— Você está completamente a salvo. – Lavos adicionou.

— Vamos terminar com isso. – Veso não estava muito ansioso para encontrar seu novo líder do clã. Ele não odiava Lorn, mas eles nunca foram próximos. Ele sabia que Lorn não havia gostado quando ele treinara Kira para lutar. Eles trocaram palavras agressivas e Lorn tinha o ameaçado de morte se alguma coisa ruim acontecesse com ela. Ele se perguntava se Lorn o culparia por Kira ser atacada pelos Vamps.

Eles caminharam acima da colina, Veso ajudou Glenda no caminho. Ela realmente tinha problemas de ver, tropeçando algumas vezes. Era tentador carrega-la, mas ele não queria ferir seu orgulho. Ele ficaria chateada se fosse carregado para casa. Ela talvez se sentiria do mesmo jeito.

Lavos pegou a escada primeiro, deixando aberto a porta da frente. Veso o seguiu, mantendo Glenda perto.

A primeira pessoa que ele viu foi seu pai. Ele caminhava em frente à lareira, mas parou e girou quando eles entraram seus olhos se encarando.

— Veso. – Seu pai avançou em longos passos, o abraçando.

Ele teve que soltar Glenda para enrolar seus braços em torno de seu pai.

— Eu estou bem. Eles me drogaram ou eu nunca teria sido capturado.

Seu pai aliviou seu abraço apertado e estudou seu rosto.

— Eu pensei que eles tivessem matado você.

— Eles tinham outros planos. Nós escapamos. – Ele alcançou atrás, cegamente segurando o braço de Glenda e a puxando para frente. Ele viu surpresa no rosto de seu pai enquanto ele abaixava seus olhos, a encarando. Seu pai olhou de volta para ele, uma sobrancelha arqueando.

— Essa é a Glenda. Ela me ajudou a escapar... E ela vai ser minha companheira. – Ele se preparou, esperando uma reação ruim.

A boca de seu pai se abriu, ele inalou, encarando Glenda de novo e então chocou Veso por sorrir.

— Entendo. Olá, Glenda!

— Oi. – Ela se pressionou contra a frente de Veso, encarando seu pai. — É um prazer conhecer você. Desde que você parece muito com Veso, eu presumo que seja seu pai? Ele falou muito sobre você.

— Eu sou. Meu nome é Bran. É um prazer conhecer você. – Seu pai lhe lançou um olhar questionador.

— Ela sabe de tudo. – Veso tentou imaginar onde os pensamentos de seu pai estavam indo. — O mestre que me sequestrou também pegou Glenda. Ela é uma descendente dele. Ele queria que nós criássemos uma filha juntos para que ele a criasse para ser sua companheira.

— Ele disse que queria fazer dela sua rainha. – Glenda resmungou. — Ele é um louco.

— Essa é uma história que eu gostaria de ouvir.

Movimento e ruído pegou a atenção de Veso para as escadas. Lorn e Kira estavam descendo. Ele notou imediatamente as mudanças em Kira. Não era apenas a cor pálida de sua pele. Havia uma graça em seus movimentos que faltavam antes. Ela sorriu quando ela o viu. Lorn não.

Eles pararam no final da escada e Veso puxou Glenda mais próxima.

— Graças aos deuses você está vivo. – Kira tentou vir até ele, mas seu companheiro agarrou seu braço, a mantendo a seu lado. Kira franziu o cenho para Lorn. — Ele não é um perigo para mim.

— Isso não foi estabelecido ainda. Seu cheiro mudou desde a última vez em que ele viu você.

— Eu já o coloquei a par dos eventos. – Lavos se moveu para o lado, a meia distancia de ambos os casais. — Ele sabe que Kira é mais VampLycan do que Vampiro.

— Quem é a mulher? – Lorn franziu o cenho profundamente enquanto estudava Glenda.

— Minha companheira, ou ela será logo. Não se preocupe. Ela já sabe de tudo. E eu planejo deixar o clã o mais rápido possível. – Veso tomou uma respiração profunda e apenas falou. — Eu gostaria de permissão para que meu pai a proteja enquanto nós procurando e destruímos o ninho que nos sequestrou. O mestre quer recaptura-la. Ela não vai estar segura até que eles estejam mortos.

Lorn encontrou os olhos dele.

— Você está saindo porque você tem um problema comigo liderando o clã ou pelo que ela é?

— Eu estou feliz que você avançou e tomou controle do clã. – Lorn não era nada como Decker. Ele tinha muito mais melhorias.

— Você não quer me desafiar?

Veso balançou a cabeça.

— Eu não sou um líder. Eu apenas queria tirar a ameaça daquele ninho e manter minha companheira segura.

Lorn inalou.

— Você não completou a ligação.

— Nós estivemos correndo por dias. Não era o tempo... Mas ela é minha.

Lorn chegou mais perto, parando a cinco pés.

— Eu quero esses bastardos mortos também. Trégua?

— Nós não estamos em guerra, Lorn. – Veso soltou Glenda e se curvou, abaixando seu olhar em sinal de respeito. Ele se levantou em todo o seu tamanho então, encarando o novo líder do clã.

— Eu aceito você até que seja hora de eu ir.

— É tão detestável assim firmar uma aliança comigo?

— Não.

— Então por que você está planejando em sair do clã?

Veso olhou para Glenda e então de volta para Lorn, mas não disse nada.

— Alguns não vão estar felizes, mas eles já estão bravos comigo assumindo e acasalando com a Kira. – Lorn riu. — Nós já temos inimigos aqui. Você tem muito pelo que lutar e defender com uma companheira humana se você ficar conosco. Eu gostaria que você se tornasse um dos meus executores. – O humor dele terminou. — Isso não significa a mesma coisa que era quando Decker mandava. Eu não estou procurando por executores ou assassinos. Nós apenas matamos se não houver outra escolha. Eu gostaria que nós finalmente vivêssemos em paz com os outros clãs.

— Você vai me deixar manter Glenda? – Veso queria isso muito claro de que ele era um pacote completo. Ele estava até muito honrado por ser pedido para se tornar um executor. Ele sabia que Lavos havia sonhado com a paz entre os clãs, e era bom saber que seu irmão mais velho tinha os mesmos objetivos. Eles estavam todos em acordo.

Lorn deu um rápido assentimento.

— Você talvez queira mantê-la longe do clã por um tempo, mas em tempo eles viram a aceitar. Essa é minha esperança. As mudanças vão ser lentamente tomadas, mas como eu disse... Eu tenho esperança. Eu ficaria honrado se você ficasse conosco, ao invés de contra, Veso.

Ele concordou.

— Feito. Você tem minha aliança. Você gostaria de um juramento de sangue? Eu posso te dar isso.

— Sua palavra é boa o suficiente para mim. O alojamento é o lugar mais seguro no momento. Davis vai proteger sua futura companheira e minha Kira quando nós partimos. Vamos subir. Temos um mapa em meu escritório. Mostre-me onde o ninho está localizado. Nós temos sanguessugas para caçar.

Veso esperou para todos eles subirem as escadas, e então encontrou os olhos de Glenda. Ela estava franzindo para ele.

— O que?

— Eu não concordei em ser sua companheira. Eu tenho uma vida em casa.

— Você tinha uma vida até que esses Vampiros roubaram você. Agora você tem uma nova. Nós vamos brigar com isso mais tarde. A cada momento que aquele mestre vive, você está em risco de ser recapturada.

Ela deixou um suspiro alto sair e concordou.

— Prioridade. Entendi. Vamos lá. – Ela se virou, subindo as escadas.

Veso a seguiu. Ela talvez quisesse partir, mas ele não iria deixa-la ir. Ela era sua companheira. Ele apenas tinha que a ensinar isso.

Capítulo Dezesseis

— Obrigada, Perri. – Glen pegou um assento no sofá, segurando a bandeja que a mulher tranquilamente tinha entregado a ela. Tinha um prato nisso com um largo sanduíche de peru, batata e refrigerante gelado.

— De nada. Eu vou estar lá em baixo com minhas crianças. Chame se precisar de qualquer coisa.

Glen concordou. Seus olhos passando para Kira. A outra mulher tinha se sentado perto, assistindo cada movimento seu. Glen estava faminta, mas não mexeu na comida, ao invés ela encarou a bandeja em seu colo.

— Eu não mordo.

Kira sorriu.

— Eu mordo, mas você está a salvo. Eu apenas finco meus dentes em meu companheiro.

Glen não estava certa se sentia confortou por isso ou se ela enlouquecia.

Kira riu.

— É brincadeira. Quero dizer, é verdade, mas seu pescoço está a salvo de mim.

Os olhos de Glen viajaram até a porta do escritório. Elas estavam sentadas em uma área fora, no topo das escadas. Ela desejava poder ver Veso, mas não podia de onde ela estava sentada. Ele afirmou para ela que ela estava segura. Ela realmente esperava que ele estivesse dizendo a verdade.

— Coma. – Kira a encorajou. — Perri não vai te machucar. Você quer que eu morda seu sanduíche para provar que não está drogado?

Ela olhou para sua comida.

— Hum, eu não considerei que pudesse estar. Isso é um problema? – Ela arqueou as sobrancelhas, encarando a outra mulher.

Kira balançou a cabeça.

— Não com Perri. Ela é grata que meu companheiro tomou o clã. Seus filhos estavam em risco.

— Eu não sei o que isso significa.

— Eu sei. Isso tudo deve ser muito confuso para você. O homem que liderava nosso clã antes que o meu companheiro tomasse matou crianças que mostravam muitos traços Vampiros. O filho de Perri mostrou. Essa é a sua deixa. Lorn não machuca as crianças dela. Ele as protege.

— Mas não são todos vocês meio Vampiros?

— Sim. É complicado, mas Decker era um cara mal. Ele amava matar qualquer um que ele não considerava VampLycan suficiente. Ser muito Lycan estava tudo bem para ele, mas ser muito Vampiro era uma ofensa de morte. – Kira levantou uma mão e girou um dedo em círculo perto de sua cabeça.

— Louco.

— Eu entendi que ele odeia humanos?

Kira concordou.

— Minha mãe era humana. Meu pai a encontrou e acasalou com ela quando ele não morava aqui. Eu penso que ele não planejava retornar até que minha mãe morreu. Ele me trouxe para casa para me manter segura. Ele não podia confiar em uma babá de ver algo que ela não poderia. Ele temia que ela me machucasse se eu tivesse patas e pelos. Acontece que eu não posso me transformar. Eu era uma pessoa não bem-vinda aqui por um longo tempo. Uma

pária que Decker só aceitou por causa do meu pai. Ele era um completo VampLycan.

— Davis. – Glen o encontrou e ele tinha sido legal, olhando para ela com um olhar caloroso que não a assustava.

Kira concordou.

— Meu pai é ótimo. Ele caiu de amores por mim mãe, assim como Veso caiu por você.

— Eu não acho que ele esteja apaixonado por mim. – Glen admitiu suavemente. — Eu acho que ele mais tenta me irritar e enlouquecer. Ele parece que gosta de me deixar mal.

Kira riu de novo.

— Não. Ele clamou você verbalmente. Isso é bem sério para o nosso tipo. Então, vocês dois estiveram passando por um inferno, hein?

— Algo do tipo.

— Veso me treinou para lutar. Ele vem direto como um puto, mas ele tem um bom coração. Você poderia fazer bem pior.

— Nós somos muito diferentes. – Ela olhou para a outra mulher com um pouco de suspeita. Kira era muito bonita. — Vocês dois já...

Levou um minuto para a questão não respondida se encaixar, mas então Kira balançou a cabeça.

— Não. Nunca. Eu tenho estada apaixonada por Lorn toda minha vida. Nós crescemos juntos. Ele apenas não podia se acasalar comigo até que ele pegasse o clã. Era proibido. Eu até mesmo deixei o clã por um tempo para ir para a faculdade. Veso é apenas meu treinador e amigo. O único VampLycan com quem já dormir foi meu companheiro.

— Oh. Bom. Quero dizer-

— Está tudo bem. Eu entendi. VampLycan, às vezes, entram em calor. Lorn costumava ir, e é claro que eu sabia por que, mas eu ainda tinha ciúmes.

— Eu não entendo.

— Ele nunca poderia me ter, então ele tinha que ir ter encontro com outras mulheres em outros clãs. – Kira sussurrou. — Deus, isso me dividia em mil partes quando ele estava com alguém, mas Veso e eu nunca fomos amantes. Inferno, eu não imagino que ele tenha dormido com alguém do clã. Ele não é muito um cara social. Ele vive nos arredores do nosso território. Ele não é um cara do povo, entende?

— Eu posso imaginar isso dele. – Glen começou a comer. — Ele pode ser um valentão, opinativo e agressivo.

— Isso são traços VampLycans. Nossos homens são todos com personalidades alfas, conhecido de outra forma como homens das cavernas. Ele vai morrer para proteger você, será completamente leal e fará qualquer coisa para fazer você feliz uma vez que seja seu companheiro. Eu sou familiar com humanos, desde que eu costumava ser uma e vivi naquele mundo um pouco. Companheiros formam uma ligação e se você está infeliz o fará infeliz. Sua felicidade fará a felicidade dele. É assim que funciona. Eu sei que é um pouco demais para você pensar, desde que não é assim com os humanos.

— E a minha vida? Eu tenho um apartamento, talvez ainda um trabalho e tudo o que tenho está em Oregon.

Kira se aproximou e tocou seu braço gentilmente.

— Você nunca vai estar a salvo lá, Glenda.

— É apenas Glen, por favor. Veso se recusa a diminuir meu nome, mas eu cresci com chacotas e então eu odeio ser chamada assim.

— É um nome bonito.

— Crianças não ligam para ortografia. Glenda, a bruxa boa.

Kira a soltou e riu.

— Isso deve ter sido ruim.

— Eles me traziam tiaras, ás vezes, e varinhas todas elas até a escola em meu aniversário e natal, pensando que era histérico. Eu sou grata que você entende o que estou falando. Veso não consegue entender.

— Eu não o vejo assistindo filmes clássicos. Ele é mais para caça/sobrevivência e livros.

— Verdade. – Os olhos dela foram até a porta aberta quando a voz dos homens cresceu. — O que eles estão fazendo lá?

— Planejando um ataque ao ninho. Eles precisam ser destruídos. Eles não deveriam nem estar nessa área.

— Você vai com eles?

Kira balançou a cabeça.

— Não. Lorn nunca permitiria. Ele vai querer que eu ficasse aqui para me manter segura.

Medo apareceu.

— Eles podem morrer, não podem?

Kira balançou a cabeça.

— VampLycans podem chutar bundas de Vamps por um tempo. Eu conheço meu companheiro. Ele pedirá ajuda. Os outros clãs ofereceram isso. Ele está tentando mostrar o quão diferente ele é do Decker. Ele nunca iria querer ajuda, mas Lorn não é nada parecido com ele. Nossos homens vão vir para nós quando

isso acabar. – Ela se encostou atrás em seu assento. — Apenas não enlouqueça se eles estiverem sangrentos e cobertos de areia.

— Eu já vi Veso acabando com eles. Apenas que alguns deles não viraram areia.

— Soldados?

— Eu os chamo de esquisitões.

— Eu posso ver isso. Eles são esquisitos para caramba. Eu nunca vi um eu mesma, mas eu já ouvi deles toda a minha vida. Eles são supostos de terem veias em sua pele e sangue em seus olhos.

— Eles têm.

— Você passou por tanta coisa. Eu sinto muito que você tenha sido jogada nesse mundo, Glen.

— Eu também, mas isso não é culpa de ninguém, a não ser do Rei Charles.

Kira riu.

— É por esse nome que ele está se chamando? Wow. Ele soa como alguém muito perturbado e cheio de si mesmo.

— Ele totalmente é.

— Bom você está a salvo agora. O que posso fazer por você para fazer as coisas melhores?

— Eu mataria por um banho e algumas roupas limpas.

— Eu posso fazer isso. Eu atualmente vivia no alojamento antes do Lorn se tornar meu companheiro, e a maior parte das minhas coisas continuam no meu antigo quarto. Eu vou levar você até o quarto de visitas uma vez que eles saírem

para atacar o ninho e pegar alguma coisa para você vestir. Nós temos mais ou menos o mesmo tamanho.

— Quarto de visitas?

— Há dois apartamentos na área do porão do alojamento. Um com dois quartos de dormir que é onde meu pai mora e o outro é um quarto de dormir para quando alguém visita o clã.

— Obrigada.

— Nós somos praticamente família agora. – Kira levantou. — Coma. Eu vou checar os rapazes. Estarei de volta logo.

— Kira?

A mulher virou a cabeça, olhando para ela.

— Sim?

— Como é que funciona essa coisa de acasalamento VampLycan?

Ela se sentou de volta.

— Não é terrível. Eu prometo. Ou doloroso.

— Eu sou todos ouvidos. Eu quero ouvir. Veso não é muito de falar profundamente sobre essas coisas.

— Eu divido.

****

Veso amarrou as armas. Eles estavam indo atrás do ninho e eles não estavam indo sozinhos. Uma batida soou no telhado e ele ficou tenso, encarando a parte de cima.

— É apenas GarLycan. – Lorn disse, não parecendo alarmado. Ele atravessou a sala e jogou aberta a larga janela. Ele voltou um pouco e um momento depois um corpo caiu, deslizando em frente a janela e depois entrando.

O cara era grande, e suas asas estavam dobradas quando ele se endireitou, levantando. Ele usava uma roupa toda preta, de suas calças até sua camiseta aberta nas costas, uma meia espada estava amarrada em suas coxas, e ele se moveu fora do caminho quando um segundo barulho soou do telhado. Ele removeu seus óculos escuros, revelando vividos olhos cinza coloridos que pareciam se mudar à medida que as íris se moviam, como se elas tivesse vida própria.

— Eu sou Chaz. Esse é meu irmão mais novo Fray que vocês ouviram. Nós somos seu suporte aéreo. – Ele deu um aceno com a cabeça para Lorn. — Ao seu serviço.

Um segundo homem veio pela janela. Eles se pareciam muito, a única forma de diferencia-los era que o segundo tinha o cabelo um pouco mais longo e ele só usava calça de couro e uma camiseta preta. Ele removeu seus óculos também, mostrando o mesmo estranho olhos cinza.

— Olá, VampLycans. – Fray sorriu. — Isso vai ser divertido. Eu estou pronto para chutar a bunda de alguns chupadores de sangue. Obrigado por nos chamarem para nos juntar. Estava ficando um pouco chato nas montanhas.

Lorn concordou.

— Nós apreciamos a ajuda. Lord Aveoth disse para vocês que eles drogaram Veso? – Ele balançou a cabeça para apontar para ele.

— Eles usaram sedativos fortes com armas de dardos. – Veso explicou.

— Dardos não nos perfuram quando estamos preparados. – A pele de Fray se tornou uma cor de cinza escura, a textura parecia forte.

Era a primeira vez que Veso via isso tão de perto.

— Essa é uma boa habilidade.

Fray deu um pequeno sorriso, rachaduras aparecendo em sua pele com o esforço.

— Eu sei. É bom ser um GarLycan. Nós podemos criar uma cobertura firme para refletir balas, mas isso sou eu em modo de batalha quando eu lido com chupadores. É um leve bombardeio. Eles tentam me morder desse jeito e eles vão quebrar as presas.

— Chega. – Chaz deu ao seu irmão mais novo um olhar entediado. — Meu irmão é um extrovertido e ele gosta de se mostrar, ás vezes. Nós temos mais suporte aéreo esperando para ir conosco. Eu trouxe oito escoltas para o ninho. Nós deixamos outros seis patrulhando seu território por Decker. Eu espero que esteja tudo bem.

— Obrigado. – Lorn se aproximou do homem. — Nós apreciamos isso.

— O mestre está usando alguns humanos. Ele tomou a mente deles. – Veso odiaria que inocentes fossem pegos durando o iminente confronto.

— Entendido. – Chaz alcançou e pressionou seus dedos contra sua orelha. — Humanos com a mente ferrada poderão estar no meio da diversão. Agarre-os se verem algum deles e os segurem até que os VampLycan possam os libertar. – Ele deixou a mão cair. — Nós evoluímos para ter melhor comunicações. Nós vamos levar para vocês qualquer humano que nós pegarmos, e vocês podem ver se podem consertar suas memórias.

— Os novos sistemas são ótimos. Ruim ter que ficar gritando uns com os outros. – Fray adicionou sua pele voltando ao normal em textura e cor. — Um das nossas escoltas carrega um sinal de reforço. Nós trouxemos alguns para vocês. Vai nos dar vantagem com os Vamps. – Ele alcançou em seu bolso atado a seu cinto e se aproximou de Lorn. — Apenas coloque um em sua orelha e pressione para falar. Você vai ouvir qualquer um falando. – Ele entregou outros para os outros homens, incluindo Veso.

Veso olhou isso, entendendo como funcionava e pôs na orelha. Uma voz profunda instantaneamente veio do pequeno aparelho.

— Nós vamos leva-los voando até o local ou os seguiremos por cima, Chaz?

Chaz tocou sua orelha.

— Eles ainda estão decidindo. Não tenho certeza. Fique em espera. – Ele encarou Lorn, arqueando suas sobrancelhas.

— Eu pensei de irmos, em motocicletas e chamar a atenção de qualquer soldado nas árvores. Eles vão ouvir os motores e viram até nós.

Chaz concordou.

— Bom plano. Nós podemos entrar e pega-los antes que eles cheguem em vocês. Isso é uma missão de destruição em massa certo? Sem prisioneiros?

— Isso é como eu pretendo fazer. Lord Aveoth vai concordar com isso? – Lorn colocou suas luvas.

— Esse é o seu show, Lorn. – Fray riu. — Nós estamos sobre o seu comando direto. Você quer todos eles mortos, você tem isso.

— O ninho precisa morrer. – Veso se levantou, encarando Lorn. — Glenda disse que eles estavam prendendo outros humanos e se alimentando deles. Eles prejudicaram nossos vizinhos humanos, possivelmente os matando.

Lorn segurou seu olhar por um momento e então acenou para Chaz.

— Qualquer coisa que tenha necessidade de se alimentar de sangue morre.

Chaz concordou e repassou a ordem.

— Estamos todos prontos.

— Beleza. – Fray riu. — Vai ser um banho de sangue e areia. Eu amo isso.

Veso olhou o GarLycan, preocupado que o homem possa estar mentalmente problemático.

Fray piscou.

— Eu mencionei o quão chato estava ficando nas montanhas? Estava. Eu estou muito pronto para matar alguns merdas.

Veso podia entender aquilo. Ser um guarda, às vezes, era muito tedioso. Ele relaxou em torno do GarLycan.

— Vamos lá. Essa minha está a oitenta e duas milhas longe e nós precisamos dirigir em estradas que irão evitar humanos, mas que chamaram a atenção de caçadores que estão procurando por Veso e sua companheira. – Lorn caminhou até o mapa, passando seu dedo por ele. — Essa é a rota que nós decidimos. Nós chegaremos duas horas antes de o sol sair.

Chaz concordou.

— Isso vai funcionar. Isso nos dará bastante tempo para os pegar e voar para casa logo depois. Nós seremos seu suporte aéreo enquanto vocês dirigem para lá. Quando chegarmos ás minas, nós nos juntaremos dentro, mas eu vou deixar alguma das minhas escoltas no ar para cuidar de quem tentar fugir por alguma outra saída.

— Bom acordo. – Lorn balançou a mão de Chaz. — Obrigado de novo.

— Lord Aveoth não gosta de Vampiros nessa área também. Eles apenas têm uma única razão para estar aqui e é para nos ferrar de alguma forma.

O cheiro de Glenda encheu o nariz de Veso e ele se virou para a porta, mas não foi ela quem entrou no quarto. Kira entrou, carregando suas roupas em seus braços. Isso o alarmou.

Kira caminhou perto, o jogando um olhar sujo.

— Me dê um tempo. Eu não fiz nada com ela. Glen está no quarto de visita tomando banho. Meu pai está guardando o corredor então ela não está lá sozinha. Eu dei roupas limpas para ela usar quando estivesse pronta, mas peguei as roupas sujas. Eu pensei que você quisesse as levar junto porque os Vamps devem ter memorizado o cheiro dela para seguirem.

Veso relaxou e as pegou.

— Esperta.

— Você me treinou bem. Eu nunca tive o seu senso de cheiro, mas você sempre podia me rastrear aonde quer que eu esteja antes que eu percebesse como você era capaz de fazer isso.

— Obrigado, Kira. – Ele aceitou as roupas de Glenda, balançando-os para cima e os empurrando de baixo do braço.

— De nada. Você sabe o que seria melhor? Se eu usasse a roupa de Glen e montasse atrás de Veso. Eles iriam me confundir com ela.

— Sem nenhuma chance no inferno. – Lorn bateu. — Você vai ficar aqui, Kira.

Ela suspirou.

— Tudo bem. Eu não vou lutar com você, especialmente na frente de GarLycans. – Ela sorriu para os executores de Lord Aveoth. — Faz com que ele pareça mal, quando eu venço e ele me estraga totalmente. – Ela sussurrou.

— Kira. – Lorn avisou.

— Tá. Tenha cuidado, pessoal. Nós vamos esperar aqui. Fazendo nada.

Veso se sentiu um pouco invejoso quando ele viu Lorn beijar e abraçar sua companheira em um adeus. Glenda estava tomando banho. Ele não teria a oportunidade de vela antes de ir. Tempo era essencial se eles quisessem atacar o ninho durante a noite. E eles precisavam fazer isso, então nenhum humano poderia avistar seus aliados alados no céu em território que não pertencia aos clãs.

— Vamos indo. Garson e Kar terão abastecido as motocicletas e então esperaram por nós lá fora. – Lorn liderou o caminho.

Lavos caminhou próximo a Veso.

— Você está pronto para isso? Você pode ficar aqui.

— Você precisa de mim. Eu estive naquela mina e o mestre não estava lá quando eu saí. Eu acho que ele estava escondido em algum lugar próximo a mina.

— Você deveria dizer aos nossos amigos alados isso.

Veso levantou o braço, pressionando contra sua orelha, e liberou a informação para todos. Ele mal podia esperar ter suas mãos no mestre responsável por seu sequestro e por ameaçar o futuro de Glenda.

Capítulo Dezessete

Movimento pegou a atenção de Veso do lado direito da estrada enquanto eles dirigiam. Ele olhou para aquele lado, vendo a fonte. Um dos GarLycans tinha descido e agarrado alguém. Julgando pelos gritos agudos, era um Vampiro ou um soldado. Ele voou agitando seus braços e pernas, sendo levado mais alto para o céu e acima das copas de árvore pela escolta. Uma segunda escolta voou perto quando ele passou pela primeira, as três sombras se tornaram duas. Eles espanaram a coisa no ar.

Ele tinha que apreciar a forma que os GarLycans trabalhavam em time. Eles localizaram no mínimo quatro inimigos, os despedaçando da mesma maneira. Pode não haver muitos Vamps ou soldados que ficassem vivos para lutar quando eles alcançassem a mina se os bastardos continuassem vindo até eles enquanto eles dirigiam nessa direção.

— Bom trabalho. – A voz de Lorn soou em seu ouvido.

— Soldado. – Um da escolta respondeu. — Isso foi tudo o que matamos até agora. Duster, olhe as onze horas. Viu no cume? Vocês estão pertos.

— Entendido. – Uma voz grosseira respondeu.

Veso olhou para cima, vendo um dos GarLycans se dividindo do grupo principal e voando para perto do cume. Veso não podia ver nada lá no alto desde que seu foco principal estava na estrada, mas ele se manteve olhando para aquele lado e viu quando a escolta agarrou outro corpo, o levantando no ar. Um segundo voou perto de Duster, eles cruzaram perto juntos e dessa vez o terceiro corpo não desaparecer. Caiu do céu em um grande pedaço e outro menor.

— Merda. Soldado novo. – Duster dividiu no comunicador. — Eu vou voar baixo e garantir que o corpo e a cabeça fiquem expostos ao sol.

— Obrigado. – Chaz pausou. — Fique com ele, Fray. Trabalho em dois times. Aquele foi fácil de encontrar desde que ele estava correndo, mas eu não quero ninguém sendo atacado se tiver um inteligente bem quieto e então não o enxergamos.

— Estou nisso. – Fray respondeu. — Eu tenho você coberto, Duster.

Veso levantou o braço e pressionou contra sua orelha quando ele viu a primeira cabana que ele e Glenda alcançaram depois de saírem da mina.

— Estamos pertos.

— VampLycans lideram o ataque. – Chaz ordenou. — Nós ficamos com o ar e vamos flanquear vocês de trás.

Veso acelerou, dirigindo na frente de Lorn e Lavos, sabendo exatamente para onde ir. Ele parou exatamente na frente da mina. O caminhão estava estacionado lá. Ele desligou a motocicleta e removeu as roupas de Glenda de sua calça, estendendo no banco da moto.

— O mestre está aqui. – Ele anunciou para todos.

Lorn se aproximou dele.

— Ele é todo seu. Qualquer um que o achar, deixe Veso ser o único que vai matar esse bastardo. Ele merece isso.

— Obrigado. – Veso lançou um olhar agradecido.

— Eu não consegui pegar o cara que atacou minha Kira, mas eu com certeza quis a sua cabeça. – Lorn encolheu os ombros. — Vamos lá acabar com esse ninho.

Quatro GarLycans aterrissaram atrás deles.

— Estamos planejando quem mais vai entrar? – Fray segurou sua pequena espada.

— Nós estamos. – Veso liberou suas garras e presas, avançando para a entrada da mina.

Dois soldados correram até o grupo há cinquenta pés dentro. Lorn cuidou de um enquanto Veso arrancava a cabeça do segundo. Ele inalou, procurando pelo cheiro do mestre. Era um que ele lembrava muito bem. O bastardo loiro não iria fugir. Ele o cheirou e se virou para a esquerda na primeira divisão do eixo largo. Os times se dividiram ao meio. Lorn olhou para trás, vendo Lavos, Fray e outro da escolta GarLycan, e Kar com ele.

Outro soldado veio atacando do escuro. Veso se lançou para frente, certeiro e enfiou suas garras contra seu pescoço. Virou areia um instante depois e ele continuou seguindo.

— Você podia deixar alguns para nós. – Fray falou de trás.

Veso concordou assim que três outros soldados vieram correndo direto para ele. Ele se obrigou a passar por eles em tempo, deixando o resto do time lidar com eles. Ele tinha o cheiro do mestre e estava ficando mais forte. Ele também pegou o cheiro de sangue humano fresco, muito disso. Ele rosnou e correu para frente, não se incomodando se os outros o alcançaram.

Os tuneis se dividiram de novo e ele virou á direita, seguindo o mestre e o sangue. Ele chegou a uma porta com alguma luz derramando através das fendas laterais. Veso levantou seu pé, chutando na madeira mal ajustada que tinha sido colocado sobre ele para privacidade, uma vez que não tinha um bloqueio exterior. Ela foi voando para dentro e ele estremeceu ao longo da cena bem iluminada que esperava.

Velas estavam acessas na caverna arredondada que compunha o quarto. Uma humana estava amarrada na terra dura, o sangue saturando o chão e o corpo.

O mestre tinha bebido de seu peito, mas ele sacudiu a cabeça para cima com a violenta entrada de Veso. Choque era visível nos olhos do mestre. Ele não devia os ter ouvido chegando, muito focado em beber de sua vítima.

Veso rosnou, o encarando.

— Eu voltei seu bastardo.

O mestre se levantou de uma vez, correndo para uma arma de dardos colocada no chão atrás dele. Veso se moveu rapidamente e o pegou pela parte de trás de sua camisa, empalando o Vampiro com suas garras ao mesmo tempo. O mestre gritou em dor.

Veso não tinha terminado. Ele se virou, batendo o rosto do bastardo primeiro na parede de pedra, então fez isso uma segunda vez apenas para ouvir os ossos se quebrando. Ele o jogou para trás e caiu em suas costas.

— Sem mais drogas. – Veso rosnou. Agarrando o Vampiro por seu cabelo para o manter no lugar, ele se virou, encarando a humana no chão. Seus olhos estavam abertos, encarando de volta para ele. Nenhum medo se mostrava, mas ela parecia fora de si e perto da morte.

O som da porta o teve encarando aquele caminho. Lavos e Fray entraram ambos fazendo uma careta para a humana.

— Ela ainda está viva. A tirem daqui. – Veso ordenou.

Foi Lavos quem tirou sua jaqueta, a removendo, e cobriu a mulher. Fray cortou os laços amarrados às estacas para libertar seus pulsos e tornozelos. Lavos levantou a mulher, amaldiçoando.

— Ela perdeu muito sangue.

— Eu posso voar com ela para um hospital. – Fray ofereceu, abrindo seus braços.

— Eu não acho que ela vai conseguir. – Lavos balançou a cabeça.

Outro da escolta entrou na sala. Ele tinha uma jaqueta preta, uma pele bronzeada e olhos negros.

— Dê ela para mim. – Sua voz grosseira revelou sua identidade. Era Duster.

— Eu posso salvá-la.

— Ela já está muito longe. – Lavos sussurrou.

Duster se aproximou e apenas retirou a mulher dos braços de Lavos.

— Eu posso salvá-la, VampLycan. – Ele se virou, saindo do quarto rapidamente.

Lavos ia segui-lo, mas Fray segurou seu braço.

— Não. Ele está certo. Ele tem uma chance ao leva-la ao hospital em tempo. Ele pode voar mais rápido do que qualquer um de nós. Há uma clínica de emergência vinte quatro horas a vinte milhas daqui. Nós sabemos onde todos eles estão localizados desde que muitos humanos transpassam e os ursos os pegam antes de nós.

O mestre começou a lutar com Veso, tentando se libertar. Ele focou nele enquanto se inclinava.

— Eu tenho algo a dizer para você, Charles.

— Eu sou Rei Charles!

— Você é um bundão. Glenda não vai reproduzir nada para você. Ela está a salvo, e você nunca vai fazer nada para ela. – Veso cavou suas garras no couro cabeludo do mestre, drenando sangue.

Charles gritou e se debateu. Veso enrolou sua outra mão em volta do pescoço do bastardo e usou suas garras vagarosamente para corta-lo. O Vamp não

merecia uma rápida, e misericordiosa morte. Ele queria que ele sofresse e soubesse que estava morrendo.

— Glenda é minha. Não sua. Você nunca devia ter ido atrás de um VampLycan. Nós estamos matando todo o seu fodido ninho.

— Espere um pouco! – Lorn correu para dentro do quarto.

Veso rosnou, encarando ele.

— Ele é meu para matar.

Lorn chegou mais perto e acenou.

— Eu quero perguntar uma coisa.

Veso aliviou seu aperto na garganta do mestre. Ele estava sufocando, sangrando. Ele afundou suas garras nas costas do bastardo ao invés, o machucando mais.

— Certo. – Ele se levantou, forçando o Vampiro para seus pés com ele. Ele o segurou em pé com suas garras fundas em suas costas.

Lorn chegou perto, encarando o mestre.

— Onde está Decker Filmore?

— Vai se foder. – O mestre sufocou, sangue escorrendo de sua boca.

Lorn trocou um olhar para Veso. Ele entendeu a importância e acenou, girando suas garras e fazendo o mestre gritar de dor. Agarrou-o pelo braço com a mão livre, espremendo com força, e o osso quebrou.

— O responda.

O mestre gritou de novo, mas então ficou em silencio.

— O responda. – Veso rosnou. — De outra forma nós vamos rasgar seus membros de seu corpo e esperar você curar o suficiente para acordar antes de começar de novo.

— Isso soa divertido. – Fray riu. — Eu quero a perna direita.

— Eu pego a esquerda. – Lavos se ofereceu.

— O responda. – Veso assobiou. — Você vai morrer, mas eu posso fazer isso rápido. Sua escolha.

— Com o conselho em Chicago. – O mestre soltou. — Eles vão fazer você pagar por isso! Eu estava sobre ordem deles de vir aqui. Você tem que me deixar ir!

— Quais eram suas ordens?

O Vampiro o encarou, mas respondeu.

— Eles queriam alguém para vir aqui e matar alguns VampLycans. Nós devíamos queimar suas casas e causar o maior dano possível.

— Por quê? – A voz de Lorn soou funda, sua raiva crescendo.

— Eu não perguntei. – O mestre assobiou. — Eu vi uma oportunidade.

— Para drogar um e então engravidar Glenda? – Veso afundou suas garras um pouco fundo.

O mestre gritou.

— Sim!

— Isso é tudo o que eu preciso. – Lorn se virou. — Verificação. Decker está trabalhando com aqueles bastardos. Ele é a razão para eles estarem aqui. Acabe com ele.

— Com prazer. Veso se inclinou, rosnando ao lado da orelha do mestre. – Seja um bom mestre no inferno.

Ele soltou o braço de Charles e agarrou sua garganta de novo, vagarosamente rasgando a carne macia na frente. O Vamp tentou gritar, mas sufocou em seu próprio sangue. Levou alguns ajustes com sua mão, mas ele arrancou a cabeça do bastardo, seu corpo se transformando em areia. Veso caminhou de volta, balançando o sangue de ambas as mãos para limpar as garras.

— Aposto que se sentiu bem. – Fray virou. — Vamos caçar. Eu tenho certeza que há mais deles aqui em baixo.

— Maldito Decker. – Lorn raspou, fúria em seu tom. — Eu tenho certeza que ele os enviou para nos punir por não lutarmos para mantê-lo aqui e concordando em escravizar os outros clãs.

— Não importa meu, ás vezes, amigos animais. Nós vamos matar todos eles. – Fray os chamou assim que eles saíram do quarto.

Veso os seguiu. Eles não iriam parar até que todos no ninho fossem eliminados.

******

Glen acordou, sobressaltada pelo barulho da porta abrindo. Ela havia caído no sono no sofá na pequena sala do apartamento dos convidados.

Bran entrou, carregando uma mochila marrom e uma caneca com uma tampa.

— Me desculpe seu eu acordei você. Eu pensei que você estivesse com fome.

— Obrigada. – Ela se sentou mais ereta. — Você sabe de alguma coisa?

Ele balançou a cabeça e colocou a mochila e a caneca com café na mesa em frente a ela.

— Você se importa se eu abrir as janelas e deixar um pouco de sol entrar? Está tão úmido aqui no sótão.

— Certo. Vá em frente. Já é de manhã?

— Sim, é.

Ele cruzou a sala para a janela alta ao longo da parede, puxando para trás as cortinas pesadas. Luz vieram de fora, iluminando a sala. Ela se virou e apagou a luz da mesa.

Bran se virou, a encarando. Ele não se moveu para sair e então ela percebeu que ele queria falar alguma coisa para ela, ou mesmo conhece-la. Veso tinha anunciado que ele queria se acasalar com ela. Como seu pai, Bran talvez tivesse perguntas. Ela podia entender completamente.

Ela não havia estado sozinha com o pai de Veso até esse momento. Kira havia dito que ele ficara para trás, embora no alojamento, para ajudar a protege-las. Ele a havia evitado a noite toda. Agora, seu rosto não lhe dava nenhuma de suas emoções enquanto ele silenciosamente esperava por ela. Ela notou de novo o quão jovem ele parecia. Se ela não soubesse que ele era o pai de Veso, ela teria jurado que eles eram irmãos, apenas alguns anos à frente.

— Eu assusto você? Não há nada a temer.

— Me desculpe. Eu estou encarando? Você se parece tanto com Veso, apenas com cabelo maior, mas muito parecido.

— Eu não entendo.

— Você não parece velho o suficiente para ser o pai de alguém, a não ser que ele seja muito jovem.

Ele riu.

— Ah. Eu imagino que meu filho te disse tudo. Nós envelhecemos bem devagar. Eu asseguro a você, eu sou muito mais velho do eu pareço.

Ela não ia perguntar em que ano ele nasceu. Ia parecer rude. Isso também a lembrava de suas maneiras.

— Você gostaria de se sentar?

Ele se aproximou e se sentou em uma cadeira do outro lado da mesa de café.

— Obrigado, Glenda.

— Apenas Glen, por favor.

— Meu filho chama você de Glenda.

— Eu sei. Ele parece ter um problema com nomes curtos, infelizmente. Veso me disse sobre você. – Ela olhou para baixo na caneca, cheirando café. Ela olhou de volta para ele. — Como você deixou o seu clã para tomar conta dele quando ele era um garoto. Ele ama muito você.

Sua expressão suavizou.

— Ele dividiu isso com você?

— Sim. Ele me disse sobre a mãe dele também. Ela soa como se fosse muito terrível para vocês dois.

A boca de Bran se tornou uma linha fina.

— Me desculpe. Eu não queria irritar você. Veso me disse sobre como você construiu uma cabana para ele, e que você sacrificou muito para ele crescer.

— Foi um privilégio, não uma dificuldade. Ele é meu filho. – Bran der repente se inclinou para frente, seus olhos se tornando brilhantes. — Eu quero que você me diga a verdade.

Ela abaixou seus olhos rapidamente, encarando o café.

— Por favor, não tente me controlar.

Ele se voltou na cadeira.

— Meu filho te disse sobre nossos poderes.

— Ele disse. – Ela olhou para cima para encontrar que os olhos de Bran tinham retornado a cor normal, o sobrenatural tinha ido embora. — Eu não vou mentir para você. Apenas me pergunte qualquer coisa que queira saber.

— Por que você está se recusando a ser a companheira do meu filho? É por que ele é um VampLycan?

— Eu não sabia nada sobre você até eu ser sequestrada. O mundo era redondo e as coisas assustadoras na vida eram doenças e assassinos e criminosos. Humanos. Eu tenho uma vida, eu construí e trabalhei duro por isso. Ficar aqui significa deixar tudo isso para trás. E mais, eu não o conheço tão bem assim. É meio que louco conhecer uma pessoa em menos de uma semana e então prometer passar o resto da minha vida com ela.

— O mundo continua redondo. Doenças e assassinos humanos continuam assustadores para você. Isso não mudou. Seu conhecimento apenas foi expandido, Glenda.

— Isso é verdade.

— O mundo em que você vive nunca será o mesmo. Você vai olhar para humanos pálidos a noite agora, se perguntando se eles evitam o sol ou se eles são Vampiros. Você sabe o que eles irão fazer se eles acreditarem que você sabe o que eles são? Eles viram atrás de você. Conhecimento é uma coisa perigosa para eles. Você será vista como um problema, uma inimiga e tratada como tal. Você gastou tempo com os Vampiros. Você se divertiu?

— Não. – Ela sabia onde ele estava indo. — Eu não posso simplesmente ficar com Veso sem ter medo também, e porque sei que ele me manterá a salvo deles.

— Você sente alguma coisa pelo meu filho?

Ela mordeu o lábio inferior, não certa de como responder a isso.

— Você está confusa?

Ela concordou.

— Isso está na sua natureza humana questionar as coisas, ser cautelosa de ser ferida. Você já teve seu coração quebrado por alguém no passado.

— Todo mundo já.

— Não todo mundo, mas eu sei a dor que vem com tentar amar alguém que é incapaz de não retornar esses sentimentos. Eu queria me acasalar com a mãe de Veso. Ela engravidou do meu filho. Isso parecia apenas certo que nós ficássemos juntos e nos tornássemos uma família. Ela não concordou. Isso me machucou profundamente por um tempo. Não era natural ter uma criança da forma que tivemos. Ela me enganou.

— Veso me contou.

Bran descansou seus braços nos lados da cadeira, dobrando seus dedos em punho.

— Ele nunca quis uma companheira. Nós discutimos muitas vezes. Sua mãe o fez acreditar que ele não era digno de ser amado por uma mulher. Eu sempre tive esperança de que ele encontrasse alguma VampLycan que pudesse mudar sua mente. Ao invés, ele trouxe você para casa. Eu não me importo se você é humana, Glen. Não faria a menor diferença para mim se você fosse uma Vampira. Meu filho quer fazer você sua companheira, e eu espero que você aceite. Você seria boba se dissesse não.

Ela não tinha certeza de como responder a isso, mas era obvio que Veso tinha pegado a atitude de seu pai.

— Nenhum humano vai proteger e cuidar de você tão bem quanto meu filho. Eu sei sobre o seu mundo. Ele não teria uma amante ou abandonaria você um dia. Uma companheira é para a vida toda;

— Nós nem nos conhecemos tanto tempo assim.

— Para de agir como um humano de pouca importância. Você é mais do que isso agora. – Bran chegou para frente de novo, mas dessa vez ele não fez aquela coisa estranha com os olhos. — Tente ouvir seu coração e seus instintos. Isso é o que VampLycans fazem. Nós sentimos as emoções profundamente e deixamos ir com nossos instintos. Meu filho escolheu você por causa de seus instintos, seus sentimentos, suas vísceras dizem a ele que você é a pessoa certa para ele. Você é compatível com meu filho em maneiras que ninguém jamais será. Ele estava morto contra isso. Pense sobre isso. Ele está disposto a assumir o maior risco da vida dele com você. Você não pode fazer o mesmo por ele?

Bran se levantou.

— Coma. Pense longo e duramente enquanto você faz, Glen. O coração do meu filho está em sua decisão quando ele retornar. – Ele cruzou o quarto para a porta e permaneceu de costas para ela. — Se ele retornar. Nós também morremos, você sabe. A mãe dele morreu. Ele não tem sentido o mundo, desde então, até você. Isso significa um inferno de muito para mim. Eu espero que signifique muito para você também. A vida que você conhecia nunca mais será a mesma depois de tudo isso. Pare de pensar nisso e pense no futuro. Você pode ter um bom com meu filho.

Glen assistiu a porta fechar e ela soltar um suspiro, alcançando o café. Ela tirou a tampa e soprou, tomando um gole. Ele colocou açúcar e leite nisso, então não estava ruim.

Bran havia dado muito no que pensar para ela. Isso não era como ela imaginou a conversa poderia terminar. Ela estava certa de que ele queria que ela saísse do território deles o mais rápido possível. Veso tinha um problema com ela ser humana, mas seu pai não tinha. Ele apenas queria que seu filho fosse feliz.

E se Veso nunca voltasse? O pensamento fez o peito dela doer.

— Droga.

Capítulo Dezoito

Veso só queria ir encontrar Glenda, mas ele tinha que ficar na reunião. Lorn havia insistido que todos os que haviam participado da missão estariam em seu escritório para o interrogatório caso houvessem perguntas. Seu novo líder do clã teve todos eles em uma chamada de conferência com os outros três líderes VampLycans e o líder GarLycan.

— Pegamos um total de dezessete soldados, contando os que Veso nos contou sobre quando escapou pela primeira vez do ninho. Encontramos o local secundário onde o mestre estava dormindo durante o dia. Era um abrigo onde a mina era usada para armazenar explosivos. Três sacos de dormir estavam lá. – Lorn fez uma pausa. — O mestre confirmou para nós que Decker Filmore estava trabalhando com o conselho Vampiro em Chicago.

— Enviarei escoltas a caminho. – Lord Aveoth soava furioso. — Por que você acha que haviam tantos soldados, eles esperavam que nós os atacássemos?

— Duvido. – Veso falou. — O mestre queria ser chamado de rei. Ele era um louco pretensioso, e provavelmente adorava ter aquelas coisas à sua disposição.

— Tem certeza de que pegaram todos? — A voz de Velder saiu do viva-voz.

— Certamente. – Chaz olhou ao redor. — Os novos soldados estavam sendo mantidos dentro da mina e a maioria dos que estavam na floresta caçando eram malditos quase raivosos. Aqueles que corriam para qualquer coisa que fizesse um som ou se movia. As motos funcionavam como um encanto para atrair a atenção deles. Poderíamos patrulhar os céus em torno dessa área na noite para a semana seguinte se você pensa que é preciso.

— Faça isso. – Aveoth rosnou. — Esses bastardos vampiros prejudicaram muitos humanos naquela área. Já vai chamar a atenção, uma vez que alguém

está obrigado a relatar aqueles ataques ou mortos como pessoas desaparecidas. E quanto a Vamps?

— Eu matei um quando escapei com Glenda. Eu matei o mestre esta noite. – Veso tinha tirado a vida dele mais rápido do que ele pretendia, mas estava feito.

— Eu matei um terceiro. – Lorn ajustou em seu assento. — Ele estava escondido com os cadáveres das vítimas que tinham sangrado até a morte, provavelmente esperando que a deterioração escondera seu cheiro. Isso não aconteceu.

— Grande jogada, – elogiou Velder. — Obrigado.

Veso olhou para Fray e Chaz, acenando para eles. As outras escoltas estavam no telhado, esperando pelos irmãos gêmeos antes de voar para casa para os penhascos. Eles tinham feito isso fora do território humano antes do sol nascer. Eles poderiam voar para casa sobre território VampLycan sem ser descoberto por ninguém, exceto o clã.

— É assim que os clãs devem trabalhar juntos. — Lord Aveoth fez uma pausa. — Obrigado por nos convidar para a caça, Lorn.

— Obrigado por oferecer sua escolta. Eles foram incríveis.

Veso terminou de ouvir a besteira política e recuou até chegar à porta. Ele virou então, ignorando o cenho franzido de seu pai, e fugiu. Já ouvira o suficiente. Os clãs estavam se dando bem.

Lorn seria um bom líder. Ele queria ir ver Glenda.

— Veso!

Ele tinha descido à metade da escada quando a voz baixa de seu pai o deteve. Ele agarrou o corrimão e virou, olhando para ele.

— Eu quero ver Glenda, não ouvir eles prestando homenagem a cada um de nós por lutar sobre o que precisava ser feito. Esse ninho era uma ameaça para todos nós.

Bran desceu as escadas até ele e agarrou seu ombro.

— Eu ouvi, mas eu queria falar com você primeiro.

— Você não está me dizendo que eu não tome Glenda como minha companheira. Supere que ela é humana.

O aperto de seu pai apertou dolorosamente, mas Veso não se afastou.

— Não me insulte. – Seus dedos facilitaram e o liberou.

— Estou feliz que você encontrou uma mulher com quem você quer compartilhar sua vida. Eu estava indo sugerir que você leve as coisas devagar com ela. Ela é humana, afinal. Eles não confiam em seus instintos, se é que eles têm algum. O tempo que vocês passaram juntos tem sido estressante. Talvez ela concordasse se você mostrasse um lado menos violento de si mesmo.

— Ela está me pegando para um companheiro. Esse é quem eu sou.

— Não é um insulto, mas ela não é uma Vampycan. Seu mundo era muito mais suave do que aquele em que vivemos. Estou certo de que o derramamento de sangue que ela testemunhou a traumatizou.

— Ela é mais dura do que você pensa, pai.

— Mesmo?

— Sim. Eu esperava ela quebrar em lágrimas, ou até mesmo começar a gritar quando eu tive que matar na frente dela. Ela poderia ter tentado fugir de mim, mas ela não o fez. Glenda é corajosa e forte por dentro. Mesmo quando eu mostrei meu temperamento ela se levantou para mim. Ela viu o que eu era capaz, mas ela permaneceu firme.

— Ela está perdendo muito se ela ficar aqui com você. Você já pensou nisso? Tenho certeza de que sim.

— Nós dois sabemos que ela nunca estará segura retornando à vida que ela teve. E se aquele mestre disse ao conselho sobre o seu plano para acasalar com um VampLycan? Ele só tinha dois vampiros com ele que nós sabemos. E eu estou apostando que ele deixou um ninho para trás em algum lugar, a fim de vir aqui a um curto prazo. Não consigo ver aquele idiota não ter um para torná-los a adorar seu traseiro estúpido. Eles podem saber seu nome e vir atrás dela para buscar vingança pela sua morte.

— Como ela reagiu a essa teoria?

— Não falei com ela.

— Por que não? Pode ajudá-la a concordar em ser sua companheira.

— Ela é minha independentemente do que ela quer. – Veso se virou e rapidamente desceu as escadas e dirigiu-se para a cozinha, onde as escadas do porão estavam localizadas. Ele ouviu seu pai vindo atrás dele novamente e virou, parando rápido, e rosnou.

— E agora?

— Você não pode apenas acasalá-la contra sua vontade. Ela cresceria para te odiar. – Argumentou Bran.

— Deixe-me lidar com Glenda. Não será pela força, uma vez que eu afundar meus dentes nela e compartilhar meu sangue.

— Acho que você deveria dar mais tempo para ela.

— Eu não pedi seu conselho.

— Você acha que eu não fui tentado a morder sua mãe e a fazer tomar meu sangue para formar uma ligação? Eu fui. Ela teve meu filho, mas se recusou a

permitir que eu te tirasse deste clã infernal. Era meu pior pesadelo. Ela prometeu a você que Decker fosse criado como um de seus assassinos. Achei que ela pelo menos compartilhar minha miséria com o que ela tinha feito se ela tivesse que sentir isso através da nossa ligação. Eu não pensei. É errado forçar um acasalamento, independentemente das circunstâncias.

— Glenda e eu somos feitos para serem companheiros. Eu era resistente no começo, mas ela é minha. Ela vai perceber que nós pertencer um ao outro, uma vez que ela parar de ser teimosa.

Bran sacudiu a cabeça.

— Será um erro.

— É meu para cometer.

— Você é meu filho, droga! Eu vi você miserável o suficiente por muitos anos. Leve-a para casa hoje, passe tempo com ela, e permita que ela conheça você quando você não está sendo perseguido ou caçado. Dê-lhe alguns dias. Como sua companheira, ela merece seu melhor esforço para fazê-la feliz. Não se trata apenas de você, Veso.

Ele respirou fundo e explodiu, pensando. Seu pai sempre fora muito sábio.

— Eu iria fazer qualquer coisa por ela.

— Então dê a ela alguns dias. Não force isso para ela. Seduza-a, encante-a e espere que ela aceite.

— Está bem. Vou levá-la ao meu esconderijo. Você vai nos rastrear para ter certeza de que não há problemas? Eu não quero ter que matar qualquer outra pessoa na frente dela se eles decidirem ser rude com a minha humana.

— Não o seu esconderijo. Leve-a para sua casa.

— É mais seguro lá.

— Você ainda está na mentalidade de que Decker governa este clã, mas ele não governa. Não há necessidade de esconder sua humana. A notícia se espalhará ou Lorn irá anunciá-la em algum momento. Vou guardar a sua casa para que ninguém possa atacar sem passar por mim primeiro. É melhor saber quem são seus inimigos. Deixe-os atacar se eles planejam, vamos derruba-los. Isso é o que Lorn tem feito.

Veso o considerou isso.

— Ela ficaria mais confortável em minha casa do que no esconderijo.

— Isto é uma grande verdade. Basta ser paciente com sua Glenda. – Ele fez uma pausa. — Ela também gosta de ser chamada de Glen.

— É o nome de um homem. Eu me recuso.

— É o nome que ela escolheu. Respeite isso.

Veso rosnou e virou, retomando a caminhada até a escada do porão. Seu pai não o seguiu novamente.

Davis sentava-se em uma cadeira no corredor com um livro. Ele sorriu quando o viu, ficando de pé.

— Você voltou. Vou deixar Kira saber e ir para cima com ela. Lorn está em seu escritório?

— Sim. Ele está enchendo os outros clãs. Obrigado por proteger Glenda.

— Tem sido quieto. Os mais agressivos já desafiaram Lorn, se eles eram infelizes sobre ele acasalando Kira e assumindo o clã, por isso temos que ter cuidado com os sorrateiros.

— Eu espero que eles tenham problemas comigo tomando uma companheira humana. Pelo menos Kira cresceu conosco.

Veso não se importava. Ele rasgaria qualquer um que tentasse ferir Glenda.

— Ninguém no alojamento faz fofoca então duvido que muitos estejam cientes de que ela está aqui. Você pode querer falar com Lorn sobre anunciá-la ao clã imediatamente, para que você possa ver quem reage mal a ela e nós podemos vê-los.

— Foi o que meu pai falou. Agora, eu só planejo levá-la para meu lugar e descansar.

— Claro. Estamos felizes por você não estar morto. Nós pensamos que você estava por um tempo.

— Sou grato por estar em casa. – Veso passou por Davis e entrou no quarto de hóspedes. Ele parou dentro do quarto, encontrando o olhar de Glenda da pequena cozinha. Ela estava lavando pratos.

Ela desligou a água, rodeou a pequena ilha e correu para ele.

— Você está bem!

Agradou e surpreendeu-o quando se jogou contra ele, abraçando-lhe a cintura. Ele sorriu, segurando-a perto.

— Você está feliz em me ver.

Ela ergueu o queixo.

— Claro que eu estou. Eu estava muito preocupada.

— Você se importa.

Ela tentou sair do seu abraço. Ele a abraçou com mais força.

Glen estava tão preocupada que acabara de reagir instintivamente quando Veso entrou. E não cobriu o que sentia, sabendo que ele estava vivo e bem. Exultante, muito feliz e aliviada eram as palavras que lhe vieram à mente. Um olhar para sua expressão, porém, fez com que ela se arrependesse.

— Você tem que parecer tão presunçoso? Eles tinham armas de dardos e você entrou à noite, quando aqueles esquisitões estavam acordados. Imaginei o pior.

— Tínhamos muito apoio. Eu sou um excelente lutador. Não havia dúvida de que eu iria sobreviver.

— Bem, eu não tinha tanta certeza. – Ela percebeu que ele tinha sangue seco sobre ele e se encolheu. — Ewww. Deixe-me ir.

Ele finalmente a soltou e permitiu que ela se afastasse. Ela estudou suas roupas. Ele tinha mudado elas antes de partir, já que não estava usando o que tinha sido a última vez que o tinha visto. O fato de que elas estavam cobertas de sangue, um pouco de fuligem cinza, e outras coisas significavam que ele tinha ido atrás do ninho em que eles estavam.

— Você deveria tomar um banho. Está com fome? Davis trouxe alguns mantimentos. Eu poderia fazer alguma coisa para você.

— Isso são coisas que uma companheira faria. – Ele sorriu. — Se preocupando comigo, querendo me alimentar.

Ele poderia estar se divertindo, mas ela não estava.

— Tome um banho. Vou preparar alguma coisa para você.

— Eu quero levá-la para o meu lugar agora.

— O que você disse a Lavos, que queria me esconder? Tenho que admitir que estou tão cansada de sujeira e pedra, estando abaixo do solo naquela mina enquanto eu estive.

— Eu mudei de ideia sobre levá-la lá. Tenho uma cabana. É algo que eu construí. Você vai gostar dela.

— Eu já não estou em perigo? – Ela se sentia bem-vinda no alojamento

— Possivelmente. É complicado. – Ele estendeu a mão. — Venha comigo. Quero sair da pousada.

Ela confiava nele. Ele a mantinha segura até agora.

— OK. Acho que você deveria tomar banho primeiro.

— Eu vou quando eu chegar a casa. Minhas roupas estão lá. – Ele a levou para o corredor. Davis tinha ido. Eles saíram de uma escada que levava para cima e para a parte de trás do edifício. Veso a segurou e a levou para a floresta. Ela avistou algumas casas, mas eles não se aproximaram de nenhuma delas, mantendo fora das trilhas.

— Quão longe você mora?

— Longe. Você quer que eu a carregue?

— Não. Eu estava apenas curiosa. – Ela viu menos casas à medida que caminhavam mais para dentro da floresta. Ele os manteve em um ritmo rápido que ela lutou para acompanhar. — Qual o tamanho do seu, hm, território?

— Grande.

— Vocês não têm veículo ou algo assim?

— Nós temos, mas eles são irritantes. Temos alguns com motores melhorados, os ruídos dos motores tendem a mexer em nossos nervos. Eles só são usados se tivermos que trazer algo extremamente pesado ou grande para as casas.

— Então você anda por toda parte?

— Você é tão humana. – Ele sorriu.

— Eu sou. – Ela não sentiu mal sobre isso, mas ela olhou para o corpo de Veso. Não admira que ele estivesse tão em forma. Apenas viajando do

alojamento para sua cabana estava dando-lhe um treino. Seus músculos da panturrilha e da bunda estavam doendo.

— Estamos quase lá.

— Bom. – Ela estava um pouco sem fôlego e sua garganta estava seca. — Da próxima vez eu vou trazer um pouco de água para uma longa caminhada.

Veso parou e a fez ofegar quando ele a pegou em seus braços. Ela hesitou, mas envolveu seus braços ao redor de seu pescoço. Eles passaram por um riacho, então ele a levou para cima de uma pequena colina. Ele parou e colocá-la em seus pés no topo.

— Aí está.

Ela virou a cabeça e olhou para a estrutura da cabana, bonita. Parecia algo tirado de uma revista, apenas sem uma garagem, ou calçada. As árvores haviam sido estruturadas para fazer uma clareira onde a cabana estava no meio. — Você construiu isso?

— Meu pai me ajudou.

— É impressionante. – Ela olhou para ele.

Suas feições mostraram sua incerteza e ele franziu a testa.

— Estou falando sério. É linda. – Ela virou a cabeça, olhando para a casa dele novamente. – Parece que um profissional construiu.

Ele resmungou baixo.

Ela encontrou seu olhar.

— O que?

— Nós não contratamos equipes de construção como você faz em seu mundo para construir casas. Fazemos isso sozinhos.

— Para manter os humanos longe?

— Nós simplesmente não precisamos deles.

Ela selou seus lábios e assentiu. Às vezes, quando ele agia com doçura, ela esquecia o quanto ele manteve um rancor contra a sua espécie. Ele começou a andar de novo, então ela o seguiu até a porta da frente. Ele apenas agarrou o cabo e empurrou-a aberto.

— Você não tranca as portas?

— Eu não estava em casa. Não havia razão para fazê-lo. VampLycans não roubam um do outro. – Ele afastou-se do caminho e sacudiu a cabeça, o olhar examinando a área. — Entre.

Ela entrou em sua sala de estar e admirou abertamente as vigas de madeira acima da cabeça. Ela olhou para baixo.

— Pisos de madeira. Não me diga que você fez isso também?

Ele bufou, fechando as portas.

— Eu os instalei, mas não, eu não os fiz. Eu os comprei on-line e nós os pegamos no alojamento. Nós compramos coisas de seu mundo. Eu não fiz o vidro para as janelas também.

O quarto estava aberto da sala de estar para a cozinha. A lareira era grande, todas as pedras cinzentas.

— Aqueles parecem reais. – Ela apontou.

— Eles são. Peguei cada pedra do riacho. Vamos discutir cada característica da minha cabana?

Ela o encarou.

— Eu estou nervosa.

— Por quê?

Sim, porque Glen? Ela engoliu em seco. Eles estavam sozinhos dentro de sua casa e era melhor do que ela tinha imaginado. Ela podia se imaginar vivendo lá. Ela também podia imaginar o quanto iria quebrar seu coração se Veso a convencesse a ficar, então um dia se arrependesse. O amor se voltaria para ódio.

— Tome um banho.

Ele balançou sua cabeça, seus olhos se estreitaram quando ele a estudou.

— Você está tentando se livrar de mim?

— Não. Você está coberto... o que quer que seja. Você deve lavá-lo e colocar roupas limpas. – Ela olhou para si mesma. — Felizmente está seco, já que não está em mim também.

— Sangue e cinzas não te deixam nervosa. Você já me viu antes.

Isso era verdade. Ele tinha matado para tirá-los daquela mina. Ela levantou o olhar para ele.

— Tudo bem. Estamos sozinhos

— E?

— Nós não estamos mais correndo por nossas vidas. Lembro-me da última vez que estávamos em uma cabana juntos e o que aconteceu entre nós. Você vai tentar me seduzir de novo?

Ele assentiu, sem negar.

— É por isso que estou nervosa. Tome um banho. Gostaria de um pouco de tempo.

— Para fazer o que?

— Eu não sei. Eu só quero um pouco de espaço e tempo para pensar.

— Você é minha companheira. É aqui que você pertence. Vou estar no quarto. Você poderia juntar-se a mim no chuveiro.

— Tempo. – Ela repetiu suavemente, esperando que ele tomasse a dica. Irritação piscou sobre suas feições, mas ele se virou, pisando em direção à parte de trás da cabana. Fechou a porta. — E não vá para fora.

— OK.

Ele olhou de volta para ela como um malandro, hesitando.

— Eu não vou correr ao ar livre. Eu nunca iria encontrar o meu caminho de volta para o alojamento, além disso, eu sou humana. Eu entendo que não é exatamente uma coisa boa estar aqui.

— Ninguém ousaria te fazer mal. Eu os mataria.

Ele desapareceu e ela caminhou até a porta da frente. Ele tinha alguns bloqueios. Ela torceu-os, testados para ter certeza de que estava trancada, então lentamente deixe-se olhar para cada centímetro da sala. Não era uma grande casa, mas era confortável. Uma escada conduzia a um sótão sobre a cozinha.

Ela apenas ficava lá em vez de explorar o que estava fora da vista embora. Veso tinha deixado claro que ele planejava fazer dela sua companheira. Até onde ele vai? Outra pergunta sem resposta a fez morder o lábio e abraçá-la, preocupada.

Ele poderia dizer que tinha certeza de que deveriam se acasalar, mas e se ele estivesse errado? Todas as coisas que ele disse sobre os seres humanos se repetiu através de sua cabeça. Ele á veria sempre como uma fraca? Uma pária? Inferior a um VampLycan? Ela caminhou pensativa. Ela não podia fazer todas as coisas bacanas que ele podia. Ela apenas seria uma simples e velha humana.

Confie nos seus instintos.

Ela ficou quieta, apenas respirando, e fechou os olhos. Seu coração queria ficar com Veso. Ela estava apaixonando-se por ele. A ideia de dormir com ele todas as noites e estar com ele todos os dias era algo que ela queria desesperadamente. Sua cabeça a advertiu que seria o pior erro que ela poderia cometer. Eles eram tão diferentes. A diferença pode ser muito grande para construir uma ponte.

— Merda, – ela murmurou. — Eu não sei o que fazer.

Capítulo Dezenove

— Eu não sabia que você era tão malvado.

Veso arqueou suas sobrancelhas, olhando confuso.

Glen cortou um outro pedaço de bife e vagarosamente mastigou. Veso tinha tomado seu banho, retirado alguns pedaços de bife do freezer, e então continuou a fritá-los em grelhas. Ele tinha lavado as vasilhas, também. Eles agora sentaram em frente um do outro em sua mesa de sala de jantar dobrada para o lado da cozinha.

— Você é um excelente cozinheiro. Era uma brincadeira. – Ela explicou.

— Eu não vejo humor nesse tipo de acusação.

— Você não vai jogar justo para fazer as coisas do seu jeito, não é?

Ela não disse nada, apenas cortando um pedaço de seu próprio bife e o jogando em sua boca.

— Esse é o melhor bife que eu já tive. – Ela admitiu.

Ele exalou, tomando um gole de seu refrigerante.

— Obrigado. Eu sou melhor na cama do que eu sou na cozinha.

Ela engasgou, surpresa que ele se vangloriar daquilo. Ele era tão arrogante.

— Pare de lutar comigo, Glen. Estamos destinados a ficarmos juntos;

Levou um segundo para ela responder.

— Você não me chamou de Glenda nenhuma vez.

— Eu percebi. Eu ainda acredito que é um nome masculino, mas você gosta. Eu posso compreender. Eu quero que você seja feliz.

— Quem é você e o que você fez com o Veso real?

Ele riu.

— Eu tenho você dentro da minha casa e você está segura. Este sou eu relaxado.

— Agora você está propositalmente tentando me fazer surtar, não está?

Ele pôs seus talheres na mesa.

— Eu estou tentando mostrar a você que eu posso ser um bom companheiro para você, Glen. Eu quero que você fique comigo.

— Eu entendi isso.

— Eu vou proteger você, ter certeza que você está feliz e nós podemos adicionar mais quartos na minha cabana. Há apenas dois quartos, mas nós podemos os construir se precisar.

— Para o que?

— Nossos filhos.

A boca dela caiu aberta.

— O que? Essa foi uma coisa errada de dizer? Você não pode controlar seus ovários do jeito que os Lycan podem. Isso significa que eu vou ter você gravida. Eu nunca quis ser um pai, mas eu estou disposto a enfrentar isso para estar com você.

Ela se levantou, saindo de sua cadeira. A urgência de correr para a porta era forte, mas ela apenas o encarou.

— Que tipo de jogo você está jogando?

Ele levantou vagarosamente.

— Sem jogos.

— Você odeia humanos.

— Não você. Eu declarei isso várias vezes. Você não acredita em mim?

— Você vai se arrepender se nós fizermos essa coisa de acasalamento.

— Eu não vou.

— Você não pode ter certeza disso. Pessoas se casam e se divorciam o tempo todo.

— Eu sou um VampLycan. Nós não nos divorciamos. – Ele olhou e soou insultado pela mera perspectiva.

— Então você está dizendo que toda relação VampLycan funciona?

— Eu desejaria poder dizer isso, mas não é verdade. Só que é raro para companheiros quererem desfazer suas ligações.

Ela teria zombado dele por dizer algo desse tipo, mas o mundo que ela conhecia não era mais o mesmo.

— Quão raro?

— Eu apenas vi acasalamentos ruins quando emoções não estão no motivo do acasalamento.

— Você pode dizer isso de uma forma que eu entenda?

— Às vezes acasalamentos são arranjados para forjar alianças. O casal não tem ligações emocionais um com o outro e isso nunca cresce entre eles. Isso não vai acontecer conosco. Nós temos sentimentos um pelo outro.

O coração dela acelerou e ela se aproximou dele, olhando em seus olhos.

— Luxuria não é cola o suficiente para manter uma relação.

— Isso é tudo o que você acha que sinto?

— Nós realmente não nos conhecemos.

— Eu aprendi o suficiente sobre você para ter certeza que você é minha companheira.

— Como o que? Eu sou menos chata para você do que outros humanos?

Ele passou em volta da mesa se aproximando ainda mais, parando quando eles quase trombaram um no outro.

— Você é corajosa, inteligente e me faz rir.

— Yeah. Isso é tão você. Sempre rindo.

Ele sorriu.

— Seu sarcasmo foi notado.

— O que se eu me lembro de bem, você não acha atrativo.

— Isso está em você. – Ele levantou uma mão e gentilmente escovou seu cabelo para longe de seu rosto. — Eu não quero deixar você ir. Estou ansioso para discutir com você e acho nossas diferenças engraçadas.

— Eu te acho irritante.

— Você acha?

— Sim. Você é um valentão, Veso.

— Não é uma coisa tão ruim.

Ela abriu a boca para protestar, mas ele abaixou seu rosto, a beijando.

Glen fechou seus olhos e se inclinou para ele. Ele era um valentão, mas ele também era sexy e tinha uma ótima boca. Sua língua passou entre os lábios dela e ele enlaçou seus braços em torno dela, levantando-a de seus pés.

Ela envolveu seus braços e pernas em torno dele, se segurando. Ele fez isso impossível de se pensar quando ele devorou a boca dela como se a vida deles dependesse disso. Os suaves rosnados que vinham dele a acendeu ainda mais. Ela mal notou que ele estava andando até que parou, a abaixando. Suas bocas se separaram, ambos com respiração difícil, e ela percebeu que estava deitada em sua cama.

Ele se levantou e ela o soltou, o deixando ir. Ele rasgou sua camisa, se afastando, e desabotoou suas calças.

— Tire suas roupas.

Ela olhou em volta de seu quarto. Não era um super mega quarto que ela já tivesse visto, mas era grande o suficiente para acomodar sua cama.

— King-size? Por que não estou surpresa?

— Nem ao menos mencione a palavra rei quando estamos para ter sexo. – Ele fez uma careta, retirando suas calças. Ele não usava roupa de baixo, e ele estava acordado. Ela admirou abertamente seu pau. Aquela parte dele parecia crescer enquanto ela olhava.

— Certo. Desculpe. Bom plano.

— Glenda? – Ele limpou sua garganta. — Glen, tire suas roupas.

Ela se sentou e se afastou da cama, retirando as roupas rapidamente. Seus olhos viajaram para o lado da porta que ele havia a carregado, mas ela não sentiu como se quisesse fugir. Ela queria Veso. Era provavelmente um grande erro fazer isso com ele de novo, mas a vida, ela sabia, era muito curta. Se houvesse alguém que ela correria o risco de ter uma chance, seria com ele.

Veso se esticou na cama, nu enquanto ela se apressava a subir lá com ele, seus olhos viajando por cada parte dele, cada pedaço musculoso. Ela suspirou forte.

— Eu já te disse o quão incrivelmente quente você é?

— Você também é.

— Você deve estar querendo me agradar muito.

Ele deslizou pela cama quando ela se juntou a ele. Veso a agarrou por seu pulso e a puxou. Não a machucou, mas fez com que ela engasgasse, caindo em cima dele. Veso rolou, a prendendo de baixo dele. Ela sabia que ele tinha sido cuidadoso de não a espremer com seu grande corpo. Ele devia ter o dobro do peso que ela tinha.

— Nunca mais coloque você mesma para baixo.

— Eu não estava.

— Eu assisti aos seus filmes e shows humanos. Vai ficando chato aqui no inverno. Seu corpo faz isso com o meu. – Ele se ajustou sobre ela, pressionando seu pau contra sua boceta. Não havia como perder a sensação daquilo. – Espalhe mais suas coxas.

Ela fez, gostando do jeito que a voz dele se aprofundou.

— Eu também te excito.

— Você me coloca insano. Eu gosto disso. – Ele se esgueirou um pouco, segurando seus seios com uma mão. — Agora é minha vez.

— De fazer o que?

Ele apenas sorriu, e então abaixou a cabeça. Ela gemeu quando sua quente e molhada boca apertou em seu seio ele não estava usando os dedos para atormenta-la.

Ela entendeu. Ele planejava deixa-la insana.

Ela agarrou em seus ombros, fechando os olhos, e jogando sua cabeça para trás. Ele não era gentil, mas também não machucava quando ele sugava forte em seu mamilo, usando seus dentes para beliscar levemente a ponta. Isso apenas fez com que ela arqueasse e uma necessidade de tê-lo dentro dela.

— Veso!

Ele soltou os seios dela com sua mão e boca. A cama se moveu quando ele mudou seu peso. Ela pensou que ele subiu de volta, mas ele nunca fazia nada do que ela pensava. Ele deslizou suas grandes mãos de baixo de suas coxas e as levantou, separando-as. Ela abriu seus olhos assustada e levantou a cabeça, apenas para o ver enterrando seu rosto. Aquela boca dele fechou em seu clitóris. Ela gemeu, e então ela perdeu sua mente quando o prazer a atingiu.

— Isso não é justo. – Ela deixou sair.

Ele começou a rosnar, adicionando vibrações a sua língua atormentando seu clitóris. Ela agarrou a roupa de cama. Não levou muito tempo até que o orgasmo rasgasse através dela e ela chorou alto seu nome. Ela ofegou, olhos fechados.

Veso se levantou e fechou as pernas dela. Ele então a rolou para seu estomago. Glen abriu seus olhos quando ele deixou as pernas dela ir, deslizando suas mãos contra sua cintura. Ele a colocou para cima em seus joelhos, a segurando lá, e ela removeu seu cabelo do caminho para encara-lo sobre o ombro. Ele se moveu atrás dela e separou suas pernas para fazer seus quadris se alinharem.

— Você é minha. – Ele rosnou.

Ela gemeu quando ele entrou nela por trás. Ela segurou seus braços, aproveitando a sensação dele a tomando. Seu pau estava tão quente e grosso, a separando devagar. Ele se sentia muito bom.

— Minha companheira. – A voz dele estava profunda. — Eu nunca vou deixar você ir.

Ela não iria argumentar com ele quando ele começou a sair e então empurrou de volta. Isso implicaria que ela poderia falar.

Ele se moveu rápido, ajustando seu quadril um pouco, e ela gemeu alto.

— Minha Glen. – Ele rosnou.

Ele veio contra ela, enrolando seu peito contra as costas dela. Ele facilitou seu agarre em sua cintura para tirar seu cabelo do caminho, e então sua boca estava em seu pescoço. Ele mordiscou, lambeu e beliscou em sua pele.

— Oh Deus!

Ele a fodeu duro, rápido. O segundo climax cresceu, então bateu através dela. Ela não gritou alto dessa vez, muito ofegante de sua respiração pesada. Veso rosnou e ajeitou sua cintura contra a bunda dela, diminuindo seus movimentos. Ela jurava que podia senti-lo vir dentro dela.

A dor quando ele a mordeu na verdade foi boa, seus braços tinham balançado, quase colapsado.

Veso deslizou seu braço sob ela antes de enfrentar-se em sua cama e a segurou. Era tão difícil pensar, mas ela sabia o que ele estava fazendo. Kira havia dito tudo sobre o habito de acasalamento dos VampLycans.

Ele rosnou de novo e continuou bombeando seus quadris, seu pau continuava duro dentro dela. Seu corpo tremeu sobre o dela e ele de repente jogou a si mesmo para a esquerda, a levando com ele, desde que ele tinha seu braço preso em volta do peito dela. Eles atingiram o colchão ao seu lado.

Veso deixou sua garganta, lambendo a área latejante que ele mordeu.

— Você é minha. Minha companheira. Diga sim. – Ele estendeu a mão e ela virou a cabeça, incapaz de ver seu rosto desde que ele estava deitado de lado. Ele de repente colocou seu braço em frente a ela e ela olhou despreocupada para a mordida sangrenta em seu braço interno, quase em seu pulso.

— Beba meu sangue, Glen. – Ele exigiu.

Ela hesitou. Iria os acasalar para a vida se eles trocassem sangue durante o sexo. Ele estava enterrado dentro de sua vagina. Isso tecnicamente tinha que contar, apesar de ambos estarem relaxando. Ela gemeu quando ele usou o braço em volta dela, a prendendo de baixo de suas costelas, para agarrar um de seus seios, brincando com ele. Seus mamilos estavam sensíveis, e ela tremeu.

— Beba. Minha companheira.

Sangue de seu braço pingou sobre a cama a polegadas de seu rosto.

— Por favor, Glenda...

A necessidade em sua voz fez isso. Ele realmente queria a fazer dele.

Ela pressionou seus olhos juntos e se inclinou para frente um pouco. Calor molhado tocou seus lábios quando ela pressionou seus lábios contra seu braço.

Sangue.

Ela não podia olhar.

Veso ajustou seu corpo na cama, pressionando seu braço mais firmemente contra a boca aberta dela.

— Beba. – Ele engasgou, começando a fode-la vagarosamente de novo. Sua voz profunda em um tom inumano e ele respiravam em sua garganta. — Engula para mim.

Ele era ótimo em distraí-la do fato que ela tinha sua boca cheia de sangue. Ela quase esperava engasgar enquanto ela engolia, mas não. Ele levantou uma

perna, a segurando em seu melhor lado, e empurrando seu pau ainda mais profundamente.

Ele a mordeu de novo, no mesmo lugar. Foi até melhor dessa vez, e uma nova sensação encheu ela. Calor começou em sua garganta, espalhando para baixo em seu estomago e rapidamente para seu sexo. Seu clitóris pulsou e ela gemeu, sugando em sua pele para ter mais sangue. Qualquer coisa estranha que estava acontecendo com seu corpo, ela de repente queria mais.

Veso enfiou devagar, dentro e fora, e ela rolou seus quadris, desesperada querendo vir. Ele entendeu e a fodeu rapidamente. Um terceiro clímax bateu tão de repente que ela arqueou em seu aperto. Ele colocou seu braço longe de sua boca e a abraçou quando ele rosnou. Seu corpo tenso ao longo das costas dela e ele soltou o ombro dela.

— Minha!

Seus braços em volta dela relaxaram um pouco, mas não muito. Ela abriu os olhos, encarando a parede do outro lado do quarto. Seus lábios estavam cobertos com o sangue dele, o gosto de sangue em sua boca enquanto ela tentava pegar uma respiração. Seu corpo se sentia de uma maneira muito quente, como se ela estivesse febril.

Ela se acasalou com Veso.

Ele limpou sua garganta.

— Diga alguma coisa.

Ela piscou, tentando não entrar em pânico. Eles se acasalaram. Ele a havia seduzido nisso. Não, ela não podia culpa-lo totalmente. Ele não a estava fodendo quando ele pediu para ela beber seu sangue. Ela foi a única que abriu a boca e foi até seu braço.

— Glen? – Ele levantou sua cabeça e ela virou a sua.

O sinal de sangue em sua boca também, em seu queixo, sabendo que era dela...

— Você me mordeu. – Ela deixou sair.

— Duas vezes. Eu deveria ter deixado você me morder, mas você não tem uma dessas. – Ele dobrou seu lábio superior, revelando suas presas.

— Então nós estamos oficialmente acasalados agora? – Ela precisava que ele confirmasse verbalmente, de ouvir as palavras.

Suas expressões suavizaram.

— Nós somos companheiros. Isso é uma coisa maravilhosa.

Ele balançou um pouco e ela se levantou, liberando seu braço preso de suas costelas. Ele dobrou o braço depois de planta-lo na cama, segurando sua cabeça para cima, mas rodeando seu outro braço em volta da cintura dela para os manter intimamente conectados. O fato que a perna dele continuava segurando a dela, não tinha passado despercebido. Ele provavelmente tinha percebido que tentaria correr. Ela era dele, entretanto. Eles eram companheiros. Excitamento e medo brigavam dentro dela tudo de uma vez. Não havia como voltar atrás, sem mudanças de ideia.

— Respire.

— Eu estou.

— Muito rápido. Acalme-se, Glen. Não há necessidade de pânico.

Ela estava. Seu coração estava correndo e seus pulmões estavam trabalhando muito rápido. Ela suspirou, lembrando-se do sangue que ela bebera desde que ela ainda podia sentir o gosto disso. Estava espalhado por seus lábios, provavelmente em seu rosto também. Estava no dele.

Ele se inclinou, segurando seu olhar.

— Eu amo você.

Ela procurou seus olhos, paralisada. Ele parecia sincero. Ele tinha soltado a bomba nela.

— Eu amo. Você é forte, Glenda. Pare de olhar como se você fosse ter um ataque.

— Glen. Você disse que me chamaria assim.

Ele teve a cara de pau de sorrir.

— Você quer discutir? Eu apenas disse que você é a dona do meu coração e sempre será. Eu estou me abrindo para você. Aqui é onde você supostamente deveria dizer que me ama também.

— Eu...

— Eu amo você. Não é tão difícil dividir seus sentimentos, Glen. Essa é minha segunda vez dizendo essas palavras. Você pode dize-las também.

Por favor, não quebre meu coração um dia.

— Eu te amo, Veso. Eu estou um pouco assustada. – Ela admitiu.

— Nós somos companheiros. Amor é natural entre nós. Eu sei que não é fácil de aceitar. Eu lutei contra meus instintos em acasalar com você no início, não confiando neles por causa do sangue injetado em nós naquela mina. Nós tivemos tempo, desde então tem crescido. Você apenas bebeu meu sangue porque você sabe lá no fundo que você é minha companheira. Tente imaginar uma vida sem mim. Eu vou te dar um minuto para pensar nisso. Eu fiz isso... E eu não gostei do que vi.

Ele fez isso soas tão simples. A vida nunca era.

— Apenas feche seus olhos e pense daqui a cinco anos se eu deixar você voltar para seu mundo sozinha.

Não era muito a se pedir e era melhor que encara-lo, porque o sangue em seu rosto ainda a fazia se sentir um pouco perturbada, a lembrando de como ela deveria estar parecendo. Ela fechou seus olhos, se colocando de volta em seu apartamento. Ela raramente estava lá porque ela trabalhava ao menos seis dias por semana, de dez a doze horas que ela nunca recebeu. Tinha sido solitário. Todos aqueles jantares que ela comeu em frente a sua TV e as noites que ela dormiu sozinha. Sua vida tinha sido triste e um pouco patética.

Ele a abraçou mais forte contra seu corpo, colocando seus lábios próximos à orelha dela.

— Eu sempre vou estar aqui para você. Nós vamos dividir tudo juntos. Você tem um companheiro. Aceite isso e agradeça. Eu faço.

Ela se separou dele, o encarando.

— Você é malvado.

— Por quê? Por que faço sentido?

— Não, porque você não joga limpo.

Ele sorriu.

— Eu sou um VampLycan. Eu vou fazer o que precisar para conseguir o que eu quero.

Ele era honesto. Ela sempre o daria crédito por isso. E sem rodeios. Ela deveria ser também.

— Nós somos diferentes. Isso não preocupa você?

— Eu ouvi que opostos se atraem. Nós provamos que isso é verdade.

— Você tem uma resposta para tudo?

— Eu acho que sim.

— Certo. Que tal todos os meus pertences em Oregon? Eu não tenho mais roupas, apenas as que Kira me emprestou. Ela vai as querer de volta em algum momento. Eu não quero minhas coisas em caixas escritas do lado de fora. Como eu vou me sustentar? Eu tenho um carro. Meu contrato no apartamento não é para mais de quatro meses. Eu tenho algum dinheiro guardado, mas não é muito para pagar-

— Isso é tudo fácil de cuidar.

— Serio? Diga-me as maravilhas do mundo, ó senhor sabe tudo.

Ele rosnou, e sorriu de novo.

— Eu vou enviar meu pai para juntar as coisas que você quer e as enviar para cá. Eu tenho dinheiro, o que o é seu também. Ele pode comprar o seu carro e vende-lo para você. Eu tenho certeza que seu carro de cidade não vai sobreviver um inverno aqui. – Ele arqueou as sobrancelhas. — Eu vou levar você para qualquer lugar que você precise ir a que um veículo seja necessário. Você não precisa de um seu.

— Isso soa tão sexista.

Ele riu.

— Não é. Nós temos que andar para nossa cabana, lembra? Sem estradas.

— Eu vou querer ir a shoppings e coisas do tipo. Isso significa que eu preciso de um carro para ir à cidade em algum momento.

— Nunca sem eu estar ao seu lado. Humanos não gostam de nós, Glen. Não seria seguro. Eles não confiam em ninguém de uma cidade VampLycan. Eles acreditam que somos algum tipo de culto religioso.

— Por quê?

— Nós nos mantemos separados deles exceto por e-mails e suprimentos. Sempre foi dessa forma.

— Para manter o segredo. – Ela imaginou.

— Sim.

— Eu não posso ter seu pai empacotando minhas roupas de baixo. Sem mencionar que ele não vai querer fazer isso.

— Ele vai fazer isso porque você é minha companheira e sua segurança vem em primeiro lugar. Eu não vou permitir que você volte para a sua casa. O mestre não é mais um problema, mas isso não significa que outros Vampiros não estarão caçando você. Ele estava trabalhando com o conselho deles. É possível que ele tenha compartilhado seu nome e seus planos com eles. Em algum momento, eles vão perceber que ele está morto.

— Eu não tenho as chaves para meu apartamento, isso significa que eu tenho que pedir outras novas para meu senhorio. Eu tenho que pagar meu aluguel e avisa-lo que estou mudando. – Ele não tinha ideia de como o mundo real funcionava. Isso era obvio. — Seu pai não sou eu, então eles não vão deixa-lo fazer nada disso.

— Você se esqueceu do que podemos fazer. – Seus olhos começaram a brilhar.

— Controle da mente.

O amarelo neles começou a assumir a cor natural.

— Sim. Meu pai pode ter acesso a sua casa, embalar qualquer coisa que você queira enviar para cá e fazer isso tranquilamente. Ele irá durante o dia e pode lidar com qualquer humano que ele precisar lidar em seu caminho.

— Você faz isso soar tão fácil.

— E é, Glen.

— E sobre a minha mãe? Eu vou continuar ligando para ela de vez em quando.

— Nós temos telefones no Alaska. Apenas não diga a ela onde você está. Os Vamps podem estar usando sua família para rastrear você.

Isso fez com que ela se mantivesse cautelosa por dentro.

— Eles estão em perigo?

— Eu duvido, especialmente se eles não têm nenhuma informação de onde encontrar você. Para matar um humano na cidade chama muita atenção e eles tendem a evitar fazer isso.

— O que eu digo para ela?

— Que você encontrou o homem dos seus sonhos. – Ele riu. — Eu tirei você dos seus pés e eu sou incrivelmente bonito. Qualquer mãe adoraria ouvir isso.

Ele era impossível e todo dela.

Isso a atingiu forte. *Ele realmente era dela.*

Ele riu.

— Respire companheira. Não desmaie em mim.

— Vá se foder. Você é muito mandão.

— Eu posso fazer isso. – Ele beijou ela.

Capítulo Vinte

Veso gargalhava, observando Glen espanar a lareira dele. Ela virou a cabeça, lançando a ele um olhar sujo.

Ela o divertia. Ele estava em sua maior parte grato por ela não estar tentando se esgueirar na cabana para escapar. Ele se preocupava que ela mudasse de ideia sobre ser sua companheira. No entanto, os músculos dela provavelmente estavam doloridos, desde que ele celebrara o acasalamento deles com muito sexo.

— Poeira não é engraçada. Há camadas dela aqui. Você não espirra com frequência?

— Essa é uma tarefa que odeio. A casa está limpa.

— Exceto por suas prateleiras e as superfícies sobre o chão e os balcões.

— Você queria um trabalho. – Ele sorriu, gostando de atazana-la. Ela era realmente atraente quando ficava zangada.

— Hahaha. Me morda.

Veso rodeou o balcão, caminhando na direção dela.

Glen se virou completamente e ergueu o pano sujo, apontando um dedo para ele.

— Pare. Não quis dizer isso no sentido literal. Você tem presas grandes.

— Tenho tudo grande. – Ele parou alguns passos longe dela e olhou para a mão estendida. — Estou apenas tentando te mostrar que sou um bom companheiro ao fazer o que você pede. – Ele deixou as presas se alongarem, mostrando-as. Ele correu a língua sobre as pontas.

— Você não é tão engraçado.

— Eu discordo. – Um som súbito lá fora o fez ficar tenso, se movendo rapidamente para a porta. — Fique aqui.

Ele destrancou a porta e saiu rapidamente, as garras também se estendendo. A visão do pai dele o fez relaxar.

— Qual o problema?

— Lorn decidiu anunciar sua humana como parte do nosso clã. Ele quer você e Glen nos fundos do alojamento em uma hora.

— Essa não é uma boa ideia. – Veso queria que sua companheira estivesse segura. O pensamento de coloca-la no meio de um encontro com todos do clã não parecia bom para ele.

— Eu concordo. – Glen disse por detrás dele.

Ele se virou, grunhindo baixo quando a viu parada na entrada aberta.

— Te disse para ficar lá dentro.

— Ouvi a voz do seu pai. – Ela chegou mais perto na varanda e ficou ao lado dele, acenando. — Oi, Bran.

O olhar do pai dele correu por Glen e ele sorriu.

— Vejo a sua marca de mordida. Você se acasalou com ela.

Veso olhou para Glen para ver a reação dela. Ela usava uma das camisas dele; era folgada ao redor do pescoço dela e revelando parte dos ombros. A marca dele não poderia ser perdida. Ele a lambera para curar a marca, mas um hematoma permanecia. Glen corou um pouco, estendendo a mão para ajustar a camisa, mas sorriu. Isso pareceu um pouco forçado.

Ele se perguntou se ela estava repensando sua decisão de acasalar com ele. Ele a mantivera ocupada a noite inteira, entre o sexo e os cochilos que eles tiraram. O banho compartilhado pela manhã havia sido bom e ele preparara o café da manhã para os dois, então lavara os pratos enquanto ela começava a limpar. Eles não haviam conversado muito.

Então ele notou a cor bem no alto das bochechas dela e respirou mais fácil. Não era arrependimento que ele via, mas sim embaraço. Ela era tão humana.

— Você não pode desobedecer uma ordem do líder do seu clã. Lorn sabe o que está fazendo. – Seu pai subiu os degraus da varanda. — Estamos mudando as coisas. Será seguro para ela.

Veso pensou nisso.

Bran ficou carrancudo.

— Você acha que nós permitiríamos que algo acontecesse? Que eu permitiria? Ela é sua companheira. Eu mataria por ela. Lorn e seus guardas vão eliminar qualquer problema que surgir.

— Tudo bem. – Não aparecer seria ser desrespeitoso com Lorn. Ele não queria ter que se mudar para outro clã e construir uma nova casa para sua companheira. Levaria muito tempo e ela não estava acostumada a viver ao ar livre. O inverno chegaria antes que ele terminasse. — Espero apenas que Lorn entenda que vou rasgar ao meio qualquer um que vier atrás de minha Glen.

— Ele entende.

Veso estendeu a mão e a colocou na parte baixa das costas de Glen.

— Coloque os sapatos. Estamos indo para o alojamento.

— Ótimo. – Ela se virou e reentrou na cabana. — Também vou trocar de roupa, desde que estou vestida para o conforto agora, mas vou me apressar.

Veso não tinha certeza do que isso significava. Ela havia colocado uma das camisas dele e um par de leggings de Kira. O traje dela parecia bom para ele.

— Vai ficar tudo bem, filho.

— É melhor ficar. Ela já teve que me ver matar muitas vezes nessa semana.

— Ela precisa aprender que a vida aqui pode ser um pouco mais áspera.

— Estou tentando disfarçar um pouco. Ela ainda está se ajustando comigo.

— Você teve a permissão dela para se vincular? Ela não parecia agitada.

— Não forcei o acasalamento.

— Bom. Estou orgulhoso de você.

— Eu ouço seus conselhos. Entretanto, preciso de um favor.

— Diga qual.

— Alguém precisa limpar a vida humana de Glen. Isso parece aborrecê-la, não ter suas próprias roupas. Ela alugou um aparamento em Oregon.

— Não diga mais nada. Apenas me diga quando quer que eu vá.

— Talvez na próxima semana ou na próxima. Quero ter certeza que não tenhamos nenhum problema aqui antes que você vá. Obrigado por patrulhar na noite passada. Isso me deu habilidades para me focar apenas em minha companheira.

— Farei o mesmo essa noite. Esse é um momento importante para seu vínculo crescer.

— Você conseguiu dormir um pouco?

— Cochilei um pouco assim que vi movimento dentro da sua casa, até que Lorn ligou. Vou dormir um pouco mais tarde.

— Obrigado.

— Eu faria qualquer coisa por você.

Veso surpreendeu seu pai ao lhe dar um abraço.

— Obrigado. Você poderia ter sido difícil por Glen ser humana.

— Vejo que você está usando o nome que ela gosta. – Bran lhe bateu nas costas.

Veso gargalhou, se afastando.

— Ele me corrije toda vez que eu escorrego. Sou um ótimo aluno e isso a agrada.

— Companheiros fazem isso. – Uma tristeza estava presente dos olhos de seu pai.

— Você deveria tentar encontrar uma.

— Alguns de nós não foram feitos para ter uma companheira.

— Eu acreditava nisso também. Eu estava errado.

— As únicas adições em nossa família que estou esperando são quando sua companheira te der filhos e filhas.

O pensamento assustou Veso.

O pai dele sorriu, parecendo imaginar onde sua mente havia ido.

— A paternidade vem naturalmente. É instintiva. Você será um excelente pai. Admito que sou um pouco grato por não ter ciência de sua existência até que você nasceu.

— Por quê?

— Teria me levado à loucura ver uma mulher sofrer as dores de dar à luz a meu filho. Essa é a única coisa da qual não podemos protegê-las.

— Porra. – Veso não tinha pensado nisso.

Seu pai riu.

— Você não vai mais ficar obcecado com esse evento futuro.

— Isso não é engraçado. Eu não posso deixar Glen grávida. Ela é humana. E se ela for muito fraca para dar à luz a uma das minhas crianças? Eu não posso perdê-la.

— Alimente-a com seu sangue com frequência. Isso vai deixa-la mais forte. Ela não vai se transformar em uma de nós, mas isso vai fortalecer o sistema imunológico dela e sua habilidade de se curar. E temos um médico.

— Uma que não confiamos.

— Eu confiaria no que está no clã de Trayis. Vamos visitar lá quando o momento chegar. Minha cabana antiga ainda está de pé. Ela estará confortável lá no fim da gravidez.

— Trayis vai permitir isso?

— Ele é um amigo. Sim, ele iria.

Era uma preocupação a menos. Veso suspirou. Acasalar com uma humana era difícil, mas Glen valia a pena.

*****

Provavelmente estou me dirigindo para minha própria morte. Glen olhou rapidamente para os dois homens que ela caminhava no meio. Veso parecia

furioso e o pai dele parecia tenso. Os olhares deles constantemente passavam pela floresta. Era como se eles esperassem que alguém os atacasse a qualquer momento. Aquilo não ajudava a aliviar o bolo de medo crescendo em sua barriga.

Os humanos são os inimigos aqui. *Isso significa eu*. Ela queria bufar alto, sabendo que ela era provavelmente uma das coisas mais indefesas na floresta. A colina apareceu, assim como o alojamento. Ele se avultava no topo dela, pairando tão sinistramente quanto as casas naqueles filmes de terror sobre Norman[1]. Apenas que essas pessoas não estariam segurando facas afiadas. Elas tinham garras.

Tudo de melhor para me rasgar. Merda!

— Vou te manter segura. – Veso segurou a mão dela.

— E quem vai te manter seguro? – Ela o olhou rapidamente.

— Eu vou. – Brand declarou só para garantir. — E Lorn terá seus guardas prontos para derrubar qualquer ameaça. Esconde seu medo, Glen. Você é a companheira de um VampLycan. Ombros para trás, mantenha sua respiração estável e pense em algo que te deixe com raiva se você tiver com a necessidade de sair correndo. Mantenha-se firme, não importa o que aconteça. Somos predadores. Você não quer incentivar ninguém a tentar te caçar.

— Você seria um péssimo palestrante motivacional. Seu filho pegou isso de você. Não se demita do seu trabalho diário.

Bran pestanejou, mas Veso gargalhou.

— Entendi a piada.

— Eu não estava brincando. – Ela murmurou. — Entretanto, eu entendo a necessidade disso. Agir como se eles fossem os cachorros bravos. Olhá-los de

[1] Norman Bates, do filme **Psicose**, de Hitchcock.

cima, não virar as costas para ele e agir como se fosse maior do que eles são se eles estiverem parecendo como se fossem me atacar.

— Quem te deu esse conselho?

— Não sei. Acho que vi isso em um filme. – Ela admitiu.

— Apenas fique ao meu lado e siga minhas ordens. – Veso balançou a mão dela.

— Seja submissa e uma boa companheirinha. Entendi.

— Não foi isso o que quis dizer. Se eu disser para você ficar atrás de mim, fique nas minhas costas. Se eu disser para se abaixar para evitar ser encharcada com sangue, então você–

— Tento não vomitar. Lembro quando você jogou sangue dos malucos em mim. Acredite em mim, vou me abaixar. Também não quero ser atingida com uma parte de corpo voadora. Lembro do seu lema de luta.

— Meu filho tem um?

Glen encontrou o olhar curioso de Bran.

— Cortem as cabeças.

— Esse é bom. – Ele gargalhou.

— Achei que você gostaria. Você também curte arrancar cabeças?

— Depende de quem seja.

— Boa resposta. – Glen selou os lábios, grata por seu sogro parecer gostar dela. Ela queria manter a cabeça sobre os ombros.

A subida acima não fez nenhuma maravilha para seus já doloridos músculos das pernas. No entanto, ela conseguiu evitar mancar ou fazer uma careta de dor

quando eles alcançaram o topo. De uma coisa ela tinha certeza. Ela teria muito exercício vivendo com Veso. Todos eles estavam em forma por uma razão.

A visão do grupo de pessoas a distraiu de seu desconforto. *Ah, cara. Aqui vamos nós.* Veso e o pai dele pararam na linha das árvores, mantendo-se lá.

Lorn estava de pé na varanda dos fundos, fácil de se enxergar. Ele virou a cabeça, olhando na direção deles. A voz dele percorreu a clareira.

— Convoquei essa reunião por algumas razões. Convidei representantes de outros clãs para nos visitar. Não tenho certeza da data exata desde que isso vai levar tempo para planejar, mas aceitarei sugestões para divertir nossos convidados enquanto eles estejam aqui. Quero que todos sintam-se parte disso.

Um homem limpou a garganta.

— Por que você faria isso?

Lorn virou a cabeça para a direita.

— Porque estamos remendando relacionamento com os outros clãs. Você tem seus amigos para o jantar. É exatamente isso que vamos fazer.

— Eles poderiam nos atacar. – Uma mulher comentou.

— Eles não começaram merda nenhuma conosco. Decker causou a rusga. – Lorn disparou. — Ele não é mais seu líder. Eu sou. Me recuso a viver com a ameaça de guerra sempre nos cercando. Não mais! Se você tem um problema com isso, me desafie.

Kira saiu das laterais e se aproximou de Lorn. Ela parou alguns passos atrás dele. Ele estendeu a mão para trás e a puxou para frente, sua boca se movendo, mas as palavras muito baixas para Glen ouvir. Kira assentiu, então deixou seu olhar viajar pela multidão reunida.

— Quantos de vocês perderam crianças? Irmãos? Pais? Companheiros? E pelo que? Para que Decker pudesse ganhar poder sozinho. Como isso fez nossa vida melhor? A maior parte de vocês tem laços familiares com os outros clãs e tem se preocupado sobre o destino deles. Guerra entre VampLycans não tem nenhum propósito além de causar mais perdas. Paz com os outros clãs é melhor para todos. – A voz de Kira se ergueu alta e clara.

— Eu sei que eu amaria ser capaz de visitar outros clãs sem ter as mulheres deles agindo como se eu tivesse a peste. Nenhuma das daqui são minha companheira e, maldição, os invernos são longos. – Um homem gritou.

Alguns na multidão riram.

— Não entendi. – Glen murmurou.

— Vou te explicar mais tarde. – Veso resmungou.

Ela assentiu.

— Farei paz com os outros clãs. É isso o que vai acontecer. – Lorn esperou alguns segundos antes de falar novamente. — As leis que uma vez fomos forçados a seguir são arcaicas. Garson fez um excelente ponto. Está difícil para alguns de vocês encontrarem companheiros se eles não forem nascidos nesse clã. As ações de Decker nos fizeram não bem-vindos para visitar outros clãs. Não apenas a paz com os outros VampLycans os fazem menos desconfiados de nós, mas precisamos nos adaptar aos tempos modernos. Veso encontrou sua companheira e vamos recebe-la em nosso clã. Ela é humana e seu nome é Glen.

Houve alguns rosnados e arfares da multidão.

Veso agarrou a mão de Glen e a levou para longe das árvores, caminhando em direção à clareira. Alguns homens perto dos fundos se viraram, ou ouvindo ou sentindo eles se aproximando. O coração de Glen batia com força, mas ela se sentia mais segura sabendo que seu companheiro e o pai dele estavam um de

cada lado dela. Eles pararam cerca de cinco metros dos fundos do grupo. Mais cabeças se viraram e Glen se tornou o centro das atenções.

— Não! – Uma mulher se empurrou através do grupo. Ela era bonita, provavelmente na casa dos trinta, e o olhar mortal que ela lançou em Glen a fez estremecer.

— Brista, não. – Sibilou um homem nos fundos que entrou na frente dela, impedindo-a de chegar mais perto.

A mulher virou o olhar fuzilante para Veso.

— Você não ia nem mesmo testar nossa compatibilidade comigo, mas você pegou uma humana? Você a fodeu? – Ela cuspiu no chão. — Traidor!

Veso rosnou.

— Não use esse tom quando falar da minha companheira. – Ele soltou a mão de Glen. — Matarei qualquer um que tente tocá-la.

— Glen é parte do nosso clã agora. – Lorn anunciou. — Essa é minha decisão final. Veso não é um traidor por ter encontrado sua companheira. Glen foi sequestrada pelos Vampiros e eles escaparam juntos. Eu daria as boas-vindas a qualquer companheiro que você encontrar também, Brista. É tempo de se livrar dos velhos preconceitos.

— Claro que você diria isso. – Um homem loiro disparou. — Você sempre foi caído por Kira quando ela ainda era humana. Você vai arruinar nosso clã ao encorajar a depravação sexual! O que vem depois? Permitir que nossos homens transem com humanas nas cidades próximas? Isso é doentio! Você está aprovando que ele se reproduza com aquela coisa.

Veso disparou na direção do loiro. Glen tentou agarrar o braço dele, mas Bran pulou para o lado dela, prendendo o pulso dela com um aperto firme. Tudo o que ela pôde fazer foi assistir enquanto as pessoas, incluindo Brista, saíram

da frente dele. O homem loiro empurrou alguns dos que estavam mais perto e encontrou Veso.

— Parem! – Lorn subitamente estava lá, ficando no meio deles.

— Ele chamou minha companheira de coisa! – A voz de Veso saiu rouca e Glen não tinha que ver o rosto dele para saber que estaria um pouco peluda. Ela viu os pelos se espalhando pelos braços dele. Parecia como se ele estivesse prestes a mudar de forma.

— Ele fodeu e planeja se reproduzir com uma humana. – O loiro zombou.

Lorn virou as costas para Veso, encarando o loiro.

— Curve sua cabeça e se desculpe ou vou deixar ele te matar. Sei que mudanças são difíceis, mas é melhor você tirar sua cabeça da bunda.

— Ele é fraco! – O loiro acusou. — Um depravado sexual que gosta de foder com coisas ainda mais fracas. Eu exijo lutar com ele. E você fez de Veso um guarda? Você é incapaz de nos liderar!

Lorn sacudiu a cabeça.

— Você sempre foi um idiota, Bobel. Você não tem lugar nesse clã com esse tipo de pensamento arcaico. Você escolhe com quem quer lutar. Comigo pela liderança ou Veso? Decida.

— Veso. Eu o desafio por sua fraqueza. Então eu vou matá-la e livrar nosso clã do fedor dela.

Lorn olhou de volta para Veso.

— Você tem minha permissão. – Ele saiu da frente.

Glen queria se virar, odiando ver seu cara lutar, mas não o fez. O loiro não era tão grande quanto Veso, mas ele ainda parecia bem durão. As palavras do babaca penetraram seu cérebro preocupado e ela olhou para Bran.

— Esse desafio significa o que acho que significa? Você pode lutar para ganhar uma mulher aqui?

— Meu filho vai vencer. – Bran acenou rapidamente e a calou.

— Pele ou pelo?

Glen voltou a cabeça para frente ao som da pergunta rosnada de Veso. Eles estavam a ponto de lutar por ela. Realmente lutar. Por. Ela. Ela teve que travar os joelhos. Isso era barbárico e assustador.

Entretanto, ela teve uma realização rápida – ela amava Veso. Ele poderia morrer.

— Pele. Isso não vai demorar. – O loiro lançou a ela um olhar de nojo. — Aproveite suas últimas respirações, futura viúva de Veso.

A urgência de lhe mostrar o dedo do meio apareceu, mas Glen resistiu. Isso pareceria criancice. Aqueles eram o tipo de pessoa que não iriam apreciar gestos de mão.

— É rude encorajar meu homem a vencer ao torcer por ele? – Ela manteve a voz baixa.

— Não o distraia. – Bran advertiu.

Ela tomou isso como um não.

A luta começou no segundo que o loiro lançou uma das mãos na direção da garganta de Veso. Ele tinha garras.

Veso pulou para fora do caminho, as pontas afiadas como navalha errando ele por centímetros. Ele socou, acertando o loiro no rosto. Isso jogou a cabeça do outro para trás e sangue voou. A bile subiu quando Glen viu que aquilo aconteceu não só pela força do punho do seu companheiro. Ele também tinha garras, umas que haviam rasgado aberto o rosto de Bobel.

— Isso é tão nojento. – Ela sussurrou.

— Quieta. – Bran respirou.

Glen travou os dentes.

O loiro sacudiu a cabeça, cambaleou para frente, e tentou acertar Veso com as garras novamente. Ele provavelmente não podia ver tão bem com todo aquele sangue no rosto. Veso evitou as duas mãos de Bobel, agarrou o pulso dele e o puxou para frente, girando-o nos braços.

— Sabe qual é meu lema de luta?

Glen fechou os olhos quando ouviu as palavras lançadas por Veso, certa de que ele a estava avisando.

— Morte para qualquer um que fale merda sobre minha companheira ou a ameace.

Houve um barulho seco, como se algo houvesse atingido o chão. Glen espiou.

Veso ainda tinha as costas para ela, o loiro na frente dele assim ela não podia ver o corpo dele. Foi o que estava largado no chão perto dos pés deles que chamou sua atenção. Ela rapidamente desviou o olhar.

— Cortem as cabeças. – Ela sussurrou.

— Esse é meu filho. – Brand vangloriou-se. — Uma morte rápida e eficiente.

— Você o faz soar como se fosse um serial killer. Aquele cara era um idiota. – Ela sussurrou. — Ele precisava morrer.

— Você o fará um excelente companheiro. – Bran soltou os pulsos dela e lhe deu um pequeno tapinha nas costas.

— Só me diga quando eu puder olhar para Veso de novo sem ver a cabeça ou o corpo do cara morto. Eu vou comemorar. Isso vai me fazer mais fodona, certo?

Bran gargalhou.

— Apenas olhe com força para aqueles te encarando.

— Isso eu posso fazer. Especialmente com a vadia que me odeia. Por favor, me diga que ela e Veso não eram amantes. Ela soou como uma ex-namorada ciumenta.

— Ele nunca a tocou.

Glen sentiu-se aliviada.

— Bom. Temos problemas suficientes contra nós sem uma ex para acrescentar ao bolo.

Capítulo Vinte e Um

Glen caminhava sem parar pela sala enquanto esperava que Veso saísse. Ele tivera que tomar banho novamente. Com certeza ela estaria gritando se o homem de sua vida tivesse uma inclinação para ficar com sangue nas roupas do jeito que ele ficava. Claro, os ex-namorados dela haviam sido humanos.

Movimento no corredor a fez parar para encarar Veso.

Ele usava apenas uma toalha ao redor da cintura, os cabelos molhados, e gotas de água chamaram a atenção dela para o peito musculoso. Seu cara estava super quente, embora um pouco descontente, julgando pela carranca no seu rosto bonito.

— Qual é o problema? – Ela chegou mais perto dele.

— Estou tentando mostrar a você meu lado menos violento, mas continuo tendo que matar idiotas. Você está planejando fugir de mim?

— Não. Não gostei daquele homem cabeça-oca. Ele foi rude e ele fez com que seu descontentamento por humanos parecesse fichinha em comparação. Eu não estava exatamente me opondo a toda a coisa do desafio. Sou uma pessoa, mas uma carta de pôquer para apostar.

— O nome dele era Bobel e as regras são diferentes aqui.

— Então, qualquer babaca pode desafiar um homem por sua companheira?

— Isso raramente acontece.

— Não deveria acontecer nunca. Suas mulheres não tem o direito de escolher com quem querem estar?

— Elas têm. É mais uma tradição Lycan que uma VampLycan. Algumas vezes, as mulheres mais atraentes são algo que os homens disputam. Você é muito sedutora, Glen. Espero que a morte dele não tenha te chateado.

— Não sou tão frágil assim. Ele queria me matar porque sou uma humana inferior.

— Mas? Você parecia pensativa e tem estado muito quieta desde que chegamos em casa.

— É que estive pensando em muitas coisas.

— Não vou te deixar partir. Vou lutar por você todas as vezes, Glen.

— Estou mais que ciente disso. – Ela colocou as mãos no peito dele. — Posso estar um pouco assustada e em cima do muro sobre se acasalar com você nessa rapidez foi uma boa ideia, mas é um acordo feito. Não me arrependo. Estou apenas pensando um pouco.

— É muito para você assimilar.

— Você acertou essa, mas algumas coisas estão claras.

— Como o que, por exemplo?

Glen respirou fundo, olhando direto nos olhos de Veso.

— Me apaixonei por você. Soa louco me sentir desse jeito tão rápido, mas estou ouvindo meus instintos.

— Você deveria confiar sempre em seus instintos.

— E mais, você é realmente bom de cama, pode cozinhar e construiu uma cabana de madeira. Quer dizer, isso é tão fodidamente masculino. Quem poderia resistir a isso? O único lado ruim é que você vive no Alasca, as pessoas morrem bastante e você deve ter muita experiência em tirar sangue de suas roupas. Ou talvez você apenas as compra com frequência.

— Eu geralmente não tenho que matar tantas pessoas em um curto período de tempo.

— Isso é estranhamente reconfortante. – Ela gargalhou. — Estou ficando louca?

— Não. Você tem lidado com tudo extremamente bem.

— Para uma humana. – Ela não pôde evitar o provocar um pouco.

Veso sorriu.

— Não vou fugir de você. Estamos praticamente casados. Eu trato os votos com seriedade.

— Você precisa de uma cerimônia na igreja?

— Entendo que esse acasalamento é uma rocha sólida. De qualquer forma, não sou uma grande fã de casamentos.

— Fico feliz. Eu teria que usar um terno. Eles parecem desconfortáveis. – Ele a surpreendeu ao se inclinar, roçando os lábios nos delas. — Mas eu faria isso para te fazer feliz.

— Obrigado.

— Sua felicidade é minha felicidade. É assim que funciona.

— Nesse caso, por que não vamos para o quarto? – Ela sorriu. — Vou desistir do casamento, mas não da lua-de-mel.

Veso passou os braços ao redor da cintura de Glen, colocando-a mais perto. Um rosnado baixo veio dele e seus olhos brilhavam com desejo, se iluminando um pouco.

— Isso significa sexo.

— Muito sexo. – Ela ignorou a toalha molhada e o corpo dele, sem se importar.

Ele a pegou nos braços, fazendo-a rir, e a carregou na direção do quarto.

— Eu deveria te convencer que sou o melhor companheiro que você poderia ter na vida até que você não tenha nenhuma dúvida.

— Gosto desse plano, então vou fingir precisar disso.

Ele parou ao lado da cama.

— Eu vou te amar, Glen.

— Mesmo que eu seja humana?

— Porque você é humana. Eu não mudaria uma coisa sequer em você.

— Acho que você é muito sexy, VampLycan. Eu também não mudaria nada em você.

— Isso vai funcionar. – A sinceridade soava na voz dele.

— Vamos ter certeza disso.

Epílogo

Lorn esfregou a nuca após desligar o telefone, encontrando o olhar do irmão do outro lado da mesa. Lavos havia acabado de entrar no escritório e sentou-se.

— Merda.

— O que foi? – Lavos pestanejou.

— Era uma mulher que vive no Colorado. Acho que ela confundiu nosso alojamento com um hotel. Ele está listado assim nas listas telefônicas. Ela tem pedido para que a patrulha estadual faça uma viagem até Kegslee, mas eles não farão isso ainda. Eles não vão nem mesmo preencher um relatório de pessoa desaparecida por algumas semanas, já que é temporada de caça. A mulher que ligou não foi capaz de contatar o filho ou a família dele. Ela estava chorando, implorando para que eu enviasse alguém para aqueles lados.

— As linhas de telefone caem as vezes.

— Foi isso que disse a ela. No entanto, ela soava idosa e chateada. Ela não se acalmava e, honestamente, me senti mal por ela. Prometi a ela que enviaria alguém até a família dela com uma mensagem. – Ele ergueu um bloco de notas em que estivera escrevendo. — Esse é o endereço. Mande Veso ir. Diga a ele para deixar o humano saber que a mãe dele anda chorando e para encontrar um maldito telefone que funcione para ligar para ela.

— Não acredito que você está enviando alguém para fazer isso.

Lorn suspirou.

— Estou preocupado que talvez eles tenham se tornado soldados para aquele maldito ninho que destruímos. Aquela mulher merece saber se a família dela está morta.

— Veso ainda está na lua-de-mel. – Lavos estendeu a mão. — Eu vou.

— Obrigado. – Lorn passou o papel para ele.

— Sem problemas. Você está certo. Qualquer um dos humanos transformados eram inocentes nessa bagunça. É o mínimo que podemos fazer.

— Estou esperançoso de que eles estão apenas sem telefone.

Lavos caminhou na direção da porta.

— Eu também. Levarei Garson e Kar comigo. De nada.

— Por que mesmo você está me fazendo qualquer favor?

Lavos girou na porta para encará-lo.

— Temos algumas fêmeas visitando do clã de Crocker. Especificamente, as irmãs caçadoras de problemas.

— Maldição. – Lorn cuspiu. — Odeio aquelas duas.

— Pois é. Elas odeiam mexer com meus amigos até que eles estejam lutando um contra o outro para demonstrar quem é o mais forte. Não dessa vez. A coisa boa é que você os fez da guarda e eu posso mandar neles. Te vejo mais tarde. – Lavos disse, saindo.

Lorn se ergueu, caminhou até o mapa na parede. Ele localizou Kegslee. Não era muito longe do território deles. Levaria apenas algumas horas para seu irmão alcançar a rodovia. Ele estudou a área, achando Pick bem próxima. Aquela era a cidade mineira abandonada atrelada naquela mina onde eles pegaram o ninho.

Ele tinha a sensação ruim de que eles encontrariam apenas a casa vazia onde a família costumava morar. Aquela cidade estava diretamente no caminho de onde os vampiros teriam viajado.

**** FIM ****

Lavos por Laurann Dohner

Sinopse

Jade Trollis sabe muito pouco sobre coisas que passeiam pela noite. Graças a um pai obcecado por mitos, lendas e o paranormal, Jade foi arrastada pelo mundo na perseguição dele por tudo, indo de fantasmas a Abominável Homem das Neves enquanto criança. Ela escapou de toda aquela loucura na adolescência, procurando uma vida normal como adulta. Uma viagem para o Alaska para visitar o pai rapidamente torna-se um pesadelo. Jade termina presa no bem equipado trailer do pai, se escondendo de Vampiros perigosos do lado de fora.

Lavos é o homem mais quente que ela já viu na vida quando ele vem resgatá-la. Ele rosna, tem umas coisas seriamente estranhas, mas bonitos olhos e ele não são humanos. Mas retornar para a área mais baixa pode não ser a opção mais segura que ela esperava, e a vida normal de Jade sente muita falta dele ao pensar em nunca mais vê-lo de novo. Quando ela se encontra precisando da ajuda dele, parece que seu novo normal pode ser voltar para o Alaska, esperando nos braços do seu VampLycan.

Livros Série VLG

Drantos

Kraven

Lorn

Veso

Lavos

Lavos – VLG – Livro Cinco

Por Laurann Dohner

Capítulo Um

Jade destrancou o trailer e entrou.

— Pai?

O silêncio parecia sinistro, mas as luzes estavam acesas. Ela entrou e fez uma procura rápida no interior. Ele não estava lá, mas sua cama havia sido arrumada. Ela parou na área da cozinha, estudando a arma pousada na superfície da mesa. Geralmente ele mantinha as armas trancadas. As persianas de segurança estavam todas abaixadas, bloqueando a luz do sol. Era estranho. Um golpe de apreensão a acertou.

Ela se virou, indo para a porta aberta para espiar a floresta. Era fim de tarde e o sol estava se pondo rapidamente. Não havia sinal do pai dela ou do carro dele. Ela fechou a porta e a trancou. Poderia haver ursos ou outras vidas selvagens ela não queria conhecer de perto e pessoalmente.

Jade caminhou para frente e sentou-se no assento do motorista. A sensação ruim aumentou mais quando ela olhou para o escudo sobre o para-brisas e as janelas laterais. Por que eles estavam abaixados? Ela ligou o rádio e teve certeza de estar no canal que seu pai geralmente usava.

— Pai? Volte para casa. É a Jade.

Ela esperou, esperando que ele estivesse ao alcance. As montanhas eram encarpadas e ela duvidava que a antena no topo do trailer poderia alcançar tão longe. Talvez ele tenha ido pegar suprimentos, mas ele a estava esperando. Algo estava errado.

— Jade? É você, querida?

A voz não pertencia ao pai dela. A irritação de sempre se ergueu quando ela identificou o sotaque sulista.

— Mark?

— Onde você está?

— No trailer do papai. Onde ele está?

— Tranque as portas. Faça isso agora.

— Não me dê ordens. – Ela recuou enquanto lembranças de sua infância passaram sua mente. Ela sempre tinha aquela reação ao companheiro de pesquisa do pai dela. – Onde está meu pai? Ele está com você?

— Ouça-me, droga! Tranque as portas e os escudos estão no lugar? Por favor, diga-me que você não os abriu. Você está em perigo.

— Tranquei a porta assim que entrei.

— E as escudos estão abaixados?

Ela olhou para o metal pesado.

— Sim.

— Bom. Não sabíamos o código do seu pai para entrar. Esperávamos que você chegaria aí primeiro quando chegasse e então alcançasse nosso acampamento antes do sol se por.

— Onde está meu pai? – A voz robótica de Mark lhe dava nos nervos.

— Hm... – Mark ficou em silêncio.

— O que está acontecendo? – Ela ficou tensa.

— Eles pegaram seu pai. – Ele anunciou suavemente.

— Do que você está falando? – Uma lista de razoes do porquê ela odiava Mark Tarnet encheu sua cabeça, começando com o jeito que ele nunca podia cuspir nada de uma só vez. Ele parecia sentir prazer em encher o saco dos outros. – *Quem* tem meu pai? Ele foi preso? Pelo que foi dessa vez? Ele invadiu propriedade provada de novo?

— Vê o tablet dele? Abra-o e vamos fazer uma live.

— Me diga o que inferno está acontecendo e onde meu pai está!

O silêncio foi de propósito. Ele se recusava a responder.

Ela xingou, guardando o rádio e erguendo-se do assento. O tablet estava carregando no balcão da cozinha e ela o ligou. Em segundo, uma chamada de vídeo foi solicitada. Ela clicou nela e fuzilou com o olhar o parceiro de pesquisa do pai.

A aparência dele a surpreendeu. Os cabelos dele estavam bagunçados e o rosto geralmente arredondado parecia magro. Ele estava sentado no que parecia ser um quarto de metal e ela viu duas pessoas agachadas atrás dele. Peggy não parecia ter penteado os cabelos por um bom tempo e o rosto geralmente bem barbeado de Brent tinha dias de barba crescendo. Os dois irmãos pareciam exaustos.

— Vocês estão horríveis. – Jade ergueu o tablet, tendo certeza de que o cabo não desconectasse, e sentou-se em uma cadeira da mesa na frente da arma. Jade usou a arma para ajudar a firmar o dispositivo. – Assumo que esse é o interior daquele novo trailer que meu pai falou sobre? Ele parece industrial.

— O que seu pai falou sobre o porquê de estarmos aqui? – Mark se achegou mais perto.

Jade não estava no clima de brincar.

— A mesma merda que ele sempre diz. Ele pensou que finalmente teria provas sobre suas teorias. Vim apenas porque ele estava trabalhando demais. Ele já teve um ataque do coração. Alguém precisa enfiar algum senso na cabeça dele. Eu teria ligado para perguntar com encontrar ele mais rápido, mas meu celular não conseguiu sinal. Falando nisso, como conseguimos conectar a internet aqui?

— É um sinal de curta-distância que montamos. – Peggy se curvou mais, olhando para a câmera sobre o ombro de Mark. – Você tem certeza que as portas estão trancadas e os escudos estão abaixados? É importante.

— Deixe-me adivinhar. Está ficando escuro e vocês estão esperando visitantes. – Jade ficou mais puta. – Vou dizer a vocês a mesma coisa que disse ao meu pai. Ninguém em seu juízo perfeito quer viver aqui, incluindo vampiros. Eles teoricamente iam se focar nas grandes cidades com muitas pessoas desde que eles supostamente bebem sangue humano. Essa foi uma viagem de merda que vocês fizeram. Não há nem mesmo um hospital aqui perto. O que vocês gênios fariam se meu pai adoecesse novamente? Alguém tem que cuidar dele, desde que nenhum de *vocês* vai fazer isso.

Brent se lançou para a frente, ocupando toda a tela.

— Eu sinto muito, Jade. Acreditamos que seu pai está morto.

O choque sentido foi como se ela tivesse sido socada no estômago. A negação foi instantânea.

— O que você quer dizer com *acho*? Do que você está falando, Brent?

Mark o empurrou para o lado, olhando atentamente para ela.

— Encontramos caminhantes noturnos danificados.

Jade estava prestes a perder a calma – quase mandando tudo a puta que pariu.

— Não quero ouvir essa merda! Ele se perdeu nas florestas ou algo assim? Vocês chamaram a busca e resgate?

— É verdade. – Brent jurou. – Fomos contatados por uma fonte confiável em nosso website sobre um avistamento de vampiros. Ele também disse que algumas pessoas que ele conhecia desapareceram. Ele tinha certeza que os vampiros estavam pegando a todos.

Jade resistiu a rolar os olhos.

— Oh, alguém do seu website disse? Então deve ser verdade. Como você sabe que ele é confiável?

Brent hesitou.

— Bem, ele soava sincero e tinha detalhes específicos, então fizemos as malas e viemos para cá. Perdemos contato com ele depois que chegamos e ficamos preocupados que algo acontecera a ele. Chegamos seis dias atrás e montamos nossa armadilha um dia depois. Pegamos *quatro* deles!

— Eles são vampiros. – Peggy sussurrou tremendo. – De verdade.

— Eles eram mais animalescos do que esperávamos. – Mark adicionou. – Eles pareciam mentalmente instáveis também, mas eram alérgicos à luz do sol. Ela os queimava. É por isso que você *tem* que ter certeza de que está trancada e com os escudos abaixados. É tarde demais para te alcançar. Já está ficando escuro. Você terá que ficar aí até de manhã.

— Os vampiros escaparam! – Peggy cuspiu as palavras. – Seu pai já tinha ligado para você e você disse que já estava voando para cá. Não tínhamos certeza de quando você chegaria e não conseguimos sinal para ligar, então não fomos capazes de te avisar para ficar longe. Nós nem mesmo sabíamos que eles escaparam até que acordamos dois dias atrás. Eles eram muito fortes para

segurar a noite, então estávamos fazendo testes neles apenas quando o sol saia. Foi quando descobrimos que seu pai estava desaparecido.

— Nos trancamos dentro cada noite, felizmente. Do contrário, estaríamos todos mortos. – Mark pausou. – Sinto muito, Jade. Eles o pegaram.

— O carro dele não está aqui. Ele teve ter ido buscar alimentos. – Jade imaginou se os isolamentos extremos os fizeram pular na pior conclusão possível.

— Eles o empurraram em uma ravina. – Peggy choramingou. – A primeira coisa que eles fizeram foi destruir nossos carros. E encontramos sinais de onde eles empurraram a grande camionete que leva esse trailer dentro do rio. Eles não prenderam!

— Certo. – Ela estava de saco cheio. – Esse cara que contatou vocês provavelmente têm amigos e eles estão brincando com a mente de vocês.

— Não! É tudo verdade! – Peggy jurou. – Isso não é uma pegadinha.

— O trailer está bem. – Ela olhou ao redor.

— O amortecedor não está. Checamos isso durante o dia assim que percebemos que estávamos presos. É impossível para eles mover o trailer. Havia sinais de que eles escorregaram por baixo dele para dar uma olhada. Seu pai ativou os pilares de emergência do trailer. Eles estão enfiados dois metros dentro do solo. É uma precaução por ventos fortes e tempestades ruins. As rodas não vão rodar. Temos o mesmo sistema aqui. É por isso que eles não conseguiram nos matar ainda.

Jade oficialmente estava de saco cheio. As desilusões paranoicas deles finalmente haviam pego o melhor deles. O pai dela saia para comprar suprimentos com frequência e seu carro de merda provavelmente havia quebrado novamente. Ele se recusava a gastar mais dinheiro nisso.

— O trailer tem energia. Notaram as luzes acesas?

— São os painéis solares. Estou te falando, olhamos debaixo do trailer e eles arrancar o tubo de óleo no na casa móvel. Ele não estava tão bem guardado quanto o teto com os ferros reforçados. – Mark sacudiu a cabeça. – Estamos cercados. Eles levaram todos nossos veículos.

Jade travou a mandíbula, pronta para começar a gritar com os idiotas. Eles eram tão facilmente enganados.

— Vocês andaram fumando maconha? Adicionaram um pouco de LSD nisso de novo? É isso? Ou vocês perderam totalmente o maldito juízo? Papai provavelmente foi até uma cidade muito maior porque o carro dele precisava de reparos. Lembram de Novo México? Você ligou para me dizer que pensou que ele havia sido sequestrado por um exército de fantasmas. Ao invés disso, ele estava esperando uma nova transmissão ser instalada em alguma mecânica no meio do nada.

— Espere até o sol se por. – Mark disse, parecendo subitamente exausto. – Eles tentaram entrar em nosso trailer por horas na noite passada.

Peggy se inclinou, o rosto perto da tela.

— *Não* deixe eles entrarem! Sei que você não acredita em nós, mas maldição, encontramos vampiros, querida. Eles são *reais*! Eles matam suas vítimas rasgando as gargantas delas e bebendo seu sangue.

— Mostre a evidência a ela. – Brent disparou. – Encontramos alguns corpos dos moradores locais. Eles decapitaram os defuntos. Acreditamos que foi assim para que eles não se transformassem, se as lendas são corretas sobre as mordidas dele transmitindo a doença dos vampiros. Talvez deveríamos pedir a ela para se apressar para fora e correr até o carro alugado. Ela poderia voltar pela manhã para nos resgatar.

Jade pestanejou.

— Eu aluguei uma camionete no aeroporto, não um carro. Papai disse que eu precisava de um para chegar até o acampamento de vocês.

— É tarde demais. – Peggy gemeu. – Está a quilômetros da rodovia. Vocês viram o quão rápido aquelas coisas correm. Eles a pegariam e a atacariam. Inferno, eles provavelmente estariam nela antes que ela chegasse dez metros depois da porta. Olhe para as câmeras. O sol já está muito baixo. Já está escuro o suficiente para que eles estejam acordados e se movendo na sombra de todas as árvores.

— Eles nos cercaram. – Mark concordou. – Ela nunca vai sai daí a tempo de escapar.

Uma sensação ruim se fixou no estômago de Jade, mas ela não queria acreditar no que eles estavam dizendo. Em décadas de procura, o pai dela e sua equipe nunca haviam encontrado nada real. Com certeza eles não iriam localizar um ninho de vampiros no meio da floresta do Alaska.

— Hey, pesquisadores loucos. – Jade interrompeu. – Já cansei de jogar esse jogo. Onde diabos está meu pai, sério?

— Talvez eles não vão para o trailer desde que eles já pegaram Victor. – Mark ignorou Jade para, ao invés disso, olhar para Peggy. – É possível que eles não vão encontrar o carro alugado dela se fizermos muito barulho e mantê-los ocupados. Na primeira luz, podemos sair juntos.

— Isso significa que eles vão nos atacar novamente! – Peggy recuou e bateu contra a parede. O terror no rosto dela pareceu genuíno o suficiente enquanto ela olhava freneticamente ao redor. – O exterior pode aguentar?

Mark se ergueu, aproximando-se dela com as mãos erguidas para agarrar seus ombros.

— A concha do trailer é de dez centímetros de aço sólido. Estamos seguros. Fique calma. Nós o construímos para aguentar um ataque de um Pé-Grande. Eles supostamente são maiores e mais fortes que os caminhantes da noite. Conseguimos por duas noites, não conseguimos?

— Pé-Grande? – Jade rolou os olhos.

Brente caiu no assento vazio de Mark.

— Estávamos no encalço do Pé-Grande e seu pai desenhou esse trailer depois de ouvir como as criaturas estavam invadindo as cabanas. Ele queria que ficássemos a salvo. É um container de dez por quinze metros quadrados com todo nosso equipamento de monitoramento. Temos até mesmo um banheiro e dois beliches para cochilar.

— Oh, meu Deus. Isso tem janelas? Talvez vocês estão experienciando envenamento por monóxido de carbono ou algo assim. Abram uma porta e deixem o ar fresco entrar. Há quanto estão trancados aí dentro? – Jade se perguntou se essa era a razão para eles terem perdido a cabeça.

Um barulho alto soou pelos autofalantes e todas as três pessoas na tela pareceram olhar para cima na direção do teto do container de metal que estavam dentro. Os olhos de Brent se arregalaram enquanto ele arfava.

— Eles voltaram!

Peggy começou a soluçar.

— Quieta! – Mark a abraçou contra o peito.

— Onde está o trailer? – Jade se ergueu. – Estou indo até aí para provar que vocês são loucos. Ou que sua chamada fonte é apenas um babaca se divertido às custas de vocês. Vocês perderam isso. É melhor abrir as portas e vou levar vocês para um bom hospital onde eles vão tratar vocês seja lá para o que diabos estão errados com vocês.

— Mostre a ela os monitores externos. – Mark assobiou. – Mostre a ela o que estamos vendo.

— Vocês me ouviram? – A frustração de Jade se ergueu. – Digam-me onde vocês estão acampados em relação ao RV e vou até vocês.

Brent virou-se para o lado e subitamente a visão dela mudou. Ela podia dizer pelas imagens acinzentadas que eles estavam usando as câmeras de visão noturna. As árvores estavam borradas e claramente delineadas e eles pareciam estar acampados em uma pequena clareira sem qualquer sinal de civilização. A imagem mudou, indo para outro ângulo da câmera.

Um homem estava de pé no topo do que parecia ser um trailer de encomendas, o tipo que geralmente era atrelado a um grande caminhão. Era uma visão do topo do telhado olhando para baixo. Jade pestanejou, olhando para as costas da pessoa. Ele usava calças e uma camisa escura rasgada. Os cabelos dele eram na altura do ombro e desgrenhados. Ele se virou, encarando a câmera quando pulou uma vez, parecendo testar o teto do trailer. A câmera noturna o fez parecer realmente pálido e seus olhos pareciam pretos enquanto ele observava o topo do telhado.

Ela arfou quando uma segunda figura subitamente pareceu cair do céu ao lado do primeiro homem. O som foi alto quando ele pousou e isso aconteceu tão rápido que ela não estava esperando isso. Era outro homem, seus cabelos quase tão brancos quanto sua pele. Ele usava uma camisa preta e jeans.

Jade agarrou o tablet com ambas as mãos e afundou de volta no assento.

A imagem mudou para uma visão dos fundos do container. Ele tinha portas duplas, igual outros enormes trailers que ela já vira, e uma mulher em um longo vestido preto estava tentando abrir as portas com as mãos nuas. Os cabelos dela eram escuros, caindo até sua bunda em uma total bagunça. O ângulo era de

cima, e ela olhou para cima, quase como se estivesse olhando para as lentes. A boca dela se abriu, revelando algumas presas amareladas e afiadas.

— Que caralho. – Jade sussurrou. Choque a manteve grudada a tela.

A mulher parecia algo saído direito de um filme de terror com aquela assustadora boca aberta. Ficou pior quando ela se agachou, pulando subitamente. O corpo dela passou pela câmera que estava a pelo menos dez metros acima dela, suas roupas um borrão. Ela saiu do campo de visão em um flash.

O feed da câmera mudou de volta para o topo do trailer, mostrando todos os três no teto. Eles pulavam ao redor, os sons altos e implacáveis. Os movimentos erráticos e estranhos deles lembravam a Jade de marionetes sendo puxadas para cima, apenas que eles não tinham cordas grudadas ajudando que pulassem tão alto. Eles caiam duro o suficiente para fazê-la se encolher toda vez que os pés batiam no metal. Isso deveria doer, possivelmente até mesmo quebrar ossos.

O feed mudou novamente, mostrando o rosto de Brent bem perto da câmera.

— Você os viu? Fuja enquanto eles estão aqui. – Ele assobiou.

— Não! Há apenas três deles. O quarto deve estar perto dela. – Mark estava lá subitamente, arrancando o tablete das mãos de Brent. – Eles correm rápido, droga! Está muito quieto sem o vento soprando e eles podem ouvir o motor ligando. O som se propaga nessas montanhas. Fique aí até que o sol nasça. Você é a única esperança que temos.

— Cale-se! – Peggy sibilou. – Ouça. Eles pararam.

Mark virou a cabeça, olhando para algo ao lado da câmera. A boca dele se abriu.

— Eles se foram. Não vejo nenhum deles nas câmeras. – Ele olhou para Jade. – Você está trancada, certo? Você não abriu os escudos?

— Acha que eles nos ouviram conversando? – Brent xingou. – Porra!

Ela abandonou o tablet na mesa. Medo puro passou por Jade e isso a ajudou a coloca-la de pé, movendo-se rápido para a porta lateral. Ela estendeu a mão para a porta e colocou as barras e travas que ajudavam a travar a porta no lugar. Ela olhou para as janelas, tendo certeza de que todos os escudos de segurança estavam abaixados. Eles estavam.

— Jade!

— Que foi? – Ela retornou para a mesa e pegou o tablet esquecido.

— Você está trancada com todos os escudos abaixados? – Os olhos de Brent estavam arregalados de medo.

— Sim.

— Fique quieta e desligue as luzes. Você não quer chamar a atenção deles se eles não sabem que você está aí. – Ele sussurrou.

— Ela disse que os escudos estão no lugar. Eles não podem ver se as luzes estão acesas ou não. – Peggy sussurrou. – Fique quieta.

Jade não se moveu. De jeito nenhum ela ia desligar as luzes e sentar na escuridão para se assustar com qualquer som.

Ela lembrou da viagem de acampamento no seu decimo segundo aniversário quando eles disseram a ela que lobisomens estavam vindo e a equipe do pai dela tocou alguns uivos gravados previamente. Ela malditamente quase se mijou sentada na frente da fogueira até que eles riram, apontando os auto-falantes.

Então houve a vez que eles deixaram moedas de ouro falsas ao redor da cama dela quando ela tinha oito anos, dizendo a ela que duendes haviam visitado enquanto ela dormia. Dizendo quão sortuda ela era por não ser carregada por um deles. Ela acreditara até que percebera que as moedas eram feitas de chocolate, cobertas de papel dourado. Outras brincadeiras que eles fizeram

passaram por sua cabeça, muitas. Isso a fez pensar que essa tinha ser outra brincadeira. Eles poderiam ter gravado juntos toda aquela coisa dos tais vampiros e mexido na coisa toda.

Às vezes, era horrível ser filha de Victor Trollis, graças ao pai dela e a equipe de pesquisadores a arrastando por todo o globo em busca de criaturas míticas. Isso havia parado apenas quando ela pedira para viver com a avó, para ter qualquer aparência de normalidade.

Ela domou seu coração acelerado e fuzilou a câmera com o olhar.

— Vocês são péssimos. Coloquem meu pai aqui *agora*. Isso é vingança por não dirigir até o Arizona para o aniversário dele há dois meses? Alguns de nós tem empregos de verdade ao invés de viver das economias do meu pai, perseguindo noções loucas de mitos. Como foi mesmo a última viagem para vocês? Encontraram o Chupacabra? Não? Grande surpresa!

Algo pousou no teto do RV com força suficiente para fazê-lo sacudir.

Jade ergueu o olhar, a boca abrindo.

— Fique quieta. – Brent respirou.

Passos pesados pisaram da área da cozinha acima de Jade até os fundos, na direção do quarto do pai dela.

Ela colocou o tablet na mesa, ignorando-o, e agarrou a arma do pai.

A maçaneta da porta que ela usara para entrar sacudiu, mas a trava permaneceu. Algo bateu contra ela, soando muito com um punho. Um sibilar profundo seguiu.

— Caralho. – Jade murmurou. Ela ficou de pé, apenas olhando para baixo o suficiente para ter certeza que a trava de segurança estava desativada na arma.

O pisar cessou por um segundo. Seja lá o que estava lá se virou, caminhando de volta. Cada passo era alto o suficiente para que ela rastreasse com facilidade.

Ela deslizou para fora o clipe da arma e checou a munição. Estava carregada com balas de verdade, não de festim. Ela crescera ao redor de armas o suficiente para saber a diferença só de olhar. Ela deslizou o clip de volta e checou a câmera, vendo uma bala já carregada.

— Papai? Isso não é engraçado.

Algo bateu no vidro atrás dos escudos. O som a assegurou que isso fez danos o suficiente para provavelmente trincar o vidro de segurança. Aquilo tinha que ser o um taco de beisebol ou algo igualmente destrutivo.

Seu pai não danificaria o precioso Guerreiro da Estrada – o nome que ele dera ao seu trailer – por uma piada. Isso custaria a ele centenas de milhares de dólares para os acessórios especialmente feitos do jeito que ele queria.

— Cale a boca! – Mark exigiu, a voz dele vindo do tablet esquecido na mesa.

Ela se virou, olhando para baixo para ver os três colegas de equipe do seu pai olhando para ela, amontoados ao redor da câmera. Ela estendeu a mão e encontrou o botão de volume, emudecendo-o enquanto se erguia no meio do corredor, o corpo tenso.

Um barulho veio do teto. Em segundos, se repetiu, e na mente dela, ela quase podia imaginar uma daquelas coisas fazendo a mesma coisa com o trailer do pai dela que eles fizeram com o trailer, aqueles pulos malucos e estranhos no ar apenas para cair de volta momentos depois. Um terceiro e quarto barulho alto a assegurou que um deles parecia estar testando a força do teto.

Jade olhou para a arma na mão. A Glock 19 subitamente não a fez sentir-se segura. Ela manteve o aperto na arma e caminhou pelo corredor estreito, indo diretamente para debaixo dos barulhos acima para alcançar o closet do hall. Ela

o abriu, empurrando casacos para o lado para checar ao painel escondido ali. O código de seis dígitos sempre fora o aniversário dela. Jade abriu o cofre e estendeu a mão para o espaço apertado. Demorou um minuto para segurá-lo e com cuidado colocar a arma na mão, o peso dela a confortando. Ela se sentiu um pouco mais segura segurando o rifle Bushmaster ACR. Levou apenas segundos para deslizar o clipe.

Suas mãos tremiam enquanto ela enfiava outro clipe na frente da camisa, ela chutou a porta do closet para fechar, abraçando a arma mais perto.

— Estou carregada para um urso. – Ela gritou. – Invadam e vou abrir fogo. Não ligo uma merda para o que diabos vocês são. Ter buracos pelo corpo vai arruinar a diversão! Já tive rounds o suficiente para transformar suas bundas em queijo suíço.

Um grito feminino vindo de fora fez Jade pular, colocando as costas contra o closet. Ela estava com medo de atirar por puro medo e pressionou o dedo na lateral da arma. Ela usou a outra mão para colocar a munição, assim a arma estaria pronta se a porta lateral cedesse.

Um segundo par de passos bateu mais perto acima e subitamente o que soou como um corpo pesado lá. Jade se encolheu, jurando que podia ouvir algo arranhando o teto.

— Estão me ouvindo? – Ela gritou mais alto. – Tenho munição de verdade e *vou* atirar em vocês!

Algo bateu contra a porta, mas as travas aguentaram. Não havia uma janela lá e os escudos fechados ao lado dela não davam uma visão do lado de fora. Jade se apoiou direito, preocupada que seus joelhos pudessem desabar sob ela. A última coisa que ela queria fazer era desabar de medo.

Outro barulho alto veio do topo, perto dos fundos. Aquilo fazia três na contagem, desde que os sons de arranhões não pararam e a pessoa do outro lado da porta continuava a batalhar com o que parecia um objeto pesado.

— Babacas! – Jade disparou. – Chega! Não estou brincando. Tenho um arsenal em minhas costas e estou segurando um rifle de assalto. Meu pai é um fanático por armas paranoico que me fez aprender como atirar em qualquer coisa que pegue balas ou conchas no momento em que aprendi a andar. Não vou errar e vou continuar atirando. Posso recarregar mais rápido que vocês podem dizer 'oh merda'. Leve seu circo de horrores para outro lugar!

O silêncio reinou. Foi estranho e súbito.

Jade respirou fundo, expirando vagarosamente. Era possível que suas ameaças os tivesse feito reconsiderar de fazê-la um alvo. Ela mordeu o lábio inferior, relaxando o aperto no rifle. O peso da arma contra sua outra perna pareceu subitamente grande.

— Maldição. – Ela murmurou. Seu pai e o esquadrão geek *realmente* haviam encontrado um ninho de vampiros. *O que eles estão fazendo no meio de Lugar Nenhum, Alaska?* Isso não fazia sentido.

— Saia. – A voz esquisita de um homem foi ouvida.

Jade parou de respirar, prendendo o ar dentro dos pulmões. Soava como se uma unha deslizasse sobre o metal acima dela, de onde a voz havia se originado.

— Queremos brincar. – Uma voz feminina chamou do outro lado da porta.

— E fazer você sangrar. – Outro homem riu de cima.

— E gritar! – A fêmea adicionou.

Jade se forçou a respirar e aumentou o aperto no rifle, deslizando o dedo sobre o gatilho. Um arrepio correu por sua coluna. Eles soavam perturbados. Ela estava tentada a dizer a eles para invadir e descobrir quem ia sangrar, mas

ela permaneceu calada, esperando para ver o que eles fariam em seguida. O trailer era um tanque sobre rodas. O pai dela o havia desenhado para aguentar qualquer coisa que ele caçasse.

Ela se moveu rápido na direção da área frontal, alcançando o painel de controle que estava montado no teto bem acima do assento do motorista. Ela leu cada botão e pairou o dedo sobre o que estava marcado como Pânico.

Jade hesitou. O barulho da sirene poderia assustar a todos. Ela debateu sobre pressioná-lo. Outro cenário apareceu na cabeça dela.

Alguém pode ouvi-lo e vir. Tipo, a polícia.

****

— O que estamos fazendo aqui? – Kar empurrou o casaco mais apertado ao redor do corpo. – É noite de sexta-feira.

— Temos que checar uma família humana e entregar uma mensagem para eles. Lorn quer que nós façamos isso e ele é nosso líder, então estamos fazendo isso. Um humano ligou para o alojamento porque não podia alcançar a família. – Lavos deu de ombros, despreocupado. – Além disso, não é como se vocês tivessem nada melhor para fazer.

— Foda-se.

— Não, obrigado. – Lavos sorriu. – Você não é meu tipo.

— Como se você pudesse ser tão sortudo. – Seu amigo lhe mostrou o dedo do meio, mas riu.

— Nem em seus melhores sonhos, cara. Além disso, você tem grandes tetas.

— Não tenho peitinho.

— Sim, você tem. Você fica um pouco maior e teremos que fazer um pedido especial de camisas para seios grandes para vocês.

— Cala a boca. – Garson lamentou do banco de trás do Jeep aberto. – As irmãs Tab estão visitando e eu poderia estar fodendo Ginna se não tivesse sido escolhido para essa merda de tarefa. Não quero ouvir nada sobre sexo ou peitos.

Kar bufou.

— A única foda que você estaria tendo era com seu punho depois que visse Ginna saindo comigo. Todos sabem que ela visita nosso clã apenas porque eu estou aqui. E quem sabe? Talvez Kinna desistisse de sua preferência por homens sexagenários e teria dormido comigo também. Aposto que elas estão chorando agora que estou fora nessa corrida estupida.

— Quero uma companheira. Você gosta apenas de foder. Sou uma escolha melhor que você e eu teria dito isso a Ginna. Ela teria vindo para casa comigo.

Kar bufou e lançou um sorriso divertido para Garson.

— Sua casa é uma bagunça. Você leva uma mulher lá e elas ficaram convencidas que você está procurando por uma arrumadeira, ao invés disso.

— Não está tão ruim. Eu apenas não tenho mania de limpeza. Por que vocês escolheu *a gente* para vir com você, Lavos? – Garson perguntou. – E o Veso? Não podia ter chamado ele?

— Ele está se vinculando com a nova companheira.

— Uma humana. – Kar gargalhou. – Nunca imaginei isso acontecendo em um milhão de anos. Quase sinto pena dela. Ele é um bastardo zangado.

— Não podia acreditar em Lorn sendo tão incrível ao aceita-la em nosso clã. Veso chantageou seu irmão mais velho do jeito que Davis fez com Decker?

Algumas vezes os amigos de Lavos o incomodavam.

— Não. Claro que não, Garson. Queríamos uma mudança no clã.

— Essa é uma enorme. – Kar suspirou. – Grande como humana.

— Lorn é muito esperto. – Lavos disse. – Conversamos sobre isso depois. Ele percebeu que alguns do clã provavelmente esperavam que Veso o desafiasse pela liderança assim que ele aparecesse vivo. Eles acreditavam até aquele momento que ele era leal a Decker.

— Então Lorn aceitou a companheira dele como um agradecimento por não fazê-lo lutar e ter que matar outro membro do nosso clã? Entendi. – Kar assentiu.

— Errado. Meu irmão sabia que Veso já havia feito inimigos que pudessem vir atrás dele. Veso jurou lealdade a ele, então Lorn fez o mesmo. Apenas um imbecil como Decker negaria a um homem uma companheira.

— Então isso significa que podemos começar a testar acasalamentos com humanas? – Garson soou excitado. – Isso vai ser incrível! Vou encontrar uma companheira para mim.

— Errado de novo. Mantenha suas mãos longe das mulheres das cidades próximas.

— Isso não é justo. – Garson rosnou. – Eu poderia sacudir o mundo de uma mulher humana.

— Talvez se você alguma vez aprender sobre controle da mente. – Kar murmurou. – E dizer a ela para fingir que ela está experimentando um terremoto.

— Eu ouvi isso. – Garson estendeu a mão entre os assentor e o socou no braço. – Sou ótimo na cama.

Lavos agarrou o volante e entrou em uma estrada suja, diminuindo a velocidade do Jeep.

— A casa é bem à frente. Parem com a brincadeira antes que eles escutem nossa conversa. Estamos aqui em negócios oficiais.

— Quem reclama porque outro alguém tem coisa melhor pra fazer do que atender ao telefone? Tenho certeza que é isso. – Garson limpou a garganta. – Eles estão provavelmente evitando falar com eles.

Lavos diminuiu mais a velocidade, em alerta enquanto olhava ao redor, consciente de seus arredores.

— É a mãe do homem. Ele não ligou para ela quando deveria ter ligado. Não vou passar a história inteira, mas ela está preocupada. Lorn disse para checa-los e entregar a mensagem. É isso o que estamos fazendo.

— Por que esse é nosso problema? – Garson se inclinou para frente entre os assentos. – Besteira, estou te dizendo.

— Você deveria ser um patrulheiro, não um reclamão. – Kar murmurou. – Pode pelo menos agir como se levasse seu dever a sério? E a tarefa provavelmente é besteira, mas ainda precisamos checa-la. Tenho certeza que as linhas caíram por causa da tempestade e eventualmente será concertada. É normal, mas as pessoas que não vivem nessa área não saberiam disso.

— Estou faminto. – Garson murmurou.

— Cale-se. – Lavos pestanejou enquanto a casa escura vinha ao campo de visão. Nenhuma luz brilhava em nenhuma das janelas da casa de dois andares construídas na floresta. Um caminhão estava parado na porta da frente e um utilitário estava ao lado dele. – Você deveria ter comido antes que saíssemos.

Lavos pisou nos freios e parou atrás do caminhão. Ele não se incomodava em usar o cinto de segurança, então ele apenas deslizou para fora do assento de

motorista e rapidamente se aproximou da porta da frente. Ele estava três degraus acima na varanda antes que parasse abruptamente.

Kar bateu nas costas dele.

— Por que você parou?

— Cheire. – Lavos cheirou novamente.

Seu amigo inalou e subitamente se moveu para o lado.

— Merda.

— Isso fede. – Garson sussurrou. – Quem diabos morreu?

Lavos deu mais um passo à frente, sua visão se ajustando à escuridão. A porta estava fechada, mas sob uma inspeção mais de perto, ele viu a madeira partida perto da maçaneta e do trinco. Ele chutou, batendo as botas contra a porta, mandando-a para dentro. Ele entrou primeiro na casa, sabendo que seus amigos seguiam de perto atrás. O fedor aumentou consideravelmente agora que não havia uma barreira entre eles e o interior.

A mesa da sala de jantar estava em pedaços com fragmentos de vidro por toda parte dela. Lavos estendeu a mão e acendeu as luzes. Elas acenderam automaticamente, e mais destruição aguardava, com o sofá caído na sala de jantar. Marcas vermelhas secas estavam espalhadas por todo ele.

— Sangue. – Kar confirmou. – Muito dele.

— Merda. – Garson murmurou de outro cômodo. – Parece que alguém foi assassinado na cozinha. Há tanto respingo aqui nas paredes e teto para me assegurar que eles não sobreviveram.

Lavos girou, seguindo a fonte do fedor pútrido de morte, seguindo escada acima. Marcas escuras no carpete revelavam mais sangue. Ele localizou todos

os três corpos no quarto principal. Ele hesitou dentro do quarto, o olhar viajando pelo horror do que permanecia da família que havia vivido naquela casa.

— O que diabos fez isso? – Kar passou ao redor dele. – Eles estão em pedaços. Não pego nenhum traço de pólvora. Isso com certeza não foi um assassinato/suicídio de alguém se transformar e surtar.

— Não foi um animal. – Garson anunciou. – Ele os teria comido onde eles foram mordidos ao invés de obviamente os carregar escada acima para larga-los nesse quarto.

— Nem pensar. – Kar murmurou. – Animais também não teriam fechado a porta da frente quando fossem embora.

Lavos se aproximou do corpo mais perto dele e se agachou, estudando-o.

— Eles estão mortos por pelo menos cinco dias e você está certo. Isso foi feito de propósito. – Ele estendeu a mão e temeu tocar a cabeça, mas sem escolha ele pressionou os dedos contra os cabelos ensanguentados. Ele estudou o jeito que ela havia sido arrancada e xingou. – Isso não foi feito por um animal ou por um dos nossos. Estou pensando em Vampiros.

Garson caminhou ao redor da carnificina, estudando os outros dois corpos. – Como diabos você pode dizer?

Lavos suspirou.

— Eles estariam muito mais rasgados se um Lycan houvesse feito isso.

— Isso não foi uma alimentação. – Kar disparou. – Muito sangue foi derramado. Isso foi um ataque cruel e agressivo. Tem que ter sido um humano.

— Não. – Lavos examinou os restos. – Vê isso? Os ossos foram quebrados e o braço dessa pessoa foi arrancado. Um Lycan teria usado as garras. Veríamos muito mais rasgos pela pele. Um humano não seria forte o suficiente para fazer

isso sem uma arma. Não estou vendo nenhuma marca de instrumento afiado nos ossos expostos.

— GarLycan? Gargulas? – Kar se inclinou mais perto.

Lavos sacudiu a cabeça.

— Eles teriam se livrado dos corpos. Eles são chatos sobre isso. Seja lá quem fez isso era forte o suficiente para um humano, mas não para um shifter. Não há cabelo de animal nessa bagunça. Olhe para a mão lá. – Ele apontou. – Elas agarram um cabelo longo de seja lá quem for que os matou. Parece humano e é preto. Notaram que essas pessoas têm cabelos castanhos claro para loiros? Isso veio de quem for que os atacou.

— Fodidos vampiros loucos. – Garson xingou. – Por que eles estão se metendo tanto com a gente recentemente? Quem quer fazer a chamada?

Lavos se ergueu.

— Não há sinal de celular tão longe assim e não trouxe um telefone por satélite. Eu não estava esperando encontrar problemas.

Kar olhou para Lavos com uma careta.

— Está pensando o que estou pensando? Eles devem ter intencionalmente derrubado um poste em algum lugar para que essas pessoas não pudessem chamar por socorro. Quantos vampiros você acha que fizeram isso? Um ninho de sanguessugas ou apenas um bastardo doentio?

— Estou apostando que não foi um ninho inteiro. Eles não teriam permitido esse tanto de sangue se perder. O fedor de morte é muito forte para detectar quantos estiveram aqui. – Lavos declarou. – É melhor checarmos os vizinhos.

— Merda. Acha que pode haver mais vítimas? – Kar não esperou por uma resposta. – O que vamos fazer com esses três para esconder o assassinato deles? Os guardas estaduais não podem encontrar essa merda. Queimar a casa?

— É muito perto da floresta. Estaríamos arriscando espalhar apesar de toda a chuva que desceu nessa área uma semana atrás. – Lavos decidiu. Ele lançou um olhar a Garson. – Pega, é com você.

— Porra, não. – O outro homem sacudiu a cabeça. – De jeito nenhum.

— Tenho certeza que eles têm uma pá no porão. – Kar desdenhou. – Você disse que queria socar algo. Tentar a terra enquanto está enterrando eles bem fundo e tenha certeza que é longe o suficiente da casa para que eles não sejam encontrados.

— E sobre todo o sangue?

Lavos sentiu uma dor de cabeça vindo.

— Vamos lidar com isso mais tarde, assim que chamarmos por reforço. Talvez Davis possa colocar algumas pequenas bombas ao longo da fundação e derrubá-la sem causar um incêndio. Ele pode ser capaz de fazer isso parecer com um acidente de propano. Ninguém vai querer gastar os recursos para vasculhar entre os destroços se não houver nenhum cheiro de morte. Eles gostam de trazer cães farejadores para essa merda. Sem corpos significa sem cavar. Livre-se de cada pedaço daquelas pobres vítimas. Enrole-os nos carpetes destruídos e enterre-os bem longe daqui. Vamos checar as casas mais próximas.

— Vocês são pessoas horríveis! – Garson saiu pisando na direção da porta.

Kar debochou, seguindo Lavos.

— Isso é o que você ganha por reclamar tanto no Jeep.

— Cala a boca. – Lavos alertou. – Ou você pode fazer a escavação.

Kar pestanejou, mas não fez outro comentário.

Lavos desceu as escadas e caminhou para fora. Ele passou o Jeep e seu olhar viajou pela paisagem.

— Por ali. – Ele apontou.

— Você pegou o cheiro do imbecil que fez isso?

— Não. Vejo uma luz fraca vindo daquela colina ali.

— Por que não dirigir?

— É mais rápido correr e mais quieto. – Lavos respirou fundo. – Te desafio. – Ele se apressou para frente antes que seu amigo pudesse responder.

Dez minutos mais tarde eles caminhavam para fora da segunda cabana. Lavos lutava contra a raiva.

— Duas pessoas moravam aqui e eles não saíram sozinhos.

— Merda nenhuma. Parece que alguém tentou lutar. Por que eles levaram aqueles quando apenas deixaram os corpos da outra família? Acha que elas são vítimas do ninho que nos atacou? Aqueles soldados tinham que vir de algum lugar.

Lavos sacudiu a cabeça.

— Aqueles corpos na outra casa não são mais que talvez cinco dias. Derrubamos aquele ninho antes disso.

— Merda. Mais vampiros na área?

Lavos olhos para o céu escuro.

— Estou esperando que eles não os tenham transformado. E se eles estão começando um ninho nessa área? Aquela primeira família poderia ter ser sido assassinada por um grupo novo se eles se recusassem. Você sabe os quão loucos eles são logo depois da mudança.

— Porra. – Kar ergueu a mão e a correu pelos cabelos. – Por que eles fariam isso?

— Decker já enviou alguns daqueles babacas para causar problemas. Tenho certeza que ele ouviu de alguém que Lorn assumiu o clã e que extinguimos o ninho de Borrow. Para ser um babaca. Devo continuar?

— Não. Quer que eu pegue o Jeep e dirija até encontrar sinal de celular para chamar por reforço? Podemos estar lidando com um efeito de cobertura nessa área se eles decidirem assumir. Quantos residentes você acha que vivem nos limites da cidade?

— Talvez até vinte e cinco. São muitos vampiros para manter em um ninho, e isso ainda não conta como porquê o mestre permitiu o desperdício de uma família de três. Você viu todo o sangue espalhado. Cada gota seria preciosa, a menos que eles estejam matando a vida selvagem para se alimentar.

— Isso é fodido de toda forma. Mas essa cidade é perto o suficiente para lançar um ataque contra nós.

Lavos soltou a respiração.

— Exatamente. Fique perto. Vamos checar mais casas. Precisamos descobrir com o que estamos lidando antes de chamarmos por mais pessoas para vir aqui para limpar essa bagunça. Não quero eles caminhando para uma armadilha.

— E a gente? – Kar pestanejou. – Não quero terminar encarando umas dezenas de vampiros.

— Você estava reclamando de não ter nenhuma diversão na noite de sexta. Sentindo-se entendiado agora?

— Algumas vezes eu te odeio.

— Você não quis dizer isso. – Lavos sorriu.

— Como você pode rir? Podemos terminar enrolados com um ninho de sanguessugas. É apenas dois de nós. – Kar o lembrou. – Três se voltarmos e agarrar Garson.

Lavos ergueu a mão, concentrando-se até que garras saíram de seus dedos. As pontas mortais eram uma visão ameaçadora.

— Decapite os fodidos. Podemos aguentar alguns vampiros.

— Você é louco.

— Estou puto. – Lavos admitiu. – Lorn já tem merda demais acontecendo para lidar agora. Ele não precisa disso no topo de tudo. Fique perto e mantenha-se alerta.

— Porra. – Kar permitiu que suas próprias garras saíssem. – Eu gosto dessas roupas. Me vesti para as gêmeas Tab porque imaginei que não ficaríamos tanto tempo longe. Sangue é uma merda para sair da roupa.

— Isso é mais importante.

Eles foram para o norte, correndo entre as árvores. Lavos parou de repente e balançou a cabeça.

— Você ouviu isso?

— Soa como o alarme de um carro.

— A bateria teria morrido se ele estivesse disparado a mais de duas horas. Isso significa que a cena ainda estará fresca. Vamos. – Ele se ajustou na direção do som.